



nandogald • Seguir

Estádio São Januário

...



nandogald Nunca vão entender esse amor!!! 🥰 ❤️

#vasco #vascodagama #vascao #respeitaminhahistoria
■ ■ . @aradvidal

70 sem



É o Zagueiron Maicon?! 🤔

♥

67 sem Responder



Meteu o raça Fla 🏆

♥

67 sem Responder



...

67 sem Responder

♥



Maicon kkk?

♥

67 sem Responder



VICIOSAAAAAA

♥

67 sem Responder



Camisa top demais! 📸 🎥

♥

67 sem Responder



Vascão ❤️ ❤️ ❤️

♥

67 sem Responder



Vasco

♥

67 sem Responder



32.921 curtidas

14 de abril de 2024



Adicione um comentário...

Postar

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Sueli Maria Coelho
Vice-Diretor: Prof. Georg Otte

FuLiA/UFMG – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

EDITORES

Gustavo Cerqueira Guimarães (FULIA-UFMG, Brasil)
Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG, Brasil)

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – FUTEBOL, POLÍTICA E COMUNICAÇÃO: MEMÓRIAS E DISPUTAS

Dr. Fausto Amaro (UERJ-Brasil)
Dra. Leda Costa (UERJ-Brasil)
Dr. Ronaldo Helal (UERJ-Brasil)

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru
Álvaro do Cabo, UFRJ
Andréa Casa Nova Maia, UFRJ
Andréa Sirihal Werkema, UERJ
André Alexandre Guimarães Couto, CEFET-RJ
André Mendes Capraro, UFPR
Arlei Damo, UFRGS
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV
César Teixeira Castilho, UFMG
Cleber Dias, UFMG
Edônio Alves Nascimento, UFPB
Elcio Loureiro Cornelsen, UFMG
Euclides de Freitas Couto, UFSJ
Fabiana Lúcia Campos Baptista, PUC-Minas
Fábio Franzini, UNIFESP
Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha, UERJ
Flávio de Campos, USP
Francisco Ângelo Brinati, UFSJ
Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal
Jorge Dorfman Knijnik, W. Sydney University, Austrália
José Carlos Marques, UNESP
José Geraldo Vinci de Moraes, USP
Leda Maria da Costa, UERJ
Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL-MG
Luis Maffei, UFF-RJ
Luiz Carlos Ribeiro, UFPR
Luiz Henrique de Toledo, UFSCar
Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG
Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha
Mauricio Murad, UERJ; Universo-RJ
Pablo Alabarces, UBA, Argentina

Pedro Henrique Trindade Kalil Auad
Plínio Ferreira Guimarães, IFES
Rafael Fortes Soares, UFRJ
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ
Ronaldo George Helal, UERJ
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP
Silvana Viodre Goellner, UFRGS; UFPel
Silvio Ricardo da Silva, UFMG
Tatiana Pequeno, UFF
Victor Andrade de Melo, UFRJ
Wagner Xavier de Camargo, Brasil
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

PARECERISTAS AD HOC

Daniela Araújo
Ewerton Martins Ribeiro
Fábio Daniel da Silva Rios
Fausto Amaro
Fernando da Costa Ferreira
Gustavo Cerqueira Guimarães
Irlan Simões
Marcelo Alves de Resende
Miguel Enrique Stédile
Nathália Pessanha
Nicolás Cabrera
Robert Schade
Sérgio Montero Souto
Soraya Bertoncello
Thalita Neves
Vania Fortuna
Vinicius Garzon Tonet

COORD. EDITORIAL, EDITOR DE SEÇÕES, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E DIAGRAMAÇÃO

Gustavo Cerqueira Guimarães

REVISÃO

Autores/as dos artigos

PROJETO GRÁFICO

PeDRA LeTRA

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Núcleo FULIA

IMAGEM (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil/MG)
Um a zero #2, 2012

IMAGEM DA CAPA

Nando Gald, fotografia, p/b, 2024.

[Fonte da imagem: Instagram, republicada no dossier “Futebol, política e comunicação”, *FuLiA/UFMG*, v. 10, n. 3, 2025].

APRESENTAÇÃO

FUTEBOL, POLÍTICA E COMUNICAÇÃO: MEMÓRIAS E DISPUTAS

Fausto Amaro; Leda Costa; Ronaldo Helal | 3-5

DOSSIÊ

Futebol e o movimento das Diretas Já na revista *Placar*

Bruna Barenco | 6-24

Rio de Janeiro, política e futebol: as ligas suburbanas e o liberalismo excludente na Primeira República (1889-1930)

Glauco José Costa Souza; Gustavo Adolfo
Suckow Barbosa | 25-41

O amigo do meu inimigo é meu amigo? Violências no futebol brasileiro e alianças entre Torcidas Organizadas

Nicolás Cabrera; Raquel de Oliveira Sousa;
João Vitor Cardoso Sudário | 42-61

Entre ultras e barras — prevenção, repressão e gestão de risco: as respostas estatais frente à violência no futebol como espaço político- cultural na Itália e na Argentina

Luca Bifulco; Diego Murzi | 62-87

A lei 'pegou'? política legislativa, mídia e territorialização das Sociedades Anônimas do Futebol (SAF) no Brasil

Vinicius Borges Alvim; Irlan Simões; Jonathan
Ferreira; Victor Formaggini de Jesus | 88-112

O torcer como dom e propriedade inalienável: sociedade, cultura e comunidade

Luiz Henrique de Toledo; Pietro Gesuatto
Loredo | 113-141

PARALELAS

O espectro do hooliganismo nos estádios britânicos II: um diário de campo

Bernardo Buarque de Hollanda | 142-170

**A politização da Stock Car pela UFMG:
ecologia, colonialidade e resistência em Belo
Horizonte**

André Quintão da Silva | 171-193

POÉTICA

Briga na casa da Jandira

Gustavo Cerqueira Guimarães | 194-195

Futebol, política e comunicação: memórias e disputas

Esporte e política são, sim, campos que se entrelaçam. Este dossiê, ao propor como tema a interrelação entre esporte, política e comunicação, evidencia como analisar o fenômeno esportivo hoje, como outrora, implica considerar necessariamente seu diálogo com o campo político.

Os artigos apresentados na seção **Dossiê** desta edição da **FuLiA/UFMG** examinam diferentes dimensões das relações entre esporte, política, sociedade e instituições, abordando temas como práticas torcedoras, dinâmicas de violência, políticas públicas, disputas legais, transformações associativas e mediações midiáticas. Reunimos análises que vão da atuação de torcidas organizadas e suas territorialidades à abordagem estatal da violência no futebol, passando pela discussão sobre a legislação das Sociedades Anônimas do Futebol (SAF) e pelos vínculos entre esporte, cidadania e formas de organização social.

Assistimos no século XXI ao retorno dos radicalismos de direita e de fantasmas extremistas que pareciam ter sido expurgados ao longo do século XX, o que se reflete na ascensão de governos conservadores e autoritários em diferentes partes do mundo. Ao mesmo tempo, acompanhamos, como nunca antes, diversas manifestações de atletas, clubes e federações em prol de um campo esportivo aberto à diversidade e menos preconceituoso.

No futebol, atletas como Vini Júnior se levantam contra o racismo nos estádios, movimentando até mesmo a diplomacia dos países envolvidos. No vôlei, Douglas Souza é um representante influente da comunidade LGBTQIAPN+ nesse esporte. Nas arenas esportivas, surgem em profusão torcidas compostas por pessoas neurodivergentes, o que estimula inclusive mudanças na legislação, com a construção de espaços adaptados para pessoas com deficiências. As mulheres consolidaram seu lugar nos esportes e cada vez mais na transmissão esportiva. A Copa do Mundo feminina de 2023 foi a maior de todos os tempos, em número de seleções e audiência.

Diante desse cenário, este dossiê reafirma sua relevância e urgência. O número se inicia com o artigo “Futebol e o movimento das Diretas Já na revista *Placar*”, de

Bruna Ferraz Barenco. Nele, a autora se propõe a pensar “sobre a interação entre esporte, política e sociedade em um momento crucial para a história do país” – o período de transição entre a ditadura e o regime democrático. Em seguida, Glauco de Souza analisa, a partir de periódicos da época, “algumas relações envolvendo liberalismo excludente na Primeira República e as ligas suburbanas de Futebol, com destaque para as aproximações entre os sujeitos e instituições em um período em que predominou na Capital Federal a ideia de restrição ao exercício da cidadania plena”.

Nicolás Cabrera, Raquel de Oliveira Sousa e João Vitor Cardoso Sudário discutem, a partir da rede de torcidas organizadas brasileiras mapeada em uma inédita cartografia digital elaborada pelo Observatório Social do Futebol, as “práticas de sociabilidade, mobilidade territorial e a ocorrência de episódios violentos” entre esses grupos de torcedores. Ainda na temática de torcedores e torcidas, Luca Bifulco e Diego Murzi desenvolvem uma análise comparativa da “abordagem estatal da violência no futebol como problema público na Itália e na Argentina”.

Já no artigo “A lei ‘pegou’?: Política legislativa, mídia e territorialização das Sociedades Anônimas do Futebol (SAF) no Brasil”, Vinicius Borges Alvim, Irlan Simeões Santos, Jonathan Ferreira e Victor Formaggini investigam a “adoção da Lei n. 14.193/2021, que institui a Sociedade Anônima do Futebol (SAF), a partir de dois eixos complementares: a produção discursiva em torno da legislação no campo midiático e alguns impactos concretos da adoção no território brasileiro”.

Encerrando o dossiê, Luiz Henrique de Toledo e Pietro Gesuatto Loredo discutem as “transformações nas formas associativistas e nos fluxogramas institucionais em torno do futebol profissional e de espetáculo” no artigo “O torcer como dom e propriedade inalienável: sociedade, cultura e comunidade”.

Na seção **Paralelas**, dedicada a temas diversos, apresentamos dois artigos. Em “O espectro do hooliganismo nos estádios britânicos II: um diário de campo”, Bernardo Buarque de Hollanda retoma sua experiência de pesquisa pós-doutoral realizada em 2018 na Universidade de Birmingham, examinando, a partir de observações *in loco*, as transformações do futebol inglês nas últimas décadas e a persistência do espectro do hooliganismo mesmo após processos de gentrificação e controle das arenas.

No artigo “A politização da Stock Car pela UFMG: ecologia, colonialidade e resistência em Belo Horizonte”, André Quintão da Silva analisa como a universidade mobilizou o Instagram como espaço de disputa simbólica para problematizar os impactos socioambientais do evento. A partir de análise qualitativa de postagens, o autor discute a articulação entre ecologia decolonial, memória institucional e resistência, apontando limites e potencialidades da abordagem adotada.

E, por fim, na seção **Poética** – dedicada às múltiplas expressões artísticas sobre o futebol – apresentamos o vídeo-poema “Briga na casa da Jandira”, inspirado nas tensões presentes em *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, que um encontro entre amigos para assistir a um jogo se converte em arena de polarizações ideológicas. Nesse cenário de dissenso, a poesia e a música surgem como breves instantes de trégua, capazes de suspender momentaneamente os antagonismos.

Esperamos que este dossiê contribua para aprofundar o debate sobre as interseções entre esporte, política e comunicação, iluminando as disputas, tensões e formas de organização que atravessam o campo esportivo contemporâneo. Ao reunir análises sobre práticas torcedoras, violência, políticas legislativas, territorialidades, mediações midiáticas e transformações institucionais, acreditamos oferecer um panorama crítico capaz de ampliar a compreensão do esporte como espaço de memória, conflito e negociação social.

Boa leitura!

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2025.

Fausto Amaro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Leda Costa
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ronaldo Helal
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Futebol e o movimento das Diretas Já na revista *Placar*

Football and the Diretas Já movement in the *Placar* magazine

Bruna Ferraz Barenco

Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, Brasil
Doutoranda em História, UFF
brunabarenco@id.uuf.br

RESUMO: O presente artigo se propõe a refletir sobre a relação entre o movimento das Diretas Já e o futebol na década de 1980, e como essa relação apareceu nas páginas da revista *Placar*, a principal revista esportiva do país. As Diretas Já foram uma campanha que buscava a aprovação da emenda Dante de Oliveira, que transformaria as eleições de 1985 em eleições diretas. O período de abertura político brasileiro impactou todas as esferas sociais, incluindo o esporte, que passava por transformações na sua estrutura também. O período da transição política, incluindo as Diretas Já, convergiram com um dos momentos mais políticos do futebol brasileiro, representado pelo movimento da Democracia Corinthiana. Assim, é relevante olhar para o período e pensar sobre a interação entre esporte, política e sociedade em um momento crucial para a história do país.

PALAVRAS-CHAVE: Redemocratização; Futebol; Ditadura militar; Brasil.

ABSTRACT: The present article proposes to reflect about the relationship between football and the Diretas Já movement during the 1980s, and how this relationship was represented in the *Placar* magazine, the most important publication about sports in the country. The Diretas Já was a campaign that sought the approval of the parliamentary menu Dante de Oliveira, that would transform the indirect elections in 1985 in direct ones. The Brazilian political opening impacted the society as a whole, including the sports, that faced changes too. The period, including the Diretas Já, converged with the political movement of the Democracia Corinthiana in Brazilian football. Thereby, it is relevant to see the period and think about the interactions between sport, politics, and Society in a crucial moment for Brazilian history.

KEYWORDS: Redemocratization; Football; Military dictatorship; Brazil.

INTRODUÇÃO

Se a emenda Dante de Oliveira for aprovada na Câmara
e no Senado, não vou embora do meu país.

Sócrates, comício das Diretas Já no Vale do Anhangabaú.¹

Tanto na academia quanto no senso comum, o futebol é visto como algo distante do político.² Considerado um fenômeno recente, do final do século XIX e do século XX, o futebol não tem a tradição que outros termos mais frequentemente associados ao âmbito político. Ainda assim, ao longo dos últimos cem anos, o futebol esteve ligado a política de diferentes formas e em diferentes momentos históricos, como apontado por Ribeiro (2020): do amadorismo e profissionalização, aos anos totalitários e ao pós-guerra e globalização.³

Nesse sentido, é interessante compreender o futebol como um jogo que se comporta como um fenômeno cultural e histórico, como apontado por Huizinga,⁴ criando um ambiente lúdico, mas ao mesmo tempo permeado de regras, que podem ou não refletir a moralidade, embarcando em diversos significados para além de apenas um jogo. Portanto, o futebol torna-se um ponto de análise no qual é possível relacionar as mudanças sociopolíticas e como estas se refletem na sociedade, no lazer e na cultura.

No caso brasileiro, a relação entre futebol e política é destacada pela historiografia durante o período da ditadura militar, especialmente o tricampeonato conquistado na Copa do Mundo de 1970, com a trilha sonora da marchinha “Pra frente, Brasil”, amplamente utilizada como propaganda política para o regime ditatorial, relacionando a vitória brasileira em campo com o sucesso do governo. O período ditatorial envolveu, além das comemorações do tricampeonato, um processo de militariação do futebol brasileiro, inclusive da seleção nacional, como exemplificado pela preparação brasileira para a Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, na qual foram

¹ SP1. Famoso comício do movimento Diretas Já completa 30 anos, 16 abr. 2014.

² RIBEIRO. Futebol e política, 2020.

³ RIBEIRO. Futebol e política, 2020.

⁴ HUIZINGA. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*, 2000.

convocados inicialmente o triplo de atletas, que treinaram até formar o grupo oficial que viajaria para Europa disputar o mundial.

Em 1972, foi criada inclusive uma competição organizada pela ditadura militar: a Taça Independência,⁵ como parte das comemorações do sesquicentenário da independência do Brasil. O torneio teve como destaque a vitória da seleção brasileira contra Portugal na final, no Maracanã, marcando também a despedida do capitão Gérson da equipe nacional. Além disso, o período da ditadura ficou marcado pela construção de diversos estádios, como o Serra Dourada, em Goiânia, inaugurado em 1975, e o Estádio Estadual Governador Magalhães Pinto – mais conhecido como “Mineirão” –, aberto em 1966.⁶ Por fim, temos a criação da Loteria Esportiva, lançada em 1970 pelo decreto-lei n. 66.118, durante o governo Médici, apesar de ter sido idealizada ainda no governo de Costa e Silva.⁷

Dessa forma, é inegável a aproximação que foi criada entre o governo da ditadura militar e o esporte no país. Como apontado por Oliveira, o futebol foi utilizado pelo regime como uma questão de Estado, sendo visto como instrumento capaz de controlar os ânimos, reforçar a identidade nacional e projetar o Brasil internacionalmente.

As décadas de 1970 e 1980 também foram um período de aumento da formação do mercado de bens culturais. Nesse contexto, o futebol passou a funcionar como uma espécie de moeda no meio cultural, especialmente no primeiro momento de destaque do futebol brasileiro, após as conquistas nas Copas do Mundo de 1958 e 1962.⁸ É nessa conjuntura que a Editora Abril, do Grupo Civitas, amplia seu catálogo e investe no segmento esportivo com o lançamento do periódico *Placar*.

Anos depois, o período de abertura política, em especial a partir de 1979, com a Lei da Anistia e a Lei Orgânica dos Partidos, também viveu uma forte conexão com os esportes, particularmente o futebol. A anistia geral e a volta do pluripartidarismo permitiram que o ambiente do início dos anos 1980 fosse de grande otimismo político, com um novo *boom* dos movimentos sociais brasileiros, como pode ser visto

⁵ REI. *Celebrando a pátria amada: esporte, propaganda e consenso nos festejos do Sesquicentenário da Independência do Brasil* (1972), 2020.

⁶ MALAIA; FORTES. ‘Brasil-grande, estádios gigantescos’: toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985, p. 165-83.

⁷ VINCENZO. *Loteria Esportiva: uma paixão de muitos*, 2006.

⁸ ORTIZ. *A moderna tradição brasileira*, 1988.

durante a Assembleia Constituinte e na promulgação da Constituição de 1988, conhecida como “Constituição Cidadã”. Somado a isso, a boa campanha da seleção brasileira no começo da década, bem como a expectativa para a Copa do Mundo de 1982, criou um ambiente de euforia e esperança dentro e fora de campo – cenário no qual a imprensa teve um papel fundamental.

Sendo assim, o objetivo do presente estudo é analisar a relação entre o futebol e os movimentos políticos durante o período da redemocratização brasileira pelas páginas da revista *Placar*. Para tanto, foram analisadas as edições do periódico publicadas entre janeiro de 1980 e setembro de 1984, abrangendo o período das eliminatórias e da Copa do Mundo de 1982, realizada na Espanha. O destaque do estudo recai sobre a associação entre o futebol e o movimento das Diretas Já, em 1984, que buscava a aprovação de eleições diretas para presidente no país. Ainda que a emenda não tenha sido aprovada, as Diretas Já marcaram a ação popular durante o período de transição política, e o futebol não passou ileso do momento, como analisaremos a seguir.

DEMOCRACIAS EM CAMPO: O CONTEXTO DO FUTEBOL E A TRANSIÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

O ano de 1979 não apenas marcou o avanço da abertura política brasileira, com a Lei nº 6.683, mais conhecida como Lei da Anistia, que provocou mudanças significativas no Estado, mas também foi um ano marcante para transformações políticas no futebol. Desde 1914, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) regia o conjunto de esportes nacionais, inclusive o futebol, a pós a superação das disputas entre as federações estaduais em 1937.⁹ Durante a ditadura militar, o futebol brasileiro passou por um processo de militarização, no qual até mesmo a presidência da CBD foi ocupada por um representante das Forças Armadas, o almirante Heleno Nunes.

Apenas em 1979, após sucessivas crises no futebol brasileiro, incluindo desempenhos insatisfatórios da seleção, uma mudança institucional foi realizada. Nesse contexto, sai de campo a CBD e é fundada a CBF (Confederação Brasileira de

⁹ SARMENTO. *A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970*, 2013.

Futebol]. Além de ser uma federação dedicada exclusivamente ao futebol, o presidente escolhido para a nova instituição foi um civil: o dirigente carioca Giulite Coutinho, ligado ao América do Rio de Janeiro.

Como apontado por Santos e Magalhães (2014), o futebol na década de 1980 pode ser compreendido como um reflexo do cenário político brasileiro, reagindo e adaptando-se às transformações sociais e políticas que marcaram o contexto da redemocratização. Nesse sentido, os anos 1980 ficaram marcados, inicialmente, por um período de euforia e otimismo, seguida por uma fase de implementação da transição política brasileira.¹⁰

Essa relação entre o esporte e a política começou a ficar ganhar mais evidência a partir do final da década de 1970, e aqui se faz importante relembrar a figura de Reinaldo. Jogador do Atlético Mineiro, o atacante ganhou notoriedade não apenas pelo desempenho em campo, mas pelas atitudes fora dele, que incluíam uma comemoração de punho erguido para seus gols, inspirado no gesto das Panteras Negras e uma entrevista concedida para a revista *Movimento*, em março de 1978, na qual o jogador afirmou que “Está na hora da aproximar todo mundo das decisões políticas. O povo tem sua opinião e essa opinião deve ser respeitada”.¹¹

A entrevista rendeu ao jogador uma investigação e abertura de ficha no Serviço Nacional de Inteligência (SNI), além de repressões para que “apenas jogasse bola”. A Copa do Mundo de 1978, na qual Reinaldo comemorou seu gol contra Suécia com os punhos erguidos, foi o único mundial do qual o jogador participou.

Para analisar a redemocratização brasileira faz-se necessário estabelecer a conjuntura mundial na qual o processo brasileiro se insere, uma vez que está relacionado a acontecimentos semelhantes em diversos outros países, tanto na Europa quanto no Cone Sul, que assistiam à queda de ditaduras estabelecidas nas décadas anteriores caírem, como o caso de Portugal (1974), Espanha (1975-1982) e Grécia (1973).¹² No contexto da América Latina, o período entre 1960 e 1980 foi marcado pelo estabelecimento de diversas ditaduras militares, em Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile.

¹⁰ FICO. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*, 1997.

¹¹ MOVIMENTO, n. 140, 6 mar. 1978.

¹² CANCELLI. Brazil: transition and reconciliation policies as a cold war strategy, 2021.



Movimento, n. 140, 6 de março de 1978.

Dessa forma, era importante para a ditadura brasileira que o processo de transição fosse controlado pelo próprio regime, especialmente levando-se em consideração experiências anteriores observadas na terceira onda de democracias na Europa, que destacam o caráter indeterminado de um processo de transição política. Como apontado por Cancelli, é durante o contexto de mudança política que surgem os conceitos de redemocratização e transição, usados para denominar e analisar o período.¹³ Assim, esses mesmos conceitos devem ser compreendidos como produtos da conjuntura em que foram formulados, tendo, portanto, um papel específico a cumprir.

Fico aponta para uma transição brasileira “inconclusa” e “frustrada”, sublinhada pelo controle da ditadura durante o processo. O modo como a ditadura militar brasileira se comportou possibilitou a criação de um ambiente em que a dinâmica

¹³ CANCELLI. Brazil: transition and reconciliation policies as a cold war strategy, 2021.

da violência não ficou tão evidente, o que facilitou o controle do regime sobre como e quando deixaria o poder.¹⁴

No entanto, o processo brasileiro não ocorreu sem nenhum tipo de embate ou ação popular, ainda mais considerando uma transição planejada para ser de longa, a qual acabou se estendendo por quase uma década. Um exemplo desses conflitos foi o atentado no Riocentro, em 1981, uma tentativa de ataque promovida pela extrema-direita às vésperas do Dia do Trabalhador, conduzida por setores ligados ao DOI (Departamento de Operações de Informação), demonstrando que essa transição não foi tão pacífica ou coerente quanto o governo desejava apresentar.

Durante o processo de redemocratização brasileira, o maior ato de conflito entre o plano de redemocratização dos militares e a ação popular foi a campanha das Diretas Já, iniciada em 1983, que reivindicava eleições diretas para presidente em oposição às eleições indiretas previstas pela ditadura. O movimento pleiteava a aprovação da Emenda Dante de Oliveira, nomeada em referência ao deputado do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), e reuniu diversas lideranças políticas e intelectuais brasileiras, como Leonel Brizola, Fernando Henrique Cardoso, Tancredo Neves, Mário Covas e Luiz Inácio Lula da Silva. A campanha das Diretas Já se estendeu de março de 1983 até abril de 1984, quando a emenda foi derrotada em votação no Congresso por não alcançar o número mínimo de votos necessário.

Apesar da derrota, as Diretas Já representam um capítulo importante do processo de redemocratização brasileira. Sua influência na recuperação símbolos nacionais, como as cores verde e amarelo, que estamparam a campanha, foi marcante, assim como a presença de milhares de pessoas pelas principais cidades do país, manifestando-se politicamente, e contando com a participação de celebridades, inclusive jogadores de futebol.

O FUTEBOL BRASILEIRO E AS DIRETAS JÁ NA REVISTA *PLACAR*

A relação entre futebol e política durante a redemocratização brasileira atingiu seu ápice durante a campanha das Diretas Já, mas já vinha sendo construída nos anos

¹⁴ FICO. Brasil: a transição inconclusa, 2012.

anteriores. Em um primeiro momento, essa relação esteve aliada às mudanças políticas do país e da Confederação Brasileira de Futebol, sendo destacada durante a Copa do Mundo de 1982. Paralelamente, a campanha da seleção brasileira nas eliminatórias e amistosos da seleção brasileira empolgavam a torcida, enquanto o país se preparava para sua primeira eleição geral para governadores e deputados, realizada pela primeira vez desde 1964. Ainda que a ditadura tenha mantido eleições como uma tentativa de legitimação institucional, estas não eram, de fato, gerais, pois não abrangiam, por exemplo, as chamadas áreas de segurança nacional, como eram chamados os municípios foram considerados “área de interesse da segurança nacional”, e que a partir de 1968 passaram a ter seus governantes nomeados pelo presidente durante a ditadura militar.

No que diz respeito ao desempenho nacional e internacional, os primeiros anos da década de 1980 foram de conquistas expressivas para o futebol brasileiro. Fluminense e Grêmio conquistaram, pela primeira vez, a Taça Libertadores da América, em 1981 e 1983, respectivamente. Somado a isso, a boa campanha da seleção brasileira sob o comando do treinador Telê Santana, tanto no Mundialito no Uruguai em 1981 quanto nas eliminatórias e amistosos preparatórios para Copa do Mundo de 1982, disputada na Espanha, elevavam o ânimo em relação ao principal esporte nacional.

Nesse cenário, o otimismo em relação a performance do futebol brasileiro e as eleições gerais permitiram uma recuperação do “sequestro do verde e amarelo”¹⁵, com o uso dos símbolos nacionais, como hino e bandeira, se tornando mais populares. Apesar da derrota da seleção na Copa do Mundo, o caminho para desassociar os símbolos nacionais das campanhas propagandísticas da ditadura estava trilhado.

Durante esse período, a revista *Placar* se estabelece como a principal mídia dedicada à cobertura esportiva brasileira. Criada em 1970, meses antes da Copa do Mundo, a revista surgiu como informativa, mas, com o tempo, modificou seu rumo e se tornou uma publicação mais voltada para o entretenimento. Como parte do grupo da Editora Abril, a *Placar* se encaixa em um contexto de expansão do mercado de bens culturais, especialmente ligados a grandes conglomerados.

¹⁵ GUEDES; SILVA. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais, 2019, p. 73-89.

Entre 1950 e 1960, as grandes editoras brasileiras trabalharam em ampliar seu acervo de publicações voltadas a hobbies ou públicos específicos, como é o caso de *Quatro Rodas*, *Realidade*, *Veja*, *Capricho* e *Cláudia* – todas publicações da Editora Abril. No caso de publicações com foco esportivo, o Brasil já tinha por exemplo, o *Jornal dos Sports* de Mário Filho, a revista *Sport Ilustrada* e a *Manchete Esportiva*, ramificação do periódico *Manchete*. O fim da *Manchete Esportiva*, em 1979, praticamente coincide com a ascensão da *Placar*.¹⁶

A *Placar* se consolida como o posicionamento da Editora Abril frente ao público esportivo, com o intuito de representar o futebol e o torcedor brasileiro.¹⁷ O primeiro editor da publicação foi Victor Civita, fundador da Editora Abril no Brasil, que fez questão de destacar o futebol como manifestação popular brasileira logo na primeira edição da revista: “[...] para o Brasil o futebol é mais que um esporte, menos do que uma guerra – um meio termo explosivo, colorido, sensacional”.¹⁸

Civita permaneceu na liderança da revista até 1980, quando ocorreu uma mudança significativa na editoria da *Placar* com a entrada de Juca Kfouri como editor chefe da publicação. A figura de Kfouri já era presente na revista desde 1979, na coluna de opinião, e devido à sua trajetória política (na época, já membro do Partido Comunista Brasileiro), sua direção do periódico se torna mais voltada para análise e opiniões sobre assuntos ligados ao futebol. O ambiente esportivo da década de 1980 mostrou-se propício para essa postura editorial. Como apontado por Rocha, a passagem de Kfouri na revista *Placar*:

[...] configuraria em um projeto político a ser formulado pelo semanário entre os anos de 1979 e 1984. Esse plano pretendia, simultaneamente, garantir o resgate da essência do futebol brasileiro enquanto futebol-arte e traçar as diretrizes que permitiriam modernizar o esporte nacional.¹⁹

O cenário do futebol nos 1980 contribuiu para esse movimento. A própria seleção brasileira dessa década era muito diferente das versões apresentadas na década de 1970. Essa mudança, que ia desde o estilo dos jogadores, agora liberados

¹⁶ SCHATZ. Titulares da política: aspectos da abertura democrática brasileira na revista *Placar* (1974-1982), 2018, p. 1-24.

¹⁷ ROCHA. *Em busca do feitiço perdido: a revista “Placar” entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984)*, 2013.

¹⁸ PLACAR, 20 mar. 1970.

¹⁹ ROCHA. *Em busca do feitiço perdido*, 2013.

para usar barbas e cabelos longos, anteriormente vistos como símbolos de subversão (como no caso de Afonsinho, proibido de treinar no Botafogo por esse motivo), pode ser exemplificada na figura do meio-campista Sócrates. O jogador, que ganhou destaque no Corinthians, não apenas era capitão da seleção brasileira, mas figura central em um dos principais movimentos políticos do futebol brasileiro, a Democracia Corinthiana.

O movimento da Democracia Corinthiana começou a se desenhar com mudanças internas no clube, que levaram Adilson Monteiro, sociólogo formado pela USP, a ser convidado para a posição de diretor de futebol do clube, com a proposta de que o jogador seria um trabalhador como outro qualquer, como afirmou a revista *Placar* em 1982. Ainda que tenha contado com outras figuras fundamentais dentro e fora de campo para que tivesse sucesso, como os jogadores Vladimir e Casagrande, a figura mais marcada do período foi justamente Sócrates, tanto pelo protagonismo no time paulista quanto pela visibilidade como camisa 8 da seleção brasileira.²⁰

É impossível dissociar o futebol das repercussões políticas do período ditatorial, sendo particularmente relevante o contexto temporal do surgimento da Democracia Corinthiana e o otimismo em volta da chamada "seleção da abertura". Esses elementos reforçam o argumento de que o futebol não ocupa um espaço de neutralidade, como tradicionalmente se tentou atribuir ao esporte, e que pode ser encaixado nas movimentações sociais e políticas.

Na revista *Placar*, a Democracia Corinthiana recebeu frequentes manchetes. O próprio nome do movimento, que foi cunhado pelo vice-presidente do clube e publicitário Washington Olivetto, apareceu pela primeira vez nas páginas da revista em 1981, em entrevista com Adilson Monteiro Alves. No ano seguinte, durante a cobertura da Copa do Mundo, a figura de Sócrates recebeu uma atenção especial nas páginas da publicação. O jogador e capitão da seleção no mundial da Espanha em 1982 foi convidado a escrever uma coluna para *Placar* durante o torneio, intitulada "O diário de Sócrates".

²⁰ FLORENZANO. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*, 2009.

Além do movimento interno de mudanças institucionais no clube, a Democracia Corinthiana ficou marcada por atos simbólicos como entrar em campo durante o Campeonato Paulista de 1982 com os dizeres “Dia 15 vote”, no lugar da publicidade em falta na camisa, na partida contra o Santo André, em 27 de outubro. A equipe repetiu o gesto nos quatro jogos seguintes, até a chegada das eleições. Atitudes como essa tornaram-se comuns no Corinthians, expressas tanto em ações do clube quanto nas iniciativas de seus jogadores.

Poucos dias antes das eleições gerais de 1982, a *Placar* publicou uma matéria intitulada “Se eu fosse governador”, na qual convidou jogadores a montarem um plano de governo para seus estados. Sócrates participou da iniciativa, assim como Cleo (Internacional), Reinaldo (Atletico Mineiro) e Paulo Sérgio (Botafogo). Todos os jogadores, inclusive, posaram em frente às sedes dos governos estaduais. As propostas variavam entre pedir liberdade para o povo (Sócrates), combater o desemprego (Paulo Sérgio) e implementar o socialismo (Reinaldo).



Placar, 15 out., n. 647.

No texto que acompanhava a reportagem, o jornalista Marco Aurélio Borba afirma que:

A política está em todas as cabeças brasileiras, nestes poucos mais de 30 dias que antecedem as primeiras eleições diretas para governadores nos

últimos 17 anos. Está na cabeça, também, dos profissionais do futebol, dos obscuros aos consagrados.²¹

Além disso, o jornalista destaca a insistência de Sócrates em elaborar pessoalmente, e em detalhes, o seu plano de governo, ao contrário dos demais atletas consultados, que resumiram suas propostas por meio de breves depoimentos. Além dessa dedicação, o Doutor inclui aspas como “Democracia é um direito que devemos exigir”, com detalhes sobre medidas que adotaria em questões como trabalho, saúde e educação.

Em 1984, durante o movimento das Diretas Já não foi diferente, e a campanha apareceu nas páginas da *Placar*. Além das manifestações nas arquibancadas, Sócrates, Wladimir e Casagrande compareceram ao maior comício da campanha, no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. Ao lado do narrador esportivo Osmar Santos, que participou de diversos comícios das Diretas Já, os jogadores subiram ao palco e contaram com uma declaração de Sócrates, afirmando que se a emenda Dante de Oliveira fosse aprovada, não sairia do futebol brasileiro, já que na época o jogador recebia diversas sondagens do futebol europeu.

Mas esse não foi o único caso de participação do futebol na campanha das Diretas Já. Antes disso, em 1982, Pelé teve uma rara manifestação política pública, sendo fotografado com a camisa da seleção brasileira adornada pelas palavras “Diretas Já!”. O clique foi feito pelo fotógrafo Ronaldo Kotscho, durante gravações do filme “Pedro Mico”, na comunidade Pavão-Pavãozinho, no Rio de Janeiro. A foto estampou a capa da revista *Placar*, um dos principais veículos esportivos do país, a qual trouxe ainda uma declaração do ídolo:

Nós estamos numa luta difícil, que é luta pelas diretas. O Brasil já ganhou a Copa do Mundo, definitivamente, e esta ninguém tira. Agora, tem outra Copa que a gente tem de ganhar e foi por isso que ergui minha réplica da Jules Rimet, pelas eleições diretas.²²

Poucas semanas depois, a *Placar* exibia na capa, na edição de 27 de abril de 1984, uma imagem de Sócrates, vestido como Dom Pedro I, com a manchete: “Se o Brasil mudar, eu fico”. Sobre a escolha da sessão de fotos, Kfouri afirma na nota do

²¹ PLACAR, 15 out. 1982.

²² PLACAR, 20 abr. 1984, edição 726.

editor que: “Sócrates está tão interessado nela [emenda Dante de Oliveira] que, para divulgá-la ainda mais, não teve dúvida em assumir o papel de dom Pedro I, transformando-se na capa desta edição”.²³



Ronaldo Kotscho, *Placar*, 20 abr. 1984, n. 726.

A entrevista e ensaio fotográfico ocupam quatro páginas da revista, incluindo uma entrevista com o jogador, que reafirma sua posição dado no comício, afirmendo que as Diretas Já são um caminho para a mudança no Brasil. Questionado sobre a atuação, ou a ausência dela, dos jogadores de futebol na campanha política, Sócrates afirmou:

[...] é um processo lento. À medida que o próprio povo vai ficando mais consciente de seus direitos, o jogador de futebol também vai ser influenciado por isso e vai acompanhar o processo. Hoje, por ser o futebol estruturado em termos muito reacionários, ele tem medo de participar, de se posicionar.²⁴

²³ PLACAR, 27 abr. 1984, n. 727.

²⁴ PLACAR, 27 abr. 1984, n. 727, p. 36.



Placar, 27 abr. 1984, n. 727.

Sócrates também foi questionado sobre a atitude de Pelé, de vestir a camisa do movimento das Diretas Já, mas respondeu que não o conhecia pessoalmente para repercutir sua posição. A cobertura da campanha em uma publicação esportiva, com duas capas dedicadas ao tema, evidencia a linha editorial adotada pela revista durante a gestão de Kfouri. O próprio editor-chefe comentou a derrota da emenda Dante de Oliveira na edição de 4 de maio de 1984:

Quase todo país queria – e continua a querer e deve conquistar – que o sagrado direito de eleger o presidente lhe fosse restituído. Perdeu-se uma batalha e é preciso acatar um resultado que, afinal, foi produto da manifestação de parlamentares eleitos legitimamente pelo povo. A regra é essa.²⁵

²⁵ PLACAR, 04 maio 1984, n. 728, p. 3.

Outra manifestação relevante veio das torcidas. No Rio de Janeiro, a torcida do Flamengo viu surgir uma nova torcida organizada: a Fla-Diretas. Criada em 1984, por estudantes ligados ao Partidão (como era conhecido o Partido Comunista Brasileiro antes da legalidade), a torcida nasceu como uma brincadeira entre os fundadores, relacionado o nome do então presidente da ditadura, João Baptista Figueiredo, e do jovem zagueiro rubro-negro Cláudio Figueiredo Diz²⁶, que era conhecido apenas como Figueiredo. A torcida recebeu aval do jogador e do presidente do clube, George Helal, além de outras organizadas como a Raça Rubro – Negra. o grupo esteve presente em manifestações a favor da emenda Dante de Oliveira,²⁷ e após a derrota das Diretas Já, a torcida voltou suas atenções para as arquibancadas.

Foi nesse contexto que, na véspera de um clássico entre Flamengo e Fluminense pelo Campeonato Carioca, alguns jogadores do tricolor carioca, então campeão brasileiro, visitaram Brasília e passaram no gabinete de Paulo Maluf, candidato da situação à presidência nas eleições de 1985. A repercussão do encontro foi tamanha que tanto Maluf quanto Tancredo Neves, candidato da oposição, foram convidados a palpitar o resultado do jogo: Maluf apostou na vitória do Fluminense por 2 a 1; Tancredo, por sua vez, cravou vitória do Flamengo por 3 a 1.

No dia do clássico, no Maracanã, as torcidas fizeram das arquibancadas demonstração de opinião política. Liderada pela Fla-Diretas, a torcida rubro-negra levou faixas como “O Fla não malufa” e “Muda Brasil, Tancredo já”. Do outro lado, a torcida do Fluminense respondeu com uma faixa com os dizeres “Maluf é corrupção, Tancredo é a solução”. Em campo, vitória do Flamengo por 1 a 0, com gol de Bebeto, então uma jovem promessa da Gávea.

Já nas eleições presenciais, que, após a derrota da emenda Dante de Oliveira, ocorreram de forma indireta em 15 de janeiro de 1985, o candidato Tancredo Neves, do PMDB, foi eleito presidente do Brasil, o primeiro civil a ocupar o cargo desde 1964. Tancredo, contudo, faleceu antes de tomar posse, e seu vice, José Sarney,

²⁶ Cláudio Figueiredo Diz atuou no futebol entre 1979-1984. Em 1984, Figueiredo faleceu aos 23 anos em decorrência de um acidente de avião no Pico da Caledônia, em Nova Friburgo. No mesmo acidente, faleceram também Nilton, irmão de Bebeto, uma amiga dos dois jogadores e o piloto do avião.

²⁷ SARTORI. Democracia rubro-negra: quando a torcida do Flamengo gritou Diretas Já, 2019.

assumiu a presidência da República, permanecendo no cargo até a realização das primeiras eleições diretas para presidente, em 1989.



Placar, n. 729, 28 set. 1984.

No cenário do futebol nacional, o movimento da Democracia Corinthiana perdeu força em 1984, com a saída de Sócrates para o futebol italiano. Já o Campeonato Brasileiro enfrentou uma crise ao final da década de 1980, refletindo questões estruturais herdadas do período ditatorial, como o inchaço do calendário e a desorganização político-esportiva. Esse cenário culminou, em 1987, na criação do Clube dos Treze e da Copa União, movimento amplamente coberto pela *Placar*, que seguiu atenta às transformações no principal esporte do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se as décadas de 1960 e 1970 marcaram um período de aproximação do futebol com a ditadura militar, seja por interferências do governo nas estruturas do esporte ou propaganda política, os anos de 1980 mostraram que o contrário também é possível, e aproximaram o futebol de contextos como o da própria democracia. Na conjuntura de uma transição anunciada, com a abertura política gerando zonas cinzentas na

censura e no controle estatal, o esporte e a imprensa se tornaram ainda mais relevantes como espaços de produção de identidades e circulação de ideais.

A experiência das relações entre futebol, política e sociedade durante o processo de redemocratização brasileira demonstra que é possível estabelecer uma manifestação política no esporte que não esteja ligada a governos autoritários. A Copa do Mundo de 1982, a campanha das Diretas Já e o retorno dos símbolos nacionais sequestrados pela ditadura foram fundamentais no contexto da formação da Nova República.²⁸ Vivências recentes, como as Jornadas de Junho de 2013, a onda de conservadorismo que culminou na eleição de Jair Bolsonaro em 2018, e uma tentativa de golpe em 2022, revelam que a politização dos atletas e do esporte ainda é um local de disputas, seja no imaginário do futebol ou no processo de ressignificação dos símbolos nacionais.

Nesse sentido, a imprensa foi fundamental em todos os contextos históricos mencionados. Como analisado nesse artigo, a campanha das Diretas Já teve ampla presença nos meios de comunicação, inclusive na imprensa esportiva. A revista *Placar* se destacou ao unir o formato do jornalismo de revista com o jornalismo esportivo investigativo, atingindo seu ápice em 1984, com a cobertura das manifestações pró-democracia e as reportagens que denunciaram o escândalo da loteria esportiva. Em um período de intensas mudanças políticas e sociais, a atuação de um veículo especializado em esporte demonstra a versatilidade e a importância da imprensa na construção do debate público.

Assim, analisar os processos de democratização por meio da relação entre futebol, sociedade e imprensa torna-se um exercício necessário. O período da redemocratização brasileira foi decisivo para o país: mesmo sob a vigência formal da ditadura, as brechas políticas abertas durante a transição permitiram manifestações e posicionamentos antes impensáveis. Entender os impactos desse processo nas múltiplas dimensões da sociedade é essencial para avaliar o alcance e a profundidade da redemocratização. A campanha das Diretas Já – e sua cobertura pela revista *Placar* – permite compreender as diversas conexões possíveis entre esporte, política e sociedade.

²⁸ CAMPOS. O lulismo em campo: aspectos da relação entre esportes e política no Brasil, 2017, p. 241-54.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Decreto-Lei n.º 66.118, de 26 de janeiro de 1970. Disponível em: <https://abrir.link/jLDTb>.
- CAMPOS, Flávio de. O lulismo em campo: aspectos da relação entre esportes e política no Brasil. In: MARINGONI, Gilberto; MEDEIROS, Juliano. (Orgs.). **Cinco mil dias**: o Brasil na era do lulismo. São Paulo: Lauro Campos/Boitempo, 2017. p. 241-54.
- CANCELLI, Elizabeth. Brazil: transition and reconciliation policies as a cold war strategy. **Revista de História**. São Paulo, 2021.
- FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- FICO, Carlos. Brasil: a transição inconclusa. In: **Violência na história**: memória, trauma e reparação. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012, p. 25-37.
- FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Educ, FAPESP, 2009.
- GUEDES, Simoni; SILVA, Edson da. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cuadernos de Aletheia**, p. 73-89, 2019.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Iudens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- MALAIA, João Marcos Carvalho; FORTES, Rafael. ‘Brasil-grande, estádios gigantescos’: topônima dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985. **Tempo**, v. 27, p. 165-83, 2021.
- OLIVEIRA, Marco Antonio Teixeira de. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da ditadura (1964-1985). In: PRIORE, Mary Del; ANDRADE DE MELO, Victor. (Orgs.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 387-416.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- REI, Bruno Duarte. **Celebrando a pátria amada**: esporte, propaganda e consenso nos festejos do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972). Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e política. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- ROCHA, Max Filipe Nigro. **Em busca do feitiço perdido**: a revista *Placar* entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984). Dissertação (Mestrado em História), FFLCH/USP, São Paulo, 2013.
- SANTOS, Daniel de Araújo; MAGALHÃES, Lívia Gonçalves. Década da esperança ou década perdida? A reestruturação do futebol brasileiro nos anos 80. In: QUADRAT, Samantha. (Org.). **Não foi tempo perdido**: os anos 80 em debate. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A construção da nação canarinho:** uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SARTORI, Caio. Democracia rubro-negra: quando a torcida do Flamengo gritou Diretas Já. **Ludopédio**, São Paulo, v. 125, n. 30, 2019.

SCHATZ, Patrícia Volk. Titulares da política: aspectos da abertura democrática brasileira na revista *Placar* (1974-1982). **Recordé**, v. 11, n. 1, p. 1-24, 2018.

SP1. Famoso comício do movimento Diretas Já completa 30 anos. **GloboPlay**, São Paulo, 16 abr. 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3285148/>.

VINCENZO, José Eduardo de. **Loteria Esportiva:** uma paixão de muitos. Brasília: LGE Editora, 2006.

* * *

Recebido em: 29 abr. 2025.

Aprovado em: 18 ago. 2025.

Rio de Janeiro, política e futebol: as ligas suburbanas e o liberalismo excludente na Primeira República (1889-1930)

Rio de Janeiro, politics and football: the suburban leagues and exclusionary liberalism in the First Republic (1889-1930)

Glauco José Costa Souza

Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, Brasil

Doutor em História, UFF

glauco.josecosta@hotmail.com

Gustavo Adolfo Suckow Barbosa

Universidade Federal de Rondônia, Rondônia/RO, Brasil

Mestre em Filosofia, UNIR

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar relações envolvendo liberalismo excludente na Primeira República e as ligas suburbanas de Futebol, com destaque para as aproximações entre os sujeitos e instituições em um período em que predominou na Capital Federal a ideia de restrição ao exercício da cidadania plena. Neste sentido, a partir de informações tiradas de periódicos da época, buscamos apresentar e refletir acerca de movimentos que mostram que tipos de relações existiam entre representantes da política oficial e algumas das principais competições esportivas dos subúrbios cariocas e seus clubes.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Política; Rio de Janeiro; Liga Suburbana; Políticos.

ABSTRACT: This paper aims to analyze some relationships involving exclusionary liberalism in the First Republic and the suburban football leagues, highlighting the rapprochements between the subjects and institutions in a period in which the idea of restricting the exercise of full citizenship predominated in the Federal Capital. In this sense, based on information taken from periodicals of the time, we seek to present and reflect on some movements that show what types of relationships existed between representatives of official politics and some of the main sports competitions in the suburbs of Rio de Janeiro and their clubs.

KEYWORDS: Football; Politics; Rio de Janeiro; Suburban League; Politicians.

INTRODUÇÃO

O surgimento do futebol no Rio de Janeiro é uma das marcas da transição do século XIX para o XX na então Capital Federal da Primeira República. Nos debruçaremos com mais ênfase sobre a sua interiorização entre alguns bairros suburbanos da Cidade Maravilhosa e a respeito de relações causadoras e consequentes deste processo, com destaque especial a dos agentes políticos com clubes e ligas dos subúrbios cariocas. Para tanto, nossa principal base de informações será a partir de periódicos da época, dentro dos quais se destacam jornais de grande circulação e da imprensa suburbana, entendidos aqui não apenas como entes disseminadores, mas também produtores de realidades materiais e simbólicas. Assim, esperamos contribuir para os avanços nas pesquisas esportivas pela academia em espaços regionais outrora ignorados.

A primeira metade dos oitocentos, mas com muito mais força a segunda parte desta centúria, marcam o nascimento e o desenvolvimento dos esportes modernos no Rio de Janeiro, cujas práticas de maior destaque destes períodos estiveram relacionadas à dominação humana sobre os animais, como as touradas e o turfe. Este, aliás, assumiu proporções em grande escala na Capital do Império, podendo, inclusive, ser entendido como o primeiro exemplo de uma febre esportiva no Brasil.¹ Sob esta perspectiva, temos que o século XX se inicia já preparado para acompanhar não só o surgimento de muitas outras atividades esportivas (vôlei, basquete, ciclismo, handball e, principalmente, futebol) como também o enraizamento de muitas delas na sociedade brasileira, ao ponto de os atos e fatos esportivos não ficarem restritos ao seu campo, mas também estabelecerem relações com aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos.

Dentre os esportes que ascenderam a partir do século XX no Brasil, o futebol é sem dúvidas um dos que mais conquistou adeptos desde os primeiros anos que começou a ser praticado. No Rio de Janeiro, seu início está atrelado à figura de Oscar Cox, que, após anos estudando na Suíça, retornou ao seu país natal em 1897 trazendo

¹ Victor Melo, na obra *Cidadesportiva*, traz grandes contribuições acerca do Turfe praticado no Rio de Janeiro durante o século XIX, inclusive destacando seu papel com antecessor do Remo. Nicolau Sevcenko, por sua vez, ao refletir sobre o impacto dos esportes no Rio de Janeiro cunha a expressão “febre esportiva” para sintetizar o sucesso entre os cariocas e as cariocas.

consigo uma bola de futebol e o livro de regras criado na Inglaterra para unificar a sua prática.² Quatro anos depois, na sede do Rio Cricket Club, em Niterói:

Oscar Cox, junto de seu companheiro de bola Victor Etchegaray, organizaram, no dia 1 de agosto de 1901, o que será considerado o jogo inaugural do futebol no Rio de Janeiro. Após jogarem dois tempos de vinte minutos com quinze de intervalo, empataram em 1 x 1. No time de Cox, atuaram jovens estudantes como Clito Portela, Victor Etchegaray, Walter Shuback, Mario Frias, Max Naegali, Horácio da Costa e Santos, Luís Nóbrega, Júlio de Moraes e Felix Frias (Coelho Netto, 2002:4). O Rio Cricket foi formado com jogadores ingleses radicados no Brasil, em sua maioria funcionários do consulado, de bancos e de empresas de navegação marítima (idem, 1969a:76).

O jogo não chamou grandes atenção, contando apenas com quinze assistentes formados basicamente por familiares dos jogadores, amigos e tenistas que, por acaso, estavam no clube naquele momento. Apesar do pouco interesse, o jogo recebeu um destaque no Jornal Correio da Manhã (Pereira, 2000:25). Após esse jogo, mais dois matches foram realizados, dessa vez na cidade do Rio de Janeiro, e o resultado não foi diferente: dois empates. Os jogos em terras cariocas foram realizados no campo do Payssandu.³

A imprensa, segundo Fernandez e Pereira,⁴ foi, portanto, uma das grandes incentivadoras e responsáveis pela difusão do futebol no Rio de Janeiro e um importante órgão para registrar o seu crescimento. Tanto é assim que, se em 1897 temos a sua chegada na Capital Republicana, e em 1901 a ocorrência da primeira partida, em 1902 já encontramos notícias de sua prática pelas ruas da cidade: “Queixam-se os moradores da rua Barão do Flamengo de que essa rua está, à tarde e pela manhã, cheia de afficionados do jogo denominado football e o jogam de modo que chegam a quebrar vidraças, como aconteceu com as do Hotel dos Estrangeiros”.⁵ A reclamação demonstra ser uma situação frequente nas ruas cariocas a prática daquela atividade lúdica. O jogo com bola estava sendo inserido no gosto popular e era praticado fora dos clubes esportivos que existiam até então, pois era simples: necessitava de uma bola, que podia ser improvisada com um objeto redondo, assim como os demais instrumentos usados para a prática do esporte, dentre os quais se destacam os calçados e as balizas. Foi em 1902 também que ocorreu a fundação do

² FERNANDEZ. *Fluminense Foot-ball Club: A construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)*, 2010.

³ FERNANDEZ. 2010, p. 16.

⁴ PEREIRA. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902/1938*, 2000.

⁵ JORNAL DO BRASIL, em 04 set. 1902.

primeiro clube voltado para a prática do futebol: The Rio Foot-Ball Club.⁶ Poucos dias depois, mais precisamente em 21 de julho de 1902, foi fundado por Oscar Cox o Fluminense Football Club, que logo se tornou o principal time da Capital Federal.

Dessa forma temos já nos primeiros chutes o futebol como objeto de disputa entre os agentes sociais envolvidos associado a outros elementos que influenciam e são influenciados pelos espaços urbanos, como as decisões políticas. No mesmo ano de 1902, por exemplo, em que assistimos a criação de clubes especificamente voltados à prática futebolística e a sua expansão para as ruas cariocas, também tivemos o início das Reformas Urbanas na cidade capitaneadas pelo prefeito Francisco de Pereira Passos, cujas consequências “atingiram frontalmente as condições de vida da grande massa popular não só a que residia e trabalhava no centro em suas imediações, como a que habitava os subúrbios e zonas rurais da cidade”.⁷ Longe de almejar entrar nos detalhes que permearam este processo nos 4 anos em que o engenheiro esteve à frente da administração municipal, queremos destacar que uma das consequências mais relevantes da sua administração para a nossa análise foi a expansão das regiões suburbanas a partir da migração dos antigos moradores do centro em reforma, especialmente os menos favorecidos financeiramente, transformando radicalmente estes espaços.

O pequeno aglomerado urbano que, segundo Lysia Bernardes e Therezinha Soares se assemelhava mais a um ajuntamento colonial na primeira metade do século XIX, passou por grandes transformações a partir da segunda metade daquela centúria. De acordo com Bernardo e Soares:

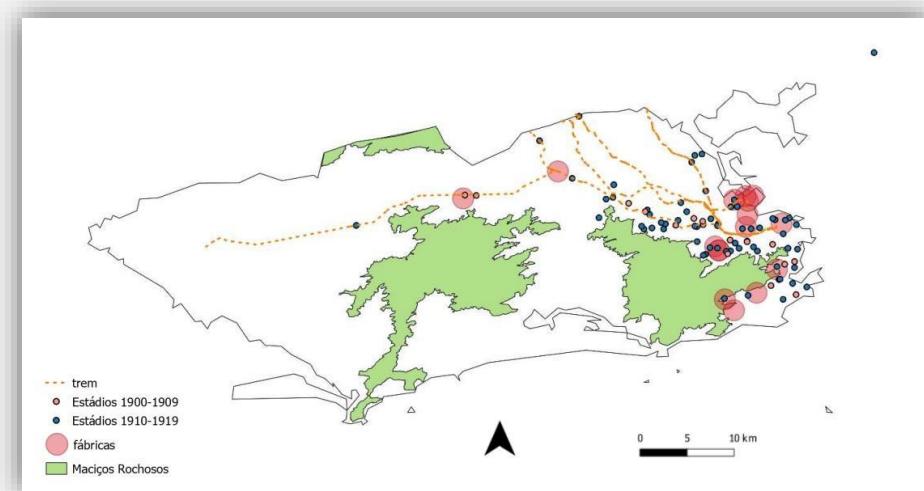
Surgiram rapidamente, a partir dessa época, números bairros, o que foi facilitado pela melhoria nos meios de transporte coletivo decorrente da introdução dos bondes. Subúrbios, arrabaldes ou simples povoações existentes nos arredores da cidade transformaram-se em poucas décadas em bairros populosos. Por outro lado, a construção das primeiras ferrovias deu origem ao desenvolvimento de núcleos suburbanos ao redor das estações, núcleos esses que, progressivamente, se iriam soldando para construir os bairros-subúrbios e a extensa zona suburbana atual.⁸

⁶ JORNAL DO BRASIL, em 04 set. 1902.

⁷ BERNARDES; SOARES. *Rio de Janeiro: cidade e região*, 1990, p. 277.

⁸ BERNARDES; SOARES. *Rio de Janeiro: cidade e região*, p. 81.

O impacto disso, para a nossa análise, vai além da expansão dos subúrbios e da sua ocupação por novos moradores a partir da primeira década do século XX. Como destaca Lucas Mattos, em sua dissertação sobre futebol e urbanização, pela UFF, o futebol também se espalhou pela Capital Federal a partir desta mudança na política urbana, como podemos identificar no mapa abaixo:



Até 1909, vemos que a grande concentração dos estádios esportivos estão lado leste do mapa, perto ao litoral (Zona Sul e Zona Central da cidade), mas ao longo da década seguinte os pontos azuis se distanciam do canto direito em direção ao lado oposto no sentido dos subúrbios recém ocupados – direção oeste (Zona Oeste e Zona Norte da cidade). Nestes espaços vários bairros foram criados e/ou ocupados. Importante também ressaltar que o surgimento de um bairro está ligado ao sentimento de identidade das pessoas que habitam um determinado espaço geográfico e, de acordo com Bernardes e Soares:

A noção de bairro é uma noção de origem popular, tirada da linguagem corrente. Para o habitante de uma cidade constitui, no interior da mesma, um conjunto que tem sua própria originalidade. Apesar de a administração municipal se aproveitar muitas vezes dessa noção para com ele rotular as circunscrições administrativas em que a cidade está dividida, não há, na maioria dos casos, coincidência entre a noção popular do bairro e as pequenas unidades administrativas ou fiscais. [...]

A noção popular de bairro é muito mais geográfica, mais rica e mais concreta. Ela se baseia num sentimento coletivo dos habitantes, que têm a consciência de morarem em tal ou qual bairro. Esse reconhecimento global, que cada um tem de residir em determinado bairro, é fruto da

coexistência de uma série de elementos, que lhe dão originalidade, uma individualidade, em meio aos outros bairros que o cercam.⁹

Dentre os aspectos identitários em torno dos bairros suburbanos, temos a apropriação e ressignificação que o futebol sofreu como um dos exemplos a serem destacados por meio das ligas suburbanas de futebol.

AGENTES SOCIAIS, CLUBES SUBURBANOS E POLÍTICA

A Liga Suburbana de Futebol, a primeira competição de grande porte que temos registros de ter acontecido nos subúrbios cariocas foi uma consequência do desenvolvimento deste esporte na região. Seu início foi em 1907 e congregou para a sua edição inaugural “sociedades congêneres, não filiadas à Liga dos Sports Athleticos [novo nome da Liga Metropolitana de Futebol]”.¹⁰ Essas, importante destacar, não eram exceção no universo futebolístico do Rio de Janeiro, pois havia “cerca de doze a quinze clubs fora da Liga Metropolitana, alguns dos quais bem florescentes e reunindo bons elementos para a disputa de uma prova de honra”.¹¹

A iniciativa da Liga Suburbana deveu-se ao Riachuelo Football Club. O clube foi criado em 19 de outubro de 1905, na Rua Diamantina, no bairro do Riachuelo (local em que residia Carlos) e logo em seu segundo ano de existência (1906) fez parte da Liga Metropolitana de Futebol (que hoje chamamos de Campeonato Carioca), mas jogando a 2ª divisão. Vencedor daquela edição, se credenciou para disputar a partida de acesso contra o último colocado da seção principal, o Football and Athletic Club, mas foi derrotado por 5 a 2 e, pelo regulamento da época, deveria seguir na divisão de acesso pela temporada seguinte (1907). Sem o desejo de permanecer naquelas condições para a disputa, o clube foi um dos líderes da iniciativa de organizar a Liga Suburbana de Futebol, isto é, uma nova competição na qual faria parte do grupo principal, como forma de demonstrar sua força no Rio de Janeiro, a qual estava associada ao bairro do qual fazia parte e cujo nome era o mesmo da agremiação.

⁹ BERNARDES; SOARES. *Rio de Janeiro: cidade e região*, p. 105-6.

¹⁰ O PAIZ, 21 mar. 1907, p. 4.

¹¹ O PAIZ, 15 mar. 1907, p. 3.

O Riachuelo Football Club foi fundado por membros da família Joppert e contava em seus quadros com indivíduos do que podemos chamar da elite, já que, de acordo com o *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*,¹² os irmãos Armando, Carlos e Gustavo atuavam, respectivamente, como dentista e corretores mercantis no início do século XX, profissões, aliás, bem distintas às de estafetas e *chauffers* que também praticavam o futebol nos subúrbios cariocas. A boa relação da família com o poder público, por exemplo, lhes garantia que apesar de o bairro em que viviam possuir problemas (falta de calçamento em ruas recém-criadas, falta de saneamento e falta de policiamento) a Rua Diamantina, na qual foi fundado o clube, era apontada como um logradouro dos mais salubres do bairro, ainda que desprovida de calçamento. Segundo a *Revista da Semana*, um dos destaques do bairro se deve justamente à ação dos Joppert:

Tem um centro sportivo, onde o “foot-ball” é entusiasticamente cultivado e em cujo “ground” se reúnem na estação respectiva as principaes famílias da localidade, que vão levar os seus aplausos á mocidade que se exercita e que lhe proporciona horas de inteira satisfaçāo nos arriscados lances do vulgarizado e estimado “sport”.¹³

O centro esportivo ao qual a matéria se refere é o campo do Riachuelo F.C. que, àquela época (1909), não fazia mais parte da Liga Suburbana de Futebol, mas ainda desenvolvia de forma ativa suas atividades junto aos seus sócios. Assim como ele, muitos clubes não faziam parte da competição e nem por isso tinha restringido o seu desenvolvimento esportivo.

Buscando se fortalecer e ser reconhecida na Capital Federal, a Liga Suburbana procurou contar com o apoio do poder público da época, já que os clubes considerados de elite do Rio de Janeiro conseguiram alcançar tal objetivo. Segundo a *Gazeta Suburbana*:

O Dr. Paulo de Frontin foi convidado para assistir ao festival da *Gazeta Suburbana*

Estiveram hontem na Prefeitura, os Srs. Cesarino Cesar e coronel Nestor Antenor de Paula Arêas, que foram convidar o illutre prefeito, Dr. Paulo de Frontin, para assistir ao grande festival sportivo que a *Gazeta*

¹² ALMANAK LAEMMERT: Admnistrativo, Mercantil e Industrial, 1907, p. 457.

¹³ REVISTA DA SEMANA, 21 mar. 1909, p. 6.

Suburbana realiza no dia 14 do corrente, no campo do antigo Royal F.C., á rua Dias da Cruz, na estação Meyer.

Estando enfermo o preclaro administrador municipal, o convite ficou entregue ao ilustre secretario de S. Ex. e Dr. Henrique de Toledo Dodsworth Filho.

Sendo o Dr. Frontin o patrono da prova principal do grande festival, entre os teams do exercito e da marinha, ofereceu aos quadros vencedor uma rica taça de prata.¹⁴

Os festivais esportivos, de forma geral, podem ser considerados como uma forma importante de valorização dos esportes antes e depois da criação de competições organizadas. Mais do que uma espécie de grande reunião de amantes dos esportes, eles eram eventos sociais e, como tais, importantes para os membros da sociedade em que aconteciam, sejam aqueles influentes do ponto de vista social, ou mesmo aqueles que apenas desejassesem se fazer presentes e acompanhar o acontecia ali. Nas regiões suburbanas, eles aconteceram bastante e eram organizados pelos clubes e entidades daquelas localidades, como o periódico *Gazeta Suburbana*, que realizava frequentemente um festival com o seu nome.

É importante percebermos, com base na análise da fonte acima, que tais acontecimentos também podem e devem ser considerados como um grande espaço de sociabilidade, isto é, uma oportunidade de membros da elite suburbana reforçarem sua imagem e relevância social nos locais em que frequentavam. Para tanto, uma forma de demonstrar prestígio perante os demais membros era a proximidade com as autoridades públicas, como, no caso acima, a figura do prefeito do Rio de Janeiro Paulo de Frontin, o qual, embora fosse indicado para o cargo pelo Presidente da República, precisava contar com a simpatia dos seus governados e a presença em eventos esportivos era, desde os tempos do Imperador, uma forma de alcançar isso.

De acordo com Souza:

Para a elite política republicana, a presença em eventos esportivos garantia visibilidade entre os espectadores das arquibancadas e os leitores de colunas esportivas, que noticiavam a presença de homens públicos nas tribunas. Ademais, estes mandatários colavam sua imagem a valores então associados à prática esportiva, como modernidade, civilidade, higiene e civismo. Os políticos locais, por sua vez, retribuíam

¹⁴ GAZETA SUBURBANA, 11 dez. 1919, p. 12.

as gentilezas dos clubes e ligas patrocinando seus eventos e arcando com os custos das taças e dos troféus disputados nessas ocasiões.¹⁵

Para os políticos, a presença nos eventos esportivos visava demonstrar seu prestígio, como aponta o autor, como a doação de taças com os seus nomes. Tal cenário, importante destacar, também se fez presente nas atividades suburbanas, como aponta o *Gazeta Suburbana*, em relação ao prefeito Paulo de Frontin, que, inclusive, não foi o único, já que outros chefes do Poder Executivo Municipal também fizeram o mesmo, como o prefeito Carlos Sampaio, de acordo com *O Paiz*:

UMA OFFERTA DO PREFEITO Á LIGA SUBURBANA – O Dr. Carlos Sampaio, prefeito do Distrito Federal e membro honorário da Liga Suburbana, oferece uma valiosa taça, para ser disputada pelos dois clubs da Serie A da Liga Metropolitana, que tomarão parte no festival da sub-liga.¹⁶

Souza destaca que esta postura, tal qual teve o prefeito Carlos Sampaio, era comum e possuía um padrão:

Em todos os casos, o rito era o mesmo: o comprador da taça dava nome ao prêmio; tinha a benfeitoria noticiada pelos jornais, que não poupavam elogios ao patrocinador; a taça ficava exposta durante dias, às vezes semanas, em uma importante casa comercial, com o nome do seu comprador estampado na vitrine; e, por fim, no dia da competição, o patrono do troféu era convidado a entregá-lo ao vencedor da contenda, ocupando assim o foco central das atenções no ponto máximo do evento esportivo. A taça ou estatueta era então levada à sede social do clube vencedor e permanecia exposta durante todo ano em sua sala de recepção. Monumentalizada pelo rito, a taça se convertia em lugar de memória, perpetuando a lembrança de sua disputa, de seu vencedor e de seu patrocinador – não raro, como vimos, um político local.¹⁷

A existência de um padrão para as relações entre agentes políticos e entidades esportivas demonstra que este cenário não era fortuito, mas fazia parte das relações de poder estabelecidas naquele período, dentre as quais estava a utilização dos esportes como forma de valorização perante uma determinada comunidade. No Riachuelo, por exemplo, a família Joppert era bastante influente devido ao seu poder econômico e social, o que se refletia, na prática, na

¹⁵ SOUZA. A “Candidatura Sportiva” e outras aproximações entre esporte e política na Curitiba da Primeira República, 2016, p. 127.

¹⁶ O PAIZ, 09 set. 1921, p. 6.

¹⁷ SOUZA. A “Candidatura Sportiva” e outras aproximações entre esporte e política [...], p. 129.

administração do Riachuelo F. C., na construção de uma praça esportiva e na eleição de um dos seus membros para o cargo de deputado. Tal aproximação, como destaca Souza, ia além dos desejos mais imediatos de visibilidade e positivação da imagem, fazendo parte, portanto, de “uma ampla rede de relações de camaradagem e mesmo laços familiares ligava a classe política aos dirigentes esportivos”.¹⁸

LIGAS SUBURBANAS, SEGURANÇA E AGENTES POLÍTICOS

Os subúrbios cariocas eram regiões de grande complexidade social e isso se refletiu no desenvolvimento de suas práticas esportivas. A organização do futebol, por exemplo, ao longo da Primeira República foi permeada por aproximações e distanciamentos em relação ao Poder Público, como, por exemplo, os órgãos de segurança e os agentes políticos.

A Liga Suburbana, em 1919, se via envolta em debates sobre a violência registrada em seus jogos dentro e fora de campo, ainda que houvesse discursos disciplinadores referentes à conduta dos *sportsmen* por parte da *Gazeta Suburbana*. O periódico, que cobria as principais notícias a respeito dos subúrbios do Rio de Janeiro e das atividades esportivas que por ali aconteciam, considerava-se um dos principais responsáveis pela competição e naquele momento se via atordoado com alguns episódios que ocorriam nos jogos e fora dos jogos suburbanos. No duelo entre Bonsucesso x Engenho de Dentro, uma atitude do jogador Martins foi duramente criticada por não se enquadrar no padrão de bom comportamento almejado pelas atividades esportivas, como defendia o redator Cesarino Cezar, vítima da postura do jogador da equipe suburbana:

[...] o player Martins ao terminar o jogo, aproximou-se de uma compacta massa de senhoritas e senhoras e em voz alta e clara exclama:
Como é que a Liga Suburbana vai progredir?!

Pois se quem ali manda e dá as cartas é o bêbado chronista Cesarino Cezar.

Ora, tal procedimento é digno do seu autor:

Que me julguem a vasta roda desportiva e a imprensa do Rio onde há dezoito anos milito.

Provavelmente esse player que me não conhece, confundiu-me com algum habitual companheiro seu ou então perdeu de todo o uso da razão!

¹⁸ SOUZA. A “Candidatura Sportiva” e outras aproximações entre esporte e política [...], p. 129.

Qual a causa que determinou o player a proceder, eu ignoro! E, como não fui atingido pelo vil insulto, aconselho ao mentiroso e grosseiro player que se envolva com os comparsas da sua camarilha e não venha procurar com os salpicos da sua peçonhenta baba manchar reputações inatacáveis.¹⁹

Cezarino Cezar foi um jornalista gaúcho que por mais de duas décadas atuou na cobertura dos Subúrbios do Rio de Janeiro e antes de ingressar na carreira jornalística atuou como auxiliar de escrita na Imprensa Nacional. Com passagens pela Revista do Commercio, chegou ao *Gazeta Suburbana* em 1919 e logo se tornou o representante deste veículo de comunicação para os assuntos esportivos, representando-a perante a Associação de Cronistas Desportivos e junto autoridades políticas, como o prefeito do Rio de Janeiro Paulo de Frontin. Casado com professora municipal Nadina Agrella, fez sua vida nos arrabaldes cariocas e era considerado alguém “que em matéria de sport tem amplos e acentuados conhecimentos”.²⁰

Ao interpretar à luz das fontes e pressupostos metodológicos, podemos perceber que a reação, a agressão verbal de Martins foi condenada há um século, todavia o papel do historiador não é julgar os fatos pretéritos, mas interpretá-los à luz das fontes e metodologias disponíveis. Neste sentido, podemos perceber que a reação de Cezarino Cezar, para além da indignação pessoal por ter sido ele vítima de uma violência, demonstra o descontentamento com um comportamento diferente do esperado naquela atividade esportiva. A fim de evitar atos de violência e outras condutas que se chocasse com os ideais de bom comportamento atribuídos aos sportsmens, os organizadores das competições e dos clubes estabeleciam critérios para participação, como fatores financeiros, atividade profissional e até local da prática esportiva, isto é, uma forma proposital destes agentes de estabelecerem critérios para se distinguirem de outros grupos.

Com a Associação Athletica Suburbana, uma das instituições que buscava organizar o futebol nos subúrbios cariocas, não era diferente, mas a rigidez demonstrada por ela não afastava a associação de clubes suburbanos na virada da década de 1910 para 1920. De acordo com o *Jornal do Commercio*,²¹ a partir do novo

¹⁹ GAZETA SUBURBANA, 02 ago. 1919, p. 7.

²⁰ GAZETA SUBURBANA, 12 jul. 1919, p. 3; GAZETA SUBURBANA, 10 maio 1919, p. 3.

²¹ JORNAL DO COMMERCIO, 28 fev. 1920, p. 6.

decênio, a entidade, como sinal de maior procura por parte dos clubes suburbanos, aumentou o valor cobrado como joia para 40\$000 como necessário para ingressar na entidade. Neste momento, sua sede deixou de ser em Cascadura para ficar na Rua Domingos Lopes, em Madureira, ao mesmo tempo que alguns clubes que antes estavam na Liga Suburbana passaram a pleitear um lugar junto a também conhecida como “Liga dos Subúrbios”. Um dos casos mais emblemáticos neste processo foi a aceitação como sócio do The Rio Football Club, que havia sido fundado em 12 de julho de 1902, no bairro de Botafogo, sendo o primeiro clube voltado para a prática do futebol de que temos registro na até então Capital Federal. Além da prática do futebol, o clube “era uma agremiação de nacionais e britânicos que tinha por pretensão se dedicar a outras modalidades, não somente ao ludopédio”,²² e participou por alguns anos da competição União Esportiva Fluminense, que envolvia algumas equipes da cidade de Niterói e Zona Sul do Rio de Janeiro. Em 1919, entretanto, o clube havia disputado a Liga Suburbana de Futebol, mas em 1920, segundo o periódico *A Razão*,²³ desejava se filiar à Associação Athletica Suburbana por não concordar com parte de seu estatuto. A troca, todavia, contou com protestos do então presidente da Liga Suburbana, Guilherme Paraense, junto à Athletica Suburbana, como o representante do Sport Club Irajá, que disputava esta competição.

Interessante notar a circulação social que possuía Paraense entre as entidades dos subúrbios cariocas, ao ponto de ele ser sócio de mais de uma delas, o que permite enxergá-lo como um dos *sportsmen* do Rio de Janeiro naquele período. Tenente do Exército, ele compunha socioeconomicamente uma classe intermediária no Rio de Janeiro do primeiro quartel do século XX. Contudo, na região, sua patente o destacava e o aproximava da aristocracia suburbana. Ao mesmo tempo, ele era um grande entusiasta dos esportes e já havia composto a diretoria do Cascadura F.C., antes de chegar à presidência da Liga Suburbana de Futebol, em 1919. Sua grande glória, no entanto, seria alcançada em 1920 quando conquistou o campeonato mundial de tiro de revólver. Ainda assim, sua voz foi a única contra o regresso do The Rio F.C. à Athletica Suburbana, o que não impediu que a movimentação fosse aprovada.

²² MELO. Evidência e especulação: “A origem” do futebol no Rio de Janeiro (1898-1902), 2017, p. 929.

²³ A RAZÃO, 13 abr. 1920, p. 7.

A década de 1920 marcou as ações da Associação Athletica Suburbana no sentido de manter o alto nível de sua competição e, de certa forma, de tentar impedir a desordem que assolava os gramados do Rio de Janeiro por meio da violência. Mario de Araujo, jogador do S.C. Irajá, por exemplo, teve a sua matrícula cassada após agredir com um pedaço de madeira o adversário José da Silva, que defendia o Fidalgos F.C, como publicou o *A Razão*.²⁴ Importante destacar que, de acordo com o noticiado pelo periódico, não eram apenas os indivíduos dentro do campo que causavam confusão, mas também aqueles fora das quatro linhas, como dirigentes dos clubes e até mesmo torcedores, como o sr. Manuel Antunes Baptista, cuja presença foi vedada em jogos organizados pela Associação Athletica Suburbana “por ser um elemento provocador de distúrbios e descréditos desta Associação”.²⁵ A arbitragem também era um alvo constante de violência, como o juiz da partida entre os 3º times de Yolanda e Comercial, em 1922, que foi agredido pelo jogador João Antonio Cruz, do Yolanda, mas que, de acordo com o art. 53 do Estatuto da Associação Athletica Suburbana, seria suspenso apenas por apenas 8 dias.

Este elemento pode ser percebido em outro episódio nos subúrbios cariocas, como quando o Olaria F.C. se organizou para realizar um festival em benefício dos guardas noturnos que atuavam na segurança da região. A presença da força policial no futebol carioca organizado é grande desde os seus primórdios e com o aumento do nível de tensão de algumas partidas e competições isso se tornou mais forte como, em 1917, ficou decidido que os agentes de segurança pública, a fim de conter as brigas que ocorriam nos duelos futebolísticos, adotariam algumas medidas novas. *O Imparcial* publicou que:

Deante das desordens e conflitos ultimamente verificados em nossos grounds de football, sabemos que a polícia vai tomar sérias providências, afim de punir com rigor os responsáveis por tão degradantes cenas.

Dentre as medidas que vai a polícia tomar, nesse sentido, salientam-se:

- a. Todas as partidas de football serão presididas por um suplente ou commissário de polícia;
- b. Guardas civis e praças de Brigada reforçarão o policiamento, fazendo cordão de isolamento para garantir jogadores e referees;
- c. As grades que circundam os fields terão uma cerca de altura a impedir que possa o campo ser invadido;

²⁴ A RAZÃO, 25 jun. 1920, p. 6.

²⁵ A RAZÃO, 25 jun. 1920, p. 6.

- d. As directorias dos clubs serão obrigadas a auxiliar eficazmente a polícia nesse serviço;
- e. No caso de ser ainda verificadas desordens, será aberto inquérito e punidos os promotores ou cassada a licença do club local, se fica provada a culpabilidade.²⁶

A garantia da ordem foi uma preocupação constante ao longo de toda a Primeira República Brasileira e o futebol não ficou alheio a isso. A desorganização nos jogos da Associação Athletica Suburbana ganhou espaços cada vez maiores na imprensa. Na reta final do campeonato de 1927, por exemplo, as brigas dentro de campo e a alteração de resultados geravam dúvidas sobre a lisura da entidade, como apontou *A Rua*:

O encontro 3 de Maio x Commercial foi interrompido pela invasão de campo por assistentes que ainda raptaram o juiz e o representante!!...
O encontro do campeonato da série B, entre o 3 de Maio e o Commercial, teve um desfecho sensacional.

Segundo nos informaram o jogo transcorria regularmente e ao faltarem 10 minutos para o final, os assistentes não se conformando com uma decisão do juiz da partida, invadiram o campo, provocando um serio incidente e. na forma do costume... o “pao comeu” de verdade...

Feita a digestão e, assim acalmados os ânimos, os dois quadros mantinham-se em campo, promptos a recomeçarem o jogo, mas as “torcidas” não consentiram e, parodiando os paulistas, sentaram e deitaram em campo.

A vista disso, o juiz deixou de continuar o jogo e, em companhia do representante, dirigiu-se para a sede do club local para preencher os requisitos do boletim.

Novamente as torcidas entraram com o seu jogo e após driblarem o juiz e o representante os levaram de roldão em meio delles, deixando os diretores do 3 de Maio em apuros.

Quando o jogo foi suspenso o 3 de maio estava vencendo por 3 goals a 2.

Nos segundos teams o 3 de Maio venceu ainda por 2 a 0.

Entretanto, não estranharemos se hoje, o boletim do jogo der entrada na Associação com outro resultado.

Hoje tudo é possível no infeliz sport suburbano.²⁷

O aumento no registro de violência envolvendo partidas das ligas suburbanas no final da década de 1910 e na de 1920 não constitui uma exclusividade dos duelos que ocorreram nos arrabaldes, já que em outras competições, como a Metropolitana, também podemos encontrar cenário parecido.²⁸ Por isso, ainda que possam ter sido

²⁶ O IMPARCIAL, 30 nov. 1917, p. 8.

²⁷ A RUA, 22 nov. 1927, p. 4.

²⁸ PEREIRA. 2000.

um fator importante, ele está longe de ser determinante para a perda de força dos torneios nos anos seguintes, sobretudo a partir dos anos 1930.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro, ao longo da Primeira República (1889-1930) é um dos bons exemplos para analisar a complexidade deste importantíssimo período histórico, Nicolau Sevcenko (1987), ao escrever a orelha do livro *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, de José Murilo de Carvalho (1987), destacou que “todas as feições mais marcantes da sociedade brasileira contemporânea se definiram com nitidez cristalina nos primeiros decênios do período republicano”²⁹ e naqueles primeiros momentos a repressão e a exclusão oficial foram o tom do novo regime político. Assim, a maior parte da população se viu alijada das decisões políticas, o que permitiu a Jorge Ferreira e Lucila de Almeida Neves Delgado (2008) denominarem este período como “o tempo do liberalismo excludente”, o qual foi o subtítulo de um importante livro que organizaram sobre o tema.³⁰

Não obstante, como também advoga o próprio Carvalho:

No entanto, havia no Rio de Janeiro um vasto mundo de participação popular. Só que este mundo passava ao largo do mundo oficial da política. A cidade não era uma comunidade no sentido político, não havia o sentimento de pertencer a uma entidade coletiva. A participação que existia era fragmentada. Podia ser encontrada nas grandes festas populares, como as da Penha e da Glória, e no entrudo; concretizava-se em pequenas comunidades étnicas, locais ou mesmo habitacionais; um pouco mais tarde aparecia nas associações operárias anarquistas. [...] Um pouco depois, o futebol, esporte de elite, foi também apropriado pelos marginalizados e se transformou em esporte de massa.³¹

Temos, portanto, uma dupla situação a respeito das visões sobre a participação popular durante a Primeira República: “De uma afirmação inicial de apatia, de inexistência de povo, passa-se então para outra, que afirma a presença de

²⁹ CARVALHO. 1987, p. 1.

³⁰ FERREIRA; DELGADO. 2008.

³¹ CARVALHO. *Os bestializados*, p. 38.

elementos da população politicamente ativos"³² sendo o ludopédio uma das maneiras de perceber isso. Tal perspectiva vai ao encontro das reflexões de Sidney Chalhoub³³ na obra *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*.

Se com José Murilo de Carvalho fomos levados à reflexão acerca dos modos de organização e exercício da cidadania durante a Primeira República para além dos mecanismos oficiais por parte dos trabalhadores, pobres, ex-escravizados e analfabetos, com Sidney Chalhoub mergulhamos no cotidiano dos trabalhadores cariocas no mesmo período. Neste espaço, dentre outros aspectos, comprehende-se que existe uma verdadeira “política do cotidiano” que caracteriza a dinâmica de funcionamento desses microgrupos socioculturais, o que é influenciado por determinações históricas mais amplas, mas ressignificado no dia a dia e de acordo com cada situação.

O olhar para o cotidiano permite que possamos enxergar rompimentos à suposta exclusividade do exercício da cidadania aos homens brancos e letrados durante à Primeira República e uma dessas brechas, como demonstrado por Carvalho, estava no futebol. Ao nos debruçarmos sobre os subúrbios carioca e sua relação com este esporte, percebemos que existiram maneiras para os suburbanos negociarem com o novo regime político, do mesmo modo refletimos sobre a própria complexidade que compõe a formação social, econômica e cultural do suburbano, uma vez que existiam aqueles que se enquadravam como parte da elite carioca.

* * *

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Lysia M. C.; SOARES, Therezinha de Segadas. **Rio de Janeiro: cidade e região**. Rio de Janeiro: Sec. Mun. Cultura: Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1990.

³² CARVALHO. *Os bestializados*, p. 43.

³³ CHALHOUB. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*, 2008.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

FERNANDEZ, Renato Lanna. **Fluminense Foot-ball Club**: A construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933). Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: FGV, 2010.

MATTOS, Lucas Nascimento de. **Um jogo de ocupação de espaços**: o Club de Regatas Vasco da Gama no caminho da urbanização e o papel do futebol na (re)produção do espaço urbano (1915-1942). Niterói: UFF (Dissertação), 2022.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Faperj, 2001.

MELO, Victor Andrade de. Evidência e especulação: “A origem” do futebol no Rio de Janeiro (1898-1902). **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, jul/set. de 2017.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902/1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Jhonatan Uewerton. A “Candidatura Sportiva” e outras aproximações entre esporte e política na Curitiba da Primeira República. **Vozes, Pretérito & Devir**, Dossiê: “História dos esportes”, v. 5, n. 1, 2016.

Fontes

Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial.

A Razão.

A RUA.

Gazeta Suburbana.

Jornal do Brasil.

Jornal do Commercio.

O Imparcial.

O Paiz.

Revista da Semana.

* * *

Recebido em: 02 maio 2025.
Aprovado em: 18 nov. 2025.

O amigo do meu inimigo é meu amigo? Violências no futebol brasileiro e alianças entre Torcidas Organizadas

Is my enemy's friend my friend?
Violence in football and alliances between football supporters

Nicolás Cabrera

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Doutor em Antropologia, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina
nico_cab@hotmail.com

Raquel de Oliveira Sousa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Doutoranda em Ciências Sociais, UERJ

João Vitor Cardoso Sudário

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil
Mestrando em Geografia, UFF

RESUMO: O presente artigo analisa as dinâmicas de violência envolvendo Torcidas Organizadas no contexto do futebol brasileiro. Para tanto, recorre ao conceito de “síndrome de beduíno”, fundamentado em lógicas relacionais de amizade e inimizade entre os grupos referidos. A pesquisa, conduzida pelo Observatório Social do Futebol (UERJ), apresenta um mapeamento inédito de 52 Torcidas Organizadas, distribuídas em cinco grandes alianças nacionais, por meio de uma cartografia digital interativa e em constante atualização. A partir desse recurso cartográfico, investigam-se as formas pelas quais essas redes influenciam práticas de sociabilidade, mobilidade territorial e a ocorrência de episódios violentos. O texto percorre a genealogia da categoria “síndrome de beduíno”, detalha a metodologia empregada na elaboração do mapa e discute os principais resultados obtidos. Trata-se de uma contribuição original e interdisciplinar, que propõe uma ferramenta analítica e aplicável ao planejamento de políticas públicas e à gestão de conflitos no âmbito do futebol brasileiro.

PALAVRAS-CHAVES: Violência; Torcidas Organizadas; Futebol; Síndrome de beduíno; Política pública.

ABSTRACT: This article examines the dynamics of violence involving *Torcidas Organizadas* within the context of Brazilian football. To this end, it draws on the concept of the “bedouin’s syndrome”, grounded in relational logics of friendship and enmity among the aforementioned groups. The research, carried out by the *Observatório Social do Futebol (UERJ)*, presents an unprecedented mapping of 52 *Torcidas Organizadas*, distributed across five major national alliances, through a permanently updated and interactive digital cartography. Using this cartographic tool, the study investigates how these networks influence sociability practices, territorial mobility, and the occurrence of violent episodes. The text traces the genealogy of the *síndrome de beduíno*, outlines the methodology employed in the construction of the map, and discusses the main findings of the research. It offers an original and interdisciplinary contribution, proposing an analytical tool applicable to the formulation of public policies and the management of conflicts in the realm of Brazilian football.

KEYWORDS: Violence; Torcidas Organizadas; Football; Síndrome de beduíno; Public policy.

INTRODUÇÃO

O futebol no Brasil se apresenta como um movimento dotado de privilégios para compreender os processos de nossas sociedades contemporâneas. Palco de diferentes conflitos, uma das temáticas que garantem maior espaço nos estudos sobre o futebol diz respeito aos problemas enfrentados a partir dos casos de violência. De acordo com o relatório produzido pelo Observatório Social do Futebol (UERJ),¹ o Brasil é um dos países com mais casos de violência registrados em contextos futebolísticos quando comparado aos olhares de outros países do cone sul. Consequentemente, urge a necessidade de se ampliar os estudos sobre esta temática de maneira interdisciplinar considerando a urgência da problemática.

A tentativa de reconstrução do panorama das violências que perpassam o futebol se mostra, como ressaltado, em um exercício interdisciplinar com diferentes campos das Ciências Humanas, levando em consideração ferramentas específicas de cada saber. Para isso, é preciso dar a importância aos diferentes sujeitos que trazem na dinâmica do futebol o elemento do torcer, ou seja, é preciso considerar a dimensão dos torcedores e suas relações de amizade e rivalidade para compreender parte das violências no futebol.

Neste sentido, a pesquisa em questão busca observar o fenômeno da formação das alianças entre Torcidas Organizadas de futebol no Brasil, suas relações pautadas em condutas de amizade e inimizade e, por fim, relacionar a presença de tais condutas de agressão/não-agressão, amizade/inimizade, amigo/inimigo com as ocorrências de violência entre os diversos sujeitos que organizam o futebol em sua esfera torcedora.

Para ilustrar a dinâmica dos pares citados anteriormente, intencionou-se a construção de um produto cartográfico elaborado pelos autores deste texto que foi publicado ao longo dos desdobramentos do relatório “Violências no futebol brasileiro”, no ano de 2024, pelo Observatório Social do Futebol. A construção do mapa se justifica a partir da capacidade descritiva e explicativa das relações de amizades e inimizades entre as Torci-

¹ CABRERA et al. *Violência no futebol brasileiro: relatório do Observatório Social do Futebol*, 2024.

das Organizadas em escala nacional. Estas afinidades e hostilidades não são um fenômeno recente e nem especificamente local. Casos similares em outros países, assim como no Brasil retratam, ao longo da evolução histórica, um fenômeno muito dinâmico.

Por tudo isso, a presente pesquisa se desenvolverá em questões que aprofundam categorias sociais como a “síndrome de beduíno” para demonstrar paralelos com as ocorrências de violência no futebol. Posteriormente, detalha o caminho metodológico de sua construção cartográfica, de maneira interativa, como ferramenta para o auxílio do entendimento das dinâmicas de mobilidade entre as torcidas e a formação de suas alianças, sem perder de vista sua ligação com os conflitos violentos.

Em resumo, este trabalho apresenta uma ferramenta cartográfica interativa que visa subsidiar não apenas o entendimento das dinâmicas de mobilidade e conflito, mas também a formulação de políticas públicas voltadas à segurança, à mediação de conflitos e à promoção da cultura da convivência no ambiente esportivo. Ao integrar uma abordagem interdisciplinar com a proposição de soluções aplicadas, esta pesquisa reforça o papel estratégico das políticas públicas na transformação de contextos marcados pela violência em espaços de convivência democrática e inclusão social.

GENEALOGIA DO SÍNDROME DE BEDUÍNO

A Inglaterra, o Brasil e a Argentina são, possivelmente, os primeiros países nos quais se desenvolveram os estudos sobre os torcedores organizados em torno de clubes de futebol. Em todos esses casos, predomina uma perspectiva nacio-cêntrica,² o que é compreensível, uma vez que, a evolução do futebol sempre esteve intrinsecamente associada à configuração dos Estados-nação. Assim, para compreender as Torcidas Organizadas, é essencial analisar o Brasil; para interpretar as *barras bravas*, é necessário considerar a Argentina; e para estudar os *hooligans*, torna-se imprescindível refletir sobre a

² ELIAS. *El proceso de la civilización*, p. 71.

Inglaterra. No entanto, essa perspectiva nacional não exclui o fato de que esses diferentes grupos de torcedores organizados compartilham diversas características, já que são referenciais empíricos contextualmente diferentes, mas analiticamente comparáveis.³

Ao revisar a bibliografia especializada sobre Torcidas Organizadas, *barras bravas* e *hooligans*, é possível identificar diversos elementos em comum. Em primeiro lugar, trata-se de grupos organizados de torcedores de futebol, estruturados hierarquicamente e com forte identidade associada ao clube. Além disso, esses coletivos se mobiliam para acompanhar suas equipes tanto em partidas como mandante, quanto como visitante, promovendo manifestações festivas nas arquibancadas. Do ponto de vista sociológico, esses grupos são heterogêneos, embora sejam predominantemente compostos por homens jovens e adultos que se identificam como heterossexuais e pertencem, majoritariamente, às classes médias e populares. Outro aspecto comum é a construção de uma cartografia simbólica de caráter belicoso, na qual se delineiam territórios próprios a serem defendidos, espaços alheios a serem invadidos e zonas neutras passíveis de conquista. Por fim, em todos esses casos, observa-se a presença de um complexo sistema de alianças e rivalidades, o que pode ser compreendido à luz da chamada “síndrome de beduíno”. É precisamente sobre este último aspecto que o artigo se propõe a aprofundar nesta seção.

É no contexto das décadas de 1970 e 1980 quando há o aumento do “pânico moral”⁴ contra os *hooligans* ingleses, visto que as brigas protagonizadas por eles ultrapassaram os limites nacionais e começaram a acontecer em outros países da Europa continental.⁵ Tal fato chamou a atenção da opinião pública, das autoridades competentes e da academia inglesa. Nesse contexto nascem os estudos nativamente chamados de *football hooliganism*. Entre eles destacam-se as pesquisas da Escola de Leicester, uma corrente que teve à frente o sociólogo Eric Dunning, discípulo de Norbert Elias. Com a intenção de compreender o fenômeno do hooliganismo sem cair na condenação social, os

³ CABRERA. Violencias en clave comparativa: juego de espejos entre la “barra brava” argentina Los Piratas y la “Torcida Organizada” brasileira Ira Jovem, p. 3.

⁴ GARLAND. Sobre o conceito de pânico moral, p. 38.

⁵ HOLLANDA. Os estudos do futebol na Inglaterra, 2021.

autores Eric Dunning, John Williams e Patrick Murphy, todos eles da Escola de Leicester, publicam seus primeiros trabalhos: *Hooligans abroad: the behavior and control of English fans in continental Europe* (1984); *The roots of football hooliganism: an historical and sociological study* (1988); e *Football on trial: spectator violence and development in the football world* (1989).

A partir da necessidade de compreender as violências cometidas pelos *hooligans* fora de casa, os autores da Escola de Leicester propuseram a ideia da “síndrome de beduíno”, buscando explicar as alianças e inimizades entre os grupos com base no seguinte princípio: “O amigo de um amigo é um amigo; o inimigo de um inimigo é um amigo; o amigo de um inimigo é um inimigo; “O inimigo de um amigo é um inimigo”.⁶

Sem aprofundar nas origens antropológicas do conceito – vinculado à noção de “linhagens segmentares” e “parentesco por ficção” desenvolvida por Evans-Pritchard,⁷ bem como à literatura sobre honra e moralidades⁸ – os autores britânicos da Escola de Leicester adotaram a expressão síndrome de beduíno a partir da classificação proposta pelo jornalista inglês Paul Harrison.⁹ O objetivo da Escola foi demonstrar a presença desse padrão relacional tanto nos bairros operários ingleses quanto entre os grupos de torcedores organizados do futebol. O elemento comum a ambos os contextos seria a intersecção entre classe e gênero, dimensões que deram origem a uma forma de “masculinidade agressiva”,¹⁰ por meio da qual alguns homens da classe trabalhadora se organizaram para o confronto físico. A partir desse referencial, os autores explicam, por

⁶ DUNNING; MURPHY; WILLIAMS. La violencia de los espectadores en los partidos de fútbol, p. 308 (tradução nossa).

⁷ Os conceitos de “linhagens segmentares” e “parentesco por ficção” foram desenvolvidos por E. E. Evans-Pritchard (1978) a partir de seu trabalho de campo com os Nuer. A ideia de “linhagens segmentares” refere-se a uma forma de organização social no qual os grupos (clãs) são formados por segmentos que se subdividem em segmentos menores, podendo se aliar entre eles dependendo da situação. O conceito de “parentesco por ficção” explica como, sob o padrão de parentesco, é esperado que as partes envolvidas se ajudem mutuamente, cooperando em certas situações como, por exemplo, os conflitos contra o inimigo em comum. EVANS-PRITCHARD. Os Nuer, p. 193.

⁸ PITT-RIVERS. *Antropología del honor o política de los sexos*, 1979.

⁹ HARRISON. Soccer's Tribal Wars, 1974.

¹⁰ DUNNING; MURPHY; WILLIAMS. La violencia de los espectadores en los partidos de fútbol, p. 310 (tradução nossa).

exemplo, como torcedores de diferentes clubes do sul de Londres se uniam para enfrentar, de maneira conjunta, torcedores de clubes da zona norte da cidade.

As reflexões da Escola de Leicester atravessaram rapidamente o Atlântico e chegaram à América Latina. Na Argentina, elas influenciaram diretamente as primeiras etnografias dedicadas ao fenômeno das *barras bravas* (como os trabalhos dos pesquisadores Pablo Alabarces, José Garriga Zucal, Gastón Gil, Verónica Moreira, Nicolás Cabrera). Nesses estudos, a síndrome de beduíno também é mobilizada como ferramenta explicativa do cotidiano das *barras*, embora, diferentemente dos britânicos, os pesquisadores argentinos enfocam com maior intensidade a dimensão moral e de honra do conceito.

O trabalho de Gastón Gil, por exemplo, demonstra como as inimizades oriundas da síndrome de beduíno estruturam uma lógica de reciprocidade violenta, na qual a vingança surge como uma obrigação moral diante de uma agressão praticada por uma *barra* rival. Segundo o autor, a *vendetta* consiste em uma “troca [que] se baseia na convicção de que o outro iniciou a cadeia de agressões que, se não respondidas, manchariam a honra do grupo de referência”.¹¹

As pesquisas da antropóloga Verónica Moreira¹² evidenciam como a síndrome de beduíno também pode ser utilizada para interpretar práticas fundamentais no universo moral das *barras* argentinas, como o roubo de bandeiras ou faixas. Tais “*trapos*” são símbolos de identidade, reputação e honra, funcionando como extensões do próprio corpo dos integrantes. Ser roubado ou perder um desses itens em combate representa uma das mais severas formas de humilhação e desonra. O grupo vencedor, sempre que possível, ostentará o “troféu de guerra”¹³ conquistado, deteriorando assim a reputação da *barra* adversária.

Não obstante, o conceito também tem sido empregado para elucidar práticas e rituais não violentos. A etnografia de Cabrera,¹⁴ por exemplo, investiga o reverso das

¹¹ GIL. *Hinchas en tránsito*, p. 88 (tradução nossa).

¹² MOREIRA. *Trofeos de guerra y hombres de honor*, 2005.

¹³ MOREIRA. *Trofeos de guerra y hombres de honor*, p. 94 (tradução nossa).

¹⁴ CABRERA. *Que la cuenten como quieran*, 2022.

inimizades: as amizades. Durante as viagens e caravanas em que as *barras* acompanham seus times como visitantes, é comum que a *barra* local – quando existe um histórico de amizade – receba os viajantes com banquetes de churrascos, bebidas alcoólicas e substâncias psicoativas. Trata-se de “ritos de comensalidade” entre “anfitriões e hóspedes”,¹⁵ que materializam as alianças. O anfitrião assume a obrigação de acolher o visitante, garantindo, em contrapartida, o direito de ser igualmente recebido quando viajar à sede da *barra* aliada. Essa reciprocidade de papéis invertidos solidifica os laços de amizade explicados pela lógica da síndrome de beduíno.

No Brasil, os primeiros esforços acadêmicos para compreender as Torcidas Organizadas sob a influência da Escola de Leicester não tardaram a surgir. Os estudos pioneiros de Pimenta,¹⁶ Toledo,¹⁷ Reis¹⁸ e Murad¹⁹ e outros posteriores (como os trabalhos dos pesquisadores Felipe Tavares Paes Lopes, Sílvio Ricardo da Silva, Nicolás Cabrera, Fábio Rezende) discutiram as violências associadas às torcidas a partir da lógica das amizades e inimizades. No entanto, foram os trabalhos de Teixeira²⁰ e Hollanda²¹ que aprofundaram a análise da lógica amigo/inimigo entre torcidas, à luz de padrões de reciprocidade próprios da lógica do beduíno.

Bernardo Borges Buarque de Hollanda,²² em sua tese de doutorado sobre a formação das Torcidas Organizadas de futebol do Rio de Janeiro, demonstra como nas décadas de 1960 e 1970, durante as caravanas para apoiar os clubes em outros estados, as Torcidas Organizadas começaram a estabelecer sistemas de apoio mútuo que obedeciam ao padrão da síndrome de beduíno. O autor observa que “para ter um aliado num estado da federação era forçoso ter como oponente a torcida do clube rival da região a

¹⁵ CABRERA. *Que la cuenten como quieran*, p. 193 (tradução nossa).

¹⁶ PIMENTA. *Torcidas Organizadas de futebol*, 1997.

¹⁷ TOLEDO. *Torcidas Organizadas de futebol*, 1996.

¹⁸ REIS. *A violência nos estádios*, 2000.

¹⁹ MURAD. *A violência e o futebol*, 2007.

²⁰ TEIXEIRA. *Os perigos da paixão*, 2004.

²¹ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, 2008.

²² HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, 2008.

que se comparecia”.²³ Mais uma vez, as alianças e inimizades se revelam como fruto das viagens das torcidas para acompanhar seus times.

Rosana Teixeira²⁴ retoma as raízes antropológicas do conceito para interpretar como as Torcidas Organizadas constroem relações recíprocas positivas – marcadas por lealdade, solidariedade e retribuição de favores –, mas também relações recíprocas negativas, nas quais são retribuídas provocações, invasões, confrontos, roubos e até mortes. A autora articula a “síndrome de beduíno” à teoria da dádiva de Marcel Mauss,²⁵ afirmando:

Entre as torcidas, é possível perceber a existência de dois circuitos: entre as amigas prevalece a retribuição de ‘respeitos’ (em que o não cumprimento pode levar à quebra da aliança), enquanto entre rivais é imperativo retribuir as ‘injúrias’ (o ‘troco’ na fala torcedora) sob pena de humilhação e perda de honra.²⁶

Em síntese, ao sistematizar e contrastar diferentes tradições nacionais de pesquisa sobre torcedores organizados – *hooligans* na Inglaterra, *barras bravas* na Argentina e Torcidas Organizadas no Brasil – percebe-se que, embora enraizadas em contextos históricos e culturais distintos, essas formas de associativismo torcedor compartilham uma lógica relacional que transcende fronteiras nacionais: a síndrome de beduíno. Ao cional, mas sim uma forma de comunicação moral codificada, enraizada em sistemas de reciprocidade que organizam o pertencimento, a honra e a identidade coletiva. Diante disso, mais do que patologizar tais grupos, torna-se necessário compreendê-los a partir de uma gramática própria, pautada em trocas, pactos e disputas que reproduzem um ethos de masculinidade e territorialidade.

Todos os trabalhos aqui discutidos descreveram e analisaram a síndrome de beduíno a partir de rigorosas investigações acadêmicas. No entanto, nenhum deles conseguiu reconstruir esse complexo sistema de amigos/inimigos para além de casos específicos, tampouco elaborou uma ferramenta didática de divulgação que permitisse compre-

²³ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 450.

²⁴ TEIXEIRA. *Os perigos da paixão*, 2004.

²⁵ MAUSS. *Ensaio sobre a dádiva*, 1974.

²⁶ TEIXEIRA. *Os perigos da paixão*, p. 142.

ender esse fenômeno de forma mais acessível e abrangente. A criação do “Mapa das Alianças entre Torcidas Organizadas (2024)”, desenvolvido pelo Observatório Social do Futebol, visa justamente preencher essa lacuna no contexto brasileiro. A seguir, apresentaremos a metodologia adotada para sua elaboração, bem como os resultados obtidos.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Torcidas Organizadas de clubes de futebol são caracterizadas por sua condição de relacionamento dinâmico entre seus integrantes e as demais torcidas, pautando-se em um par de relacionamento baseado nos princípios de amizade/inimizade. Levando este processo em consideração para a construção metodológica deste trabalho, o propósito do exercício em questão consistiu em mapear e analisar a distribuição espacial de 52 Torcidas Organizadas dos clubes de futebol brasileiro, com foco na construção dos movimentos de aliança entre elas. As cinco principais alianças encontradas durante a pesquisa foram: União Punho Cruzado (UPC); Dedo Pro Alto (DPA); União Punho Colado; Lado A e Lado B.

A opção pelas escolhas das cinco alianças citadas acima diz respeito a uma questão de reconhecimento histórico do papel de tais agrupamentos, visto que algumas torcidas tinham maiores tendências ao deslocamento para acompanhar seus clubes do que outras, aliado ao fato de que algumas dessas torcidas foram fundadas em momentos diferentes sendo, em alguns casos, pioneiras daquilo que posteriormente viria se chamar de torcidas “jovens”, como apresenta Teixeira²⁷ em obra chave para o estudo desse novo movimento de agrupamento torcedor.

Outra justificativa para a escolha das cinco alianças se deu pelo fato de abrange-rem uma grande parte do território nacional. Dentro do universo de 52 torcidas quantificadas em cinco alianças distintas, percebeu-se a ocupação dos espaços brasileiros em suas principais regiões, com torcidas e alianças dispostas desde a região sul até a o norte do país.

²⁷ TEIXEIRA. *Os perigos da paixão*, 2004.

ALIANÇA	INTEGRANTES
Punho Cruzado	Torcida Jovem do Flamengo, Camisa 12, Torcida Tricolor Independente, Máfia Azul, Pavilhão Independente, Dragões Atleticanos, Pavilhão Jovem, Guerrilha, Facção Jovem, Torcida Jovem do Leão, Piratas Azulinos
Dedo Pro Alto	Força Jovem do Vasco, Ira Jovem Vasco, Torcida Jovem do Botafogo, Mancha Alvi-Verde, Galoucura, Império Alviverde, Mancha Azul, Mancha Verde, Geral do Grêmio, Força Jovem do Goiás, Ira Jovem Gama, Bamor Nova Era, Trovão Azul, Mancha Negra, Mancha Azul, Explosão Inferno Coral, Torcida Jovem do Botafogo, Garra Alvinegra, Cearamor, Esporão do Galo, Tubarões da Fiel, Torcida Uniformizada Terror Bicolor
Punho Colado	Young Flu, Raça Tricolor, Fúria Independente, Fúria Marcilista, Fúria Independente, Pavilhão 6, Máfia Vermelha, Falange Tricolor
Lado A	Leões da TUF, Fúria Jovem do Baraúnas, Máfia Vermelha, Jovem do Galo, Explosão Inferno Coral, Mancha Azul, Trovão Azul
Lado B	Terror Bicolor, Comando Alvi Rubro, Comando Alvinegro, TJF – Náutico Até Morrer, Torcida Jovem do Botafogo, Garra Alvinegra, Império Vermelho, Cearamor, Tubarões da Fiel, Torcida Uniformizada Terror Bicolor, Esporão do Galo, Jovem Crato, Fúria Icasiana.

Tabela 1 – Aliança entre Torcidas Organizadas.

A coleta dos dados para o levantamento do universo de pesquisa se deu a partir da construção de rede de contatos com integrantes, quadros diretores e redes sociais das torcidas. Os dados sobre quantas torcidas compõem cada aliança e quais são seus respectivos nomes foram alocados na TABELA 1 para que fique mais evidente. Em seguida, para ilustrar o processo de espacialização das alianças entre as torcidas, optou-

se por construir um produto cartográfico com funções interativas por meio de *pop-ups* a partir dos nós (pontos fixos) da rede de aliança que se constituía.

Na parte de espacialização dos dados levantados a partir da divisão entre alianças e quantidade de torcidas, foi preciso a elaboração de um produto cartográfico que ilustrasse de melhor maneira o mapeamento realizado durante a pesquisa. Além disso, como se intencionou a criação de um mapa que possibilitasse a interação dos usuários com as camadas criadas, foi estabelecido o uso de softwares de Sistema de Informações Geográficas (SIG's) de uso on-line.

Bugs & Gonçalves²⁸ afirmam que a escolha pela produção de uma cartografia digital interativa é uma revolução nas informações geográficas ao possibilitar ao usuário o pleno aprendizado do que está exposto e, também, garantem a informação em linguagens acessíveis e de orientação espacial de rápido impacto. Com esta técnica, foi possível espacializar as cinco grandes alianças divididas entre as 52 torcidas conhecidas durante a pesquisa de maneira a construir pontos fixos e linhas que simbolizam a dinâmica das redes.

No que tange a construção dos pontos fixos no mapa, localizamos a torcida a partir de três variáveis de endereços em critérios de eliminação, sendo: sede da torcida, posteriormente loja de materiais e, por último, o estádio em que o clube manda os jogos. Além disso, colocamos o emblema de cada uma delas para sinalizar sua localização no mapa. Os pontos fixos, ou nós, obedecem a uma lógica zonal de organização, visto que cada torcida está localizada em uma cidade e um estado. As linhas de ligação entre as torcidas, por sua vez, demonstram o caráter reticular das alianças e são expressadas no mapa em cores diferentes para destacar quando uma torcida pertence a uma ou outra aliança.

²⁸ BUGS; GONÇALVES. Uso da cartografia digital interativa para a participação popular na gestão e planejamento urbano, 2010.



Fig. 1 - Mapa do recorte das alianças lado A e lado B.
Fonte: Observatório Social do Futebol (UERJ).

Para além do processo de nós e linhas, o produto cartográfico contou também com a criação de *pop-ups* para cada uma das torcidas, contendo informações como imagem do escudo e da atuação na arquibancada, o clube ao qual se relacionam, o ano de fundação, lema e a rede social de contato. Quanto às linhas, também com o mesmo funcionamento, apresentam informações gerais da quantidade de torcida por aliança, quais são e seus respectivos estados.

RESULTADOS

A partir da discussão teórica que fundamenta o estabelecimento de redes de apoio mútuo e dos dados específicos acerca da metodologia, anteriormente apresentados, encontramos resultados significativos que podem nos auxiliar na compreensão das dinâmicas específicas dessas torcidas que integram as alianças. Baseando-se nos dados apresentados pelo Observatório Social do Futebol em seu relatório “Violências no Futebol Brasileiro”,²⁹ referente ao ano de 2023, foram registrados 158 casos de ocorrências de violência no

²⁹ CABRERA et al. *Violência no futebol brasileiro*, p. 7.

futebol no território brasileiro. Entre elas 87% eram referentes à violência física, 11% violência verbal e apenas 2% eram notícias acerca de outros tipos de violências.

Em referência aos episódios de confrontos físicos foram registrados 138 casos, havendo uma distribuição desigual entre os estados. Rio de Janeiro e São Paulo, juntos, somam quase 45% dos registros, maior volume dos casos, de acordo com o relatório.³⁰ Fato que demonstra uma sobrerepresentação do Sudeste.

Se considerarmos os principais atores envolvidos em episódios violentos, o trabalho mostra que a categoria “torcedores de times diferentes”³¹ representa 47% dos casos catalogados.³² A partir dessa informação, torna-se indispensável o conhecimento dessas redes de alianças para o entendimento das lógicas da violência praticada por parte de torcedores rivais.

Os clássicos estaduais são a máxima representação das rivalidades, em geral com a presença de torcidas que compõem alianças opostas, fato que pode influenciar na ocorrência de episódios violentos. No Rio de Janeiro, os clássicos com maiores ocorrências registradas pelo relatório do Observatório Social do Futebol no ano de 2023 foram Flamengo x Vasco (com 7 ocorrências), seguido dos jogos de Flamengo x Fluminense (com 3 casos). Entre os clássicos estaduais, os únicos que não tiveram ocorrências foram entre Vasco x Fluminense, tal qual entre Vasco x Botafogo, cujas algumas de suas torcidas são aliadas à União Dedo Pro Alto.³³

Outro clássico que contou com cenas de extrema violência foi o ocorrido em Recife, entre Sport x Santa Cruz, em fevereiro de 2025. É possível notar que as duas torcidas que entraram em confronto, Explosão Inferno Coral e Torcida Jovem do Leão, fazem parte de alianças diferentes e de longa rivalidade entre si. Enquanto a organizada do Sport é pertencente à União Punho Cruzado, a organizada do Santa Cruz é integrante de duas uniões, a Dedo Pro Alto e a Lado A.

³⁰ CABRERA et al. *Violência no futebol brasileiro*, p. 7.

³¹ Categoria explicativa utilizada no relatório produzido.

³² CABRERA et al. *Violência no futebol brasileiro*, p. 9.

³³ CABRERA et al. *Violência no futebol brasileiro*, p. 21.

Essas organizações são sociabilidades de suporte e ajuda mútua, fundamentais para as torcidas que viajam para acompanhar o seu clube. Visto que o Brasil é um país de dimensões continentais e suas torcidas acompanham todos os jogos, as relações entre as diferentes torcidas são essenciais para essa prática de deslocamento. As alianças servem de base e parceria no recebimento das caravanas, auxiliando na logística e, por vezes, até com presença na produção das festas nas arquibancadas. Consequentemente, devido à lógica da síndrome de beduíno, essas amizades são indissociáveis das inimizades, refletidas em disputas de poder e episódios de violências (físicas, verbais e simbólicas).

É necessário salientar que o mapa construído não reflete, necessariamente, as amizades e inimizades de cada uma das torcidas, mas demonstra a aliança de modo mais amplo, como um todo. Outro ponto importante a ser destacado é que as relações sociais que constroem essas alianças são dinâmicas, portanto, as amizades aqui apresentadas estão sempre em disputa, podendo sofrer alterações. Há diferentes “escalões” de níveis de participação nessas uniões, inclusive essas graduações são apresentadas nas próprias redes sociais das alianças. Por essa razão, o mapeamento levantado não reflete todas as torcidas que participam dessas redes, mas são apresentadas as principais torcidas que historicamente compõem as uniões.

De todas as 26 unidades federativas e somado o Distrito Federal, somente 9 estados³⁴ não possuem torcidas que integram alguma das cinco alianças, no entanto, todas as cinco regiões brasileiras estão representadas nessas redes. A união mais abrangente no território brasileiro é a Dedo Pro Alto (DPA), composta por 22 torcidas.³⁵ Seguida pela aliança Lado B que integra 13 torcidas nas regiões Norte e Nordeste. A união Punho Cruzado é a terceira maior com 11 torcidas e, assim como a aliança Dedo Pro Alto, também possui representantes em todas as cinco regiões brasileiras. A quarta maior aliança é a Punho Colado, com oito torcidas situadas nas regiões: sul, sudeste, norte e nordeste. E a quinta aliança que conta com maior número de torcidas é a Lado A, com sete Torcidas Organizadas na região nordeste.

³⁴ São eles: Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Amapá e Tocantins.

³⁵ Para conferir a listagem das torcidas, ver: Tabela 1.

Como afirmado anteriormente, as alianças Lado A e Lado B possuem uma característica mais regional, majoritariamente composta por torcidas do nordeste. Essas redes são uma ferramenta de fortalecimento, apoio, valorização do futebol e sociabilidades praticadas nessas regiões. O norte e o nordeste são regiões que foram influenciadas pelo futebol transmitido pelo sudeste,³⁶ por essa razão as redes Lado A e Lado B valorizam o futebol dessas localidades. Já as uniões Dedo Pro Alto (DPA), Punho Cruzado e Punho Colado são mais amplas e relacionam mais de duas regiões, apresentando-se com pretensões mais nacionais e estabelecem conexões com torcidas mais diversas.

Através das alianças é possível ter a compreensão de que esse tipo de rede é fundamental para o desenho explicativo da lógica das relações de amizade e inimizade, além de ser uma ferramenta para a avaliação de periculosidade de um determinado jogo de futebol. Se pensarmos em como isso se materializa na realidade, o senso comum tem em vista que os jogos com maiores riscos de violência seriam os clássicos, tais como, Palmeiras x Corinthians, Palmeiras x São Paulo e Palmeiras x Santos. Todavia, devido à lógica da síndrome de beduíno das alianças abordadas entre Torcidas Organizadas em outros estados, jogos que popularmente não poderiam apresentar risco são potencialmente violentos.

Por exemplo, o jogo entre Palmeiras e Atlético Mineiro possui um pequeno risco de violência entre torcidas, pois as principais Torcidas Organizadas de ambos os clubes compõem a União Dedo Pro Alto (DPA). No entanto, o jogo entre Palmeiras e Cruzeiro possui alto risco de episódios de violência, devido a principal Torcida Organizada do Palmeiras, Mancha Alvi-Verde, integrar a DPA e a principal torcida do Cruzeiro, a Máfia Azul, pertencerem à União Punho Cruzado,³⁷ com histórico recente de falecimento por conflito entre as torcidas.³⁸

³⁶ SANTOS. *Futebol e política*, p. 30.

³⁷ O histórico do acirramento das violências entre as duas torcidas tem início durante a década de 1980, após provocações da Torcida Organizada do Cruzeiro durante a homenagem da Mancha ao Cléo Sóstenes Dantas da Silva, um dos fundadores da Mancha, que foi assassinado. Ocasionando uma briga entre as duas torcidas. Depois houve alguns outros confrontos e o último ocorreu em outubro de 2024. A torcida Mancha Alvi-Verde e a torcida Máfia Azul se enfrentaram na estrada para o jogo. Na ocasião, 17 torcedores do Cruzeiro ficaram feridos e um integrante da respectiva Torcida Organizada veio a óbito.

³⁸ “Emboscada de palmeirenses contra cruzeirenses deixa um morto e outros 17 feridos, diz polícia”. Disponível em: <http://bit.ly/4lvWpGQ>.

Não há obrigatoriedade de uma torcida integrar somente uma união, principalmente em relação aos clubes do norte e nordeste com as uniões do Lado A e Lado B. Bem como não é possível inferir que todas as torcidas que estão em uma rede de União (Dedo Pro Alto, Punho Cruzado e Punho Colado), necessariamente, estarão na mesma rede de Lado (Lado A e Lado B). É possível compreender a multiplicidade das relações no seguinte exemplo: as torcidas Jovem do Botafogo (do Botafogo da Paraíba); Torcida Uniformizada Terror Bicolor (do Paysandu); Explosão Inferno Coral (do Santa Cruz); Mancha Azul (do CSA); e Trovão Azul (do Confiança) integram a DPA, porém a Torcida Jovem do Botafogo-PB e Torcida Uniformizada Terror Bicolor fazem parte da rede Lado B, enquanto as torcidas Explosão Inferno Coral, Mancha Azul e Trovão Azul pertencem ao Lado A.

Como resultado da produção dos mapas é possível notar a complexidade das sociabilidades entre as Torcidas Organizadas brasileiras. Essas redes são fundamentais para a construção de relações de amizade, no recebimento em caravanas ou campanhas de solidariedade, vide a enchente no Rio Grande do Sul, em 2024, que mobilizou diversas Torcidas Organizadas.³⁹ No entanto, seguindo a lógica da síndrome de beduíno, o estabelecimento das alianças também é importante na manutenção das rivalidades, segurança e apoio para as caravanas que chegam em um território enquanto visitantes. As amizades se baseiam em pactos de não agressão, enquanto as inimizades tendem a ser baseadas em pactos de agressão. Como toda a relação social, existem diferentes matizes que compõem essas redes.

A categoria socioantropológica da síndrome de beduíno, representada de modo gráfico, por meio do “Mapa das Alianças entre Torcidas Organizadas (2024)” é uma ferramenta fundamental para a compreensão e visualização das redes, para além da possibilidade de elaboração de esquemas de segurança para jogos por parte dos órgãos responsáveis, como: federações de futebol, guarda municipal, polícia militar, entre outros atores importantes. Portanto, o mapa pode contribuir para o estabelecimento de

³⁹ “Torcida Organizada do Flamengo faz ação solidária às vítimas do Rio Grande do Sul”. Disponível em: <https://bit.ly/4oJ0N8g>. “Vídeo: Mancha Verde e Gaviões da Fiel se unem e fazem doações ao RS”. Disponível em: <https://bit.ly/45QAx4a>.

políticas públicas de promoção da segurança no ambiente esportivo, com o fomento de uma ação pública cientificamente orientada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante perceber que o movimento da formação das alianças entre as Torcidas Organizadas de futebol no Brasil se apresentou como um movimento dinâmico no que diz respeito a suas relações. Além disso, é necessário ressaltarmos que muitas dessas torcidas passam, atualmente, por momentos de punição judicial sendo, em muitos dos casos, proibidas de frequentarem os eventos esportivos em escala nacional. Todavia, ainda que punidas de usar suas simbologias e adereços dentro dos palcos esportivos, os códigos de amizade/inimizade continuam prevalecendo quando acionados.

Torna-se preciso compreender que não se trata de um princípio inviolável, uma vez que, nos sobram exemplos de inimizades entre torcidas da mesma união, de amizades entre grupos de diferentes alianças ou torcedores do mesmo time brigando. Portanto, se faz necessária a seguinte explanação: o mapa não reflete as alianças e inimizades entre cada uma das torcidas que compõem a união, além disso o mapa apresenta quais são as torcidas – sobretudo as principais – que fazem parte de cada bloco, levando em perspectiva o todo como análise.

Estas alianças nascem, perduram ou terminam por diversos motivos: rivalidades regionais, relações de parentesco, amizades pessoais, auxílios em viagens, afinidade pelas cores, jogadores em comum, brigas históricas, mortos, mudança de diretoria etc. Tais alianças não explicam apenas as violências das Torcidas Organizadas, mas também materializam os vínculos de parceria, solidariedade ou ação social.

Em consequência, sobretudo para o campo da promoção de políticas públicas de segurança, acreditamos que o mapa em conjunto com a discussão teórica fomentada neste texto pode auxiliar o debate a partir de suas funções de ferramenta de apresentação e explicação da realidade a partir de novos olhares.

Além disso, a compreensão das relações contidas nos pactos de amizade/inimizade e explicitadas nas redes entre as torcidas contidas no produto cartográfico, possibilita caminhar para reflexões futuras sobre a integração dos sistemas de segurança como alternativa à violência no futebol e, por conseguinte, um aprimoramento das políticas públicas de segurança no esporte mais popular do país. Dessa maneira, portanto, este sistema de monitoramento das alianças a nível nacional pode auxiliar na prevenção de confrontos em situações extremas dentro do cenário futebolístico, criando um ambiente mais equilibrado para torcedores e torcedoras.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALABARCES, Pablo et. al. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.
- BUGS, Geisa; GONÇALVES, Alice Rauber. Uso da cartografia digital interativa para a participação popular na gestão e planejamento urbano. **Simpósio Integrado de Geotecnologias do Cone Sul-SIG-SUL**, 2010.
- CABRERA, Nicolás. **Que la cuenten como quieran**: pelear, viajar y alentar en una barra del fútbol argentino. Buenos Aires: Prometeo libros, 2022.
- CABRERA, Nicolás. Violencias en clave comparativa: juego de espejos entre la “barra brava” argentina Los Piratas y la “Torcida Organizada” brasiliense Ira Jovem. **Dilemas**, Rev. Estud. Conflito Controle Soc, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2024.
- CABRERA, Nicolas; SOUSA, Raquel de Oliveira; SUDÁRIO, João Vitor Cardoso; BANDEIRA, Thalisson Inácio. **Violências no futebol brasileiro**: relatório do Observatório Social do Futebol, n. 1, Rio de Janeiro, FCS/UERJ, 2024. E-book. Disponível em: <https://observatoriosocialfutebol.org/relatorio-violencias-no-futebol-brasileiro/>
- DA SILVA, Silvio [et al.]. **Torcidas Organizadas, coletivos e movimentos de torcedores**: um panorama nos dias atuais. (livro eletrônico) Campinas/SP: Mercado de Letras, 2023.
- DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John. La violencia de los espectadores en los partidos de fútbol: hacia una explicación sociológica. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1995, p. 295-322.

DUNNING, Eric; WILLIAMS, John; MURPHY, Patrick. **Hooligans abroad:** the behaviour and control of English fans in continental Europe. London: Routledge & Kegan Paul, 1984.

DUNNING Eric; WILLIAMS, John; MURPHY, Patrick. **The roots of football hooliganism:** an historical and sociological study. London: Routledge & Kegan Paul, 1988.

DUNNING, Eric; WILLIAMS, John; MURPHY, Patrick. **Football on trial:** spectator, violence and development in the football world. London: Routledge, 1990.

ELIAS, Norbert. **El proceso de la civilización:** investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1993

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Os Nuer.** São Paulo: Perspectiva, 1978

GARLAND, David. Sobre o conceito de pânico moral: on the concept of moral panic. In: **Delictae**, 4(6), 36-78, 2019.

GARRIGA ZUCAL, José. **Haciendo amigos a las piñas:** violencia y redes sociales de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeo, 2007.

GIL, Gastón. **Hinchas en tránsito:** violencia, memoria e identidad en una hinchada de un club del interior. Mar del Plata: EUDEM, 2007.

HARRISON Paul. Soccer's Tribal Wars. In: **New Society**, 29: 602-4, 1974.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Os estudos do futebol na Inglaterra: um balanço bibliográfico da produção acadêmica sobre hooliganismo. **História da Historiografia:** International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 14, n. 35, p. 289-318, 2021.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação:** o jornalismo esportivo e a formação de Torcidas Organizadas de futebol no Rio de Janeiro (1967-1988). Tese (Doutorado em História). PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2008.

LOPES TAVARES, Felipe. **Violência no futebol:** ideologia na construção de um problema social. São Paulo: CRV, 2019.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva:** forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: EPU, 1974, p. 37-178.

MOREIRA, Verónica. Trofeos de guerra y hombres de honor. In: ALABARCES, Pablo et al. **Hinchadas.** Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 75-90, 2005.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol:** dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

PIMENTA, Carlos. **Torcidas Organizadas de futebol:** violência e auto-affirmação, aspectos da construção de novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.

PITT-RIVERS, Julian. **Antropología del honor o política de los sexos.** Barcelona: Crítica, 1979.

REIS, Heloisa. **A violência nos estádios**. São Paulo: FAPESP, 2000.

REZENDE, Fábio Henrique França. **Os bondes de pista**: a briga como possibilidade de lazer para grupos de torcedores de futebol no Brasil. Dissertação de Mestrado (Estudos do Lazer), EEFPTO, UFMG, 2024.

SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Futebol e política**: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol. Dissertação (Mestrado em História, Política e bens culturais). Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2012.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2004.

TOLEDO, Luis Henrique. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas/SP: Autores Associados/ Anpocs, 1996.

* * *

Recebido em: 02 maio 2025.

Aprovado em: 16 ago. 2025.

Entre *ultras* y *barras* – prevención, represión y gestión del riesgo: las respuestas estatales frente a la violencia en el fútbol como espacio político-cultural en Italia y Argentina

Between Ultras and Barras – prevention, repression, and risk management: state responses to football violence as a political-cultural arena in Italy and Argentina

Luca Bifulco

Università degli Studi di Napoli Federico II, Napoli, Italia
luca.bifulco@unina.it

Diego Murzi

Universidad de San Martín, San Martín, Argentina

RESUMEN: Este artículo presenta de manera comparativa el abordaje estatal de la violencia en el fútbol como problema público en Italia y Argentina. El foco del trabajo está puesto en las respuestas públicas a la cuestión de la seguridad en los estadios a partir de la caracterización negativa de los grupos de hinchas organizados (ultras y barras respectivamente), construida desde el discurso social dominante, que se da en espejo en ambos países. Entre sus hipótesis, postula que hay una respuesta estatal muy similar a dos realidades diferentes (aún con rasgos comunes, subculturales), y que la similitud de ese modelo de gestión de la violecnia en el fútbol reside en una dimensión política, de control social y de gestión del riesgo. El artículo identifica una determinada lógica preventiva –en la cual la seguridad también tiene un valor ideológico y de poder– donde hay conflictos entre actores sociales con diferentes intereses (económicos, políticos, etc.), y donde emerge una relación compleja entre seguridad y libertad (en el derecho individual y en su diferente articulación en el contexto del estadio), todo ello en el marco del fútbol mercantilizado y devenido una gran industria creadora de valor.

PALABRAS CLAVE: Fútbol; Seguridad; Ultras; Barras; Violencia.

ABSTRACT: This article offers a comparative analysis of how football violence is addressed as a public issue in Italy and Argentina. It focuses on state and institutional responses to sports security concerns, particularly through the lens of the negative portrayal of organized fan groups –ultras in Italy and barras in Argentina– shaped by dominant social discourses in both countries. The study finds that despite distinct local realities, both contexts exhibit remarkably similar approaches to managing football violence, rooted in shared subcultural elements and, more significantly, in a political rationale oriented toward social control and risk management. The article identifies a specific preventive logic in which security is imbued with ideological significance and functions as a mechanism of power. It highlights the tensions among various social actors with competing interests (economic and political), and explores how the relationship between security and freedom is redefined, both in terms of individual rights and within the unique space of the stadium. All of this unfolds within the broader context of commodified football, now a powerful and lucrative global industry.

KEYWORDS: Football; Security; Ultras; Barras; Violence.

INTRODUCCIÓN

La violencia en el marco del fútbol masculino profesional no es un fenómeno contemporáneo, sino que aparece como rasgo particular de este deporte desde mediados del siglo XX tanto en América Latina¹ como en Europa.² De manera general en ambos continentes, y particular en Argentina e Italia, las diferentes y múltiples formas de violencia en el marco del fútbol han sido leídas y presentadas por el discurso social dominante indisociablemente reducidas a la acción de los grupos de hinchas más radicales, generando una operación mimética entre “violencia en el fútbol” y barras bravas (para el caso argentino) / ultras (para el italiano).

Barras bravas y ultras son grupos con algunos rasgos subculturales similares, aunque presentan diferencias significativas en relación al impacto que tienen sobre el territorio y en diferentes modos de actuación. Ambos comparten algunas prácticas y significados comunes, así como rasgos de identidad y estilos de vida, a pesar de las diferencias geográficas e internas dentro de los dos países.

Hablamos de aficionados cuya naturaleza se define por su adhesión a valores combativos, duros, muchas veces ligados a una idea de destreza viril, masculina. Su compromiso, tanto en tiempo como en energía invertida, se refleja en la perseverancia con la que siguen al equipo y en la defensa idealizada del territorio ante posibles violaciones o invasiones de los aficionados rivales. Un territorio que puede ser a la vez físico –como las gradas de un estadio o de la propia ciudad– y simbólico, vinculado a la dimensión de las canciones o de los insultos verbales, por ejemplo. De ahí la creencia de que son defensores de un honor simbólico individual y colectivo.³ El carácter duro y audaz debe, sin embargo, reafirmarse constantemente, a través de múltiples pruebas de comportamiento: desde las acciones cotidianas hasta el lenguaje, desde las actitudes hasta la vestimenta.

¹ FRYDENBERG. *Historia social del fútbol*, p. 86.

² INGHAM. *Soccer hooliganism*, p. 14.

³ SPAAIJ. *Understanding soccer hooliganism*, p. 367-84.

Sin embargo, en Argentina las barras bravas tienen un perfil con mayor propensión mafiosa y mercantil, lo que en Italia si bien no está del todo ausente, no aparece históricamente como un rasgo característico. Los ultras, de hecho, tienen una historia ligada a un antagonismo social más amplio, aunque las prácticas criminales y vinculadas al comercio ilícito dentro de la tribuna siempre han existido, y en los últimos años ha ido surgiendo en algunas zonas del país una relación más estrecha y operativa con algunos grupos mafiosos y/o una implicación más directa y extensa con el crimen urbano.

Frente a estas diferentes realidades, las respuestas de los Estados argentino e italiano respecto a la gestión de la violencia en el fútbol desde la década de 1980 en adelante han sido muy parecidas. La similitud de las respuestas nos lleva a pensar que en Occidente se ha extendido un modo político de gestión de la seguridad en el fútbol que presta poca atención al sujeto a controlar, y que aplica los mismos métodos independientemente del contexto, centrándose en la gestión del riesgo y la prevención basada en la represión. Hablamos de políticas espasmódicas y de mano dura que tienen en común una limitada definición jurídica y política del fenómeno a controlar, la relevancia del pánico moral en el proceso de representación de la realidad y en la orientación de las formas de intervención, la adopción de políticas represivas y prohibicionistas, y un enfoque exclusivo en el hincha radical con poca consideración de las consecuencias secundarias más amplias a nivel social.

En términos generales, el objetivo principal de este artículo es presentar comparativamente el abordaje estatal de la violencia en el fútbol por parte de los gobiernos italiano y argentino desde las últimas décadas del siglo XX hasta la actualidad. En ese sentido, se presenta en primer término una breve caracterización de los grupos de hinchas radicales de ambos contextos: los ultras y als barras bravas. Seguidamente se analizan las políticas públicas mas relevantes de cada país destinadas a controlar la violencia en el fútbol, para dar cuenta de los procesos definicionales de aquello que es caracterizado como el peligro, el riesgo y la amenaza en el marco de los espectáculos futbolísticos según las normativas oficiales, poniendo énfasis en la interdependencia entre esas definiciones y los procesos de control de la violencia en el fútbol. Uno de los objetivos secundarios del

trabajo es mostrar cómo dichos procesos sustentan la facilidad con que las autoridades han podido restringir las libertades públicas y los derechos ciudadanos de los asistentes a los estadios de fútbol en tanto sujetos de derecho.

La decisión de trabajar con normativas y legislación está sustentada en que observamos que el proceso de construcción del fútbol como un espacio atravesado por diversas formas de violencia se manifiesta de manera especialmente nítida en los textos oficiales y reglamentarios. En ese sentido, retomando a Bourdieu,⁴ entendemos que los textos oficiales condensan el sentido común dominante de cada época en relación con los problemas sociales, funcionando como una formalización del punto de vista del Estado.

Es importante señalar que la gestión estatal del problema no se limita únicamente a la elaboración de marcos jurídicos, sino que incluye múltiples dimensiones de intervención, siendo la actuación policial una de las más relevantes. En el caso argentino, la organización operativa de la seguridad ha estado históricamente a cargo de las fuerzas policiales, cuya actuación no siempre se ajusta estrictamente a la normativa vigente. Por el contrario, dicha gestión se ve moldeada por las adaptaciones que los propios agentes realizan de la ley para adecuarla a sus prácticas cotidianas. Este proceso da lugar a un modelo particular de seguridad, que no es solo producto de la legislación formal, sino también de elementos como la tradición institucional, la negociación informal y el “saber práctico”.⁵

La particularidad que tiene el mundo del fútbol respecto a la legislación es que posee estructuras federadas de órdenes nacionales, continentales y mundiales de larga data (FIFA; UEFA; CONMEBOL, etc.), que dieron origen a un orden normativo internacional que tiene capacidad de imposición sobre las asociaciones miembros. Todas ellas poseen disposiciones reglamentarias que conciernen múltiples aspectos de la organización de los partidos de fútbol profesional, entre ellos el disciplinario y el de seguridad de los espectadores. Sin embargo, los Estados nacionales han generado sus propios dispositivos jurídicos para regular los comportamientos de las personas dentro de los estadios.

⁴ BOURDIEU. Programa para una sociología del deporte, p. 176.

⁵ GARRIGA. *El inadmisible encanto de la violencia*, p. 58.

Este artículo se inscribe en la intersección de dos campos de estudio. Por un lado, el de los estudios sociales del deporte, en el que retoma y dialoga con una amplia producción sobre la violencia en el fútbol desarrollada en Europa y Latinoamérica en las últimas décadas, aportando una perspectiva poco explorada: el posicionamiento y la intervención del Estado frente a este fenómeno. Por otro lado, se vincula con el campo de los estudios sobre seguridad, delito y control social, desde donde se aborda la relación entre el binomio Estado/seguridad-violencia para analizar el proceso de construcción de la violencia en el fútbol como problema público y su regulación a lo largo del tiempo.

BREVE CARACTERIZACIÓN ANALÍTICA DE LOS GRUPOS DE HINCHAS ORGANIZADOS EN ITALIA Y ARGENTINA

Ultras italianos: rastros socio-históricos del antagonismo en las tribunas

El *tifo* organizado nació en Italia hacia finales de la década de 1960 y tuvo su primer desarrollo significativo en la década de 1970. En una época de malestar social generalizado, grupos de jóvenes hinchas se distinguen del resto de los aficionados formando las primeras franjas ultras. Estas agrupaciones se caracterizan por su carácter informal, inicialmente fundadas sobre una base de amistad, y en varios casos por la participación política común fuera de la curva de sus miembros –con una orientación principalmente de izquierda, pero a veces también de derecha.⁶ No es casualidad que la palabra “ultras”, aunque no tiene un origen marxista, se utilizara también en la época para indicar algunos grupos de la extrema izquierda de la escena política italiana.

En dicho período histórico, el país expresaba un deseo de transformaciones sociales, de nuevos lenguajes y estilos culturales y políticos que fuesen comunitarios y participativos. Las peticiones de renovación estaban vinculadas a diferentes formas de protesta y disidencia juvenil, que propiciaron un humus cultural en el que se configuran las primeras experiencias del movimiento ultra, donde se experimentan nuevas formas de aliento no convencionales, incluso de carácter reivindicativo. Ese fenómeno se

⁶ ROVERSI. *Calcio, tifo e violenza*, p. 37-51; SPAGNOLO. *I ribelli degli stadi*, p. 57-160.

extiende lentamente por toda la península y traza una conexión entre deporte y antagonismo social.

El antagonismo expresado por los grupos ultras, que entretanto comienzan a desarrollarse y consolidarse, manifiesta un estilo cultural y simbólico que se hace eco del contexto de la arena política. El ambiente social orientado hacia la rebelión se extiende también al mundo de los hinchas, sin que estos necesariamente orienten sus acciones en sentido político. Del mundo de la participación política los ultras reproducen un modelo con un estilo duro y combativo y un prototipo de organización y movilización cohesionada. La vestimenta –que recuerda a la que usan los miembros del movimiento estudiantil–, la defensa física del territorio y de la tribuna, la exhibición de emblemas futbolísticos y su protección contra la profanación por parte de hinchas rivales, la consolidación de alianzas y enemistades con otras hinchadas, las nuevas rencillas entre grupos –dictadas por rivalidades territoriales, y ocasionalmente por simpatías políticas opuestas– representan ese vínculo más que nada expresivo y simbólico, pero habitualmente no concreto y operativo, entre el mundo de las hinchadas organizadas y la esfera del compromiso político efectivo. La oposición más clara entre las distintas aficiones, además de la futbolística, retoma y amplifica sobre todo las disputas entre ciudades y territorios. En esta época comenzaron los primeros enfrentamientos, a veces incluso violentos, en los estadios y sus inmediaciones, en nombre de la defensa del propio grupo frente a las aficiones rivales y frente a los representantes del Estado (en particular, la Policía).

Los últimos años de la década de 1970 y la de 1980 se caracterizaron por la sólida consolidación, afirmación y amplia difusión de los grupos ultras en el país, facilitadas por un régimen inicial reducido de control estatal. Allí se produjo una institucionalización más marcada del sistema de amistades y enemistades dentro de ese mundo. Es sobre la base de estas relaciones antagónicas que se fortalecen los enfrentamientos entre grupos de hinchas enemigos, no cotidianos pero con consecuencias alarmantes, a menudo incluso sin relación con cuestiones deportivas específicas, dentro de una estructura de rivalidad solidificada que se reproduce, alimenta y refuerza regularmente. Los combates

también ocurren lejos de los estadios, a menudo están planeados con antelación y hay una militarización y una organización meticulosa de los grupos y sus acciones.⁷ La conducta combativa se combina, sin embargo, con el protagonismo de los grupos ultra durante los partidos, ya que son ellos quienes lideran el apoyo coreográfico y estruendoso al equipo. El *tifo* pasa a ser concebido por estos grupos de aficionados como un compromiso serio e identitario en el sentido más amplio del término, bajo la bandera de una fuerte autorreferencialidad y de conceptos como la defensa y la supremacía simbólica en relación a los espacios y al prestigio – las palabras clave de los ultras empiezan a ser «coherencia» y «mentalidad».

La estructura interna de los grupos generalmente está bien definida, en jerarquías y roles, con reglas y lógicas claras. Se da prioridad al aliento al equipo, pero los enfrentamientos con hinchas rivales se consideran una eventualidad plausible de las jornadas futbolísticas, y aunque no sean habituales, cuando ocurren pueden presentar una intensidad nada trivial. Una estructura igualmente sólida se puede encontrar en las estrategias y métodos de acción. Frente a este escenario, en la década de 1980 comienza a vislumbrarse una primera respuesta del Estado italiano, que busca garantizar el orden y encontrar medidas disuasorias ante las conductas bélicas.

El final de la década y el comienzo de los 90 representan el punto de mayor amplitud del fenómeno, con un crecimiento importante en el número de grupos ultra. Se produce un cambio generacional con el consiguiente rejuvenecimiento de sus integrantes, cuya composición social involucra sustancialmente a todas las clases sociales. También aumenta la capacidad de comunicación de los grupos y la posibilidad de aprovechar formas de economía informal, incluso ilegales, como la venta de tickets. Al mismo tiempo, se observa también un aumento de la difusión y el consumo de sustancias estupefacientes.

El movimiento ultras comienza a seducir a distintos tipos de jóvenes atraídos por la mayor libertad que ofrece la tribuna "curva". En general, la vestimenta se vuelve más militar e informal, las apariencias personales utilizan cada vez más signos

⁷ ROVERSI. *Calcio, tifo e violenza*, p. 51-65.

distintivos del grupo de pertenencia y los métodos de enfrentamiento se vuelven más duros, en favor de conflictos abiertos y el uso de herramientas contundentes, garrotes y armas pequeñas, botellas y material incendiario o petardos.

Sin embargo, los hechos violentos dentro de las curvas en algunos casos disminuyen, mientras que los actos individuales o los cometidos por grupos más pequeños y menos organizados se multiplican, también porque son más capaces de lidiar fácilmente con las primeras respuestas del Estado– Es en este período que se promulga la primera ley contra la violencia en los estadios. En paralelo, se registra un aumento del conflicto interno dentro de las propias curvas. Por otra parte, algunos grupos de hinchas militantes no participan plenamente en el movimiento ultra, y si bien apoyan y alientan al equipo, pretenden más que nada disfrutar del entorno anónimo y poco supervisado de la curva. No es casualidad que el número de miembros dedicados a actos de delincuencia y desobediencia fuera de la vida de los grupos sea cada vez mayor.

Al mismo tiempo, se asiste a una creciente aparición de elementos de extrema derecha, neofascistas y xenófobos en los estadios. La referencia mayoritariamente alejórica a la política, propia de épocas anteriores, da paso a una armonía más marcada y concreta entre la cultura y la práctica de la derecha y los símbolos e ideas viriles y machistas de la curva.

Todo esto ocurrió a pesar de que en los estadios los aficionados que participan en enfrentamientos violentos son una minoría, y de la aparición de grupos que excluyen el uso de conductas agresivas reales.

En la segunda mitad de los años 90 asistimos a un nuevo cambio de dirección.⁸ El fútbol está intensificando su dimensión comercial y espectacularizada, caracterizada por la retransmisión de partidos por televisión de pago. La voluntad de teatralizar los estadios y hacerlos más seguros exige que el Estado adopte leyes cada vez más duras. Así, el movimiento ultra se debilita por los desacuerdos internos en los grupos y por su desestabilización. Esto no quita la respuesta, por parte de los propios ultras, a la mercantilización del fútbol y la persistencia de episodios de violencia, en los que el

⁸ SPAGNOLO. *I ribelli degli stadi*, p. 163-256; FERRERI. *Ultras, i ribelli del calcio*, 36-64.

antagonismo contra el Estado adquiere una centralidad mayor que los enfrentamientos entre equipos rivales, que sin embargo no desaparecen. El número de accidentes disminuye paulatinamente, pero no así el de heridos, a medida que aumentan las agresiones sobre policías. En la década de 2000, el contraste entre ultras y policías se consolidó aún más, debido a la presencia de hinchas más jóvenes y por tanto la pérdida de un rol generacional de autoridad entre los ultras.

En la última década, un descenso constante de la asistencia a los estadios, debido a factores como la vetustedad de las instalaciones, la retransmisión televisada de los partidos o el aumento de los precios de las entradas, experimenta un cambio de tendencia en los años post-covid, con un aumento de espectadores. Al mismo tiempo, se ha producido un descenso sustancial de accidentes y lesiones en los estadios y sus inmediaciones, debido a un mayor control policial, aunque los episodios de violencia pueden tener mayor probabilidad de localizarse en otros lugares. Sin embargo, se observa una cierta reconsolidación del movimiento ultra, tras un periodo de crisis, y –en algunos casos– también un creciente interés y una mayor presencia de franjas criminales mafiosas en diversos grupos, atraídas por la posibilidad de un tráfico rentable (vinculado a las entradas, a la venta de droga, a la construcción y consolidación de redes criminales, etc.) y por la creación de relaciones con miembros de los clubes o de la clase política que sean útiles no sólo económicamente, sino también en términos de estatus, de visibilidad, y de consenso.⁹

Barras bravas argentinas: fiesta, violencia y negocios

En Argentina, la primera víctima fatal relacionada al espectáculo futbolístico data de 1924, época en donde aún la práctica no está profesionalizada: a partir de allí, la muerte de hinchas se erigirá como un dato característico del fútbol argentino.¹⁰ Entre 1924 y 2024 se contabilizan más de 350 muertes por hechos de violencia producidos alrededor del fútbol,¹¹ cifra que convierte a la Argentina en el país con mayor cantidad de víctimas

⁹ BINDI; DI LELLO. *Relazione su mafia e calcio*, p. 11-56.

¹⁰ ARCHETTI; ROMERO. Death and violence in Argentinian football.

¹¹ Según datos recopilados por la ONG Salvemos al Fútbol: <https://bit.ly/4ls8We7>.

causadas por esta forma de violencia, superando a otros países donde este deporte es un fenómeno igualmente masivo y popular –como Brasil o Inglaterra–, y también a naciones que poseen mayores índices de violencia y criminalidad –como México o Colombia–.¹²

Es posible afirmar que en Argentina las prácticas violentas tienen un sentido para quienes las producen, pero que además el fenómeno se encuentra muy conectado con procesos más amplios que exceden la esfera deportiva y que lo convierten en un objeto donde se entrecruzan tramas sociales, políticas, económicas y culturales. El desarrollo del fútbol en el país a lo largo del siglo XX se produjo en paralelo a otros procesos que lo dotaron de rasgos particulares que aún hoy conserva, como la estructuración de los clubes en organizaciones civiles sin fines de lucro, la presencia de fuertes antagonismos barriales y territoriales,¹³ su función en la construcción de un relato nacional homogéneo¹⁴ y su impronta en el proceso de construcción de la identidad masculina para muchos varones argentinos.¹⁵

Si bien la presencia de hinchas organizados se registra desde los albores de la profesionalización del fútbol en la década de 1930, es recién en 1958 cuando las llamadas “barras fuertes” cobran visibilidad pública tras la muerte del hincha Alberto Linker en el estadio de Vélez Sarsfield. En esa época, aún, los sucesos violentos en el marco del fútbol eran interpretados como algo ocasional y extemporáneo.

El moto de “barras bravas” se instalará en el habla cotidiana de los argentinos en 1968 cuando el grupo de hinchas organizados del club Huracán sea juzgado por el asesinato a golpes de un joven hincha de Racing en la tribuna. A partir de allí, irá cobrando diferentes y nuevas significaciones con el correr de las décadas. En la actualidad, todos los clubes poseen una barra brava, cuyas características principales son tres: la fiesta, la violencia y los negocios.¹⁶

Con el regreso de la democracia en la década de 1980, se produce la consolidación de las barras bravas como actores organizados y cada vez más identificados con

¹² Según el índice Global Peace Index que se realiza anualmente: <https://bit.ly/4mOEiwQ>.

¹³ FRYDENBERG. *Historia social del fútbol*, p. 123.

¹⁴ ALABARCES. *Héroes, machos y patriotas*, p. 221.

¹⁵ GARRIGA. *La era del aguante: barras, hinchas, violencias y muerte en el fútbol argentino*, p. 31.

¹⁶ GARRIGA. *La era del aguante*, p. 136.

el delito y la desviación. En este sentido, la imagen que los medios de comunicación vehiculizaban sobre las barras fomentó los “pánicos morales” en torno a estos grupos de hinchas y generó la diferenciación entre “hinchas violentos” e “hinchas comunes” que más adelante se convertirían en categorías de uso extendido para el sentido común y, por ende, para los funcionarios de gobierno.

La irracionalidad y la criminalidad son los dos elementos que van a primar en la caracterización de las barras durante la década de 2000, cuando se incorpora también la dimensión mercantil e instrumental. A caballo de este perfil, las barras bravas van a ingresar en el catálogo de “nuevos enemigos sociales”¹⁷ que se teje alrededor de la irrupción de la “inseguridad” como problema central de las agendas sociales y políticas. En los últimos años, numerosos trabajos académicos problematizaron las prácticas de los hinchas de fútbol en la Argentina, abordando tanto el sentido que éstos le otorgan a la violencia¹⁸ como las relaciones de intercambio que mantienen con actores dominantes o la construcción de procesos identitarios que se juegan al interior de las hinchadas.

A fines de la década de 2010 las barras cobran fuerte y renovada visibilidad social, a partir del incremento de los hechos de violencia que las involucran, pero también a partir de novedosas formas de participación en distintos espacios sociales. Dos barrabravas actúan como mano de obra criminal de una patota sindical en el asesinato del joven militante de izquierda Mariano Ferreyra en una protesta, otros aparecen tomando tierras de un parque público para organizar economías informales, la barra de Independiente libra una batalla política y mediática contra el presidente del club Javier Cantero, y un nutrido grupo de barrabravas de diferentes equipos organizan un frente transversal de hinchas en “Hinchadas Unidas Argentinas” para viajar al Mundial Sudáfrica 2010. Así, la violencia en el fútbol comienza a operar cambios en su manifestación. Se privatiza y se desplaza, en tanto muchos de los conflictos ocurren lejos de los estadios y en días donde no hay partido, a la vez que se vuelve más sangrienta y letal.¹⁹

¹⁷ REGUILLO. Los laberintos del miedo, p. 67.

¹⁸ CABRERA. *Que la cuenten como quieran: pelear, viajar y alegrar en una barra del fútbol argentino*, p. 68; GARRIGA *La era del aguante*, p. 134.

¹⁹ CABRERA. *Que la cuenten como quieran*, p. 78.

Estas características en las actividades de las barras van a provocar que los discursos mediáticos y políticos las comiencen a emparentar con organizaciones mafiosas. En esa caracterización cobra relevancia la dimensión económica y utilitaria de las barra, que ya aparecen a los ojos de la opinión pública como grupos más interesados por generar recursos materiales que por alentar a sus equipos.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE GESTIÓN DE LA VIOLENCIA EN EL FÚTBOL EN ITALIA Y ARGENTINA

El marco legislativo italiano y sus críticas

Aunque el carácter antagonista de los ultras es un rasgo ineludible de su perfil, se trata de grupos flexibles con significados y modelos de conducta adaptables, capaz de sopor tar las experiencias y proyectos colectivos más dispares y contradictorios, como el apoyo a la contracultura contestataria o a cuestiones sociales, la presencia entre sus filas de prácticas y sujetos políticos antidemocráticos, o la permeabilidad respecto a las penetraciones criminales, facilitada por el potencial de impetuosidad y visibilidad que ofrecen las tribunas.

Lo que ciertamente distingue a estos grupos, además de las rivalidades y los comportamientos hostiles, es la consistencia en el apoyo a su equipo, una presencia constante en las gradas, su compromiso, la intensidad de su energía, su perseverancia frente a la incomodidad de los partidos fuera de casa y su crítica a la comercialización del fútbol.

Hay que señalar que el verdadero alcance de la violencia entre los ultras es objeto de debate. Muchas veces la agresión queda dentro del marco de un enfrentamiento simbólico, ritualizado, que se compone de insultos, provocaciones, amenazas, cantos hostiles, y algún acto individual más o menos dañino. Todo ello con el objetivo de realizar acciones capaces de representar y mostrar el propio carácter, dentro de una competencia de estatus con los rivales para aumentar el propio nivel de orgullo y

autoestima.²⁰ En otros casos, sin embargo, la agresión física adquiere connotaciones más crueles. Sin embargo, aunque se trata de acontecimientos capaces de suscitar una importante ola emocional y una importante preocupación social, no han sido fenómenos especialmente recurrentes y generalizados en Italia.²¹

Si miramos los datos proporcionados en los últimos años por el Observatorio Nacional de Eventos Deportivos,²² la imagen que tenemos de los estadios italianos no es la de lugares absolutamente demoníacos, a pesar de sus problemas. Es probable que esto sea en parte efecto de la intervención estatal en las últimas décadas, aunque hay que señalar que el pánico moral generado a lo largo de los años por el mundo ultra no corresponde necesariamente al potencial destructivo real imaginado.

A lo largo de los años, el marco normativo italiano en materia de seguridad en los estadios se ha ido caracterizando –a partir de la primera ley pertinente la n. 401 del 13 de diciembre de 1989–, por una progresiva adecuación de las disposiciones legislativas con el debate público y la demanda de respuestas del Estado frente a episodios informativos sangrientos, aunque esporádicos, y a la amplia reacción moral generada.²³

Respaldadas por una percepción de urgencia, que garantizaba además una mayor legitimidad retórica, las disposiciones legislativas se caracterizaron a menudo por un endurecimiento de las medidas de seguridad y por una orientación preventiva, intimidatoria y punitiva frente a conductas y delitos considerados típicamente relacionados con los estadios.²⁴

En los últimos años, los dos momentos de mayor impacto público y de mayor intervención legislativa fueron los marcados por la muerte del inspector jefe de policía Filippo Raciti durante los disturbios relacionados con el partido Catania-Palermo del 2 de febrero de 2007, seguido por el Decreto legislativo n. 8 de 8 de febrero de 2007, convertido por la ley núm. 41 del 4 de abril del mismo año, y el asesinato del aficionado

²⁰ SALVINI. *Ulrà*, p. 20-4, p. 65-90.

²¹ TSOUKALA. Timing “dangerousness”, p. 605.

²² Conf.: <https://osservatorirosport.interno.gov.it/category/osservatorio/statistiche/>.

²³ BIFULCO. La sicurezza negli stadi in Italia, p. 172-7; BIFULCO; SANTORO. Senso comune securitario e rappresentazione degli ultras, p. 125-7.

²⁴ SANTANGELO. “Reati tipici” da stadio, p. 196-8.

del Nápoles Ciro Esposito en Roma el 3 de mayo de 2014, durante la final de la Copa Italia entre el Nápoles y la Fiorentina, al que corresponde el decreto legislativo n. 119 del 22 de agosto de 2014, convertido –y parcialmente modificado– por la ley núm. 146 del 17 de octubre.

Es precisamente en estos dos momentos cuando el endurecimiento legislativo se intensifica, sobre todo con una ampliación sustancial del encarcelamiento por actuaciones desviadas o potencialmente desviadas.

La ley de 2007 prevé, además de adaptación de las instalaciones y nuevas figuras de control –el *steward*–, limitaciones a la venta de entradas, la ampliación de la Prohibición de Acceso a los Espectáculos Deportivos (DASPO, un dispositivo concebido en 1989) a quienes posean material pirotécnico, lancen objetos peligrosos o salten vallas incluso 24 horas antes o después de un partido, una redefinición y endurecimiento de la pena de prisión por el delito de lesiones a funcionarios públicos, y la prohibición – con arresto – de pancartas ofensivas o violentas.

La ley de 2014 amplía la aplicación de la DASPO en caso de pancartas ofensivas o agresivas, una extensión de la flagrancia diferida para aquellos que exhiban símbolos de pertenencia a grupos violentos, la posibilidad de cerrar el sector visitante de un estadio o de prohibir la venta de entradas a los residentes del territorio del equipo visitante. Al mismo tiempo, sin embargo, se prevé la rehabilitación por buena conducta. Las últimas intervenciones legislativas, como el decreto de seguridad de 2019, han confirmado esta tendencia, mientras que disposiciones más recientes han actuado sobre la regulación de la dimensión infraestructural, en esa hipotética combinación de necesidades de seguridad y de satisfacer las necesidades económicas y de mercado del fútbol italiano que ha caracterizado el debate en los últimos tiempos.²⁵

Entre los dispositivos introducidos y modificados a lo largo del tiempo, los que han generado más discusión son el DASPO y la flagrancia diferida. En el primer caso, se trata de la prohibición de acceso de larga duración a los recintos donde se celebren acontecimientos deportivos, y a los adyacentes o designados para el tránsito de los

²⁵ BIFULCO. La sicurezza negli stadi in Italia, p. 180-3.

participantes, para quien haya sido protagonista, durante las competiciones, de conductas violentas o peligrosas, para quien incite a la violencia y al odio o presente signos insultantes, o para quien, fuera del ámbito deportivo, sea acusado de delitos relacionados con el uso de la violencia. Con el tiempo, esta medida se ha vuelto más severa en cuanto a su duración, el tipo de comportamientos sancionados y la gravedad de la sanción: prevé la detención en caso de incumplimiento y prescribe la imposibilidad, para quienes no estén rehabilitados, de comprar entradas o tener relaciones con clubes de fútbol.

Los aspectos más controvertidos de la DASPO se refieren a la indeterminación respecto de los episodios sancionables, a la ejecutividad inmediata, vinculada a una intención preventiva, incluso en casos de sentencia no firme, a la imposibilidad de negociar la sanción o de obtener una suspensión condicional, a la legitimidad de las sanciones colectivas – que transcinden el principio de responsabilidad personal – por una participación activa de determinación vaga.

La detención diferida en caso de flagrancia, en cambio, pretende aumentar el efecto disuasorio de las medidas reglamentarias y dar una herramienta a las fuerzas del orden para posponer el enfrentamiento con los alborotadores, evitando así aumentar los riesgos para la seguridad del evento deportivo. Se trata de una disposición que ha gozado de prórrogas provisionales por parte de los gobiernos, y que ha suscitado críticas de inconstitucionalidad debido a una compleja determinación de la realidad –la flagrancia– de una conducta frente a una evidencia fotográfica.²⁶

En el conjunto del sistema legislativo, todo el proceso de acentuación de las sanciones a lo largo de los años se ha basado, en esencia, en una idea represiva y disuasoria que identifica un peligro que debe evitarse de antemano, en nombre de la prevención y el control, con el objetivo explícito de proteger la seguridad de quienes acuden al estadio y garantizar el normal desarrollo de los acontecimientos deportivos.

Eficacia represiva y utilidad preventiva fueron los principios básicos conjugados en la perspectiva asumida, para afrontar la percepción generalizada de

²⁶ GARRAFFA. La nuova normativa contro la violenza negli stadi, p. 20-2.

insuficiencia legislativa y de capacidad represiva o protectora, con las consiguientes invocaciones de medidas fuertes y rigurosas. Los ajustes represivos a lo largo del tiempo confirman esta tendencia.²⁷

El marco regulatorio resultante, útil para dar una percepción de respuesta estatal y para responder a las demandas del debate público, parece sin embargo tropezar con varios problemas críticos. Esto se debe a una menor atención a las posibles consecuencias vinculadas al riesgo de legitimación de un criterio de excepción, de intransigencia punitiva hacia conductas que en lugares distintos al estadio no serían consideradas delitos, de complacencia en el castigo moral y de limitación de derechos personales y de ciudadanía –desde la presunción de inocencia al derecho de expresión– posiblemente exportables a otros ámbitos de la vida civil, como el político, el cívico y el urbano.

Las normativas y los dispositivos de control en los estadios de Argentina

Luego de 7 años de sangrienta dictadura militar, Argentina retoma el proceso democrático en 1983, y es allí cuando la violencia en el fútbol comienza a ser percibida como un problema público. Esto se debió a tres motivos principales: a) ciertos cambios operado en los grupos de hinchas organizados, donde la violencia fue adquiriendo preponderancia con la consolidación de las figuras de las barras bravas y su creciente asociación con el crimen y el delito, b) la emergencia de los “pánicos morales” por la caracterización de los medios de comunicación acerca de estos aficionados de fútbol, y c) los cambios sociales y políticos que motivaron nuevas conflictividades en el proceso de restitución democrática.²⁸

En 1985 se sanciona la Ley 23.184, primera legislación argentina referida a la regulación de la violencia en los espectáculos deportivos, que preveía castigos penales para los delitos en el marco del fútbol y sancionaba prácticas concretas (portación de armas, formación de grupos, alteración de transportes urbanos). Esta Ley moviliza las primeras hipótesis de conflicto que el Estado despliega para explicar el fenómeno: el fanatismo

²⁷ BIFULCO. La sicurezza negli stadi in Italia, p. 178-80; BIFULCO; SANTORO. Senso comune securitario e rappresentazione degli ultras, p. 133-5.

²⁸ KESSLER. *El sentimiento de inseguridad*, p. 22.

entendido como pérdida de la racionalidad, la rivalidad deportiva y el desorden público en el espacio del estadio. También sanciona muchas de las prácticas y conductas que desplegaban habitualmente los hinchas dentro de los estadios (consumo de alcohol, reventa de tickets, portación de banderas de grandes dimensiones). Tres consecuencias que se derivan de esta ley van a funcionar como elementos que definan el contorno de las políticas públicas de control de la violencia en el futuro: a) la construcción del fútbol como un espacio excepcional de conflicto, caracterización que va a legitimar la aplicación de las herramientas más severas del aparato de control social, b) la “inflación penal” como mecanismo regulatorio del campo de la seguridad deportiva –algo que refuerza la excepcionalidad del fútbol como espacio a ser controlado–, y c) la indiferenciación entre delito y desviación para las prácticas que ocurrían alrededor de los estadios.

Si bien en la época las barras bravas ya son percibidas como un “sujeto de riesgo”, la caracterización que hace la ley (de forma velada) de estos grupos de hinchas no abarca la dimensión criminal ni delictual, sino que descansa fundamentalmente en los sentidos generados por la prensa, más ligados al caos, a la violencia subrepticia y a la irracionalidad. Esta ausencia de definición del sujeto a ser controlado sería una de las especificidades normativas del campo de la seguridad deportiva en Argentina hasta bien entrada la década de 2010. La otra especificidad normativa tendría que ver con el carácter de “acting out”²⁹ de las políticas, ideadas siempre como respuestas reactivas del Estado inmediatamente luego de hechos de violencia que agitasen a la opinión pública.

En 1992, año en que hay 12 muertos en los estadios, se reforma la Ley 23.184 y entre los sentidos que promueve, hay tres elementos que sobresalen: a) se intensifica el control sobre espacios y prácticas cada vez más acotados y específicos (ingresos, traslados de hinchas, reventa, pirotecnia, etc.), b) se amplía el espectro temporal y geográfico donde el Estado observa riesgos, a partir de ser incorporadas las inmediaciones del estadio como parte constitutiva del espectáculo, y no ya únicamente el recinto del estadio solamente, y c) se consolida a la policía como el actor central de la seguridad deportiva.³⁰

²⁹ GARLAND. *La cultura del control*, p. 187.

³⁰ En Argentina funciona un modelo de gestión de la seguridad cuanto menos paradójico. Los clubes locales son los responsables legales de ocuparse de la seguridad, en tanto organizadores del evento.

Un nuevo crimen revolucionó al fútbol argentino cuando en diciembre de 1997 un barrabrava de Huracán, Ulises Fernández, fue asesinado por la barra de San Lorenzo en una emboscada previa al partido entre los dos clásicos rivales. Este crimen contuvo todos los elementos del esquema “clásico”³¹ del fenómeno de la violencia en el fútbol: la rivalidad deportiva (en este caso además barrial), la acción colectiva de una barra, el marco del espectáculo deportivo como escenario, la inacción (o complicidad, según sostuvieron los hinchas de Huracán) policial y la impunidad posterior (luego de dos años el proceso sobre los imputados se cerró sin condenados).

Producto de la necesidad de dar una señal frente al problema, el Gobierno argentino, encabezado por Carlos Menem lanzó pocos días después el Decreto 1466, que inaugura la intervención directa del Poder Ejecutivo en los asuntos de seguridad deportiva. Inserto en el contexto de avanzada securitaria, el Decreto 1466 genera un cambio fundamental en la lectura estatal del problema cuando se decide el traslado de la gestión de la violencia en el fútbol del ámbito de la Secretaría de Deportes hacia la Secretaría de Seguridad Interior. Esto implica que la violencia en el fútbol pasa a ser incorporada según el Estado lisa y llanamente como un asunto de seguridad. El Decreto 1466 expresó, en líneas generales, un abordaje punitivo, basado en el control y la vigilancia de los hinchas, quienes eran caracterizados como sujetos esencialmente peligrosos. Sus pilares fueron la policialización, el reforzamiento de los dispositivos jurídicos y la vigilancia. El Decreto construye a los hinchas como sujetos esencialmente peligrosos que deben ser fuertemente vigilados.

Las medidas que dispone este texto legal se inscriben en el paradigma de la gestión del riesgo³² que supone extender el plano del control social generando la definitiva metonimia entre delito y desviación. Así, los dispositivos de control alrededor del fútbol extendieron aún más su ámbito de influencia, y fueron acompañados de una demanda creciente de represión sobre las barras. La expansión del control y el endurecimiento del castigo son

Para hacerlo, históricamente han contratado a la policía pública, a quien pagan sus servicios como si fuese un actor privado. La policía es a su vez la institución que estipula cuantos agentes se necesitan en cada partido, lo cual termina provocando que la policía vende sus servicios en la cantidad que ella misma estipula.

³¹ SPAIJ. *Understanding soccer hooliganism*, p. 327-66.

³² BECK. *La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad*, p. 42.

elementos que se constituyen como datos ineludibles del campo de la seguridad deportiva argentina. Las medidas estructurantes del campo de la seguridad deportiva serán, de esa forma, eminentemente de corte restrictivo, prohibitivo y represivo.

Justamente la política pública más relevante de las últimas dos décadas es una prohibición: la del público visitante. En junio de 2013, un policía asesinó a un hincha del club Lanús mientras intentaba dispersar una gresca en el Estadio Único de La Plata. Al día siguiente del hecho, la Asociación del Fútbol Argentino y el gobierno de la Provincia de Buenos Aires comunicaron que el resto del torneo se jugaría sin público visitante, como medida para garantizar la seguridad. Inicialmente presentada como transitoria, la prohibición del público visitante lleva 12 años ininterrumpidos en la liga argentina y ya es parte de la configuración general del fútbol argentino. La prohibición del público visitante trajo numerosas consecuencias para la organización del fútbol y para la experiencia de habitar los estadios. En primer lugar, trastocó la propia lógica del espectáculo deportivo, concebido históricamente a partir del enfrentamiento simbólico entre dos parcialidades. En segundo término, modificó la forma en que los hinchas perciben al rival: el Estado legitimó con esta medida la lectura de que la convivencia en un mismo espacio entre hinchas rivales es imposible, reforzando procesos sociales como la desconfianza interpersonal, la construcción de toda alteridad como radical y la clausura de la polifonía.³³ En tercer lugar, representó el paroxismo de las lógicas de control y castigo sobre las que se estructuró la seguridad deportiva en Argentina desde sus inicios, mostrando las limitaciones estatales para pensar políticas inclusivas y dialogistas, por fuera de los ejes de la represión y la separación.³⁴

Pensada como medida para terminar con la conflictividad en los estadios, los partidos a hinchada única no resolvieron sin embargo la violencia en el fútbol, que sigue mostrando incidentes a repetición cada fin de semana. La violencia se reconfiguró, manifestándose de nuevas maneras: agresión a dirigentes y futbolistas visitantes, peleas

³³ ALABARCES. *Héroes, machos y patriotas*, p. 242.

³⁴ MURZI. *Fútbol, violencia y Estado: una historia política de la seguridad deportiva en Argentina*, p. 193.

por poder al interior de las hinchadas de un mismo equipo, peleas de hinchas con la policía, etc.³⁵

La medida estatal más reciente es el dispositivo “Tribuna Segura” lanzado en 2016 y aún vigente. “Tribuna Segura” consiste en un control que es realizado por la policía en el ingreso a los estadios, donde a través del número de documento del público asistente se controla si alguien tiene pedido de captura vigente con la Justicia ordinaria o prohibición administrativa de ingreso al estadio (debido a un delito o contravención cometido en el marco de los partidos, a partir de una base de datos que maneja el propio Ministerio de Seguridad). Ese control individualizado es un nuevo paso en la gestión de la seguridad deportiva, que conlleva dos consecuencias importantes. Por un lado, empodera al Estado en los asuntos de seguridad en el fútbol, porque al determinar quién ingresa y quien abandona los listados de prohibición de concurrencia a los estadios adquiere una herramienta que se revela fructífera para la negociación con las barras bravas. A su vez, confirma la lectura estatal del espacio del estadio como un lugar peligroso, ya que a través de Tribuna Segura se controlará a las personas no sólo con derecho de admisión deportivo sino con pedido de captura judicial activo, y esa búsqueda de fugitivos de la Justicia en los estadios (no hay otros espacios sociales donde el mismo sistema se haya implementado) refuerza a su vez y construye la idea de que estos son espacios poblados por sujetos criminales.

DISCUSIÓN Y CONCLUSION

La tesis que queremos proponer es la siguiente: dado que hay una respuesta muy similar frente a dos realidades diferentes, aún con algunos rasgos comunes, especialmente a nivel subcultural, la similitud del modelo puede residir en una dimensión política, de control social y de gestión del riesgo según una lógica preventiva y represiva, en la que la seguridad asume también un valor ideológico y político.

³⁵ SEGURA; MURZI; NASSAR. Violence and death in Argentinean soccer in the new Millennium: who is involved and what is at stake?, p. 842.

En el contexto de un fútbol altamente comercializado surgen conflictos entre actores sociales con diferentes intereses (económicos, políticos, etc.), y surge una relación compleja entre seguridad y libertad, en términos de derechos individuales o colectivos, y en su diferente articulación en el contexto del estadio.

En Argentina, el tratamiento estatal del problema de la violencia en el fútbol ha sido históricamente, y casi sin matices, de corte punitivo, restrictivo y policialista. En la Ley 23.184 de 1985 se inicia un recorrido de prohibiciones (alcohol, etc.) que irá incrementando a lo largo de las siguientes legislaciones, para sumar la prohibición del uso de banderas, de la formación de grupos y de otras prácticas, hasta llegar a la prohibición del público visitante. Las políticas públicas de gestión de la violencia en el fútbol tienen como denominador común la restricción del margen de maniobra de los espectadores en los estadios, a partir de lógicas y saberes policiales, que son los que organizaron (y organizan) el campo de la seguridad deportiva.

En el contexto italiano, los datos de los últimos veinte años atestiguan, más allá de las fluctuaciones anuales y presumiblemente también en virtud de las políticas adoptadas, una disminución de los partidos de fútbol profesional que registren personas heridas (incluyendo heridos accidentales y no vinculados a la afición organizada). Al mismo tiempo, sin embargo, se observa un aumento de denuncias, pero una disminución de detenciones. Se garantiza por tanto un nivel de seguridad satisfactorio, especialmente en las proximidades de los estadios. Esto no cambia el hecho de que en el debate público y en la intervención estatal la dimensión securitaria y represiva continúe siendo dominante.

Tanto en Italia como en Argentina el debate mediático probablemente ha jugado un papel crucial en la legitimación de las regulaciones relativas a la seguridad en los estadios. Las formas en que se informaron las noticias de los incidentes relacionados al fútbol, el volumen de este sistema de información, su continuidad, la amplificación y la naturaleza dramática de su tono tuvieron un impacto significativo en la opinión pública, en la demanda de intervención y en la respuesta del Estado. Aunque no sean la causa primera del comportamiento violento de los aficionados y el origen de su carácter antagonístico, el sensacionalismo, el alarmismo generado y las condenas cargadas de énfasis

moralista, a menudo respecto de acontecimientos de poca relevancia, han contribuido con el tiempo a alimentar un fuerte malestar colectivo y el fenómeno del “pánico moral”: es decir, la exigencia exasperada de estrictas medidas de orden público.³⁶

La representación del estadio como un lugar potencialmente infernal es un fenómeno mediático que se manifiesta ante cualquier hecho de violencia. Es útil recordar que gran parte de la gente no acude presencialmente al estadio y sólo a través de los medios de comunicación se forman una idea de ese contexto. Y lo hacen a través de las plataformas de infoentretenimiento, donde, por razones en parte comprensibles, prevalecen la espectacularización, los tonos exuberantes y redundantes y los juicios superficiales que se basan en impresiones subjetivas y no en valoraciones lógicas fundadas en datos o evidencia empírica.

En Italia, la representación predominante de los hinchas organizados es la de un grupo irracional y descontrolado, portador de una violencia sin justificación válida.³⁷ En Argentina, esa misma representación ligada a la irracionalidad y a la violencia caótica era dominante hasta entrados los años 2000,³⁸ pero a partir de allí, en paralelo al crecimiento de la participación de las barras en actividades económicas ilegales e informales, fue cobrando predominancia la interpretación mafiosa. Sin embargo, en ambos contextos, las “soluciones” de sentido común llaman igualmente a responder con leyes severas. Los hinchas son vistos como un enemigo social que debe ser excluido de la vida pública para garantizar la seguridad colectiva. Esto se basa en un sentido de urgencia capaz de consolidar la adhesión a las políticas de control de emergencia. Así, incluso han surgido verdaderas campañas morales que apoyan una idea de control social, animando a las autoridades a intervenir. La seguridad se ha vuelto una cuestión social en la que las amenazas, su puesta en escena en el debate público, la alarma generalizada, la demanda de protección, las políticas de seguridad y las formas de orden social se entrelazan de manera compuesta.³⁹

³⁶ TSOUKALA. Timing “dangerousness”, p. 605-6.

³⁷ BIFULCO; SANTORO. Senso comune securitario e rappresentazione degli ultras, p. 128-35.

³⁸ MURZI. *Fútbol, violencia y Estado*, p. 88.

³⁹ GALANTINO. *La società della sicurezza*, p. 17-31, p. 219-28.

El miedo a la inseguridad que impulsa la narrativa del fútbol adquiere entonces una validez política. La seguridad es vista como una necesidad prioritaria que debe perseguirse sin vacilación y la percepción de urgencia puede actuar como un poderoso impulso para solicitar medidas extraordinarias. Un clima de alerta y sospecha ante los peligros incrementa, no en vano, la importancia de las instituciones responsables de la seguridad y de medidas represivas contundentes, promoviendo así un enfoque preventivo de la defensa del orden social, orientado a evitar que las potenciales amenazas se materialicen.⁴⁰

Alimentada por la retórica de la necesidad, la lógica política tiende, entonces, a favorecer intervenciones rápidas en lugar de una participación más profunda y una comprensión más detallada de la complejidad de los fenómenos. Está claro, además, que los actores políticos y de seguridad pueden fortalecer su posición cuando la comunidad se siente insegura, presentándose como defensores frente a un enemigo energético al que hay que enfrentarse.⁴¹ En el contexto argentino esto se traduce en el declive de la solución legislativa y judicial como herramienta privilegiada de control de la violencia en el fútbol, propia de los años 1980 y 1990, a favor de un viraje hacia soluciones de tipo ejecutivo llevadas a cabo por los “expertos” del campo de la seguridad. A partir de esa pérdida de centralidad de la legislación, lo que va a aparecer son “nuevas estrategias”⁴² que los actores de gobierno van a desplegar para enfrentar el problema de la seguridad, como el control de documentación, la prohibición de público visitante o la prohibición administrativa de concurrencia.

Sin embargo, este enfoque corre el riesgo de reducir la idea de ciudadanía a un simple derecho a la seguridad física, a la seguridad personal. La percepción constante de una amenaza no garantiza la necesaria cautela hacia las acciones preventivas y de seguridad, con el riesgo de evitar preguntas sobre su eficacia, sobre su desproporción y sobre las consecuencias secundarias que podrían conllevar importantes costos sociales y humanos. Es menos común, aunque ha habido intentos en esta dirección, que en el debate público se exploren razones sociales o económicas más complejas, que se

⁴⁰ PITCH. *La società della prevenzione*, p. 107-35; GALANTINO. *La società della sicurezza*, p. 219-28.

⁴¹ TSOUKALA. Boundary-creating Processes and the Social Construction of Threat, p. 141.

⁴² GARLAND. *La cultura del control*, p. 156.

busque una definición jurídica y política profunda del fenómeno a controlar, y menos aún que se consideren variables situacionales en la definición de comportamientos, interacciones y relaciones dentro de las hinchadas.

En primer lugar, esta concepción dominante de la seguridad y la prevención parece intentar eclipsar la relevancia de las condiciones sociales y económicas objetivas. La idea de que el bienestar colectivo deriva exclusivamente de la seguridad física puede, además, legitimar el cuestionamiento o el desinterés por el conjunto de los derechos civiles. Se corre el riesgo de aceptar, ante las amenazas percibidas a la seguridad y sus efectos psicológicos, la suspensión de los derechos democráticos y la renuncia a consideraciones sobre las limitaciones sociales, éticas y económicas que podrían dejarse de lado para garantizar la seguridad.

Este enfoque securitario se centra más en tranquilizar a la víctima y menos en identificar las causas de los problemas y su solución efectiva. El foco se desplaza hacia la demanda de protección de la comunidad frente a grupos considerados peligrosos (barras, ultras, hinchas en general), identificados como enemigos sociales, con la petición de hacer inofensivos a sus miembros, marginarlos, incluso a costa de suspender las libertades civiles individuales. Además, en ese clima de control y vigilancia preventiva, incluso conductas cotidianas pueden asociarse con delitos.

La necesidad política es, entonces, dar la idea de hacer preventivamente inofensivas las categorías sociales amenazantes, identificadas por la reputación de incivilidad, y por tanto reducir el riesgo de su acción y la perturbación del orden social. Por eso es necesario vigilarlos, controlarlos y marginarlos de la vida social, para evitar que causen daño. Así, el debate sobre el equilibrio entre seguridad y libertad, y sobre cómo éste puede desequilibrarse, perdiendo esta última su centralidad en favor de la necesidad de defensa frente a las amenazas a la seguridad, corre el riesgo de quedar relegado a un segundo plano.

* * *

BIBLIOGRAFÍA

- ALABARCES, Pablo. **Héroes, machos y patriotas**: el fútbol entre la violencia y los medios. Buenos Aires: Aguilar, 2014
- ARCHETTI, Eduardo; ROMERO, Amílcar. Death and violence in Argentinian football. In: GIULIANOTTI, Richard; BONNEY, Norman, HEPWORTH, Mike (Eds.). **Football, Violence and Social Identity**. London: Routledge, 1994, p. 37-69.
- BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo**: hacia una nueva modernidad, Buenos Aires: Paidós, 2006.
- BIFULCO, Luca. La sicurezza negli stadi in Italia. Tifo, violenza, diritto e misure di contrasto. **Sociologia del diritto**, n. 3, p. 159-85, 2018.
- BIFULCO, Luca; SANTORO, Alessandra. Senso comune securitario e rappresentazione degli ultras. I casi Raciti ed Esposito su «la Repubblica» e il «Corriere della Sera». **Problemi dell'informazione**, v. XLV, n. 1, p. 115-40, 2020.
- BINDI, Rosy; DI LELLO, Marco. **Relazione su mafia e calcio**. Commissione parlamentare di inchiesta sul fenomeno delle mafie e sulle altre associazioni criminali, anche straniere. XVII legislatura, 14 dicembre 2017.
- BOURDIEU, Pierre. Programa para una sociología del deporte. In BOURDIEU, Pierre: **Cosas dichas**, Buenos Aires: Gedisa, 1988, p. 173-84.
- CABERA DURÁN, Nicolás. **Que la cuenten como quieran**: Pelear, viajar y alentar en una barra del fútbol argentino. Buenos Aires: Prometeo, 2023.
- FERRERI, Andrea. **Ultras, i ribelli del calcio**: Quarant'anni di antagonismo e passione. Lecce: Bepress Edizioni, 2008.
- FRYDEMBERG, Julio. **Historia social del fútbol**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012.
- GALANTINO, Maria Grazia. **La società della sicurezza**. Milano: Franco Angeli, 2010.
- GARLAND David. **La cultura del control**: crimen y orden social en la sociedad contemporánea. Barcelona: Gedisa, 2005.
- GARRAFFA, Paolo. La nuova normativa contro la violenza negli stadi: qualche piccolo passo in avanti, ed un grosso passo indietro. **Diritto penale contemporaneo**, 5 maggio, p. 1-26, 2015.
- GARRIGA, José. **El inadmisible encanto de la violencia**. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2015
- GARRIGA, José. **La era del aguante**: Barras, hinchas, violencias y muerte en el fútbol argentino. Buenos Aires; Editorial Planeta, 2021.
- INGHAM, Roger. **Soccer Hooliganism**. London: Inter-Action Imprint, 1978.
- KESSLER, Gabriel. **El sentimiento de inseguridad**: Sociología del temor al delito. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

- MASSUCCI, Roberto; GALLO, Nicola (a cura di). **La sicurezza negli stadi**: Profili giuridici e risvolti sociali. Milano: Franco Angeli, 2011
- ROVERSI, Antonio. **Calcio, tifo e violenza**: Il teppismo calcistico in Italia. Bologna: il Mulino, 1992.
- SALVINI, Alessandro. **Ulrà**: psicologia del tifoso violento. Milano: Giunti, 2004.
- SANTANGELO, Filippo. “Reati tipici” da stadio: problemi applicativi ed efficacia sanzionatoria. In: MASSUCCI, Roberto; GALLO, Nicola (a cura di). **La sicurezza negli stadi**: Profili giuridici e risvolti sociali. Milano: Franco Angeli, 2011, p. 177-202.
- MURZI, Diego. **Fútbol, violencia y Estado**: una historia política de la seguridad deportiva en Argentina. Buenos Aires: Editorial Prometeo, 2019.
- PITCH, Tamar. **La società della prevenzione**. Roma: Carocci, 2008.
- REGUILLO, Rossana. Los laberintos del miedo. Un recorrido para fin de siglo. **Revista de estudios sociales**, n. 5, p. 63-72, 2000.
- SEGURA TREJO, Fernando; MURZI, Diego; NASSAR, Belén. Violence and death in Argentinean soccer in the new Millennium: who is involved and what is at stake?. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 54, n. 7, p. 837-54, 2019.
- SPAGNOLO, Pierluigi. **I ribelli degli stadi**: una storia del movimento ultras italiano. Bologna: Odoya, 2017.
- SPAAIJ, Ramón. **Understanding soccer hooliganism**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006.
- TSOUKALA, A. Boundary-creating processes and the social construction of threat. **Alternatives**, v. 33, n. 2, p. 137-52, 2008.
- TSOUKALA, Anastassia. Timing “dangerousness”: football crowd disorder in the Italian and Greek press. **Sport in Society**, v. 14, n. 5, p. 598-611, 2011.

* * *

Recebido em: 15 jun. 2025.
Aprovado em: 1º ago. 2025.

A lei 'pegou'? Política legislativa, mídia e territorialização das Sociedades Anônimas do Futebol (SAF) no Brasil

Did the law 'stick'? Legislative policy, media, and the territorialization of Sociedades Anônimas do Futebol (SAF) in Brazil

Vinicius Borges Alvim

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutorando em Sociologia, UNICAMP
viniciusalviim@hotmail.com

Irlan Simões Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Pós-doutorando em Comunicação, UERJ

Jonathan Ferreira

Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, Brasil
Doutorando em Geografia, UNESP

Victor Formaggini

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Graduando em Ciências Sociais, UNICAMP

RESUMO: Este artigo investiga a repercussão da adoção da Lei n. 14.193/2021, que institui a Sociedade Anônima do Futebol (SAF), a partir de dois eixos complementares: a produção discursiva em torno da legislação no campo midiático e alguns impactos concretos da adoção no território brasileiro. Nesse sentido, pergunta-se: de que maneira a Lei da SAF tem sido justificada midiática e politicamente e, ao mesmo tempo, adotada na prática por diferentes clubes no território brasileiro? Para tanto, o trabalho combina análise documental da tramitação do Projeto de Lei n. 5.516/2019, levantamento de dados junto à Receita Federal, georreferenciamento com ArcGIS e análise de discurso via IRaMuTeQ. Os resultados indicam que, entre 2021 e 2024, o modelo SAF foi majoritariamente adotado por clubes recém-criados, desvinculados de associações tradicionais e concentrados em regiões com maior estrutura econômica. Ao invés de reorganizar o futebol nacional de maneira sistêmica, a lei operou como facilitadora para a entrada de novos agentes econômicos, muitas vezes sem trajetória no esporte, reforçando padrões de exclusão e aprofundando desigualdades regionais. A pesquisa conclui que o modelo SAF, ao ser apresentado como solução definitiva para os problemas de gestão e financiamento do futebol, atua mais como mecanismo de inserção dos clubes nos circuitos globais de capital do que como política pública de fomento ao esporte, demandando um debate mais amplo sobre o papel social dos clubes e os limites da sua empresarização.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade Anônima do Futebol; Análise do discurso; Repercussão midiática; Futebol e política; Distribuição espacial.

ABSTRACT: This article investigates the implications of the adoption of Law No. 14,193/2021, which introduced the legal framework of the Sociedade Anônima do Futebol (SAF), by drawing on two complementary dimensions: the discursive construction surrounding the legislation in political and media arenas, and the tangible territorial impacts arising from its implementation across Brazil. It seeks to address the following question: how has the SAF Law been framed in political and media discourse, and how has it played out in practice among football clubs in different regions of the country? To that end, the study draws upon a combination of methods, including documentary analysis of the legislative process of Brazilian Senate Bill No. 5.516/2019, data collection from the Brazilian Federal Revenue Service, geospatial mapping using ArcGIS, and discourse analysis with IRaMuTeQ. The findings suggest that, between 2021 and 2024, the SAF model was predominantly taken up by newly formed clubs, detached from traditional associations and clustered in economically privileged areas. Rather than bringing about a systemic overhaul of national football governance, the legislation paved the way for the entry of new economic actors, many of whom lack any historical involvement in the sport, thereby reinforcing structural exclusions and intensifying regional disparities. The study argues that, although presented as a comprehensive remedy to long-standing management and financial issues, the SAF model has primarily served to tie Brazilian clubs into global financial circuits. This dynamic calls for a broader critical debate on the social role of football clubs and the boundaries of their ongoing corporatization.

KEYWORDS: Sociedade Anônima do Futebol; Discourse analysis; Media coverage; Football and politics; Spatial distribution.

INTRODUÇÃO¹

A TV Senado, emissora de televisão legislativa do Senado Federal, no dia 11 de agosto de 2022, recebeu no programa “Argumento” o senador Carlos Portinho (PL-RJ), para um balanço da Lei 14.193/2021, um ano após a sua aprovação. Conhecida como Lei das SAFs, a matéria prevê em sua formulação a criação de um tipo jurídico específico, a Sociedade Anônima do Futebol (SAF), com vistas e objetivo de estimular a adesão de mais clubes de futebol, concebidos como associações sem fins lucrativos, ao modelo empresarial. Durante a entrevista, Carlos Portinho, que foi relator da tramitação do Projeto de Lei no Senado, expõe argumentos centrais que estruturaram a análise desenvolvida. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a repercussão da Lei das SAFs no Senado e na mídia, além dos impactos nos clubes do território brasileiro.

Já em sua primeira frase, “Obrigado a você [Carla Benevides²], e toda a sua grande audiência e por esse tema especial. Muito bom quando uma lei pega, como dizem”,³ o senador aponta para um dado primordial sobre as SAFs no Brasil: o modelo das Sociedades Anônimas tem tido considerável aceitação em diversos setores diretamente ligados ao desenvolvimento do processo como todo. A partir dessa leitura inicial, recuperamos no decorrer do artigo alguns elementos que comprovam a aceitação: o número de clubes que aderiram à SAF, a recepção da imprensa à aprovação do modelo e as relevantes votações que o projeto recebeu em sua aprovação na Câmara e no Senado Federal.

Sancionada em 05 de outubro de 2021, com vetos pela Presidência da República, a Lei das SAFs pode ser considerada, no sentido apontado por Portinho, como um marco nas discussões da trajetória empresarial dos clubes nacionais. A norma também representa um passo significativo na consolidação e transformação do fu-

¹ Financiado pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Processo SEI 200.323/2024), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (Processo n. 2024/13535-4), do PROEX – CAPES (Processo n. 88887.947837/2024/00), do PIBIC/CNPQ e da Pró-Reitoria de Pesquisa da Unicamp (Quota 2023/24).

² Jornalista da TV Senado e âncora do programa “Argumento”.

³ TV SENADO. Relator faz balanço de um ano da lei que muda o modelo dos clubes de futebol.

tebol brasileiro em direção à uma forma de organização capitalista neoliberal. A empresarização dos clubes se configura, assim, como mais uma das expressões de um processo que pode ser verificado em outras instâncias do esporte, e também da vida social, de forma geral.

Tal processo fora analisado e conceituado por Cavalcante e Nicolau Netto a partir da noção de mercadorização, que pode ser entendida como “[...] a tendência a transformar elementos de determinado fenômeno em algo que adquira um preço em certo mercado, entrando assim, em um sistema de circulação”.⁴ A transformação dos clubes de associações civis para clubes-empresa coloca as agremiações brasileiras no epicentro desse conceito. Portanto, é possível uma análise que parta desde as tramações da pré-venda de uma agremiação – como as etapas de mudanças estatutárias nas associações, precificação, prospecção de possíveis donos, etc. – até a revenda de tais instituições, e a consolidação de um mercado de clubes de futebol no Brasil.

Nesse sentido, este artigo propõe uma reflexão sobre como esse processo de empresarização das equipes brasileiras tem se configurado nestes primeiros anos pós aprovação da lei (2021-2025). Para tanto, partimos da seguinte questão: de que maneira a Lei das SAFs (n. 14.193/2021) tem sido justificada midiática e politicamente e, ao mesmo tempo, adotada na prática por diferentes clubes no território brasileiro? Esta análise da transformação empresarial dos clubes brasileiros tem sido realizada por um grupo de pesquisadores dedicados ao estudo do futebol vinculados ao Observatório Social do Futebol (UERJ),⁵ especificamente na linha de pesquisa de *Clubes e Empresas*. Nas próximas páginas, apresentaremos os primeiros resultados de uma empreitada mais extensa de mapeamento e catalogação dos clubes que aderiram ao modelo das SAFs, ou seja, a tabulação de dados mais ou menos detalhados de cada uma das SAFs do futebol brasileiro. Ao encontro do que tem sido apresentado pelo Observatório, seja em relação aos clubes-empresa,⁶ seja sobre as alianças de torcidas

⁴ CALVALCANTE; NICOLAU NETTO. Futebol e capitalismo global: mercadorização do esporte e a formação de uma cultura neoliberal, p. 33.

⁵ OBSERVATÓRIO SOCIAL DO FUTEBOL. Início.

⁶ OBSERVATÓRIO SOCIAL DO FUTEBOL. Redes Multi-Clubes do Futebol: Relatório do Observatório Social do Futebol, n. 2.

organizadas,⁷ o que será exposto aqui, e também em produções futuras, almeja a apresentação de dados de interesse público que subsidiem o debate acerca do futebol e o seu processo de mercadorização, dentro e fora da academia.

Sendo assim, o artigo está organizado em seções que buscam explorar o contexto de aprovação da Lei das SAFs, até o número atual de clubes que aderiram à Sociedade Anônima do Futebol e sua distribuição espacial no território brasileiro. Além disso, apresentamos as decisões metodológicas empreendidas nas etapas de produção de dados, explicitando as possibilidades de análise percorridas até então e os caminhos que se apresentam para reflexões futuras a serem realizadas tanto no Observatório Social do Futebol (UERJ), quanto por outras pesquisadoras e pesquisadores interessados pela temática da empresarização dos clubes no Brasil. O artigo se divide, então, nas seguintes seções: Metodologia; Discussão sobre as SAFs no Congresso Nacional (2016-2021); Debate sobre as SAFs em outras esferas: da defesa parlamentar ao discurso na imprensa; Distribuição espacial das SAFs: concentração e assimetrias; Considerações finais.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste artigo busca sistematizar dados sobre a adoção do modelo de SAF no Brasil, combinando uma análise quantitativa do número de adesões com recortes qualitativos sobre a natureza política e contextos dessas transformações. O objetivo é contribuir para o debate crítico sobre os rumos da empresarização e financeirização dos clubes brasileiros e do futebol como um todo. Para tanto, buscamos evidenciar a dimensão processual e desigual desse movimento, que não se dá de forma homogênea no território e nem neutra em termos políticos e econômicos.

No percurso do texto, passaremos pela tramitação legislativa sobre o PL n. 5.516/2019, com uma remontagem da discussão legislativa e do discurso dos senadores. Foi utilizado o software IRaMuTeQ para produzir uma Análise de Similitude com os 100 termos mais utilizados nas notas taquigráficas do projeto de lei e as suas

⁷ OBSERVATÓRIO SOCIAL DO FUTEBOL. Violências no Futebol Brasileiro: Relatório do Observatório Social do Futebol, n. 1.

conexões, buscando demonstrar como o léxico da empresarização se faz presente já entre esses agentes políticos. Para além disso, ainda com o objetivo de investigar como se produziu uma agenda positiva sobre o tema, retomaremos colunas e textos de opinião divulgados na imprensa no blog “Esporte Legal”, do GE. A escolha por esse blog se deu pela sua proposta de refletir e opinar acerca de questões legais envolvendo o futebol, o que se relaciona diretamente com a transformação jurídica que a aprovação da Lei das SAFs impõe, e por estar hospedadas em um dos maiores portais de notícias, especializados ou não, sobre esporte no Brasil. Assim, consideramos que a coluna possui impacto direto e considerável no que se fala e se pensa sobre o tema.

Para o levantamento do número de SAFs no Brasil, recorremos aos registros da Receita Federal, especificamente em relação ao Portal de Dados Abertos, disponibilizado pelo Governo Federal e que reúne as informações cadastrais de pessoas jurídicas a partir do Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ). Utilizamos a base de dados disponibilizada pelo Governo Federal, com informações sobre os CNPJs até o dia 30 de abril de 2025, sendo este o nosso recorte temporal de análise. Para extrair o número de SAFs no país, realizamos a busca a partir da nomenclatura adotada pela própria lei e suas possíveis variações e abreviações de escrita (“Sociedade Anônima do Futebol” e “S.A.F”) nos campos de razão social e nome fantasia. Além destes critérios, também consideramos em nosso tratamento os campos de Natureza Jurídica e a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) como forma de verificar se estes critérios estavam de acordo com os parâmetros da Lei.

Tais resultados, demonstrados no decorrer do texto, representam uma novidade frente a outras iniciativas do tipo, apontando para mais de 100 SAFs (ver na seção “Distribuição espacial das SAFs: concentração e assimetrias”) constituídas em território nacional. Já em relação à proposta de produção de mapas que demonstram a distribuição espacial das SAFs no Brasil, utilizamos a ferramenta de software livre QGis.

DISCUSSÃO SOBRE AS SAFs NO CONGRESSO NACIONAL (2016-2021)

Há um crescente e constante avanço das políticas neoliberais no Brasil há algumas décadas, seja em maior ou menor grau, que visa ampliar a acumulação de capital nos mais variados âmbitos da sociedade. Nesta empreitada, o Estado é agente central e

tem por objetivo conduzir as “regras do jogo” de maneira a beneficiar o mercado e seus interesses. Milton Friedman é um dos ideólogos liberais que produziu trabalhos sobre como deveria ser a postura do Estado na vida dos indivíduos e como os liberais que estivessem sob o seu comando deveriam agir – em prol da livre concorrência entre a iniciativa privada. Neste sentido, é central para esta seção a forma como o Estado brasileiro, na figura de seus parlamentares, manifesta ideias neoliberais em seu discurso e suas práticas. Gilbert⁸ argumenta sobre a importância da análise do discurso neoliberal para além de seu aspecto gramatical, mas como as ideias neoliberais se apresentam em forma de consenso, envoltas de uma racionalidade e silenciosamente propagandística.

Iniciativas que têm por objetivo estimular a empresarização de clubes de futebol no Brasil pela via jurídica não se iniciam com as Sociedades Anônimas do Futebol. Essa ideia compreende observar as implementações de uma lógica empresarial no futebol a partir dos clubes – a racionalização dos processos internos do clube, de sua estrutura organizacional e a conduta de seus dirigentes, atletas e funcionários –, visando a sua “modernização” e adequação aos “novos tempos”. Com a utilização deste conceito é possível enquadrar a relação entre os processos legislativos voltados ao futebol e o seu impacto nos clubes de forma mais precisa. Para além de observar estas mudanças na “cultura organizacional” dos clubes, a Lei das SAFs possibilitou uma mudança no regime jurídico destes clubes – em sua maioria, de associações civis para sociedades empresariais – e que está de acordo com esta concepção do futebol enquanto negócio.

Há, desde a Lei Pelé, formas de imprimir uma modernização nos clubes brasileiros em suas práticas administrativas e na responsabilização de seus dirigentes por gestões classificadas como “temerárias” financeira e desportivamente, como bem analisado por Boudens⁹ ao olhar sobre os projetos que visam “modernizar” e “moralizar” o futebol no Congresso Nacional. Para esta seção do artigo, trabalharemos com o recorte temporal entre 2016 a 2021, período em que ocorre a apresentação do Projeto de Lei n. 5.082/2016, de autoria dos deputados federais Otávio

⁸ GUILBERT. *As evidências do discurso neoliberal na mídia*.

⁹ BOUDENS. *Modernizar e moralizar o futebol: vai pegar?*

Leite (PSDB/RJ) e Domingos Sávio (PSDB/MG), a sua discussão e aprovação em plenário na Câmara dos Deputados no ano de 2019 e o surgimento do PL n. 5.516/2019, de autoria do senador Rodrigo Pacheco (PSD/MG) e que origina em 2021 a Lei n. 14.193/2021, ou simplesmente Lei das SAFs. Apesar do recorte temporal estabelecido, é importante apontar que mudanças voltadas à gestão de clubes de futebol foram objetos de interesses de parlamentares em momentos anteriores. Na Tabela 1, destacamos algumas iniciativas protocoladas no Congresso Nacional que ilustram esse interesse de modernização do futebol utilizando da estrutura do Estado para promover e implementar estas transformações.

Data	N. PL	Parlamentar(es)	Partido/UF	Descrição
15/12/2005	6.461/2005	Silvio Torres	PSDB/SP	Institui a Sociedade Empresária Desportiva, com regime tributário específico, e dá outras providências.
25/06/2015	2.104/2015	Augusto Coutinho	SD/PE	Dispõe sobre as Sociedades Anônimas Desportivas (SADES), e dá outras providências.
26/04/2016	5.082/2016	Otávio Leite e Domingos Sávio	PSDB/RJ e PSDB/MG	Cria a via societária, e estabelece procedimentos de governança e de natureza tributárias, para modernização do futebol, e dá outras providências.
15/10/2019	5.516/2019	Rodrigo Pacheco	DEM/MG	Cria o Sistema do Futebol Brasileiro, mediante tipificação da Sociedade Anônima do Futebol, estabelecimento de normas de governança, controle e transparência, instituição de meios de financiamento da atividade futebolística e previsão de um sistema tributário transitório.

Tabela 1: Projetos de Lei no Congresso Nacional sobre a empresarização dos clubes.

No dia 26 de abril de 2016, o PL 5.082/2016 é protocolado na Câmara dos Deputados, apresentando uma proposta de transformação dos clubes de futebol (em sua maioria, associações civis sem fins lucrativos) em clubes-empresa, além de tratar sobre questões tributárias, parcelamento e quitação de dívidas e formas de resolução de processos na esfera jurídica, como o Regime Centralizado de Execuções.¹⁰

¹⁰ BRASIL. Projeto de Lei n. 5.082, de 26 de abril de 2016.

Este projeto de lei é promovido publicamente pelo então presidente da Câmara, Rodrigo Maia (à época filiado ao DEM e atualmente no PSD/RJ), torcedor do Botafogo/RJ e que se encontrava em situação esportiva e financeira diferente da que vive atualmente, em 2025.

A ida do projeto ao plenário ocorreu somente no dia 27 de novembro de 2019, cujo relator da matéria foi o deputado Pedro Paulo (DEM/RJ). Durante a leitura de seu parecer, é mencionado o “grande impacto socioeconômico que o esporte pode gerar para o país”¹¹ como elemento central para a existência de uma legislação específica ao futebol, amparado sob uma conjuntura econômica nacional que “não permite mais que o Estado promova soluções paliativas (como o Profut, Timemania, etc.), sem que não haja nenhuma mudança na realidade administrativa e organizacional dessas entidades”.¹²

O projeto é aprovado, porém não é levado adiante dentro do Senado, pois no dia 15 de outubro daquele ano – ou seja, pouco menos dois meses antes da apreciação e aprovação em plenário do PL encabeçado por Rodrigo Maia – é protocolado o projeto de lei que origina a Lei das SAFs. Tal cenário é reflexo de uma das diversas crises que a base governista enfrentou ao longo do mandato do então presidente Jair Bolsonaro (atual PL/RJ), que havia se desfiliado do Partido Social Liberal (PSL) após divergências com o presidente da sigla, Luciano Bivar (atual UNIÃO/PE), e sua intenção de criar um novo partido. Neste movimento, há um “racha” no PSL, onde parlamentares ligados ao ex-presidente migraram para partidos como o Partido Liberal (PL) enquanto outros permanecem no PSL, mas rompendo com Bolsonaro.¹³ Outro componente importante deste contexto foi a percepção que os clubes brasileiros tinham em relação ao PL encabeçado por Rodrigo Maia, sendo preterido pelo projeto de Rodrigo Pacheco e apelidado de “Projeto do Botafogo”.¹⁴

Durante o ano de 2020, o PL de Rodrigo Pacheco pouco progrediu em termos de movimentação interna no Congresso Nacional, visto o cenário calamitoso que se encontrava o Brasil naquele contexto em decorrência da pandemia de Covid-19. A

¹¹ BRASIL. Notas Taquigráficas, sessão de 27 de novembro de 2019.

¹² BRASIL. Notas Taquigráficas, sessão de 27 de novembro de 2019.

¹³ RODRIGUES, Paloma. Cerca de 30 deputados do PSL devem migrar para novo partido de Bolsonaro, diz líder do governo.

¹⁴ FOLHA DE S PAULO. Fama de ‘projeto para o Botafogo’ ameaça clube-empresa da Câmara.

relatoria do projeto foi entregue somente no início de 2021 ao senador recém-empossado Carlos Portinho, dado o seu histórico com o futebol como advogado e consultor jurídico de clubes como Flamengo, Santos, Palmeiras, São Paulo, Cruzeiro e Atlético Mineiro. Entre a sua posse e o seu anúncio como relator, são 115 dias e mais 105 dias até a sessão deliberativa que aprovou o projeto no Senado Federal, em junho de 2021.

Importante destacar que Portinho não era a única figura com histórico no futebol que participou diretamente da aprovação desta lei. Na Tabela 2 estão os parlamentares que participaram das sessões que culminaram na aprovação da lei e qual seu envolvimento com o futebol. Destacam-se, além de Carlos Portinho, os senadores Jorge Kajuru, Romário Faria, Eduardo Girão e Leila Barros, e o deputado Fred Costa – este último foi relator da matéria na Câmara e foi designado para a mesma função para o PL n. 2.978/2023, que altera itens relacionados à dívida trabalhista dos clubes na Lei das SAFs.

Nome	Cargo	Partido/UF	Relação com o futebol
Carlos Portinho	Senador	PL-RJ	Vice-presidente jurídico do Flamengo (2001-2002) foi advogado de clubes de futebol
Romário Faria	Senador	PL-RJ	Ex-jogador e dirigente do América-RJ
Eduardo Girão	Senador	PODEMOS-CE	Ex-presidente do Fortaleza (2017)
Jorge Kajuru	Senador	PODEMOS-GO	Jornalista esportivo
Leila Barros	Senadora	PSB-DF	Autora da Lei Geral do Esporte (Lei Federal n. 14.597/2023)
Fred Costa	Deputado Federal	PATRIOTA-MG	Atual relator do PL n. 2.978/2023 e responsável por conversar com os clubes de futebol ¹⁵

Tabela 2: parlamentares presentes nas discussões do PL n. 5.516/2019 com proximidade à temática do futebol.

¹⁵ PODER 360. Clubes se reúnem com relator da SAF nesta terça-feira.

Ao analisarmos como discursivamente os parlamentares se posicionaram sobre as SAFs, nota-se a apropriação de um léxico neoliberal como retórica para argumentar em favor delas.¹⁶ Carlos Portinho, ao realizar a leitura de seu parecer em sessão deliberativa no Senado, apropria-se de retórica semelhante à utilizada por Pedro Paulo em 2019, argumentando que o futebol “vai além do campo da identidade cultural” e destacando o potencial de arrecadação dos clubes de futebol. Neste sentido, o impacto da Covid-19 nas finanças afetou diretamente esse potencial, seja no Brasil ou no mundo. Então, Portinho apresenta o PL como uma “alternativa viável e lógica para o aprimoramento do futebol e do seu ecossistema” e que possibilite a “criação de um novo tipo societário, exclusivamente para o futebol”.¹⁷

Nesta linha argumentativa há uma intencionalidade em contrapor o modelo de SAF, promovido como “um gol de placa em favor do futebol brasileiro”¹⁸ e um “marco na busca da modernização e da profissionalização da gestão dos nossos clubes”,¹⁹ com o tradicional modelo associativo, imputando adjetivos que remetem a ideia de amadorismo diante de um futebol cada vez mais financeirizado e mercadorizado. Carlos Portinho, ao responder o senador Carlos Viana (PSD-MG) sobre possíveis calotes vindos das SAFs, responde que “[...] hoje, o calote é a regra. E a gente não está aqui para dar calote em ninguém. Por isso, a gente está fazendo o tratamento da dívida social, do passivo social-trabalhista dos clubes, e do passivo cível, que, junto com o tributário, já estão lá no Profut”.²⁰

Na Figura 1, com auxílio de software de análise quantitativa de dados textuais, foi produzido um gráfico de análise de similitude com o conteúdo das notas taquigráficas relacionadas ao PL n. 5.516/2019. Nela, estão os 100 termos mais recorrentes no corpus textual, em que o tamanho de cada um representa se a sua ocorrência foi maior ou menor em relação às demais ali presentes. A co-ocorrência – ou a quantidade de vezes em que duas palavras estão próximas dentro de uma frase,

¹⁶ FORMAGGINI. O “novo” léxico do futebol brasileiro: neoliberalismo e mercadorização do futebol na análise das justificativas por trás da Lei da Sociedade Anônima do Futebol (SAF).

¹⁷ BRASIL. Diário do Senado Federal, sessão de 10 de junho de 2021.

¹⁸ BRASIL. Notas Taquigráficas, sessão de 14 de julho de 2021.

¹⁹ BRASIL. Diário do Senado Federal, sessão de 10 de junho de 2021.

²⁰ BRASIL. Notas Taquigráficas, sessão de 14 de julho de 2021.

por exemplo – é ilustrada a partir das linhas que conectam as palavras entre si, variando a espessura de seu traçado. Uma das interpretações possíveis é observar que o gráfico pode ser lido em três fases, sendo: 1) termos relacionados à forma protocolar dos parlamentares (*v_exo, sr, matéria*); 2) a temática da discussão do projeto de lei (*dívida, clube_associacao, futebol*) e; 3) os termos que compõem o léxico neoliberal (*governança, gestão, responsabilidade*). A partir deste gráfico, é possível notar quais foram os principais pontos elencados durante as discussões, sendo a *dívida* (81 vezes) o tópico utilizado como argumento pró-SAF.

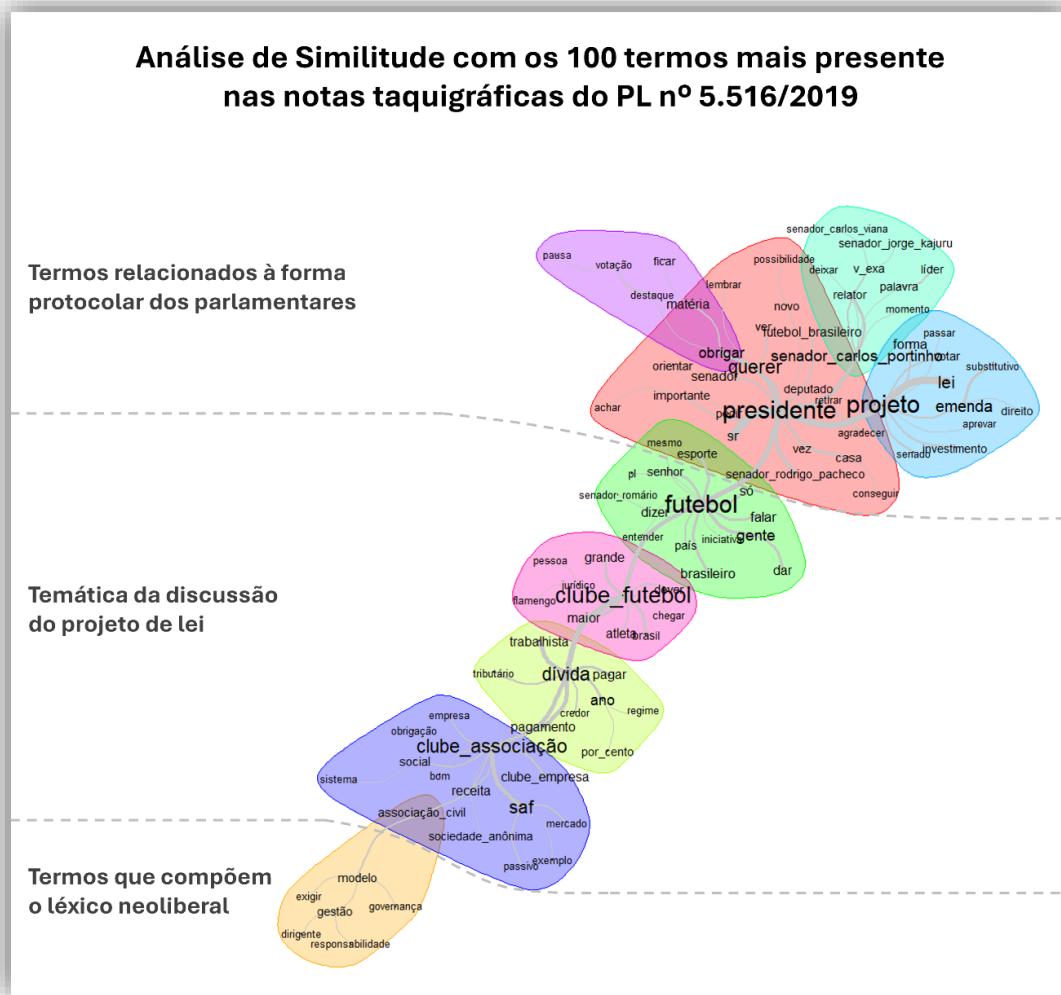


Figura 1: Análise de Similitude realizada a partir das notas taquigráficas do PL n. 5.516/2019
Fonte: Elaborado por Victor Formaggini, 2025.

Uma passagem que ilustra bem como o discurso neoliberal possui diversas camadas, tal como Guilbert²¹ descreve, é a do ex-jogador da seleção brasileira e atual senador Romário (PL-RJ), ao articular a racionalidade neoliberal em torno da “modernização” e o imaginário do torcedor ao relembrar o “protagonismo” do futebol brasileiro e da seleção nacional no cenário mundial:

Infelizmente, desde a minha época de jogador, sempre enfrentei o amadorismo dos seus dirigentes, movidos apenas pela paixão ou pelo interesse pessoal. A era do amadorismo, Sr. Presidente, Sras. Senadoras, Srs. Senadores, tem que acabar, e este projeto demonstra isso. Nós tivemos cinco títulos mundiais apenas pelo talento excepcional dos nossos jogadores, mas agora está claro que apenas o talento em campo não resolve mais. Os últimos resultados internacionais de nossos clubes e seleções, sobretudo contra os europeus, evidenciam tal condição marginal no mundo do futebol [...] Há seis anos, fizemos a CPI do Futebol nesta Casa e mostramos o quanto precisamos limpar, modernizar e fortalecer a gestão do nosso futebol. Tenho esperança de que essa SAF ajude realmente e vai ajudar nesse processo de retomada do protagonismo brasileiro no nosso futebol mundial.²²

Nessa intervenção, o parlamentar articulou uma visão que evidencia os alicerces políticos, econômicos e ideológicos do projeto, alinhando-se a uma construção discursiva que professa os preceitos neoliberais de organização da vida social. É a partir da mobilização centralmente da ideia de “profissionalização” e “modernização” do futebol brasileiro que o senador apresenta as diretrizes traçadas para a transformação dos clubes e a “retomada do protagonismo brasileiro” no cenário mundial. Ele aponta para uma dicotomia entre os modelos de associação civil, tido como ineficiente, amador e arcaico, e as SAFs, que estariam em consonância com a eficiência corporativa e a modernização que o modelo empresarial supostamente poderia trazer.

Por fim, o uso do imaginário socialmente construído em torno do futebol brasileiro e da seleção brasileira são alicerces centrais na construção deste discurso, pois mobiliza valores socialmente compartilhados entre a população brasileira. Guilbert atribui essa mobilização a uma dupla dissimulação do discurso neoliberal, pois ao mesmo tempo que se apresenta enquanto imparcial e racional, insere elementos

²¹ GUILBERT. *As evidências do discurso neoliberal na mídia*.

²² BRASIL. Diário do Senado Federal, sessão de 10 de junho de 2021.

considerados sagrados em busca de uma mobilização coletiva em defesa daquilo que se discursa.

Assim como o escamoteador da carta roubada modificou o aspecto da carta sujando-a e amassando-a para lhe dar uma aparência ordinária e evidente, a segunda dissimulação mascara o aspecto esperado do discurso ideológico, seu aspecto proselitista, sob uma forma que parece racional, portanto, neutra e objetiva.²³

DEBATE SOBRE AS SAFS EM OUTRAS ESFERAS: DA DEFESA PARLAMENTAR AO DISCURSO NA IMPRENSA

O debate acerca da Lei das SAFs no Brasil não ganhou matizes de agenda positiva apenas no Congresso Nacional. Essa característica de aprovação ao novo modelo empresarial que os clubes poderiam aderir adentrou outras instâncias, sendo discursada por sujeitos que não se fazem presentes no cotidiano parlamentar da Câmara e do Senado. Em meio a torcedores, dirigentes, empresários, juristas, acadêmicos e jornalistas, a pauta da empresarização dos clubes brasileiros foi longamente tratada, ganhando espaço no debate público. À frente, analisaremos o desenvolvimento dessa discussão em setores da imprensa, partindo de um recorte específico que visa evidenciar sob quais pilares se assenta a defesa e promoção das Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs).

Como objeto dessa análise, retomamos as publicações de um blog: o Esporte Legal, localizado no portal GE.com. Procuraremos demonstrar alguns dos pilares sob os quais se assenta a discussão sobre a transformação empresarial dos clubes, a partir de uma perspectiva que aponta para a imprensa como um “campo especializado [...] de produção cultural no qual são produzidas e disseminadas representações autoritárias do mundo social”.²⁴ Nesse sentido, tomamos a imprensa como uma das forças de mobilização da opinião pública, como uma construtora de sentidos e, nesse caso, como um agente relevante da defesa do modelo das Sociedades Anônimas do Futebol.

Escrito por José Eduardo Junqueira Ferraz – “Advogado, professor, mestre e doutor em Direito”, como o próprio se define – no blog Esporte Legal, o debate sobre

²³ GUILBERT. *As evidências do discurso neoliberal na mídia*, p. 46.

²⁴ WACQUANT. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes.

os modelos estruturais de organização dos clubes, que contrapõe as associações civis e as sociedades empresárias, estava posto durante todo o processo que envolveu a aprovação da Lei das SAFs. Em mais de uma publicação, por exemplo, o autor questionou o modelo organizacional do FC Barcelona, que se mantém ainda hoje como uma associação desportiva. Meses antes da criação do tipo jurídico das Sociedades Anônimas do Futebol no Brasil, em março de 2021, foi divulgada a matéria “Escândalo no Barcelona: o drama das associações desportivas é um fenômeno mundial”,²⁵ que tem já no seu primeiro parágrafo uma indicação da linha editorial adotada pelo blog: “Há tempos venho pregando nesse espaço, que a insistência dos grandes clubes brasileiros em manterem-se sob o formato jurídico de associações civis sem fins lucrativos constituiu-se na base fundamental de grande parte de seus dramas internos.” Em outros textos, como em “Caso Barcelona: nem os gigantes escampam às falhas do modelo associativo”²⁶ e “Até quando o Barcelona se manterá sob o formato de associação civil sem fins lucrativos??”,²⁷ estes já escritos após a aprovação das SAFs no Brasil, o autor mantém a sua linha de defesa do modelo empresarial, discorrendo sobre como se faz necessário uma mudança na “essência” dos clubes, pois estes estariam imersos em uma lógica de mercado que não corresponde ao ordenamento não lucrativo que as associações civis se propõem. Para o autor, esse descompasso entre a lógica estruturante do futebol global e do modelo dos clubes associativos é o que abre margem para gestões temerárias e corruptas, sendo os supostos mecanismos de controle intrínsecos a uma sociedade anônima suficientes para resolver diversas questões internas a existência dos clubes.

Se voltarmos ao que foi produzido especificamente sobre a Lei das SAFs no Brasil, o blog analisa a aprovação da legislação brasileira como um momento histórico e que busca colocar o país na vanguarda do debate sobre a conversão empresarial dos clubes de futebol. No texto “Nova lei dos clubes-empresa já produz os primeiros benefícios práticos em favor do Portuguesa, Vasco e Botafogo”,²⁸ fica claro

²⁵ FERRAZ. Escândalo no Barcelona: o drama das associações desportivas é um fenômeno mundial.

²⁶ FERRAZ. Caso Barcelona”: nem os gigantes escapam às falhas do modelo associativo.

²⁷ FERRAZ. Até quando o Barcelona se manterá sob o formato de associação civil sem fins lucrativos???.

²⁸ FERRAZ. Nova lei dos clubes-empresa já produz os primeiros benefícios práticos em favor do Portuguesa, Vasco e Botafogo.

que a defesa de José Eduardo Ferraz pelo modelo das SAFs vai além de uma mudança apenas jurídica, apontando para a necessidade de uma transição de gestão. Para além dos benefícios fiscais e econômicos que o novo modelo poderia trazer, o autor aponta para a necessidade de uma transformação profunda, que empurre os clubes em direção à norma empresarial defendida também pelos congressistas na tramitação da proposta, como demonstrado anteriormente.

Ainda que o autor aponte a necessidade de “se reconhecer o avanço constante desta proposição legislativa”, os meses após a aprovação da Lei das Sociedades Anônimas do Futebol permitiu uma observação das primeiras consequências para os clubes que aderiram rapidamente ao novo modelo, o que trouxe novos matizes para as análises propostas no blog Esporte Legal. Por mais que a linha editorial e ideológica do blog permaneça a mesma – “Como tenho afirmado em todas as minhas manifestações, sou um grande entusiasta do projeto das SAFs, o qual entendo ser a grande ferramenta de nossos grandes clubes” –, as primeiras vendas de clubes para investidores trouxeram questões em relação aos percentuais de venda das agremiações, com o autor apontando a necessidade de reflexão acerca do controle acionário de cada clube, como nos textos “Venda do controle acionário do Cruzeiro SAF: ‘Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém’²⁹ e “SAF: a pressa é inimiga da perfeição”.³⁰

Em todos os casos, o que chama atenção é a defesa de uma transformação que não é apenas legal, burocrática ou organizacional das agremiações. A transformação empresarial seria uma mudança na essência dos clubes, uma forma de colocar as agremiações brasileiras em conformidade com o desenvolvimento do capitalismo global e do mercado do futebol. Mais do que os incentivos fiscais, econômicos e jurídicos, a adesão às SAFs faria menção a uma modernização e profissionalização do futebol brasileiro, deixando para trás o arcaico e dissonante modelo das associações civis sem fins lucrativos que os defensores da forma empresarial propagam. O pouco espaço para a contradição pode ser tomado como mais uma demonstração de como essa adesão à norma do clube-empresa foi propagada de forma quase irrestrita em diversas esferas, desde a parlamentar, até setores da imprensa. Não surpreende,

²⁹ FERRAZ. Venda do controle acionário do Cruzeiro SAF: "Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém".

³⁰ FERRAZ. SAF: a pressa é inimiga da perfeição.

portanto, que em diversos clubes a discussão sobre a adesão à Sociedade Anônima do Futebol tenha ocorrido de forma apressada e com pouca margem para questionamentos nas estruturas internas, o que se reflete também no comportamento da torcida e dos associados, com votações que apresentaram percentuais acima de 90% de aprovação à criação das SAFs. Tal qual na esfera legislativa, e em outras conformações do capitalismo neoliberal, a transformação empresarial é discursada e entendida a partir de uma inevitabilidade do modelo, o que acaba por colocar os modelos de Sociedade Anônima como única alternativa possível, mesmo com casos que demonstrem o contraditório no contexto de diversos países.

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS SAFS: CONCENTRAÇÃO E ASSIMETRIAS

A promulgação da Lei n. 14.193/2021, aqui referida como Lei da SAF, marcou um novo capítulo na trajetória jurídica e institucional dos clubes de futebol no Brasil. Como discutido ao longo deste artigo, a tramitação do projeto e sua recepção por parlamentares, juristas e veículos de comunicação mobilizaram um vocabulário centrado na promessa de profissionalização, eficiência e modernização do setor. No entanto, os dados levantados desde a sanção da lei até o presente momento revelam um cenário mais complexo. A adesão ao novo modelo manifesta-se de forma heterogênea e seletiva e, embora alguns clubes de maior expressão tenham adotado a nova estrutura, a grande maioria das SAFs permanece desvinculada de agremiações tradicionais.

Observa-se, portanto, um processo que envolve, simultaneamente, a ampliação de um modelo empresarial e a reprodução de assimetrias e contradições no território nacional. Após quatro anos de vigência da Lei, este estudo aponta preliminarmente a existência de 115 SAFs ativas no país. Em levantamento anterior, realizado ainda em 2021, antes da entrada em vigor da nova legislação, Ferreira e Motta³¹ identificaram 135 clubes registrados sob modelos empresariais anteriores, como Sociedade Anônima, Sociedade Limitada (LTDA.) ou EIRELI. Isso indica que, no momento da promulgação da lei, o modelo de clube-empresa já era adotado por um número significativo de instituições.

³¹ FERREIRA; MOTTA. Clube-empresa no Brasil: um fenômeno geográfico.

Contudo, dos 135 clubes-empresa identificados em 2021, apenas 12 formalizaram a conversão para SAF. Utilizando o CNPJ como parâmetro comparativo, das 115 SAFs atualmente existentes, apenas 10 correspondem à transformação de associações civis previamente constituídas. Ou seja: houve, na verdade, uma mudança no que diz respeito à natureza jurídica³² dessas pessoas jurídicas, migrando de associação civil para sociedade anônima. O dado mais expressivo, entretanto, é que 93 entidades foram criadas do zero, com registros jurídicos inéditos e estabelecidas já sob o arcabouço da nova legislação.

Tal configuração é, ao mesmo tempo, contrastante e reveladora. A Lei da SAF, em vez de operar majoritariamente como instrumento de reorganização de clubes com trajetória consolidada, passou a funcionar como plataforma de entrada para novos agentes econômicos, muitas vezes sem qualquer histórico prévio no futebol profissional. Nesse sentido, a legislação não apenas regulamenta práticas existentes, mas também impulsiona a formação de um novo mercado. Por outro lado, a permanência de clubes como Red Bull Bragantino fora do modelo de SAF reforça que a adesão à nova forma jurídica não é automática nem obrigatória, estando sujeita a condicionantes estratégicas, financeiras e institucionais.

Soma-se a isso o fato de que há clubes em uma espécie de limbo institucional. É o caso do Botafogo de Ribeirão Preto, por exemplo, que se apresenta como SAF, mas até agora não consta com registro formal na Receita Federal. Situações como essa mostram que, mesmo quando há declarações públicas ou intenção clara de adesão ao modelo, a formalização jurídica pode não ter se concretizado – seja por entraves burocráticos, indefinições jurídicas ou até mesmo por escolhas estratégicas. Em outras palavras, há clubes que afirmam ser SAF, mas, na prática, ainda não são. Essa ambiguidade reforça as zonas cinzentas do processo e expõe os limites da regulamentação atual.

A distribuição territorial das SAFs (ver Imagem 1) revela padrões de concentração regionais bastante evidentes. Os dados apontam uma predominância signifi-

³² A natureza jurídica é uma classificação que toda pessoa jurídica possui, determinando as regras que ela deve seguir perante a legislação brasileira. Neste sentido, a SAF segue as determinações da Lei n. 6.404/1976, que dispõe sobre as Sociedades por Ações.

cativa na região Sudeste, especialmente no estado de São Paulo, que sozinho concentra 28 registros. No Sul, apenas Paraná e Santa Catarina apresentam volumes relevantes, enquanto o Rio Grande do Sul possui presença quase inexistente. No Centro-Oeste, destacam-se os estados de Mato Grosso, Goiás e o Distrito Federal, todos com números superiores à média nacional. Em contraste, as regiões Norte e Nordeste demonstram baixa participação no processo, com exceção da Bahia, que se sobressai com oito SAFs ativas até o momento.

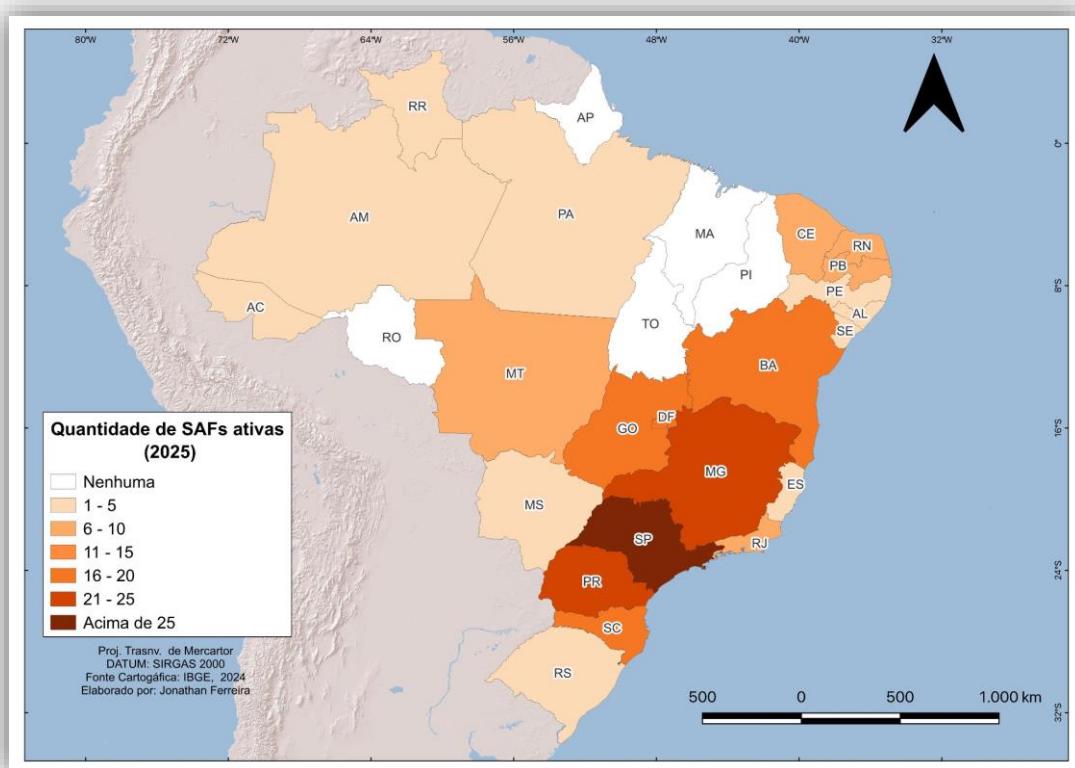


Figura 2 - Número de Sociedades Anônimas do Futebol por estado no Brasil.
Fonte: Receita Federal (2025), dados organizados pelos autores.

A difusão desse modelo jurídico no território nacional segue um padrão de seletividade típico do atual estágio da globalização. Como discutido anteriormente, a aprovação da Lei foi acompanhada por um discurso fortemente mobilizado em torno da ideia de modernização e racionalização da gestão esportiva. Se outrora o modelo de clube-empresa foi apresentado como solução definitiva para os impasses estruturais dos clubes brasileiros (narrativa posteriormente desacreditada), agora

a SAF assume esse novo papel messiânico. Longe de representar uma solução universal, a nova legislação escancara as limitações do modelo, cujo acesso e implementação dependem de variáveis econômicas, jurídicas e territoriais.

Criou-se, assim, uma nova fábula: a de que as SAFs revolucionaram o futebol brasileiro, promovendo estabilidade financeira e resultados esportivos. Na prática, no entanto, o que se observa é a adesão desordenada e muitas vezes desesperada de clubes em busca de soluções imediatas. Esse foi o caso do CR Vasco da Gama, que vendeu sua SAF ao grupo de private equity 777 Partners em 2022, encerrando a parceria dois anos depois em meio à falência do grupo e sem conquistas significativas dentro ou fora de campo. Por outro lado, o seu arquirrival, a SAF do Botafogo, alcançou desempenho de destaque em 2024, com títulos expressivos, embora esse sucesso pontual não possa ser generalizado como evidência da eficácia do modelo.

INÍCIO TÍMIDO, MAS CONCENTRADO

Em vez de tomar o número total de SAFs como um bloco homogêneo, a partir desse momento optamos por olhar com atenção para sua evolução ao longo do tempo. O que começou como uma promessa de transformação estrutural do futebol brasileiro rapidamente passou a revelar dinâmicas mais complexas, marcadas tanto por adesões imediatas quanto por desigualdades territoriais.

A leitura dos dados entre 2021 e 2024 permite vislumbrar como o modelo se espalhou (ou não) pelos estados brasileiros, quais clubes se mobilizaram mais rapidamente e onde se formaram os primeiros polos de adesão. Não se trata apenas de contar registros: o que está em jogo é entender quem aderiu, onde, quando e sob quais condições. Ao examinar a trajetória anual da implementação da SAF, é possível confrontar a retórica da modernização com a realidade concreta de sua adoção, que segue marcada por seletividades, experimentações e até recuos.

A seguir, apresentamos uma análise detalhada da evolução das SAFs em seus primeiros quatro anos de vigência, partindo dos registros de 2021 e avançando até 2024 (ver Imagem 2). Essa abordagem cronológica permite identificar continuidades, rupturas e padrões territoriais que desafiam a ideia de que o modelo SAF se dissemina de forma linear ou consensual.

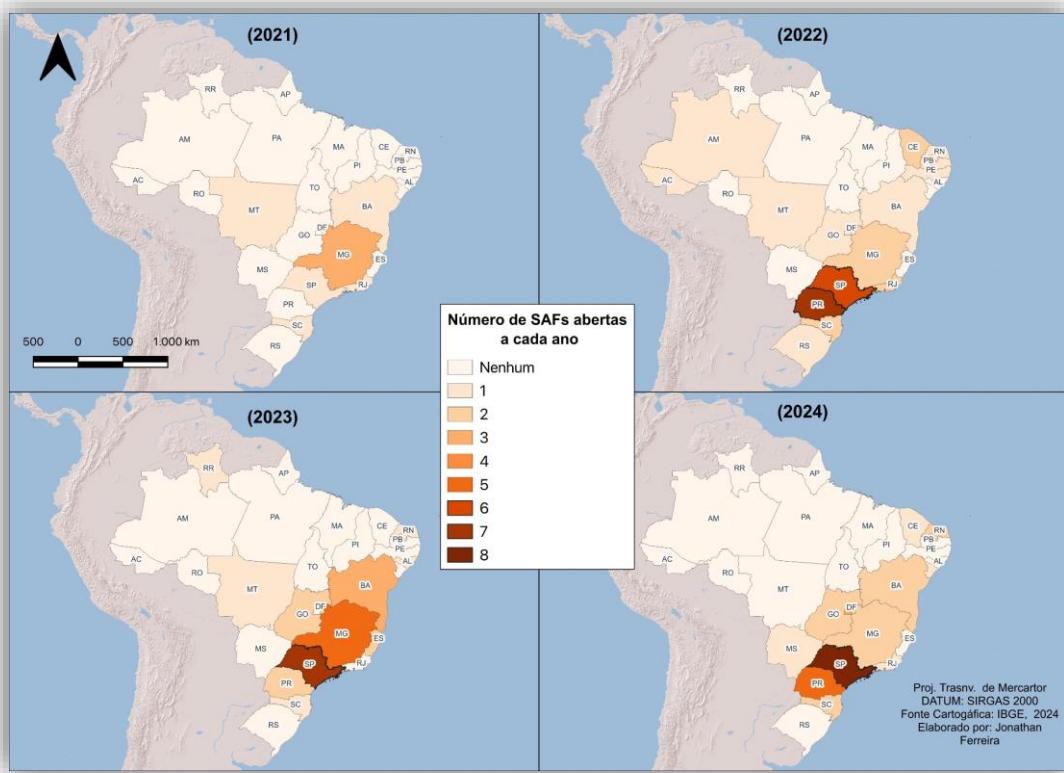


Figura 3 - Abertura de novas Sociedades Anônimas do Futebol por estado e ano desde a constituição da Lei (2021-2024). Fonte: Receita Federal (2025), dados organizados pelos autores.

O primeiro ano da Lei das SAFs foi, como era de se esperar, um período de adesão ainda incipiente. Com apenas nove registros formais distribuídos por sete estados, 2021 serviu mais como terreno de teste do que como norma impositiva no território. Ainda assim, o dado numérico modesto esconde movimentos importantes. Clubes de grande expressão nacional, como Cruzeiro, Botafogo e Figueirense, foram alguns dos primeiros a se reestruturar sob o novo modelo, conferindo legitimidade pública à proposta. Por outro lado, o caso do Gama, no Distrito Federal, chama atenção: após virar SAF ainda em 2021, o clube encerrou as atividades no ano seguinte.

A adesão, naquele momento, se concentrou em regiões já minimamente organizadas do ponto de vista jurídico e institucional. Minas Gerais (três registros) liderou, seguida por estados como Rio de Janeiro, Santa Catarina e Bahia, todos com presença pontual. Não houve, portanto, nenhuma difusão em larga escala.

Se 2021 foi marcado por cautela, 2022 mostrou o impacto imediato da regulamentação com a consolidação de 23 novas SAFs em diferentes regiões do país. O volume sugere um entusiasmo inicial, possivelmente alimentado pelas promessas

de profissionalização, acesso a novos investimentos e reorganização financeira. São Paulo despontou com cinco registros, seguido por Rio de Janeiro com três e Paraná com quatro, este último se consolidando como um dos polos mais dinâmicos fora do eixo tradicional.

Apesar da expansão em número, o processo não foi uniforme. Enquanto alguns estados passaram a experimentar a SAF como caminho de reorganização, outros se mantiveram completamente à margem. A ausência do Rio Grande do Sul, por exemplo, já começava a chamar atenção, destoando de sua importância histórica no futebol brasileiro. A entrada de estados do Norte, como Acre e Amazonas, também ocorreu de forma isolada, sem configurar uma tendência regional clara. O que se via era uma adoção acelerada, porém concentrada. Em outras palavras, onde havia estrutura e histórico de empresarização dos clubes, houve adesão, onde não havia, a legislação passou quase despercebida.

O ano seguinte trouxe um ritmo visivelmente mais lento. Em 2023, apenas 16 novas SAFs foram registradas. O entusiasmo inicial arrefeceu, dando lugar a uma postura mais calculada por parte dos clubes. O modelo começava a mostrar suas arestas e as primeiras experiências mal-sucedidas já circulavam no debate público, esfriando expectativas infladas. Ainda assim, alguns estados estrearam no processo, como o Espírito Santo, já outros reforçaram sua presença, como Bahia e Minas Gerais, que seguiram figurando entre os estados com maior número acumulado de registros.

O dado mais interessante talvez seja o da dispersão geográfica tímida, mas simbólica. O Nordeste aparece com mais força, especialmente com os três novos registros na Bahia. Já o Norte, que havia mostrado sinais de entrada em 2022, se restringiu a Roraima. O Sul, por sua vez, praticamente desaparece do cenário, com apenas uma nova SAF em Santa Catarina.

Em 2024, o número de adesões voltou a crescer, alcançando 24 novos registros. Mas o crescimento veio de forma mais dirigida e seletiva. Certos estados, como o Paraná, surpreendem com cinco novas SAFs, consolidando-se como um polo regional estável de adesão. O Sudeste manteve sua liderança, com São Paulo (cinco), Minas Gerais (um) e Rio de Janeiro (dois) reforçando sua presença contínua. O Centro-Oeste, por sua vez, ganhou força, com destaque para o Distrito Federal, que sozinho somou três novas SAFs.

No Nordeste, a dispersão também se intensificou, com registros na Bahia, Rio Grande do Norte, Ceará e Sergipe, mostrando que o modelo começava a se enraizar em contextos mais diversos. Ainda assim, certas ausências se tornaram estruturais: nenhum novo registro no Norte e nenhuma adesão no Rio Grande do Sul pelo quarto ano consecutivo, o que sugere mais do que uma simples hesitação, talvez uma resistência consciente, ou até uma desconexão entre o modelo jurídico proposto e a realidade local. Em 2024, o que se vê não é apenas crescimento, mas a formação de núcleos de viabilidade institucional, nos quais a SAF encontra.

Por fim, embora a legislação tenha sido apresentada como alternativa para corrigir falhas históricas na gestão dos clubes, grande parte das SAFs registradas corresponde a entidades com baixa capitalização e estrutura incipiente. Simultaneamente, observa-se a crescente inserção de clubes brasileiros em redes internacionais de investimento, como no caso do próprio Botafogo, vinculado a grupos controladores de redes multi-clubes. Tais articulações sinalizam a incorporação dos clubes nacionais a circuitos globais de financeirização, sob lógicas orientadas por portfólios, fundos e ativos esportivos transnacionais.

Esse cenário impõe reflexões cruciais sobre quem, de fato, se beneficia com a institucionalização da SAF e quais são as consequências estruturais desse novo arranjo. Em última instância, trata-se de discutir não apenas a gestão dos clubes, mas o lugar do futebol enquanto prática social e bem coletivo em um contexto de mercadorização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória recente das SAFs no Brasil revela que a lei não operou como um marco de reorganização estrutural do futebol nacional, mas como promotora de abertura seletiva ao mercado. Desde sua aprovação, a legislação tem servido menos a reconfigurar clubes históricos e mais viabilizar a criação de novas entidades, freqüentemente sem vínculo com o futebol associativo e concentradas em regiões com maior poderio econômico. Portanto, o padrão que se desenha é de uma expansão em termos quantitativos, mas com fragilidade qualitativa, no qual a proliferação de SAFs não garante, por si só, a estabilidade, investimento ou compromisso com o futebol.

Devido a isso, reforçamos a nossa hipótese de que a Lei da SAF impulsiona mais um processo de mercadorização do futebol do que um esforço política pública voltado à sustentabilidade dos clubes. O discurso dominante sobre profissionalização e modernização, reiterado nos espaços legislativos e midiáticos, oculta as contradições da adesão prática: clubes de grande expressão hesitam ou resistem, enquanto novos atores econômicos, sem trajetória no futebol, ocupam os espaços abertos pela norma.

As diferenças territoriais na adoção das SAFs revelam menos um padrão de desenvolvimento econômico e mais a presença (ou ausência) de condições institucionais e culturais que viabilizam esse tipo de transição jurídica. Em estados como São Paulo e Paraná, a existência de estruturas empresariais consolidadas, redes jurídicas especializadas e clubes com perfil mais alinhado ao discurso da modernização favoreceram a adoção do modelo. Por outro lado, em regiões como o Sul, onde predominam clubes de massa com forte tradição associativa e culturas de participação torcedora nas decisões institucionais, a resistência da SAF não é um efeito da ausência de desenvolvimento, mas de um modelo organizacional e político divergente proposto pela lei.

Diante disso, não se trata apenas de medir a eficácia jurídica da Lei n. 14.193/2021, mas de interrogar seus efeitos sociais, econômicos e simbólicos sobre o futebol brasileiro. O modelo de SAF traduz uma reconfiguração do campo esportivo, orientado por lógicas de valorização financeira, rentabilidade e captação de ativos. O futebol deixa de ser entendido como bem coletivo e passa a ocupar o lugar de ativo no mercado financeiro. Desse modo, concluímos que a institucionalização das SAFs, até o momento, não resolveu os impasses estruturais do futebol brasileiro, apenas os desloca para uma nova gramática. Em vez de democratizar o acesso a recursos, profissionalizar a gestão e promover transparência, a lei tem favorecido a entrada de investidores estrangeiros em condições assimétricas.

* * *

REFERÊNCIAS

- BOUDENS, Emile P. J. **Modernizar e moralizar o futebol:** vai pegar? Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2006.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Notas Taquigráficas, sessão de 14 de julho de 2021. Brasília: Câmara dos Deputados, 2021^a, p. 39-47.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Notas Taquigráficas, sessão de 27 de novembro de 2019. Brasília: Câmara dos Deputados, 2019, p. 39-47. Disponível em: <https://abrir.link/Duekb>. Acesso em: 01 jun. 2025.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei n. 5.082, de 26 de abril de 2016. Cria a via societária, e estabelece procedimentos de governança e de natureza tributárias, para modernização do futebol, e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2016. Disponível em: <https://abrir.link/rAcCV>. Acesso em: 11 set. 2024.
- BRASIL. Senado Federal. Diário do Senado Federal, sessão de 10 de junho de 2021. Brasília: Senado Federal, 2021b, p. 52-74.
- CAVALCANTE, S.; NICOLAU NETTO, M. Futebol e capitalismo global: mercadorização do esporte e a formação de uma cultura neoliberal. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Ed.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Editora da Unicamp, 2020.
- FERRAZ, José Eduardo Junqueira Ferraz. Escândalo no Barcelona: o drama das associações desportivas é um fenômeno mundial, 01 mar. 2021. Disponível em: <https://abrir.link/AYMsj>.
- FERRAZ, José Eduardo Junqueira Ferraz. CASO BARCELONA": NEM OS GIGANTES ESCAPAM ÀS FALHAS DO MODELO ASSOCIATIVO. 17 ago. 2021. Disponível em: <https://abrir.link/TDNnn>. Acesso em: 29 maio 2025.
- FERRAZ, José Eduardo Junqueira Ferraz. Até quando o Barcelona se manterá sob o formato de associação civil sem fins lucrativos???, 07 out. 2021. Disponível em: <https://abrir.link/dnjhz>. Acesso em: 29 maio 2025.
- FERRAZ, José Eduardo Junqueira Ferraz. Nova lei dos clubes-empresa já produz os primeiros benefícios práticos em favor do Portuguesa, Vasco e Botafogo. 24 ago. 2021. Disponível em: <https://abrir.link/whBcg>. Acesso em: 29 maio 2025.
- FERRAZ, José Eduardo Junqueira Ferraz. VENDA DO CONTROLE ACIONÁRIO DO CRUZEIRO SAF: "Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém". 14 dez. 2021. Disponível em: <https://abrir.link/RjjHk>. Acesso em: 29 maio 2025.
- FERRAZ, José Eduardo Junqueira Ferraz. SAF: a pressa é inimiga da perfeição. 23 fev. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/rATBY>. Acesso em: 29 maio 2025.
- FERREIRA, J.; MOTTA, L. de C. P. Clube-empresa no Brasil: um fenômeno geográfico. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 11, n. 2, p. 259-78, 2021.

FOLHA DE S PAULO. Fama de ‘projeto para o Botafogo’ ameaça clube-empresa da Câmara. Folha de S. Paulo, 18 out. 2019. Disponível em: <https://abrir.link/AtXsN>. Acesso em: 30 maio 2025.

FORMAGGINI, V. O “novo” léxico do futebol brasileiro: neoliberalismo e mercadorização do futebol na análise das justificativas por trás da Lei da Sociedade Anônima do Futebol (SAF). In: PISANI, M. S. **Anais do IV Simpósio Futebol NAVI e I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: Produções e Epistemologias futebolísticas**. Florianópolis, SC: Cristhian Caje, 2024.

GUILBERT, Thierry. **As evidências do discurso neoliberal na mídia**. Campinas: Fundação de Desenvolvimento da Unicamp (Funcamp), 2020.

WACQUANT, Loïc. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. **Novos estudos CEBRAP**, p. 87-103, 2013.

OBSERVATÓRIO SOCIAL DO FUTEBOL. Início. Disponível em: <https://observatoriosocialfutebol.org/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

OBSERVATÓRIO SOCIAL DO FUTEBOL. Redes Multi-Clubes do Futebol: Relatório do Observatório Social do Futebol n. 2. Publicado em 6 nov. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/hrKYK>. Acesso em 22 abr. 2025.

OBSERVATÓRIO SOCIAL DO FUTEBOL. Violências no Futebol Brasileiro: Relatório do Observatório Social do Futebol n. 1. Disponível em: <https://abrir.link/hrKYK>. Publicado em 6 nov. 2024. Acesso em: 22 abr. 2025.

PODER 360. Clubes se reúnem com relator da SAF nesta 3ª feira, 05/11/2024. Disponível em: <https://abrir.link/YZmBQ>. Acesso em: 30 maio 2025

RODRIGUES, Paloma. Cerca de 30 deputados do PSL devem migrar para novo partido de Bolsonaro, diz líder do governo. G1. Brasília, 20 nov. 2019. Disponível em: <https://abrir.link/XhJeT>. Acesso em: 31 maio 2025

TV SENADO. Relator faz balanço de um ano da lei que muda o modelo dos clubes de futebol, 11 ago. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/pmKMc>. Acesso em: 18 abr. 2025.

* * *

Recebido em: 1º jun. 2025.
Aprovado em: 14 out. 2025.

O torcer como dom e propriedade inalienável: sociedade, cultura e comunidade

The act of supporting as a gift and inalienable property:
society, culture, and community

Luiz Henrique de Toledo

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil
Doutor em Antropologia Social, USP
lhtoledo@ufscar.br

Pietro Gesuatto Loredo

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil
Graduando em Ciências Sociais, UFSCar

RESUMO: As transformações nas formas associativistas e nos fluxogramas institucionais em torno do futebol profissional e de espetáculo, premido pela expansão e capilaridade empresariais no reordenamento dos capitais tangíveis e intangíveis esportivos, têm mobilizado a atenção dos estudos acadêmicos e remexido alguns conceitos ditos clássicos e paradigmáticos presentes nas Ciências Sociais. Tentando acompanhar essas mudanças que incidem sobre clubes de futebol, cujos impactos podem ser observados na subjetividade das formas do torcer e numa economia das emoções, o artigo demanda por uma dupla entrada, bibliográfica e etnográfica, para ampliar o diálogo travado com outras áreas que acessam tais saberes, sobretudo sociológicos e antropológicos, em seus arcabouços analíticos. O foco incide sobre aquilo que a bibliografia denomina de produção do clube.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia das práticas esportivas; Futebol de espetáculo; Financeirização; Clubes de futebol; Subjetividade torcedora.

ABSTRACT: The transformations in associative forms and institutional flowcharts surrounding professional and spectator soccer, driven by corporate expansion and capillarity in the reorganization of tangible and intangible sports capital, have attracted the attention of academic studies and shaken up some so-called classic and paradigmatic concepts in the social sciences. In an attempt to keep up with these changes affecting football clubs, whose impacts can be observed in the subjectivity of forms of fandom and in an economy of emotions, the article calls for a dual approach, bibliographic and ethnographic, to broaden the dialogue with other areas that access such knowledge, especially sociological and anthropological, in their analytical frameworks. The focus is on what the bibliography refers to as club production.

KEYWORDS: Anthropology of sports practices; Spectacle football; Financialization; Football clubs; Fan subjectivity.

APRESENTAÇÃO

Os argumentos presentes nesse artigo foram inicialmente motivados pela interlocução acadêmica travada por Toledo com os trabalhos de Simões,¹ que analisam os impactos das transformações no futebol profissional mundial focados em clubes de futebol. O autor parte do fato de que algumas dessas associações esportivas civis sem fins lucrativos tem migrado para outras modalidades de gestão esportiva.² Somam-se a esse diálogo a pesquisa etnográfica, prática política e jornalística de Pietro Loredo, coautor que acompanha de perto e de dentro³ o caso de formação do clube-empresa Red Bull Bragantino, sediado na cidade de Bragança Paulista-SP, objeto do estudo nesse artigo.

Visando recompor parte da paisagem esportiva ditada pelas exigências econômicas e políticas do mundo concorrencial, baseada em modelos empresariais e espetacularização consumerista, as análises de Simões colocam em debate os processos de (re)mercantilização do futebol, acolhendo temas centrais que versam sobre aquilo que no último trabalho do referido conjunto citado o autor denomina de “produção do clube”.

¹ SIMÕES. *O Clube no século XXI e o fator “supporter”*; SIMÕES. *Clientes versus Rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno*; SIMÕES. O negócio, a política e o público no futebol midiatisado: estudos sobre “empresas” e “associações” dos clubes do séc. XXI; SIMÕES. *Clube empresa: abordagens críticas globais às sociedades anônimas no futebol*.

² O convite do professor Rolando Helal a Toledo possibilitou acompanhar as etapas da pesquisa de Irlan Simões sobre clubes-empresa, do debate sobre o texto de qualificação (2020) à defesa da tese de doutorado, ocorrida em 2022, ambas referendadas pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da UERJ. A tese ganhou versão em livro em 2023 e dele reproduzimos *ipsis litteris* o texto da orelha, escrito por Toledo: “Irlan percorre obstinadamente uma hipótese, a de que o diferencial financeiro das formas de empresariamento, que suportam o futebol contemporâneo de espetáculo se dissolvem em espaços curtos de tempo, acarretando os mesmos problemas apresentados pelas tradicionais associações voluntárias clubísticas sem fins lucrativos. A pergunta insistente é se esse debacle dos modelos de gerenciamento empresarial dos clubes não seria o coração que pulsa de um capitalismo maliciosamente provisório? “Fracassar” ininterruptamente não diz respeito à própria dinâmica e “evolução” desse tipo de capitalismo excludente? O processo teleológico que Irlan sugere como sendo necessariamente conflitual desvela modelos que se autofagocitam o tempo todo. Cada tentativa fracassada torna-se aprendizado para a seguinte, frustrando as expectativas e emoções por um futebol mais democrático. Quando até a FIFA reconhece que o futebol não pode ser gerenciado apenas pela régua do tecnicismo jurídico e mercadológico, apanágio das ditas SAFs, é porque desconfia que seu “produto” seja mais do que um bem tangível. Mas se a perspectiva dos torcedores é um bem inalienável e intangível, os perigos que acossam esse futebol podem torná-lo um bem inatingível, sobretudo àqueles que dele se alimentam sorvendo paixões e utopias clubísticas mais solidárias” (Simões 2023). Advertimos que as páginas de algumas referências que constam de Simões (2023) foram mantidas da versão original da tese (Simões 2022).

³ MAGNANI. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, 2002.

Não se trata de um título retórico, uma vez que *produção* aqui suporta mais do que os desígnios de uma metáfora. Diríamos que carrega alguma ironia, porque embora suponha a existência de insumos e processos de transformação, cadeias segmentadas orientadas para um fim, onde o produto, os clubes de futebol, alcançam uma pléiade de consumidores, faz surgir também um aspecto paradoxal. Seriam os torcedores produtores ou consumidores, insumos ou produtos finais, protagonistas ou coadjuvantes, vítimas ou vicários agentes posicionados mais ao largo dessas transformações retidas tão somente pelas paixões subjetivas fugidias?

Estas serão, sempre, questões em aberto porque política e epistemologicamente em disputa, sobretudo para quem intenta expor a natureza mais do que multifacetada das formas de torcer. É notório constatar que todas essas indagações se façam presentes no emaranhado da produção do clube sem que tal fato desautorize a tomada de posicionamentos políticos da parte de quem procura afirmar pontos de vista distintos no esforço analítico de reconstituir esse multiverso de práticas.

ANTROPOLOGIA DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS

Do ponto de vista antropológico, ressalta-se o posicionamento crítico do autor diante dos usos abusivos da expressão “cultura do torcedor”,⁴ apontando para a condição deletéria e consumerista que a ela se agregou num futebol de massa cada vez mais premido pela elitização do espetáculo, culminando nas celebradas arenas multiuso e, segundo nosso juízo, enquadramentos ao *padrão FIFA*. Por *padrão FIFA* pode se compreender um modelo de organograma executivo de gestão política na concepção e montagem do futebol numa escala agora denominada de megaevento.

A começar pelo gerenciamento das edições da Copa do Mundo, que ocorrem de quatro em quatro anos, *padrão FIFA* segue agregando à dimensão do espetáculo propriamente dito modelos de governança, experiências amparadas em assepsia tecnológica e reenquadramentos jurídicos. Num terreno mais político descortinam-se redes de agentes: empresários, agentes públicos, governos em várias esferas, agentes facilitadores de toda ordem, imprensa, dirigentes esportivos, jogadores e

⁴ SIMÕES. *Clientes versus Rebeldes*, 2017, p. 27.

ex-jogadores, a formarem uma associação complexa de uma cadeia heteróclita de interesses e expertises discursivas que se multiplicam.

Padrão FIFA metaforizou também uma espécie de padrão ouro moralizante de aferição da qualidade das administrações públicas, e não somente elas, à medida em que a própria conduta e “cultura torcedora” também foi inquirida sob tal rubrica. E apropriado pela fala comum (mídia inclusa) volta-se, inclusive, contra a própria FIFA, sobretudo na forma de protestos populares em todas as ocasiões que esse ambiente de montagem espetacular e dispendiosa mobiliza os chamados países-sede. A Copa realizada no Brasil em 2014, encandescida pelos protestos denominados jornadas de junho desde 2013,⁵ é exemplo desses desdobramentos semânticos da expressão apropriada por outros agentes que estiveram alijados e, portanto, “fora” dos *Padrões FIFA*.⁶

Assumindo a função de predicado, seus usos também modularam as ações políticas torcedoras, oferecendo outros elementos na composição das experiências do torcer e recepção daquele futebol supostamente padronizado. Nesse sentido, torcer à lá FIFA tornou-se em si mesmo um aspecto remetaforizado do *padrão FIFA*. Pode-se asseverar que torcer à lá FIFA consiste numa forma de torcer que tenta generalizar o modo como se tem consumido parte significativa do futebol de espetáculo na atualidade.⁷

Processo que vinha se intensificando desde os anos 1990,⁸ a almejada “nova cultura torcedora”, capitaneada por esses “novos” dono do poder esportivo

⁵ MARICATO. A Copa do mundo no Brasil: tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana, 2014.

⁶ BORGES. O papel da FIFA Fan Fest na Copa do mundo da África do Sul, 2013.

⁷ Para uma visão contrastiva mais contemporânea em relação aos efeitos e malfeitos do Padrão FIFA recomendamos o vídeo “Caminhada para La Bombonera. Jogos e antijogos percebidos através dos pés, de Gabriel Bocchi, disponível em: <https://abrir.link/PFcLg>, bem como o artigo “Reconhecimento facial nos estádios, tecnologia de segurança ou mecanismo de vigilância? Notas etnográficas sobre a importância da perspectiva torcedora para o debate” (SOUSA; SOUZA JUNIOR, 2025).

⁸ Em síntese, excetuando o caso dos clubes ingleses, Simões aponta que “as propostas de transformação dos clubes em empresas – percebidas como solução aos graves problemas financeiros dos clubes – vinham imbuídas de mecanismos de proteção à especulação, como a restrição ao lucro. Essa perspectiva vai se esvair aos poucos, com a definitiva permissão ao lucro apenas em meados da década de 1990, quando será suplantada por outras quebras de paradigmas que vão autorizar a aquisição de clubes por grupos econômicos estrangeiros. Essas duas mudanças também serão incapazes de garantir sustentabilidade financeira da atividade econômica do futebol, como será percebido diante da aquisição desses clubes por grupos com finalidades políticas evidentes. Em um processo mais recente, o que se observará é a formação

aglomerados em torno do *padrão FIFA*, encontrará anteparos críticos naquilo que autores como Simões repocionará conceitualmente ao redefinir o *status analítico* do fenômeno de emergência dos clubes como associações voluntárias de torcedores. A partir de alguns autores, Simões⁹ retoma o modelo associativista¹⁰ como experiência voltada pelo e para a prática política do “comum”.¹¹ E com o compromisso de salvaguardar aquela referida expressão (“cultura do torcedor”) dos ataques especulativos, sequestrada que fora em seus usos instrumentais pela atmosfera do *padrão FIFA*, sua crítica buscou pluralizar os desígnios de um clube tanto em relação aos espaços sociológicos do comum (e do popular) no interior do futebol de espetáculo, quanto, em sua vertente antropológica, valorizar os domínios da diversidade na forma de “culturas torcedoras”.¹²

É esse ponto de vista que será importante reter na segunda parte do artigo no estudo de caso aqui relatado, que traz elementos díspares, dissonantes e controversos no entendimento da fusão de um clube tradicional de uma cidade interiorana, o Bragantino, com a empresa austríaca Red Bull, exemplo daquilo que alguns autores definem por *multi-club ownership*, organizações transnacionais dedicadas ao controle (acionário ou proprietário) de clubes de futebol em vários países.¹³

Decisões políticas centralizadoras e unilaterais tomadas no interior das quase herméticas organizações clubísticas, respaldadas pela sua natureza jurídica estatutária como “sociedades” de sócios, desde sempre tensionou as formas de torcer mais ampliadas naquilo que o autor passa a definir por seu caráter “comunitário”. Práticas estas que se acomodam às lógicas simbólicas que permeiam as ditas culturas torcedoras. Nessa direção, a resiliência das categorias “comunidade”, “sociedade” e

cada vez mais comum de grandes conglomerados empresariais internacionais, que adquirem diversos clubes em países diferentes, com estratégias distintas” (SIMÕES, 2022, p. 106).

⁹ SIMÕES. *Clientes versus Rebeldes*.

¹⁰ SZYMANSKI. Economistas e a História do Esporte (2013); PESSOA. O associativismo civil e a emergência histórica do esporte moderno: um diálogo com Stefan Szymanski, 2024.

¹¹ SIMÕES. *Clientes versus Rebeldes*, p. 268.

¹² SIMÕES. O negócio, a política e o público no futebol midiatizado, p. 9 (2020); SIMÕES. *O Clube no século XXI e o fator “supporter”*, 2022, p. 59.

¹³ PISANI. “Multi-club ownership”: um novo estágio da globalização dentro do futebol, 2020, p. 333; Conforme Teixeira Pinto “O grupo Red Bull, da companhia austríaca de mesmo nome, é oriunda no ramo de bebidas, porém se especializou no mundo dos esportes adquirindo equipes de automobilismo e clubes de futebol. Fazem parte do grupo RB Leipzig (Alemanha), FC Red Bull Salzburg (Áustria), Red Bull Bragantino (Brasil), New York Red Bulls (Estados Unidos), além de outros (2022, p. 72).

“cultura”, recobertas por uma tradição socioantropológica de longa duração nas Ciências Sociais, erigidas a conceitos teóricos e fundamentos metodológicos, permitem que estabeleçamos algumas pontes e diálogos com os trabalhos aqui em tela.

Portanto, a perspectiva antropológica respaldará nossos melhores argumentos no sentido de multiplicar ainda mais as qualidades das pesquisas de Simões, que se somam aos estudos críticos sobre associativismos clubísticos. Associativismos que formam a ossatura político-jurídica de grande parte do futebol profissional enunciado nos modelos de patrimonialização, gestão e circulação do capital tangível, mas também intangível, desde que relacionado às dinâmicas de fruição torcedora mais ampla, tidas como arrimo de valores que conformam estilos de vida, a prática do *comum* e as culturas torcedoras em sua plena diversidade.

Há em curso, mais atualmente, o fomento de uma sensibilidade pragmática que elege metáforas orgânicas e subjetivantes para lidar com os desdobramentos dessas transformações. Umas dessas potentes analogias, que aparece amiúde e que inquieta o campo torcedor, é a de que seus clubes precisam, de algum modo, restaurar a “saúde financeira”. Expressão que emula as várias intercorrências ideológicas, materiais, valorativas e devotadas a cobrir com maior ou menor aporte e fluxo de interesses uma ritualística consumptiva.

Essa “saúde financeira” pretende atingir o âmago de uma renovada subjetividade torcedora pseudo universalista medida e mediada por um torcedor genérico calculista, um *homo economicus* incorporado ao jargão no gerenciamento das emoções. Torcer para o time do coração passa a levar em conta um tomar ciência e ajuizar as discussões a respeito do equilíbrio ou desequilíbrio das contas e balancetes tornados públicos pelos clubes e cobrados pela mídia. Efeitos economicistas de um discurso que se coloca como verdade ou “mão invisível” para reter a maioria esmagadora de torcedores politicamente alijados dos processos decisórios internos das políticas clubísticas. Outra ideia decorrente é que torcedores se politizariam pela simples proximidade e manuseio de jargões econômicos, fazendo da ação política prática subsidiária.

Celebra-se um bem estar geral quando o clube anuncia nas mídias ter equacionado dívidas de curto prazo. Jacta-se em nome do mecenato deste ou daquele empresário abnegado. E um conjunto de informações dessa ordem induz às sensações

de que não apenas bons ou maus resultados importam para se aferir os humores torcedores. Este é o mesmo universo contextual inventado como sendo um fundo inato da ordem capitalista contemporânea em que o mercado de capitais adquire agência e subjetivação, levando em alta conta seus “humores”, “satisfações” e “insatisfações”, “felicidades” e “desagrados” como se colocasse ou falasse em nome do comum, quando, em verdade, se tratam de metaforizações através das quais os regimes da convenção mascaram suas próprias formas adquiridas de controle simbólico.

COMUNIDADE E SOCIEDADE

O debate encetado pelos trabalhos de Simões recoloca uma questão sociológica clássica e que vertebraliza a problemática das interações sociais assentadas nas relações entre duas formações estruturantes, mas sobretudo morais, da convenção humana na formação da cultura - comunidade e sociedade. Levando em conta que a vida tal como a entendemos só pode ser realizada em coletividades.¹⁴

Mas comunidade, tomada como uma realidade histórica e empírica, deita uma tradição pelo menos desde o final do século XIX nos escritos de um sociólogo chamado Ferdinand Tönnies, que trouxe à lume o par conceitual Comunidade e Sociedade. Isso em 1887, ou seja, na segunda metade do século XIX em que porções da Europa já estavam experimentando a efervescência coletiva esportiva. A noção sociológica de comunidade e a prática do futebol, mais do que temporalmente próximas, são verdadeiramente coetâneas ou cúmplices dessa modernidade ocidental que, embora racionalizada, individualizadora, seletiva e estratificadora, jamais abandonou uma “vida feita de coletividades”.

Foi por intermédio de um fenômeno aparentemente tão distante da Europa denominado de totemismo, que Durkheim, àquele que passou a ser reconhecido como precursor da sociologia acadêmica, deduziu a potente universalidade da natureza social e coletiva dos ajuntamentos humanos. Foi Durkheim quem antecipou a tese de que ajuntamentos humanos (que recebem denominações ora de sociedade,

¹⁴ Tenazmente é com a frase “A vida é feita de coletividades que marcam a nossa trajetória e moldam o nosso caráter” que o autor inicia os agradecimentos incluídos na feitura da tese de doutorado (SIMÕES, 2022), mas suprimidos do livro.

ora de comunidade, ora de cultura) se auto representavam e ritualizavam suas experiências a partir do uso categorial de epônimos animais, dando um colorido bem menos instrumental, portanto estético e moral, à ideia de sobrevivência dos agrupamentos humanos. É como dizer que jamais fomos somente homens calculistas devotados à sobrevivência imediata. Verificar como coletividades se organizam em segmentos, divisões etárias e sexuais, clãs e fratrias no contexto das sociedades indígenas mundo afora permitiu ao referido autor consolidar toda reflexão a respeito da natureza das nossas próprias formas de nos associarmos no contexto das sociedades ditas civilizadas em frações, classes, estratificações, partidos políticos, ou em torno de causas ideológicas, humanitárias, prazenteiras, tais como as associações esportivas. Os clubes são, antes mesmo de assumirem qualquer contratualismo associativista voluntário ou consciente, uma exigência da ordem dos fatos sociais ou condição de possibilidade de nos viabilizarmos como indivíduos de uma espécie que se inventa em sua singularidade coletivizante.

Se o modo de vida na Inglaterra nos legou o fenômeno dos clubes de futebol, que se espalharam rapidamente pelo mundo, atrasaria o debate sobre a epistemologia de uma ciência devotada aos estudos dos fenômenos sociais como a sociologia. Se a França ofereceu as bases de uma sociologia teórica centrada na noção de sociedade e seus desdobramentos futuros, dos quais categorias com social, comum, comunidade, cultura ganhariam força conceitual, reteria um pouco mais o nascimento de práticas gregárias como o futebol.¹⁵ Dos ingleses decorreu um empirismo que pode estar associado a uma prática evidenciada no corpo e no desempenho, seja daquele trabalhador expropriado pelo capitalismo ali nascente, ou dos passatempos esportivos que contrastavam com um certo espírito intelectualista francês.

Mas foi a sociologia de Max Weber que recompôs o dualismo comunidade e sociedade em termos fenomenológicos a partir das ações que orientam projetos

¹⁵ Notar a perspicácia do argumento: “Mas quando falamos de Alemanha e França, uma característica em comum se apresenta: a resistência e rejeição aos padrões de vida ingleses, considerados degenerados, muito em virtude das longas rivalidades de ambos os países com a Inglaterra. Dado que explica o certo atraso na difusão do futebol em comparação à América do Sul e aos países vizinhos, mesmo que a proximidade geográfica pudesse, de alguma forma, ter contado a favor. Ainda que França e Alemanha já contassem com longa tradição esportiva, cada qual à sua maneira, o futebol em si só terá sua primeira competição em 1894 e 1900 (SIMÕES, 2023, p. 71).

individuais e coletivos. Valores comunitários e societários interagem de maneira dinâmica, misturam-se aos interesses e valores mais subjetivos e que podem acionar ações e tomadas de posição política conjunturais. De um lado, sentimentos, subjetividades, afetividades e reciprocidade, de outro, os jogos de compensações de interesses tangíveis e pragmáticos, racionalização entre fins e valores.

TORCEDOR, UM SUJEITO INCOMUM NO MAR DAS CONVENÇÕES SIMBÓLICAS

Foi esboçado acima que o conceito de comunidade tem sua história remontada numa longa tradição sociológica, mas que foi reappropriado por diversos autores que o atualizaram a partir de uma posição ética em torno da noção de *comum*, problemática geral que descreve no âmbito esportivo a passagem da produção do clube como sociedade formada por círculos restritos de sócios (e nesse aspecto pouco importa se dentro do regime do associativismo sem fins lucrativos, privado ou de capital aberto) para o domínio bem mais ampliado do torcer, fomentando inúmeras tradições e culturas torcedoras.

Como um punhado de torcedores podem erigir uma cultura torcedora é fruto de decisões e interesses políticos, mas sobretudo determinado pela dialética simbólica entre convenção e invenção, fatores que instauram qualquer regime cultural. Como um ator paradoxal no mar de convencionalismos esportivos, torcedores agem de maneira inventiva, relativizam regras, testam, estendem e expandem territórios não convencionais à prática da fruição imediata.

Eis aqui os usos analíticos da noção de *comum* menos como truísmo sociológico, ou seja, como problemática sociohistórica para além de um conceito auto explicativo. *Comum* também pode ser tomado por invenção cultural fruto de disputas por novas convenções. O exemplo que Simões oferece a respeito dos percalços que passou o clube espanhol do Valencia depois de se transformar em clube-empresa é revelador dessa apreensão popular e resignificação do termo *comum*, facilmente generalizado em suas premissas mais básicas: “Eles podem ser donos das ações, mas o Valencia não é de ninguém, é da torcida, é de todos”.¹⁶

¹⁶ SIMÕES. O Clube no século XXI e o fator “*supporter*”: estudos sobre poder, negócio e comunidade no futebol-espetáculo. p.250 (2022); “Em 2014 o Valencia, um dos mais tradicionais clubes do país,

Portanto, há uma dialética da irredutibilidade simbólica com que a noção de comum pode ser assumida como princípio de não equivalência dos valores universais que tomam torcedores por consumidores, tão ao gosto da ordem da mercadoria e da ordem neoliberal, que também produz seus domínios do comum, porque, antes de tudo, se tornam convencionais. Com isso, comum não é apenas uma remetaforização conceitual para o termo “comunidade”, mas espaço de apreensão dialética em que ações se colocam diante de invenções e relativização das convenções em permanente disputa. A lógica torcedora joga tanto no campo do domínio da convenção quanto no domínio da invenção diferenciante.

se o futebol se transformou ao ponto de conceber o processo de clientelização como um destino necessário e inevitável para essa atividade, são essas formas questionadoras dos torceres [culturas torcedoras] que sustentam e transmitem para as novas gerações a inexorabilidade do pertencimento clubístico como forma de preservação dos sentidos comunitários que sustentam os clubes.¹⁷

A DIALÉTICA JOGAR E TORCER

Como exercício de interação social no domínio do pluriverso lúdico, *mutatis mutantis*, as instâncias comunitárias e societais presentes no futebol encerram uma outra dialética fundante, que preexiste aos princípios da prática a partir da emergência sociológica dos clubes como instituições e exemplos de associativismo esportivo. Ingressaremos agora num tipo de argumentação que toma o futebol a partir de outras provocações e aporte teórico, denominado de *modelo das relações*.¹⁸

Nesse modelo prevalece menos os atores do que suas relações metaforizadas pelos verbos de ação jogar e torcer. Jogar e torcer são verbos de ação consumados em práticas mediadas pela faculdade sensível do *olhar*. Sendo o sentido do olhar a instância que atua como espécie de conectivo desse átomo da sociabilidade

teve 86% do seu capital vendido para o empresário singapuriano Peter Lim, dono da empresa Meriton, após uma grave crise financeira decorrente da construção de um novo estádio. O clube tentou superar essa crise com a transferência do controle da SAD para uma fundação, que fracassou na tentativa de resolver os graves problemas financeiros” (SIMÕES, 2022, p. 249).

¹⁷ SIMÕES. *O Clube no século XXI e o fator “supporter”*, p. 209.

¹⁸ TOLEDO. *Torcet: perspectivas analíticas em Antropologia das práticas esportivas*, 2019; TOLEDO; COSTA. Transformações do Torcer: esportividades do olhar e olhares sobre a esportificação, 2022a.

futebolística organizado a partir da dialética entre jogar e torcer. O que decorre dessa relação explicitada pelo olhar levará à formação das práticas de ajuntamentos. Dos ajuntamentos aos clubes, campeonatos, instituições, mercado esportivo, enfim, tudo aquilo que entra na disputa pelo comum.

O argumento central desse modelo é que a separação e invenção do jogar e do torcer são domínios que devem ser tomados desde sempre como ações e sensibilidades co-implicadas a partir da partícula do olhar. Tal relação antecede a divisão social que distribuirá os papéis por todo um campo esportivo (profissionais, especialistas e torcedores), que partindo do voluntarismo associativista alcançou as formas e emaranhados institucionais que hoje constitui o campo do futebol profissionalizado.

A hipótese do modelo das relações toma a condição vicária do olhar e a esportividade do olhar como instância doadora universal para todo o sistema esportivo. Ninguém nasce jogador, dirigente de clube de futebol ou jornalista esportivo e, claro, ninguém nasce torcedor, embora, levando em conta todo um ciclo de vida de alguma maneira engajado nos esportes, essa seja, provavelmente, a primeira condição de aparição da pessoa esportiva, ou a primeira demanda metafórica imposta coletivamente à pessoa transfigurada numa ordem emocional e subjetiva, herdada muitas vezes de círculos familiares e relacionalidades próximas.¹⁹

O modelo das relações especula sobre uma distribuição não equitativa que preside as relações entre jogar e torcer, expressa na presença, na presença relativa ou simples ausência daquilo que se eleva da prática definido por *dom*. Dom seria uma qualidade elástica, intuitiva e distintiva, cuja presença no futebol implicou no afastamento gradativo e sócio histórico entre os atos de jogar e os atos de ver (assistir, torcer...). Inerente à lógica dialética entre jogar e torcer, dom levará à produção de expertises e ao reconhecimento tardio dos agentes e papéis distribuídos por todo campo esportivo na figura de jogadores, torcedores, dirigentes, cronistas e demais agentes implicados e devedores da partilha original entre jogar e torcer.

[...] a partilha entre jogar e torcer a categoria nativa dom se destaca como reserva psico-fisio-simbólica do jogar, convenção motivante que celebra o afastamento sociológico e reposicionamento político e epistêmico do jogar diante do torcer. Não obstante, dom é associado à chave conectiva do olhar, instância sensível que ata quem joga e quem assiste, ou torce.

¹⁹ TOLEDO; COSTA. Transformações do Torcer, p. 97.

Olhar se multiplica em muitas capacidades de aferição do dom, subjetivantes e objetivantes, e define as práticas corporais tanto de quem joga quanto de quem torce.²⁰

Desse modo, a condição torcedora é tanto ubíqua quanto latente pois, afinal, sempre haverá dirigentes-torcedores, cronistas-torcedores, jogadores-torcedores (a notar que não cabe a expressão torcedores-torcedores), ainda que discursos intelectualistas e racionalistas se imponham em nome de alguma racionalidade, objetividade e neutralidade, fatores que subscrevem as expertises de cada um desses campos do saber esportivo. O torcer também é aquela condição que encerra os ciclos daqueles que foram acolhidos ou bafejados pela categoria do *dom*, ou seja, os *profissionais* e *especialistas*²¹ que se aglutinaram do ponto de vista do jogar. Assim, ex-jogadores, ex-cronistas esportivos, ex-dirigentes, ex-árbitros se tornam ao final de suas carreiras úteis torcedores de algum modo, fazendo com que o torcer inicie e encerre cada um desses ciclos.

O *dom* celebrado nas qualidades do jogar,²² estilizado cada vez mais como distinção corporal e valor de troca, implicou na ilusão de que uma outra objetificação estava em curso determinada pela “falta de dom” daqueles que “apenas” passaram a olhar o jogo de fora.

Incorre dessa partilha desigual entre quem tem ou não diferenciadamente *dom* (quem joga ou não, em última análise) um maior controle e mascaramento do “dom torcedor”, levando a se formar um exército de pessoas sem dom como uma espécie de reserva moral, que ao longo de remetaforizações e processos históricos se reificou como subsidiária, mas revelada fundamental arrimo e esteio emocional (paulatinamente financeiro) do futebol. Esteio emocional sociologicamente compreendido desde os trabalhos de Norbert Elias.²³ Esse “exército” de pessoas sem dom passou a ser denominado de várias maneiras como índice de se experienciar uma prática “de fora”, *olhada*, e que ganhou e ganha vários nomes, vários índices do comum, entre tantas a mais conhecida no Brasil, a de torcedores.

²⁰ TOLEDO. Rivalidades, dom e consumo: apontamentos para uma economia das emoções agonísticas torcedoras contemporâneas.

²¹ TOLEDO. *Lógicas no futebol: releituras*, 2022b.

²² DAMO. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, 2008; TOLEDO. O dom de jogar e o torcer sem dom: extensões de uma categoria no contexto do futebol, 2023.

²³ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*, 1992.

O DOM DE TORCER

Dom foi um dos temas capitais tratados pelo multi intelectual Marcel Mauss, que revelou a importância analítica depositada nas dimensões simbólicas embrenhadas às relações de produção e sobretudo circulação material da vida social, seja em comunidades ou em sociedades. Troca, reciprocidade, *dom* e propriedade, intersubjetividade, economia e poder, foram assunto associados que permitem vislumbrar uma semiologia mais geral das formas comunitárias ou societárias do ponto de vista maussiano.

Sob esse aspecto o *modelo das relações* dialoga com as teorias maussianas do *dom*, emprestando ao torcer um sentido mais ampliado à prática comunitária do futebol não a partir de um fora, mas de dentro da própria prática do jogar. O torcer não é resultado de uma penhora apenas de recursos pessoais, tempo e emoções devotados à prática do futebol, mas sim um ato de multiplicar para além das técnicas corporais e sinestésicas os sentido e valores emprestados ao jogo. O jogo como uma coisa objetiva só pode se comunicar com outra coisa também importante em si mesma (espécie de propriedade) que é o torcer. Torcer é um ato contínuo e não subsidiário do jogar.

Porque todo jogar (do simples brincar ao profissionalismo) não deixa de ser também um experimento em que cada brincante ou jogador impõe a si mesmo uma constante autoavaliação de sua performance, portanto uma ação relacionada ao olhar. Nesse sentido, o jogador, ou mesmo o mais despretensioso dos brincantes numa pelada de rua é o primeiro torcedor *de si*, ao mesmo tempo que estabelece a contraimagem de um eu-outro a enunciar um *olhar* escrutinador sobre seu ato de jogar. Uma vez que todos que jogam também torcem, implica que todos que torcem também jogam, pois jogar é tanto expressão de um *jogar-olhado* quanto torcer é expressão do *olhar-jogado*.²⁴

Essa é uma discussão com evidentes rebatimentos na filosofia de Merleau Ponty, para quem a ultrapassagem da dicotomia científica entre sujeito e objeto se estabelece como crítica a nossa forma de conhecimento. Todo o fundamento

²⁴ TOLEDO. *Torcere*, 2019.

comunicacional da cultura não deve partir do pressuposto que separa sujeitos e objetos, corpo e alma, mundo vivido e concebido. Discutindo esses pressupostos presente em Merleau-Ponty, Patrice Maniglier assinala que “se aquilo que eu faço tem sentido, é porque um outro teria feito a mesma coisa em meu lugar, em outras palavras, porque “eu” poderia ser um outro.²⁵

Torcer se torna uma propriedade no sentido de que Mauss posiciona sua discussão sobre o dom. O dom supõe uma propriedade da própria coisa, eis a intuição original destacada por Maniglier e, nesse sentido, não apenas aqueles que jogam seriam os possuidores de dom, mas também aqueles que torcem são dotados de semelhante qualidade, afinal, corroborando com Mauss, dirá Maniglier que “[...] a distinção entre título de propriedade e coisa possuída jamais é definitiva”.²⁶

Instaura-se aqui um caráter ambíguo ou duplo do signo de propriedade. Repousa sobre essa relação o espírito da coisa trocada, que é o *dom* independentemente da satisfação ou azedume dos agentes envolvidos nessa troca entre torcedores e jogadores. Torcedores levam para a casa as vitórias e derrotas de seus times porque tais resultados não cessam no consumo conspícuo de uma partida, tal como o gosto de um bombom, que depois de ingerido deixa de produzir a excitação gustativa, a despeito da lembrança que possa suscitar por um tempo. Futebol, seus clubes e seus torcedores não podem ser afogados no mar universal das mercadorias. Se a tabela de um campeonato fixa as performances em números, um princípio que recusa essa troca de desempenhos por pontos subsiste na lógica simbólica torcedora como expectativa (de melhora, de temor que o time só vá perder ainda mais pontos ou o inverso). Esse tipo de recusa a conceber o futebol apenas pelo seu valor de troca (jogadores fazem gols e torcedores comemoram) é um dos fundamentos que alicerçam a noção de comunidade esportiva.

Portanto, uma comunidade de torcedores (nação, galera ou mesmo “massa bruta”, termo usado para designar a comunidade de pertença torcedora em Bragança Paulista) não pode ser tratada como uma unidade em que se celebra a união dos idênticos, mesmo em se tratando de torcedores de um mesmo time ou da seleção de

²⁵ MANIGLIER. “De Mauss a Claude Lévi-Strauss”, cinquenta anos depois: por uma ontologia Maori, 2013, p. 166.

²⁶ MANIGLIER. “De Mauss a Claude Lévi-Strauss”, cinquenta anos depois, p. 172.

um país. A compreensão das clivagens (sócios do clube e não sócios; torcedores comuns atomizados e torcedores organizados em coletividades autônomas e, mais atualmente, “donos” ou detentores de propriedade e ativos dos clubes e seu torcedores), leva à percepção de uma unidade instável composta de atos unilaterais que se respondem uns aos outros, mas que também formam regimes de reciprocidade que podem enunciar ou não as formas dessas diferenças, a depender dos contextos de enunciação na luta pelo comum. Mas, ao mesmo tempo, uma comunidade se abre para se experienciar as diferenças entre comunidades de contrários.

Não é porque trocamos ou consumimos o futebol cada vez mais como uma mercadoria e espetáculo que passamos a conferir maior sentido existencial a ele, mas justamente o inverso, é porque o futebol desde sempre ultrapassou ou paradoxalmente antecedeu seus significados meramente adventícios como um bem adquirido, um lazer qualquer consumido em ato, que animou as expectativas e os interesses em seu entorno. Os significados simbólicos da relação entre jogar e torcer como uma diferença primordial (assentada na convenção simbólica da exclusividade do dom de quem joga e na criatividade em extraír dom de quem torce), é que empresta ao futebol um significado para além da sua prática como manifestação de um agregado de técnicas e regras.

Comunidades torcedoras ou as experiências políticas do comum em grande parte são regidas por essa função simbólica da diferença que ultrapassa o caráter psicológico de se aderir a um time apenas pelo gosto pessoal. Torcedores se completam, uns se fazem corinthianos e/ou flamenguistas uns nos outros e, por consequência, uns contra os outros quando se amplia a paisagem agregando torcedores contrários. Há torcedores que admitem torcer mais ou menos do que outros mas, de toda maneira, as formas de engajamento anunciam a validade e plasticidade de distintas formas de se experienciar o torcer como propriedade inalienável e o dom torcedor como qualidade inextricavelmente associada ao dom de jogar.

Nessa dinâmica das relações entre jogar e torcer a troca nunca pode ser paga ou quantificável, tal como querem aqueles que apregoam um futebol administrado pelas razões instrumentais do dinheiro. Por ser uma troca assimétrica, mas sobretudo dialética, torcedores se doam mais do que jogadores aos clubes, daí sempre configurarem uma relação descontínua e ao mesmo tempo contínua com o

jogar. E, nesse sentido, os clubes sempre deverão aos torcedores, aos sócios mobilizados nas dinâmicas políticas clubísticas e aos mais distantes ou humildes que frequentam atomizadamente as arquibancadas.

UM CASO SINGULAR?

Antes de mais nada é preciso elucidar as diferenciações entre SAF's e clube empresas, já que o Red Bull Bragantino não é uma SAF, mas cumpriu um papel importante na Lei da SAF.²⁷ A discussão acerca da empresarização do futebol brasileiro remonta a décadas passadas, mas foi no ano de 2021 com a sanção da Lei nº 14.193/2021, que institui a Sociedade Anônima do Futebol (SAF), que novos rumos foram tomados. É de suma importância diferenciar este marco regulatório específico das tentativas anteriores, genericamente denominadas "clube-empresa", que permearam o cenário nacional. As distinções não são meramente jurídicas, mas se aprofundam nas relações de poder, nas culturas torcedoras e na própria concepção do "clube" enquanto entidade social. O termo "clube-empresa", antes da Lei da SAF, referia-se a iniciativas de transformar instituições esportivas em entidades com fins lucrativos, impulsionadas por articulações político-econômicas. Essas tentativas não são recentes, remontando à Lei Zico (Lei nº 8.672/1993) e, principalmente, à Lei Pelé (Lei nº 9.615/1998). Inicialmente, a Lei Pelé chegou a tornar obrigatória a conversão de clubes em empresas, sob pena de exclusão de competições profissionais, mas essa obrigatoriedade foi derrubada em 2000, tornando o processo facultativo.²⁸

As experiências desse período, como as do Bahia e Vitória, que venderam 51% das ações de seus departamentos de futebol para fundos de investimento no início dos anos 2000, foram, em grande medida, fracassadas e com resultados negativos. Outros grandes clubes, como Vasco, Corinthians, Cruzeiro e Flamengo, também tiveram experiências com fundos de pensão ou agências de *marketing*

²⁷ O CEO (Chief Executive Officer) do Red Bull Bragantino na época era o Thiago Scuro, que por diversas vezes elucidou como o Bragantino "revolucionou" fazendo esse modelo antes mesmo da Lei da SAF. O atual CEO é André Rocha que já deixou claro que não há interesse do clube em se transformar em SAF.

²⁸ SIMÕES. *Clientes versus Rebeldes*, 2017.

esportivo, que frequentemente resultaram em conflitos e endividamento. O fracasso foi atribuído, em parte, à alta carga tributária para sociedades empresariais (em contraste com as associações civis parcialmente isentas) e à resistência dos "cartolas" em perder o controle de suas associações.

Muitos desses "clubes-empresa" da década de 2000 eram, na sua maioria, agremiações menores, sem grande base associativa ou torcida consolidada. Funcionavam como "vitrines" para jogadores e eram frequentemente abandonados quando deixavam de ser financeiramente ou politicamente interessantes para seus controladores, resultando em projetos de curto prazo e prejudiciais para equipes de médio e pequeno porte com grande torcida. A instabilidade e a efemeridade eram características marcantes, uma vez que a ausência de um quadro social orgânico impedia a sustentação desses projetos a longo prazo.

A SOCIEDADE ANÔNIMA DO FUTEBOL (SAF): UM NOVO AR CABOUÇO JURÍDICO

A Lei nº 14.193/2021 (Lei das SAFs) surge como um marco distintivo, propondo uma figura jurídica específica para os clubes de futebol, com regras adaptadas à realidade do esporte. Sua aprovação, em meio a um cenário de endividamento massivo dos clubes, foi impulsionada por um discurso de "modernização" e "profissionalização".

O primeiro ponto é o Formato Jurídico Específico . A Lei da SAF, sancionada em 6 de agosto de 2021, introduz um modelo societário pensado exclusivamente para o futebol, com regras especiais dentro da lei das sociedades anônimas. Diferentemente da Lei Pelé (Lei n. 9.615/1998), que não estabelecia uma figura jurídica específica para os clubes, a Lei das SAFs (Lei n. 14.193/2021) criou um tipo societário dedicado. Segundo consta, seu objetivo central é a modernização da gestão do futebol brasileiro e a resolução do endividamento dos clubes.

Em segundo lugar, destaca-se o seu caráter facultativo, mas com uma forte pressão discursiva. Embora a criação de uma SAF seja explicitamente facultativa, há um discurso hegemônico que a apresenta como a "única saída" ou "indispensável" para a sobrevivência e o sucesso do futebol brasileiro, especialmente para clubes endividados. Essa narrativa é frequentemente associada à necessidade de

"modernização e profissionalização" da gestão, em contraste com a figura dos "dirigentes aventureiros".

A lei também inclui o Regime Centralizado de Execuções (RCE). Este é um mecanismo que permite um tratamento diferenciado dos passivos (dívidas) dos clubes. Assim, as dívidas acumuladas permanecem com a associação civil, mas os recursos gerados pela SAF são utilizados para pagá-las, funcionando como um regime de recuperação judicial específico.²⁹

PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS: O CLUBE COMO "COMUM" E A PERCEPÇÃO TORCEDORA

Do ponto de vista antropológico, a SAF, embora se apresente como uma solução "moderna", insere-se em um processo mais amplo de mercantilização da vida social e do futebol como fenômeno cultural. As justificativas dos parlamentares para a aprovação da lei frequentemente utilizam um léxico neoliberal, evocando a necessidade de "limpeza", "modernização" e "fortalecimento da gestão" para retomar o "protagonismo brasileiro no futebol mundial", muitas vezes mascarando as reais intenções dos agentes envolvidos.

Uma das diferenças mais significativas, quando analisamos a SAF, reside na relação do torcedor com essa nova estrutura. Enquanto em países europeus, os movimentos de "supporters" (torcedores engajados) frequentemente lutam *contra* a empresarização dos clubes, buscando manter a participação democrática e o controle associativo, no Brasil, a Lei das SAFs foi recebida com entusiasmo e uma dose de salvacionismo. Para eles, a SAF representa uma oportunidade de profissionalizar a gestão, atrair investimentos e, crucialmente, livrar o clube do controle de grupos oligárquicos nas associações civis, que historicamente restringiam a participação e contribuíam para a má gestão e o endividamento. A percepção é que a velha guarda de "cartolas", embora agora adote o "linguajar corporativo", ainda mantém o controle autoritário.³⁰

²⁹ FORMAGGINI DE JESUS. O processo de mercadorização do futebol brasileiro e sua transnacionalização: uma análise sobre a Sociedade Anônima do Futebol (SAF), 2024.

³⁰ SIMÕES. *O Clube no século XXI e o fator "supporter"*.

A capacidade de os torcedores (re)tomarem o futebol para os interesses coletivos é um ponto central. A concepção do "clube" como um "comum", produzido pelo trabalho vivo da coletividade dos torcedores, como já esmiuçamos, é um arcabouço teórico que ilumina essa disputa. Essa "propriedade simbólica" ou "sentimento de propriedade" é uma força motriz para o ativismo torcedor, que se manifesta independentemente do formato jurídico do clube. A SAF, nesse sentido, é mais uma camada na complexa relação entre o "clube" como uma "empresa produtora de espetáculo" (com fins comerciais) e o "clube" como uma "associação de torcedores" (com base em pertencimentos e identidades).

A experiência brasileira, com sua história particular de associações civis restritivas, contrasta com modelos como o alemão (que exige que a associação original mantenha o controle da SAF, a regra do 50+1%) ou o argentino (que historicamente freou a empresarização devido à forte cultura associativa e mecanismos democráticos internos). No Brasil, a ausência de uma cultura participativa democrática ampla nas associações civis fez com que a SAF, paradoxalmente, surgisse para muitos como uma via de "democratização" ou, ao menos, de "libertação" do controle oligárquico.³¹

Após esse rápido apanhado, o que se torna evidente é que, independentemente do formato jurídico, a substância de um clube de futebol continua a ser a capacidade de uma comunidade – a torcida – de lhe sustentar, ou auferir desse e com esse *dom*. As "sociedades do torcer",³² sejam elas assumidas em modelos como as torcidas organizadas, consulados ou movimentos políticos,³³ representam os espaços onde a política do futebol se manifesta, contestando a redução da relação torcedor/clube a uma mera transação comercial. A SAF, portanto, é mais um capítulo na longa e complexa história da disputa pelo "clube" e pelo "jogo" como um bem que, para muitos, pertence à coletividade.

³¹ SIMÕES. *O Clube no século XXI e o fator "supporter"*.

³² PINTO. *Sociedades do torcer: uma etnografia da política e dos faccionalismos a partir de clubes de futebol no Brasil*, 2022.

³³ Conforme Lopes (2023), que as denominam de CAT's (Coletivos Ativistas de Torcedores).

O CASO RED BULL BRAGANTINO: EXERCÍCIO DE ETNOBIOGRAFIA

Diferente de tudo já visto no Brasil até então, a compra do Bragantino pela marca de energéticos austríaca, foi, dadas as proporções, um movimento que engrandeceu o senso de comunidade futebolística na cidade de Bragança Paulista, visto que a torcida “Massa Bruta” voltou a assistir seu time do coração em uma primeira divisão de campeonato brasileiro após 22 anos.³⁴ Para uma rápida contextualização, irei apresentar o torcer bragantino na década de 2010 em diante, a fim de elucidar a mudança significativa após a vinda da Red Bull na cidade. Conhecido como a época das “vacas magras” a década de 2010 foi marcada por suscetíveis tentativas falhas de promoção para a primeira divisão nacional,³⁵ até que em 2016 o clube foi rebaixado para a terceira divisão. A torcida nessa época era diminuta no estádio. Para efeito de comparação, em dados obtidos através do site da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) no Brasileirão Série B de 2016, o Bragantino figurou, em duas partidas jogadas em casa, o top 10 de menores públicos da competição. Em décimo lugar na tabela em partida válida pela 34^a rodada contra o Oeste, no qual foram contabilizados um total de 356 torcedores e, galgando a sétima posição, em partida válida pela 38^a rodada contra o Londrina, registrou-se um público pagante de 270 torcedores.

Mas o que explica praticamente sete anos depois o público médio aumentar para 5466 torcedores? O fator Red Bull no futebol do Bragantino não pode ser descartado. Com a vinda da empresa e com a injeção de milhares de reais, seja para estrutura e pagamento de dívidas ou para contratação de jogadores, o gosto por assistir futebol no estádio voltou a mobilizar os torcedores de Bragança Paulista. Outro fato que não se pode ignorar é que a cidade de Bragança, pela proximidade da capital São Paulo (aproximadamente 87 km), influencia na adesão do Bragantino como “segundo time”, já que os moradores da região costumeiramente torcem para os “grandes” do estado. Visto isso, a Red Bull fez um trabalho massivo para capitalização de velhos e novos torcedores utilizando métodos eficazes para ocupar

³⁴ Rebaixado em 1998 e só voltou à elite do futebol brasileiro em 2020, após ser campeão brasileiro da Série B, já com o gerenciamento da Red Bull mas ainda sem o nome Red Bull Bragantino, uniformes e escudo tradicional da empresa de energéticos.

³⁵ Destaque para a campanha do Brasileirão Série B de 2011 no qual o Bragantino terminou na sexta colocação, batendo na trave para subir de divisão.

o estádio novamente, dentre eles podemos citar a diminuição considerável do valor do ingresso, criação de um programa de sócio-torcedor acessível e com um preço único por mês com acesso a todos os jogos, disponibilização de ônibus gratuitos na região norte da cidade (mais afastada do estádio), divulgações e parcerias com o comércio local, distribuindo gratuitamente ingressos etc.

Esse trabalho fez com que, em um intervalo de sete anos (2016-2023), a torcida no estádio aumentasse 2024% aproximadamente, reconfigurando o status torcedor da cidade e dando uma luz no fim do túnel à torcida que não tinha calendário futebolístico para acompanhar o Bragantino seja em casa ou como visitante.

Tomemos o micro universo de relacionalidades de um dos autores desse artigo, torcedor que cultiva fortes aproximações com o clube. Autobiografia, ou etnobiografias são recursos discutidos na Antropologia como vias de problematização das dimensões da subjetividade presente no método etnográfico consagrado pela disciplina.³⁶ É aqui que o deslocamento de um torcer genérico para uma pessoa-personagem pode adensar as análises e produzir algumas mediações por demais generalizantes.

Para Pietro Loredo o torcer pelo Clube Atlético Bragantino (agora Red Bull Bragantino) veio de berço, com os dois avôs tendo ligações diretas com o clube.³⁷ O avô paterno, o falecido Felippe de Loredo Netto, foi diretor do clube nos anos 60 e 70, e transmitiu essa paixão para o pai de Pietro, Sergio Loredo, jornalista que atuou nas principais emissoras da capital paulista e sempre fez questão de cultivar essa memória em família. Em 2020, Pietro Loredo começou a dar seus primeiros passos acompanhando o clube, participando de transmissões de rádio na cidade, mas foi em 2021, com a volta dos torcedores nos estádios, que começou a atuar em três frentes, como torcedor, repórter e apesar de não saber na época, antropólogo, pois logo escolheria cursar graduação em Ciências Sociais na UFSCar. Portanto, trata-se de uma vivência ainda mais visceral e mediada pela subjetividade do que uma observação “de perto e de dentro”.³⁸ Pietro passou a presenciar os jogos nos setores mais populares,

³⁶ GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO. *Etnobiografia: subjetividade e etnografia*, 2012.

³⁷ Aliás, é comum que familiares de torcedores tenham uma ligação histórica com o Bragantino, visto que em 1965 foi campeão da segunda divisão do campeonato paulista, algo que movimentou a pacata cidade de Bragança Paulista.

³⁸ MAGNANI. De perto e de dentro, 2002.

principalmente no “puleiro”,³⁹ e mais tarde de dentro do campo como repórter e na cabine de rádio, lugar dos especialistas.⁴⁰ As cabines estão localizadas acima das cadeiras cativas, onde carinhosamente ficam os “cornetas” e a velha guarda dos torcedores bragantinos. Aliás, o clube sempre manteve ali os torcedores mais fiéis, independente de classe social, e foi algo que a Red Bull procurou, de certa forma, preservar, embora tenha aberto o local à venda de ingressos.

Há que se formular questões básicas: o que se alterou no torcer bragantino com a aquisição da Red Bull? Há ainda um pertencimento como aquele manifestado no auge da performance do clube nos anos 90,⁴¹ ou o senso de comunidade se alienou a uma prática empresarial e “moderna” fruto de mais uma mera empreitada capitalista que só busca lucro acima de tudo? Não pretendemos responder objetivamente a essas perguntas até mesmo porque se trata de um processo histórico sinuoso e em curso. O objetivo de Loredo, desde que passou a experienciar “na carne e na alma” essa condição de antropólogo-torcedor-jornalista, tem sido procurar entender as matizações desse novo consumo do futebol em uma cidade do interior, que hoje alcança uma população de 180 mil habitantes.

COMUNIDADE, SOCIEDADE E CULTURA

Ao falar de “comunidade”, “sociedade” e “cultura” do torcedor bragantino, é necessário breves comparações com os tempos pré-Red Bull, sejam colhidas nas experiências familiares de Loredo, traçando assim uma antropologia *ex post facto*,⁴² seja por intermédio das conversas e entrevistas realizadas com torcedores de diversas camadas bragantinas. Traçando um resgate histórico do torcer bragantino o título de 1965 é, sem sombra de dúvidas, o “marco zero”. Loredo teve a felicidade de gravar uma conversa

³⁹ Nome jocoso e ambíguo dado a uma parte da arquibancada do Estádio Nabi Abi Chedid, pois costumeiramente os torcedores “pulavam” para dentro do campo para comemorar os gols do time, mas logo na sequência voltavam às suas posições de origem.

⁴⁰ TOLEDO. *Lógicas no futebol*.

⁴¹ O Bragantino viveu seus “anos dourados” a partir de 1989 com o título do Campeonato Brasileiro da Série B, ainda chamado na época de “Divisão Especial”. Em 1990 aconteceu o título do Campeonato Paulista após vencer o Novorizontino naquela que ficou conhecida como a “Final Caipira”. Em 1991 foi vice campeão da primeira divisão do Campeonato Brasileiro após perder o jogo de ida para o São Paulo Futebol Clube, Mário Tilico fez 1 x 0 para o São Paulo e viu o jogo da volta terminar 0 x 0 em Bragança.

⁴² MACHADO. *A memória como um campo etnográfico: antropologia ex post facto*, 2023.

espontânea entre seu pai e o avô materno, José Roberto Gesuatto, que faleceu nesse ano de 2025, onde narrou com detalhes a ida dele para o Pacaembu no dia 23 de novembro de 1965, ocasião da partida entre o Bragantino com o Barretos.⁴³ Saíram de Bragança aproximadamente 30 ônibus rumo a São Paulo e na época o avô Zé Roberto, que rumou à capital, tinha 15 anos. Chegando lá viram o Bragantino fazer 2 x 0 no primeiro tempo, tranquilizando os ânimos e dando aquele gás para provocar os torcedores rivais do Barretos. Ao terminar a partida 2 x 2 e se sagrar campeão, a torcida foi comemorar fora do estádio e, para infelicidade de alguns, sofreram uma emboscada de torcedores do Barretos que atiraram pedras nos torcedores bragantinos e nos ônibus. O avô contava com leveza e humor o fato, revelando ser muito comum tais práticas. Depois dessa final o clube Bragantino passou a gerir com os torcedores suas caravanias e disponibilizar ônibus nos jogos “fora de casa”.

Outro caso, dessa vez relatado por Sérgio Loredo, foi o primeiro jogo da semifinal do Campeonato Brasileiro de 1991 contra o Fluminense.⁴⁴ Foram disponibilizados dezenas de ônibus saindo de Bragança Paulista rumo ao Rio de Janeiro, e Loredo pai esteve em um deles. Na época ele já trabalhava como repórter, mas tinha quebrado o pé e, de muletas, se recuperava. Embora fora dispensado de trabalhar, tal desconforto não o impediu de viajar e assistir o time do coração. Ele conta que as muletas foram atiradas para o alto torcendo pelo Braga no Maracanã. Garante também que, posteriormente, Bebeto, notório jogador da seleção brasileira campeã em 1994, copiou a comemoração do “Nana Neném” realizada pelo jogador Franklin, que inventara tal gesto justamente naquele jogo.

São fragmentos de memórias que auxiliam a elucidar como as negociações com dirigentes em torno da necessidade do translado e presença torcedora passou a fazer parte de uma legítima demanda cultural em momentos cruciais de performance do time fora de casa. Atualmente, o Red Bull Bragantino mantém essa prática para os sócios torcedores em jogos decisivos no estado de São Paulo, e

⁴³ O placar foi 2 x 2, no segundo jogo da final do Campeonato Paulista (equivalente à atual série A2), conquistando a taça e o primeiro acesso da história do clube à Divisão Especial, atual série A1, do Estado. O Massa Bruta já havia vencido o primeiro jogo, disputado em 18 de novembro, por 1 a 0 (gol de Hélio Burini).

⁴⁴ O jogo acabou 1 x 0 para o Bragantino com gol de Franklin, o jogo da volta foi 1 x 1 em clima de amistoso, já que no regulamento o Bragantino tinha como vantagem, por ser melhor campanha, a vitória no primeiro jogo já garantia a classificação à final.

quando o mando do time é em algum estádio em São Paulo ou Santos, aí sim disponibiliza transporte para o torcedor em geral. Trata-se de manter as formas de sociabilidade torcedora, embora aficionados mais novos passaram a se acostumar às ofertas de canais que televisionam muitos jogos, algo que, obviamente, não acontecia nos anos 60 e 90. O que o clube entende, e é preciso estar atento a esse fato, é que o Bragantino está passando por uma renovação torcedora, visto que os mais velhos dificilmente vão aos estádios, e os jovens crescem sob o peso de uma experiência de vitórias ainda não vivida, embora essa nova geração reconheça a reorganização do clube.

Se pararmos para analisar o já citado caso do Valência, exemplo mais uma vez recuperado de Simões,⁴⁵ onde há evidente tensão entre propriedade e o sentimento de pertença ao clube, algo que o dinheiro não especifica, vemos muitas SAFs e clubes empresas diante de reais ou potenciais conflitos. Ao pensar no caso do Red Bull Bragantino é notório a escolha da empresa de energéticos pela cidade do interior paulista, visto que não conseguiria impor seu modelo, tanto estruturalmente quanto simbolicamente, se tivesse acesso aos clubes considerados “grandes” do Estado. Na pesquisa que Loredo vem realizando tornou-se comum as pessoas “de longe e de fora” perguntarem se “a torcida aceitou numa boa todas essas mudanças”.

As alterações drásticas começaram a ocorrer a partir de 2020 quando foi oficializado o nome “Red Bull Bragantino”. Uma substituição sensível e agressiva foi a substituição do escudo, que antes possuía um formato mais “clássico”, com contornos curvos e ponta inferior levemente aguda, todo nas cores em preto e branco. Na parte superior esquerda, o desenho de uma bola de futebol estilizada ocupava a porção branca e logo abaixo uma faixa diagonal, transpondo o escudo do lado esquerdo para o superior direito, que continha a inscrição “C.A. BRAGANTINO” em letras maiúsculas, que divisava a parte superior da porção inferior marcada pelas 6 listras em branco e cinco em preto. Agora, o novo escudo é caracterizado pelos dois touros vermelhos tendo uma bola entre eles, além de uma forma geométrica totalmente diferente.⁴⁶

⁴⁵ SIMÕES. *O Clube no século XXI e o fator “supporter”*.

⁴⁶ Todos os clubes geridos pelo grupo Red Bull tem praticamente o mesmo símbolo, com uma mudança ou outra por conta de restrições com seus respectivos países.

As cores dos uniformes viraram branco, vermelho e preto (nessa ordem de preferência) com eventuais “terceiros uniformes” em azul. No contexto da cidade as adaptações a tudo isso foram objetos de controvérsia. Negociações táticas com a empresa de energéticos podem ser destacadas, atendendo demandas torcedoras, tais como foi o caso da releitura da camisa Carijó, que marcou a conquista do vice-campeonato brasileiro em 1991. De todo modo, a cidade foi aos poucos processando esses signos de modernização do clube e passou a ser corriqueiro ouvir de torcedores frases como “era isso ou o clube ia morrer”. E dado esse extremismo hiperbólico presente na ideia de “morte social” do clube a cidade abraçou as mudanças.

Hoje, na maioria das vezes, as respostas dos moradores de Bragança àquelas perguntas levam a um genérico sim, amortizando as transformações, mas incomodando pesquisadores e demais interlocutores que, “de fora”, têm mais dificuldades de compreender aquilo que tomam por evidentes ingerências da empresa na cultura do futebol local. Claro que mesmo o sim genérico guarda suas ambiguidades e vela opiniões mais inquietas, fazendo dessas questões indagações sempre abertas às possibilidades de reavivar controvérsias, sobretudo a cada revés esportivo. Certa vez, Loredo ouviu uma alegoria torcedora que associou a relação do clube com a empresa como se fosse um tipo de casamento, daqueles que “você vai ter que ceder, mas a gente vai pisar em lugares que nunca pisamos”.

O Bragantino, antes de ser adquirido pela Red Bull, era administrado por Marquinho Chedid, último dirigente vindo de uma tradicional família de cartolas e políticos.⁴⁷ Como presidente do clube ficou de 1998 até o Paulistão de 2019, e hoje ostenta o título de “Presidente de Honra”. A família esteve à frente de um clube praticamente sem oposição e apesar de seu estatuto associativo pouquíssimos sócios participavam das decisões políticas internas. Ponderado esse histórico e somado às condições econômicas deletérias das administrações, a Red Bull

⁴⁷ Marco Chedid é filho de Nabi Abi Chedid, que além de dar nome ao estádio foi um cartola e político renomado, sendo presidente do Bragantino de 1958 até meados de 1977, da Federação Paulista de Futebol e vice da Confederação Brasileira de Futebol. Nabi foi deputado estadual por São Paulo de 1963 até 2003, sendo um dos figurões do partido ARENA. Seu irmão, tio de Marco, era Jesus Adib Abi Chedid, presidente do Bragantino de 1988 até 1996, além de ser prefeito na cidade de Bragança Paulista eleito cinco vezes. Atualmente, um dos seus filhos, Edmir Chedid, é prefeito na cidade, tendo ocupado anteriormente a vaga de deputado estadual no Estado por oito mandatos.

enxergou ali uma oportunidade de mercado na proposta de compra do Bragantino. A promessa era de que em 5 anos o clube estaria participando de uma competição internacional. O fato é que em dois anos o clube jogou sua primeira Copa Sulamericana, em 2021, perdendo a final para o Athletico-PR. Nos anos 90 já tinha participado da extinta Copa Conmebol.⁴⁸

O “DOM BRAGANTINO” À GUISA DE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a inspirada teoria da dádiva de Marcel Mauss e levando em alta conta os contrastes entre torcedores, clubes empresas e SAFs, acordamos que torcer é um ativo do clube. Conforme já salientamos, trata-se de uma qualidade intrínseca do par jogar-torcer que, em última instância, revela além do dom de jogar outra propriedade inalienável, o dom torcedor, que participa na criação do valor futebolístico e confere sentidos ao jogo. Jogadores e torcedores estão ligados por uma troca simbólica que vai muito além do ingresso, qualquer jogador que busca reconhecimento, tal como já apontado, acaba sendo o primeiro torcedor dele mesmo. E quem torce também joga com o olhar, com a paixão, com a corneta, com o apoio. Essa é uma clara relação assimétrica, mas sobretudo dialética.

Mesmo com todas essas implicações, que permeiam as relações torcedoras com os clubes, ditadas por fragmentos de discursos economicistas expressos por usos de metáforas, tais como “saúde financeira”, a dimensão simbólica, esse dom de torcer, continua sendo fundamental. Por mais que se tente gerenciar o clube como uma empresa qualquer, essa relação baseada no dom e na troca simbólica impõe limites e contrastes. E no entender da torcida do Red Bull Bragantino faz com que através disso seja superada essa barreira empresarial. O Clube Atlético Bragantino não morreu,⁴⁹ ele está vivo nas faixas, nas músicas, nas camisetas e no próprio hino, que continua sendo tocado pela Red Bull em todos os jogos. Essa paixão pelo clube da cidade tem uma força própria que nenhuma empresa consegue comprar ou tirar, e a tendência é que isso se potencialize com o time disputando títulos e investindo

⁴⁸ A Copa Conmebol foi disputada de 1992 a 1999, a competição era formada pelos melhores nos campeonatos nacionais depois do respectivo campeão, único que recebia vaga na Copa Libertadores.

⁴⁹ O CNPJ do clube continua o mesmo, mudou apenas o nome para Red Bull Bragantino Futebol Ltda.

em infraestrutura na cidade. Um exemplo recente foi a reforma do estádio municipal Cícero de Souza Marques, onde foram investidos mais de 30 milhões de reais, e que está sendo usado enquanto o estádio Nabi Abi Chedid entra em processo de arenização.⁵⁰ Depois de pronta a arena, o estádio municipal se agregará ao complexo de lazer da cidade. Loredo ouviu uma analogia de um torcedor que disse a ele o seguinte: “A Red Bull aluga sua casa, reforma, coloca a mais alta tecnologia e depois que acaba o contrato ela te devolve sem cobrar nada”. Em que pese alguma ingenuidade na fala, são ações como essa que podem aproximar a empresa dos novos torcedores, criando assim efeitos de memórias e pertencimentos. Reativar o passado e não deixar apagar as memórias de um clube tão tradicional do interior paulista é um desafio colocado para e pelos próprios torcedores, entendendo que é o torcer que manterá, em última instância, toda uma história viva.

* * *

REFERÊNCIAS

- BORGES, Fernando. O papel da FIFA Fan Fest na Copa do mundo da África do Sul. **Horizontes Antropológicos**, Dossiê megaeventos, 19 (40), 2013, p. 201-30.
- CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes. **O Belo e suas Torcidas**: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.
- DAMO, Arlei. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Em busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Edusp, 1973.
- FORMAGGINI DE JESUS, Victor Cesar Silva. O processo de mercadorização do futebol brasileiro e sua transnacionalização: uma análise sobre a Sociedade Anônima do Futebol (SAF). In: **Anais do Congresso de Iniciação Científica da Unicamp**, 32, Campinas: IFCH/UNICAMP, 2024.

⁵⁰ A diretoria do clube prometeu a nova arena como “a arena mais raiz do Brasil”, isso se uma não contradizer a outra. Aguardarei os próximos capítulos.

GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia. **Etnobiografia**: subjetividade e etnografia. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2012.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Ativismo e resistência no futebol**: o “trio de ferro” contra a dominação. São Paulo: AutorEsporte, 2023.

MACHADO, Igor José de Renó. **A memória como um campo etnográfico**: antropologia ex post facto. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2023.

MARICATO, Ermínia. A Copa do mundo no Brasil: tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana. **Brasil em jogo**. O que fica da Copa e das Olimpíadas. São Paulo: Boitempo editorial, 2014.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 17(49), 2002.

MANIGLIER, Patrice. “De Mauss a Claude Lévi-Strauss”, cinquenta anos depois: por uma ontologia Maori. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 22, p. 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. De Mauss a Claude Lévi-Strauss. **Merleau-Ponty**. Os pensadores, São Paulo: Editora Abril, 1984.

PESSOA, Vitor Lucas de Farias. O associativismo civil e a emergência histórica do esporte moderno: um diálogo com Stefan Szymanski. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 25, 2024.

PINTO, Vinícius Teixeira. **Sociedades do torcer**: uma etnografia da política e dos faccionalismos a partir de clubes de futebol no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 2022.

PISANI, João Ricardo. Multi-club ownership: um novo estágio da globalização dentro do futebol. In: SIMÕES, Irlan. (Org). **Clube empresa**: abordagens críticas globais às sociedades anônimas no futebol. Petrópolis: Corner, 2020.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz; SANTOS, Anderson David Gomes dos. Democracia torcedora versus Vantagens consumistas: uma análise da associação clubística em tempos de futebol-negócio. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, 2018, p. 246-261.

SIMÕES, Irlan. **Clientes versus Rebeldes**: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SIMÕES, Irlan. (Org.). **Clube empresa**: abordagens críticas globais às sociedades anônimas no futebol. Petrópolis: Corner, 2020.

SIMÕES, Irlan. O negócio, a política e o público no futebol midiatizado: estudos sobre “empresas” e “associações” dos clubes do séc. XXI. **Qualificação de doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

SIMÕES, Irlan. **O Clube no século XXI e o fator supporter**: estudos sobre poder, negócio e comunidade no futebol-espetáculo. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2022.

SIMÕES, Irlan. **A produção do clube**. Poder, negócio e comunidade no futebol. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2023.

SOUSA, Raquel de Oliveira; SOUZA JUNIOR, Roberto. Reconhecimento facial nos estádios, tecnologia de segurança ou mecanismo de vigilância? Notas etnográficas sobre a importância da perspectiva torcedora para o debate. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 33, n. 65, p. 51-78, 2025.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**. Jovem futebolistas na várzea paulistana. São Paulo: Intermeios/Fapesp, 2016.

SZYMANSKI, Stefan. A theory of evolution of modern sport. **Journal of Sport History**, n. 35, 2008, p. 1-32.

SZYMANSKI, Stefan. Economistas e a História do Esporte. **Revista de História do Esporte**, v. 6, n. 1, 2013, p. 1-21.

TEIXEIRA PINTO, Vinicius. **Sociedades do torcer**: uma etnografia da política e dos faccionalismos a partir dos clubes de futebol no Brasil. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque; MALAIA, João; MELO, Victor de; Toledo, Luiz Henrique de. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcer**: perspectivas analíticas em Antropologia das práticas esportivas. Tese (Titularidade) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo. Transformações do Torcer: esportividades do olhar e olhares sobre a esportificação. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 92-113, 2022a.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**: releituras. São Paulo: Ludopédio, 2022b.

TOLEDO, Luiz Henrique de. O dom de jogar e o torcer sem dom: extensões de uma categoria no contexto do futebol. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 66, USP, 2023.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Rivalidades, dom e consumo: apontamentos para uma economia das emoções agonísticas torcedoras contemporâneas. **Revista Antropolítica**, no prelo.

* * *

Recebido em: 04 ago. 2025.
Aprovado em: 29 set. 2025.

O espectro do hooliganismo nos estádios britânicos II: um diário de campo

The spectrum of hooliganism in the British stadiums II: a work field diary

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio

bernardo.hollanda@fgv.br

RESUMO: O manuscrito evoca uma experiência de pesquisa pós-doutoral vivenciada no segundo semestre de 2018, na Universidade de Birmingham. Procura-se contextualizar o cenário de transformações de três décadas no futebol inglês que, por meio da *Premier League*, em certo sentido revolucionou a prática e a assistência do espetáculo futebolístico no país e, por extensão, em partes significativas da Europa e do mundo. O pano de fundo das mudanças é cotejado com uma vivência *in loco* nos estádios e arenas não só na Inglaterra, mas também na Grã-Bretanha e no Reino Unido. As observações experienciadas permitem assim relatar as diversas etapas de pesquisa e recorrer ao diário de campo durante esse período, a fim de compartilhar mais amiúde as impressões do que se viu, ouviu e viveu. A sugestão contida no texto argumenta que, a despeito do exitoso processo gentrificador de dominação e controle no interior das arenas, a dinâmica torcedora não impede por completo o espectro do hooliganismo, princípio antidesportivo e contra-civilizador que paira sempre como potencial danoso na administração de rivalidades clubísticas em nível local e regional, em âmbito nacional e internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol britânico; Estadios e arenas; Hooliganismo.

ABSTRACT: The manuscript evokes an experience of a postdoctoral research, lived during the second semester of 2018, at the University of Birmingham. It seeks to contextualize the scenario of changings in the last three decades in the English football that, through the Premier League model, in a certain way revolutionized the practice and the assistance of the football spectacle in the country and, by extension, in prominent parts of Europe and the world. The backstage of the transformations is compared with personal experiences inside the stadiums and arenas, not only in England, but also in Great-Britain and United Kingdom. The observations experienced allow to reconstitute the steps of the investigation and report the work field diary during this period, in order to share with more details, the memories of what was seen, heard and lived. The suggestion included in this paper argues that, contrary to the well succeeded gentrification process of domination and control inside the arenas, the fandom dynamics do not avoid in a whole sense the spectrum of hooliganism, what means an anti-sports and anti-civilization phenomena that remains always as a dammed potential in the management of club rivalries in local and regional level, as well as in national and international sphere.

KEYWORDS: British football; Stadiums and arenas; Hooliganism.

INTRODUÇÃO¹

Em continuidade à primeira parte do texto,² em que apresentamos um balanço geral da pesquisa sobre as transformações implementadas no futebol inglês e britânico, o relato a seguir reporta os apontamentos feitos em meu diário de campo. Trago, portanto, descrições cruas do visto, vivido e ouvido. Optei por manter a narrativa em primeira pessoa, sem filtros a posteriori, já transcorridos anos do manuscrito redigido em primeira mão. Advirto ainda que se trata de um “diário” em sentido livre, sem o rigor de uma metodologia de trabalho de campo sistemática, lastreada por critérios mais estritos da etnografia e da antropologia.

1º de agosto de 2018

Estádio Edgbaston.

Cidade de Birmingham

Partida de críquete

Impressiona a movimentação e o número de pessoas que afluem ao críquete. Pudera, Birmingham é a cidade dos imigrantes indianos e paquistaneses, conhecidos pelo apreço a essa modalidade desportiva, praticamente inexistente no Brasil. O estádio parecia dividido meio a meio entre os adeptos ingleses e os seguidores da Índia. Estes últimos portam bandeiras, tingem suas caras de laranja-branco-e-verde e adornam-se com algum tipo de identificação ou apetrecho nacional. A arena encontra-se cheia, mas não lotada. A impressão geral é de que não há um código único de vestimenta: há pessoas trajadas formalmente e outras com bermuda, bem à vontade, em meio a um sol escaldante do verão inglês.

Na entrada, veem-se filas grandes, serpenteadas com grades que condicionam os zigue-zagues dos torcedores. Vários transeuntes fazem o vai-e-vem no entorno até chegar na revista e na apresentação do ingresso. O ambiente matutino – o jogo começa às 11h e vai até tarde adentro – é calmo e familiar, à semelhança do sol

¹ O autor agradece aos dois pareceristas anônimos, pela leitura cuidadosa, pelas observações construtivas e pelas correções redacionais identificadas no texto. Agradeço também à diligência habitual da editoria da revista *FuLiA/UFMG*. Este texto foi possível graças aos auspícios da Ernest Rutherford Fellowship, com a concessão da bolsa pós doutoral, durante supervisão da historiadora inglesa Courtney Campbell (University of Birmingham).

² Conf.: “O espectro do hooliganismo nos estádios britânicos: uma experiência de pesquisa”, *FuLiA/UFMG*, v. 10, n. 1, 2025.

diáfano e radiosso. Percebo a olho nu que há mais homens que mulheres. A cobertura de mídia demonstra a importância da partida. Vende-se o programa do jogo, uma espécie de encarte, parecido com o existente no pórtico dos teatros, pelo valor de seis libras. Há ainda algo inusitado para mim: a venda de um audioguia para ouvir comentários das transmissões das tribunas. Este aparelho é cobrado a quinze libras, à maneira da visitação de museus.

O ingresso eu comprara de antemão, na loja do estádio e custara 29 libras, sendo o mais barato na faixa de preços disponíveis. Percebo muitas opções de comida nas dependências da arena. No entanto, ao invés de despender o dinheiro com alimentação, verifico um expressivo número de espectadores com sacolas de mantimentos e carregamentos de comida para se abastecer enquanto se assiste à partida. No vão intermediário entre o campo e a entrada, encontram-se inúmeras portas de acesso. Ultrapassada uma dessas divisórias, acede-se às arquibancadas. Assim como eu, há diversas pessoas à procura de seus assentos, num jogo cruzado de linhas verticais e horizontais que imiscuem letras, números e fileiras.

O jogo transcorre no centro do campo. Para mim é difícil, se não impossível, entender as regras apenas por meio da observação sensorial (mormente a visual e auditiva). O jogo começa às 11h pontualmente, mas ante a incompreensão incontornável, não fico até o fim da longa jornada. Quando saí, uma goleada, por assim dizer, marcava 49 a 1 em favor da Inglaterra. Digo goleada, pois não dá para “sacar”, ali dentro, o que isso representava, pois a pontuação do críquete a meus olhos continuava uma incógnita. O mais curioso: as pessoas não parecem tão preocupadas com o placar, mas aplaudiam a cada rebatimento de bola, cuja lógica continua incognoscível para mim.

Diferente do futebol, não parece haver um grande clímax na pontuação, nem a espera catártica do êxtase de um gol, o que me soa estranho. Ademais, a ausência de élan, pelo que fisgo, deve-se à jornada de confrontos, que apenas começara ali, mas ainda levaria cinco dias para terminar. Ou seja, muita bola ainda ia rolar por dias a fio, sem razão para maiores despendimentos de energia.

Os lances transcorrem sem grandes sobressaltos, enquanto assistentes entram e saem para comprar bebidas e comidas. O que se perde pode ser revisto nos replays no telão. O estádio é circular e vazado acima, não há cobertura tampouco algum tipo de toldo retrátil para o caso de chuva. A disposição oval esparrama-se em camadas

pouco verticalizadas. Em apenas uma parte do estádio existem dois andares de arquibancada. Há arquibancada com cadeiras numeradas, organizadas por letras, blocos e assentos, a tríade-chave para a localização nos esportes de espetáculo. Atrás das cadeiras, mais elevados, parecem estar os VIPs: nela, assistem bebem e conversam, fazem sua social, pouco interessadas na partida...

Os torcedores levam um placar de papel como sinalizadores, de cor verde, e que parece ter sido entregue pelo patrocinador do evento. Está escrito 4 e 6. Em alguns momentos, como forma de comemoração, as pessoas levantam os adereços e balançam-nos, sacolejam felizes sem razão plausível a um estrangeiro.

02 de agosto de 2018
Cidade de Leicester
Encontro com John Williams e John Sly

Encontro com o professor John Williams em sua sala universitária, na Bankfield House, 132 New Walk. Uma hora de conversa nas dependências da universidade homônima da cidade. A rua New Walk é muito charmosa, arborizada. Fica perto da estação, por sua vez também com uma fachada bonita, lembrando os trens à moda antiga. John é atencioso, dando-me praticamente uma aula. Puxa pela memória seu contato com latino-americanos e lembra-se do brasileiro Marcos Alvito, que o visitara em 2009, e do mexicano Fernando Trejo, que o conhecera no doutorado por intermédio de seu orientador francês, o amigo sociólogo Patrick Mignon.

Conquanto solícito, parecia preocupado com o horário e interessado em me passar, por assim dizer, para o orientando. Mas a conversa se distende após sua “preleção”. Jogo um “verde” e falo no suposto círculo virtuoso (ou vicioso) inaugurado a partir da *Premier League*. Concorda com a combinação engendrada pela Liga: preços elevados, política mais rígida de punição e novas infraestruturas arquitetônicas para estádios.

Puxo outro assunto – os estudos acadêmicos em esporte – e ele alude à má reputação intelectual do futebol no país até o lançamento do livro de Nick Hornby, “Fever pitch”. Considera que a partir daí começou-se a dar algum valor às memórias de torcedores no mercado editorial.

Fala da dificuldade de ir a um jogo, com mecanismos de controle, acesso restrito a ingressos e sistemas de pontuação complexos. Mas não considera o hooliganismo totalmente controlado. Diz que em Leicester, por exemplo, ainda há casos, afastados, mas há. Nem na Premier League os tais hooligans evadiram-se de todo. Comenta sobre a persistência de algumas rivalidades regionais/lokais, como West Ham x Millwall ou Man U *versus* Liverpool. Reconhece a relativa frieza dos estádios e diz o quanto os torcedores ultras franceses do Olympique de Marseille, numa partida na Inglaterra, impressionaram pelo ânimo, pelo fervor e pelos cânticos nas tribunas.

Ao juízo do sociólogo, partidas fora de casa ainda motivam os torcedores ingleses, dão-lhes alguma adrenalina. Houve mudança do perfil de público, mas não equipara de modo algum o novo torcedor a um espectador de teatro. Aquele continua engajado e fervoroso por seu clube. Recomendou-me algumas leituras. Falou mais, não parecia querer muito ouvir.

Na sequência, passado o bastão, encontro com o pesquisador Jonathan Sly. Fomos tomar um café nas proximidades e sentamos na parte externa, que já se encontrava bem encalorada. Sly estava então na metade do doutorado, é oriundo da cidade de Tamworth (condado de Staffordshire) e estuda torcedores “turbulentos” do Birmingham FC. Mostrou-me um mapa de banimento de torcedores na cidade de B’ham (contração de Birmingham na linguagem oral).

Comentou a dinâmica de reunião de torcedores e, em contrapartida, tratou da tática de vigilância da polícia nos arredores, seguindo a lógica de que os encontros são cada vez mais distantes. Falou de *pubs* no subsolo onde a “coisa”, isto é, a briga, acontece. Sugeriu me apresentar a alguns hooligans em dias de jogos. Quanto às referências bibliográficas, não acrescentou muito ao que eu já conhecia.

Cabeça raspada, parece ser um jovem que chegou ao tema pela experiência e participação de um ex-torcedor. Abordou muito a reputação dos poloneses e tratou da cena atual do hooliganismo via comunicação por redes sociais. Em trabalho de campo, foi à Copa do Mundo de 2018, na Rússia, seguindo os passos do orientador, John Williams, que fizera etnografia com os *hooligans* no Mundial da Espanha, em 1982. No final, caminhando pelo campus, ainda me apresentou a um professor brasileiro. Disse ser o único inglês entre os doutorandos, uma mostra da internacionalização multicultural da universidade e da pós-graduação em Leicester.

À saída, antes de regressar à estação de trem, visito o estádio do Leicester (o King Power) e vagueio pelo espaço museológico Newarke Houses Museum.

04 de agosto

Cidade de Wolverhampton

Wolverhampton X Villareall

Fui de metrô de B'ham para Wolverhampton. Cerca de 50 minutos. Antes da partida, já ao chegar no centro de Birmingham para tomar o transporte na respectiva estação, impressionou-me muito o clima de outro jogo concorrente na cidade. Aos poucos me dei conta de que duas partidas aconteciam no mesmo dia. Com o início da segunda divisão, torcedores do B'ham FC e do West Bromwich Albion – rebaixado da Premier League na última temporada – movimentam-se nas ruas, andam, agrupam-se para seu primeiro confronto. De fato, a alegria daquele sábado na cidade estava diferente dos fins de semana anteriores, para a qual colaborou a manhã e a tarde ensolaradas. Senti estar em um país pungente, que de fato aprecia esportes em geral, e o futebol em particular. No *tramway*, acresceram-se torcedores mais um clube, o Wolves – Wolverhampton –, com sua camisa amarelo-dourada e preto, encimado pelo símbolo do lobo, ícone totêmico da urbe.

Como o time subiu para a primeira divisão, os torcedores pareciam ainda mais animados. A cidade é relativamente pequena, sem uma grande atração turística aparente. Contudo, antes de ir para o estádio, visitei a Galeria de Arte, bonita, embora não *top*. Por coincidência, a galeria trazia uma exposição sobre a história do clube homônimo da cidade, com uma exposição sobre a conquista da temporada 2017/18 e a lembrança fotográfica do título nos anos 1950. Fotos mostravam a comoção urbana e demográfica com as vitórias do time. Em seguida, feito o *sightseeing* improvisado, caminhei a pé até o estádio, não longe do centro da cidade.

Tratava-se de um amistoso contra o Villareal, da Espanha, preparatório para a Premier League. O Wolves ganhou de virada, por 2 a 1. Assisti apenas até o primeiro tempo, pois achei que já tinha observado o suficiente e tencionava acompanhar o retorno das torcidas dos demais times ao centro de B'ham. A chegada ao estádio foi animadora. Clima tranquilo, as pessoas em procissão a caminho, uma fila para comprar o “programa do jogo”, uma tradição inglesa no futebol, que segue um princípio

das “artes de espetáculo”, como o teatro. Embora não em número excessivo, havia vendedores ambulantes de bugigangas, por assim dizer. Além de “carros” com capotas abertas para a venda de comidas e bebidas.

Seguindo a tradição arquitetônica, o estádio quadrangular é dividido em comprimidas tribunas. A entrada foi fácil e tranquila. Um segurança me revistou e vasculhou minha mochila, mas pude entrar com tudo que portava, inclusive garrafa de água. Mal comparando, a catraca por que se passa, também tradicional do futebol britânico, lembra as dos trens do subúrbio do Rio: são giratórias e com grades vazadas. Um leitor ótico identificou meu bilhete na transposição da catraca seguinte. Dentro da tribuna, situada atrás do gol, há dois andares, mas que compõem uma única arquibancada numerada, por números e letras em ordem alfabética, conforme a praxe.

Antes de chegar aos assentos, há os corredores, espécie de vestíbulo, com os banheiros e as lanchonetes, além das áreas descobertas, para se fumar e beber. Havia bebidas alcóolicas, além dos *snacks* industrializados, dos sanduíches plastificados e até dos doces, como barras de chocolate. O espaço interno não é muito grande, mas pareceu funcionar bem para aquele jogo. Pergunto-me como seria em um jogo lotado, com capacidade máxima, uma vez que não as dependências chegaram a ser muito espaçosas. Muitas pessoas ficavam por ali, comendo e conversando, com a descontração típica de um amistoso de pré-temporada. O ambiente soava bem familiar, com mulheres e crianças em quantidade maior do que estou acostumado a ver no Brasil.

Nas arquibancadas, cadeiras numeradas, com relativo respeito aos lugares. Parte do público assiste em pé, outra parte, mais à frente e mais nas laterais, permanece sentada. Fiquei no setor mais ativo do estádio. Um grupo, em coro, no centro da arquibancada, tentava puxar o grito durante o jogo. Não consegui identificar quem eram, nem quantos. Como no primeiro tempo o time da casa perdia, o apoio foi rarefeito, uma mornidão para os meus padrões de exigência. Antes do jogo, atletas treinavam no gramado, sob o embalo de uma música pop, alternada com rock, e sob o comando de um locutor, espécie de animador de auditório. Os espectadores aplaudem os chutes e ovacionam as defesas dos jogadores durante o aquecimento. Não há apupos para os rivais, quando adentram o gramado, haja vista a ausência de rivalidade prévia com a equipe espanhola.

Um grupo de cinco aseis pessoas, aparentemente contratadas ou vinculadas ao clube, balançava as bandeiras na linha do campo, de forma o mais das vezes burocrática e enfadonha. No momento de entrada dos jogadores, o comando do narrador fez com que ouvisse o único brado mais forte da torcida, unido por seu ritmo, com palmas cadenciadas. Nenhuma faixa de torcida ao redor do campo, que seguia o critério de inexistência de alambrado, que permite invasões, mas impede esmagamento com superlotações, como em Hillsborough. Havia ao menos um jogador de Portugal, pois foi uma bandeira que identifiquei mais de uma vez dispersa no público, em saudação à nacionalidade de um atleta do clube. Dois mascotes infantilizados, na verdade um homem e uma mulher, circulavam dentro de campo e nas arquibancadas.

Estádio no estilo inglês, com tijolos e fachada de concreto colorida com as cores do time. As tribunas são nomeadas para fazer as vezes de lugar de memória. Um ex-presidente do clube, Sir Jack, é reverenciado. Dizeres – “We are the Wolves” e “This is our love and it knows no division” – reforçam o orgulho identitário e sugerem que não é um clube tradicionalmente de 1^a divisão, sem que isso mitigue o apoio.

08 de agosto de 2018 Campus da Universidade de Birmingham

Tenho de relatar um ocorrido curioso que me chamou a atenção nesse dia. Um rapaz da manutenção de computadores esteve na sala de Courtney Campbell, minha supervisora, onde fiquei instalado durante a estada, devido à sua ausência para licença maternidade. De início, o técnico chega até a levar um susto quando me vê, pois não esperava gente na sala. Depois de uma breve apresentação e troca de formalidades, em que percebo a dificuldade de entender o carregado inglês dele, ele avista um livro na minha pilha de empréstimos da biblioteca intitulado “Hooligans”. Parece ao mesmo tempo surpreso e interessado com a palavra estampada no título.

Comenta e fala coisas, mas não entendo ao certo, pela velocidade elocutória e pelo inglês acentuado e cifrado. Pela empolgação com que fala do tema, dá, no entanto, para entender que é, ou foi, um frequentador de estádios. Depois de comentar a má reputação dos torcedores do Millwall – movidos pelos slogans cantados “no

ones likes us, but we don't care" e "we hate humans" –, comenta uma partida que foi assistir e na qual não conseguiu entrar no estádio – parecia ser da torcida visitante, mas não identifico qual é sua equipe do coração – e descreve uma "chuva" de pedras arremessadas sobre seu grupo. Depois de nos despedirmos, nunca mais o vi pelo *campus*. Tratou-se de uma curiosa e sugestiva coincidência a identificação dele com o assunto e os estratos sociais vinculados ao assunto. Eis uma conversa inesperada, puxada de forma espontânea, cujas circunstâncias profissionais cedem lugar para bater papo, sendo o futebol mais uma vez uma linguagem mediadora e niveladora entre profissões e pessoas.

**11 de agosto de 2018
Estádio do Villa Park
Cidade de Birmingham
Aston Villa 3 x 2 Wigan Athletic**

Fui assistir à partida do tradicional time birghamiano do Aston Villa contra o desconhecido, para mim, Wigan. Jogo animado e emocionante, com um gol decisivo nos acréscimos e bastante vibração da torcida. Início de temporada deve explicar também a animação. Mais que no jogo do Wolves, um amistoso, senti uma vibração efervescente e uma mobilização contagiante nas tribunas.

O estádio impacta já na chegada. Remonta ao início do século XX. É um charme à distância, com seus tijolinhos vermelhos e o nome do clube escrito com letreiros em dourado. Nada menos que 34 mil torcedores presentes. A entrada do setor North Stand Upper, como os outros blocos, é ainda à moda antiga, tem corredores estreitos e enfileirados, onde só se pode entrar individualmente, um a um. Por dentro, o modelo geométrico inglês de quatro tribunas, divididas em partes segmentares inferiores e superiores, todos com assentos numerados, embora nessa partida tenha sido possível ver que há partes significativas com pessoas em pé e não me pareceu haver tanto respeito aos lugares.

Na ida para o estádio, achei o centro de B'ham relativamente chocho, sem a movimentação do sábado passado, quando identifiquei muitas camisas do West Bromwich e do B'ham FC. Mas, pouco a pouco, vislumbrei as camisas e os torcedores do AVFC. À espera do trem, a observação se confirmou. Além de um jogo emocionante,

o que mais me chamou a atenção foram os torcedores visitantes, que em princípio não havia percebido. Ficaram na parte de baixo da arquibancada, com o respectivo setor superior fechado e vazio, apenas com alguns funcionários do clube. Os torcedores do Wigan incentivaram bastante seu clube, pareciam muito mobilizados. O contingente era constituído em sua maioria por homens, mas foi possível identificar mulheres também.

Sem conhecer o histórico de rivalidades, observei que a provocação gestual e musical deu a tônica da relação entre torcedores locais e visitantes ao longo do jogo. Gestos e manifestações voltadas ao adversário em boa parte do tempo de jogo. As comemorações dos gols são o momento mais propício para isso, uma vez que o silêncio alheio ajuda e dá moral nos cânticos adversários, jocosos e provocativos. Ali deu para sentir uma “pegada” mais enérgica de clubismo. O número de *stewards* e de policiais, trajados em amarelo e laranja chamativos, saltava aos olhos, com o padrão de distribuição equilibrada de seus contingentes nas linhas divisórias de entrada e saída, e nas escadas de acesso às cadeiras.

A comemoração de cada um dos cinco gols presenciados em 90 minutos levava a algum excesso, como subir nas grades, comemorar num grau a mais e manifestar-se mais efusiva e enfaticamente. Um aglomerado se formava e os seguranças tinham de agir para conter a manifestação um tanto transbordante. Em duas ocasiões, deu para notar torcedores detidos e levados à força para fora da arquibancada, impedidos de continuar a ver a partida. Não dá para saber o que aconteceu depois, mas pode-se imaginar...

Na saída, causou espécie um dado salientado por John Williams: os torcedores do Wigan saíram juntos com os do Aston, sem que precisassem esperar a evacuação da torcida mandante. Pela temperatura do jogo e das provocações, imaginei em princípio certa temeridade com o procedimento, mas o que vi ao final pareceu tranquilo, embora impressione o vulto caótico e ruidoso de pessoas no vai-e-vem. Conforme Williams, com o que já tinha observado, escoltar e agrupar é pior, pois fortalece a coesão interna do grupo e do clubismo, gerando a tal “segmentação ordenada” de que falava Eric Dunning.

No caminho de volta da partida, percebo que há duas estações de trem para o retorno do bairro de Aston à cidade: Witton e Aston. Leva cerca de sete minutos.

Escolhi Aston para retornar, apesar de ser mais longe, pois foi minha rota na ida e imaginei que, pela maior proximidade do estádio, Witton estaria sobre carregada de torcedores retornantes. A fila em Aston estava bem grande, mas não tive de esperar tanto quanto imaginei à primeira vista. Em verdade, reinava um clima bem ordeiro e cordato para o retorno.

Um público de modo geral tranquilo, em meio a certa diversidade geracional, com maioria de jovens homens, como sói acontecer no público futebolístico. Encontrei alguns grupos de jovens e de adolescentes. Na arquibancada, torcedores negros, talvez em maior número que em Wolverhampton. Como em todos os estádios, um locutor preenche o tempo de espera com suas claquetes forçadas. No intervalo, anúncios nos telões (32 Red e Luke) e entretenimento em campo (chutes em gol e gincanas assemelhadas).

Pot-pourri de minhas anotações soltas: Som de rock. A música parece um modo sorrateiro de abafar os gritos e as vaias. Questão de fundo: como lidar com o tempo de espera (antes e durante o espetáculo)? Exclamações da torcida: “oh!”. Nos alambrados, além da propaganda, frases e expressões edificantes: “Part of the proud”. Crianças acompanhadas dos pais não prestavam atenção na partida. Ao bel-prazer, comiam e mexiam no tablet. Códigos da numeração cifrados: *Entrance T, Area T3, Row BB e Seat 69.*

O preço parece acessível para a segunda divisão: 25 euros. Trinity Road, tribuna Holt End. Destacam-se as bandeiras que tremulam no topo do estádio: Grã-Bretanha e Aston Villas, mas especialmente as do Egito, da China e dos EUA. Suponho que sejam os acionários. Autofalante durante o jogo relata que B’ham FC está perdendo, o que gera, ato contínuo, aplausos, comemorações e alegria com a malsina alheia. Estádio cheio, mas não lotado. Não parece o ideal em termos de evacuação do estádio e prevenção à superlotação. Polícia parece à primeira vista educada e não-agressiva, o que não deixa de causar espanto. No rumo do estádio veem-se bandeiras, não muitas, dependuradas no alambrado.

18 de agosto de 2018

País de Gales

Cardiff FC 0 – 0 Newcastle

Cardiff City Stadium

No centro da capital galesa, em frente ao castelo principal, diviso carros de polícia. Quase confundo o horário do jogo e por um triz não perco a partida: começava às 12h30, horário menos frio do dia, ao invés de 15h. O movimento é crescente, vejo torcedores visitantes com camisa do Newcastle circulando na rua. Impressiona-me, pois é uma cidade distante. Aliás, em certo sentido, é outro país... Por seu turno, os torcedores do Cardiff FC portam cachecóis em cor azul, com a indicação do Blue Birds. Não obstante, o rúgbi na cidade e no país faz-se tão ou mais importante que o futebol. O estádio de rúgbi fica encravado no centro da cidade, ao contrário do time de futebol, bem mais afastado, dir-se-ia na periferia. O estádio “Principality”, destinado ao rúgbi, tem o destaque circense de uma atração turística. E o críquete também tem sua importância. De todo modo, o futebol carrega sua relevância, pois a atendente do Hotel Hilton, onde estou hospedado, sabe que haverá jogo e comenta comigo do fim de semana futebolístico.

O dia é nublado, aparenta muito frio na rua, para um brasileiro ao menos. A caminho do estádio, entrevejo duas barracas com venda de produtos do clube. Em um deles, fala-se do orgulho do clube em estar na Premier League, após anos relegado às divisões inferiores. No estádio, no momento da execução do hino nacional, todos se levantam e batem palmas. Há setor visitante e ele é numeroso. Para adentrar, um *steward* apenas checa o ingresso e a destinação correta. O clima vigente é de tranquilidade, até a entrada dos times em campo, momento de êxtase. Mascotes – via de regra zoomórficos – circulam e se balançam mimeticamente no gramado.

No setor atrás do gol, fica-se em pé, mas não quase não consigo ouvi-los: a onipresença é do locutor, cuja loquacidade ofusca o som das torcidas antes do jogo, no intervalo e após a partida. Uma associação de torcedores do Cardiff tem sala nas dependências do clube. Nas arquibancadas traseiras, postam-se instrumentos musicais, que ficam na parte mais alta, num setor em separado. Três ou quatro torcedores organizados ditam o ritmo da percussão durante os noventa minutos. Os visitantes estão todos em pé. Durante a partida, um *steward* impede bandeira da Inglaterra

dependurada no setor de saída do estádio. O argumento aparente, do que se depreende, consiste na visibilidade da sinalização indicativa de evacuação.

Quanto ao repertório musical, algumas melodias lembram as demais torcidas europeias, outras parecem próprias do país. O ‘hit’ latino “Guantanamera” é uma das paródias mais ouvidas. À saída, no invólucro da arena, divisam-se anúncios de patrocinadores da Malásia, das Filipinas e até do Vietnã, de onde parece ser a origem de um dos *sponsors*, ao lado da marca de calçados alemã Adidas. Por fim, na caminhada de volta ao centro da cidade, encontram-se nas placas de sinalização das ruas alguns adesivos em referência à luta contra o fascismo, por parte de um grupo à esquerda da torcida do Cardiff.

21 de agosto de 2018
Cidade de Birmingham

Reportagem com destaque da BBC de Londres sobre mais uma etapa do histórico processo de julgamento das vítimas de Hillsborough (1989), especialmente um dos acusados de responsabilidade, o chefe do policiamento do jogo. Com o andamento do julgamento, as imagens de TV mostraram o réu a se manifestar na cidade de Preston. Na reportagem, famílias das vítimas dão seus depoimentos, a dramatização campeia. Causa espécie a repercussão e a importância dada ainda hoje para o caso, 30 anos depois.

08 de setembro de 2018
Cidade de Liverpool
Visita ao estádio do Anfield Road

A importância do estádio na cidade dos Beatles pode ser aferida pela existência de um ônibus turístico que a cada hora leva as pessoas do centro, mais especificamente do Pier Head, para o famoso espaço futebolístico, situado na periferia de Liverpool. Curioso, resolvo tomar o ônibus. O guia, muito bem-humorado, leva a mim e a mais três senhoras escocesas para o estádio. No percurso, dá várias informações sobre a urbe de Liverpool, sobre os prédios e “linka” o time homônimo com pontos urbanos importantes, como o hotel em que ficavam hospedados os jogadores na segunda

metade do século XX. Até mesmo duas águias no topo de um prédio – uma olhando para o rio, outra para a cidade – são motivo para seus comentários anedóticos.

Curiosidades da rivalidade do time do Liverpool com o Everton – rival local – são dadas, como hotéis frente a frente e mesmo estádios muito próximos. O clube azul anil do Everton é mais antigo que o alvirrubro e chegou a jogar em Anfield Road, propriedade do rival. O condutor mostra a casa onde mora, no bairro de Everton, e o ônibus para no ponto mais alto da cidade para sacarmos fotos. Mostra a direção de Wales (País de Gales) e da Irlanda. Chama-me a atenção que o guia comenta o setor do estádio atrás do gol, conhecido como *Spion Kop*.

Enquanto me lembro que lera isso em um livro, o condutor compartilha a anedota da origem de tal nome, da alusão a uma batalha na África do Sul no início do século XX, travada entre holandeses e britânicos, e da similitude que ensejou a analogia belicosa dos lendários hooligans e que depois se espalhou para várias arquibancadas da Inglaterra e do mundo. O guia lembra de jogadores e dirigentes do clube e enfatiza os jogadores escoceses no time. Billy Shanky tem uma estátua na entrada do clube. O *tour* é mais caro que em Manchester – 20 pounds – e tem um audioguia para cada edição

A visita me impressionou pelo luxo do estádio, ao menos a parte a que temos acesso, reinaugurada em 2016. Não há um guia fixo, mas instrutores posicionados a mostrar-nos o caminho, que começa na parte mais alta do estádio e vai descendo até o gramado. O conteúdo fica acessível pelo audioguia. Confesso que preferi assim, do que uma única pessoa entretendo o grupo com uma incansável quantidade de informações prontas e pasteurizadas. Creio que este tipo de visita merece um artigo, quem sabe um dia alinhavo algo.... Entrementes, também confesso que fiquei entediado com a previsibilidade do percurso e das coisas a ver: o vestiário; a sala de imprensa e de conferência; os corredores luxuosos; os banheiros – muito bem asseados por sinal – e a entrada em campo.

Como qualquer espaço da indústria do entretenimento, tudo é feito para o visitante sacar fotos.... Mas é oportuno observar que essa crítica não incomoda os que ali estão. Apenas as informações sobre as torcidas – o Kop – e suas imagens históricas despertaram maior interesse para mim. Com efeito, acelerei o passo e calculei o horário da volta no ônibus da periferia de Liverpool, às 13h35. O guia do *red bus*, ao

me ver novamente, e tão rapidamente, se surpreende. Era um dia de relento chuvoso – calça, meia e tênis estão embebidos da água suja e fria, aumentando o desconforto – e pouca gente fora de casa naquele domingo insosso... voltei sozinho naquela “nau” para turistas em que o gringo sou eu. Só ao final da jornada o guia subiu ao segundo andar do ônibus para puxar conversa.

Aproveitei para ver como reagia à pergunta pelos hooligans, já que o Liverpool estava na cena central dos dramas de Heysel e de Hillsborough. Quanto a este último, disse que não foi problema de hooliganismo, mas de erro da polícia que fechou os portões e alocou os torcedores do Liverpool numa área muito restrita. No *sightseeing*, Hillsborouh foi lembrada ao passarmos por um parque onde se concentram as manifestações públicas. Há uma espécie de memorial em homenagem às vítimas. O guia também disse que o tradicional local de manifestações em Liverpool, cidade com 500 mil habitantes, festejou um título do clube com mais de 1 milhão de pessoas nas ruas. Para além do pastiche turístico, o guia me surpreende positivamente durante a conversa, pois de fato conhecia de futebol para além de informações enciclopédicas.

Comenta ainda o quanto sua família é engajada e estima o quanto difícil é ter assento no *Kop*, cuja propriedade passa de geração a geração. Foi à Ucrânia na final da *Champions League*, em maio daquele ano de 2018. Apreciou a capital Kiev e disse que a ambiência com os torcedores do Real Madrid se passou num clima bem pacífico. Deu a entender que os hooligans não são mais problema na Inglaterra, à exceção de clubes como o Millwall. Os hooligans são problema na Polônia e no Leste da Europa de modo geral. Pontua que na Itália os ultras também são problemáticos, pois portam armas brancas como facas pequenas. De repente podem investir contra o adversário sem que se impeça o ato, pois estão à paisana, para despistar a polícia.

09 de setembro de 2018

Cidade de Liverpool

Estádio do Everton

Redigo este relato já passada uma semana da visita ao Goodison Park, estádio do Everton, num domingo pela manhã. Por isto, algumas informações podem perder a riqueza vívida de alguns detalhes observados. Uma das coisas que mais me fiscou foi a comparação com o clube vizinho do Liverpool, que tem uma estrutura muito

mais turística e numerosa para a recepção dos visitantes. No site do Everton, indicavam-se tão somente três horários de visita aos domingos, no valor de 15 *pounds*. Sem embargo, ao chegar ao estádio, muito próximo do rival alvirrubro, um vazio no entorno e um silêncio tumular imperavam nas redondezas.

Após percorrer os arredores, fui perguntar numa loja de venda de roupas como aceder ao estádio. O recepcionista indicou-me uma entrada, circulei em torno de todo o perímetro murado do estádio e havia apenas duas entradas que pareciam ser de atendimento. Mas as duas estavam sem pessoas para receber forasteiros como eu. É possível que a visita tenha ocorrido e eu poderia ter insistido mais, contudo a diferença entre os clubes vicinais me pareceu clara para efeitos comparativos e observatórios. Tão perto, tão longe – expressão que deve ser a sina dos dois clubes

Todavia, a impressão externa era de um estádio igualmente vistoso e bem conservado. Nas suas adjacências, os muros da arena contam em fotos a cronologia do clube, suas datas, seus feitos e suas personagens. Para minha surpresa, um dos painéis informava a queda do clube para a segunda divisão. Pareceu-me uma informação inusual e destoante na tradição auto exaltadora dos clubes. Outro aspecto que percebi nesta incursão malograda, e que se percebe na cidade de modo geral, são os autocolantes dos torcedores organizados nas placas sinalizadoras ao redor da praça esportiva.

Os do Everton soaram-me mais ostensivos, alguns deles com mensagens provocativas aos rivais do Liverpool, outras saudosistas do passado com o estádio *old fashion* apinhado de fãs, outras ainda com slogans contra o fascismo (como em Cardiff, aliás, existiria uma conexão? Pois eram idênticos os adesivos, ao menos seu layout) e os que fazem alusão à briga, como a silhueta de um soco, ou a estilização de um punho cerrado. Verificam-se ademais muitos autocolantes de torcidas de outros clubes e países, como Rússia, Itália, entre outros que se deslocam à cidade inglesa para confrontos das competições europeias. Como não queria gastar mais dinheiro com o “tour” pago, e com receio de ver “mais do mesmo”, acabei por ir de volta para o centro de ônibus e aproveitei o deslocamento nas franjas da cidade para fazer a visita ao museu do Liverpool FC, que na véspera não assistira.

13 de setembro de 2018
Cidade de Manchester
Encontro com Geoff Pearson

Este foi meu segundo encontro com um especialista inglês, depois de John Williams. A expectativa era grande. Gostei muito do livro dele, uma inopinada descoberta durante a pesquisa, e era minha segunda ida a Manchester, exclusivamente para o encontro. Tinha ido uma vez, em um fim de semana, para conhecer o estonteante *Football Museum*. Desta feita era meio de semana e senti-me em outra cidade, em certo sentido, com sua rotina de trabalho. Imaginava que a universidade ficava no Centro, pois na primeira visita havia observado alguns prédios universitários. Acabei levando um tempo para achar o endereço, pois ficava em uma área da cidade que não tinha conhecido na visita inicial.

Aliás, valeu a pena o segundo périplo: a Oxford Road é um corredor de edificações acadêmicas, à esquerda e à direita. Geoff leciona na Escola de Direito, embora seu livro seja etnográfico, o que me pareceu assaz curioso e ao mesmo tempo um diferencial positivo importante. Qualquer eventual receio foi debelado ao longo da conversa. Desde a recepção, senti-me à vontade com o interlocutor, um pouco mais jovem do que eu, talvez à beira dos 40 anos.

Lecionou na Universidade de Liverpool, especificamente no *Football Industry*, e isso facilitou o desenvolvimento de nossa conversa. Antes disso, estudara em Lancashire e conhecia John Huchton, que disse ser casado com uma sérvia, o que limita sua presença na Inglaterra, talvez para justificar a ausência de resposta ou de interesse em me receber. Contou ter ido à Copa de 2014, ficou no Rio de Janeiro, em Copacabana, e relatou algumas dificuldades na condição de turista e de estrangeiro. O encontro em princípio era para ser um almoço. Mas o primeiro restaurante estava fechado e fomos a uma espécie de *pub*, onde eu pedi uma típica torta de carne com batata.

Como de praxe, antes de ser entrevistado, o informante quis primeiro saber o que eu fazia. Depois da minha preleção, começou a discorrer sobre como explicar o que aconteceu com os hooligans e diz que o período decisivo foi entre 1988 e 1994, quando uma unidade especial da polícia foi criada e começou a atuar de maneira mais focada. Diz que conseguiram identificar e isolar os grupos e componentes mais

violentos, ao que se somaram as transformações do futebol inglês, com a entrada da TV como patrocinadora.

Mencionei seu livro e algumas passagens, para mostrar que tinha lido e, mais importante, que de fato gostara muito da obra. De início, pediu uma cerveja e pareceu animado com o tema. Depois, pareceu preocupado com o horário, pois tinha reunião em seguida. Ficamos cerca de uma hora e meia no total. Voltamos para sua sala, autografou seu livro e imprimiu textos de sua autoria, como fizera John Williams (no caso, este me mandou por e-mail). Passou-me contatos, depois que perguntei pela FSF – Football Supporters Federation. Preveniu-me em tom jocoso que Rogan Taylor fala muito...

Disse ter dois orientandos que estudam o tema. Em sua opinião não concebe a ideia de migração de pertencimento clubístico para divisões inferiores, a fim de brigar. Lembrei do lendário hooligan midiático Cass Penaults e evidentemente evidenciou saber de quem se tratava. Perguntei sobre a tal *hooli-lit*, subgênero de literatura hooligan. Evoquei Nick Hornby, mas esqueci de perguntar sobre Bufford Bill. Deu a entender que seu novo projeto versa sobre policiamento em estádios e, quando cheguei em sua sala, mostrou-me uma carta de solicitação e de autorização junto à polícia, que estava em curso. Fiquei bastante satisfeito ao final. Para este relato, talvez tivesse informações mais frescas, mas acabei demorando para colocar as lembranças do encontro no papel.

16 de setembro de 2018
Cidade de Bristol
Bristol FC 1 – 0 Sheffield United.
Arena Ashton Gate

O estádio fica na parte sul da cidade. Minha chegada foi um tanto apressada, pois o trem parou na estação às 12h40 e havia marcado encontro com o historiador Matthew Brown às 14h15 em frente à bilheteria. Foi o tempo de deixar as malas no hotel e zarpar para o jogo. Assim como em Sheffield, Bristol tem dois times homônimos e rivais. Nenhum deles, pelo que entendi, jamais chegou à Premier League ou à 1^a divisão. O outro, que é o time da Glória Lanci, pesquisadora brasileira radicada em Bristol, está na terceira divisão. O dérbi são os vermelhos contra os azuis.

Interessante a recorrência da divisão geográfica e cromática dos clubes na cidade. Glória me incentivou a assistir a uma partida desse time, na parte norte da cidade, perto de onde ela mora. Estádio acanhado, outra ambiência, segundo ela bem mais cativante do que o Ashton Gate. Muitos palavrões durante a partida, segundo ela... Glória, que também veio assistir à partida, há quase dez anos mora em Bristol. Formada em urbanismo em São Paulo, tem um companheiro inglês que lá mora. O fato de ir com locais – Matthew foi acompanhado do filho mais velho, de 14 anos, aspirante a jogador de futebol – fez uma diferença considerável, em termos de dados e informações sobre a cidade e o futebol.

O estádio está novinho em folha. Chegando, tem-se a sensação de um estádio recém-inaugurado e até de proporções maiores do que efetivamente tem. Um show de rock na entrada dá a impressão de uma festa musical, como se fosse ao Rock in Rio. O “clima” é assaz tranquilo e familiar. Muitas pessoas comem nos quiosques de entrada, com filas relativamente pequenas, um ar de lojas de shopping center com tudo a funcionar. Há separação nos portais, com espaços exclusivos vips.

Dentro do estádio nos posicionamos bem perto do campo, numa tribuna central – até então apenas tinha frequentado as tribunas caseiras, mais baratas. O ingresso, comprado na véspera por Matthew, custou 40 *pounds*. Matthew ainda fez a gentileza de comprar o “programa do jogo”, vendido a cada partida, como em peça de teatro. Diria que é quase um livro, com folhas coloridas de qualidade, informações sobre o jogo e fotografias atraentes. Talvez o que tenha me chamado a atenção, na contracapa, é o “*cast*” do time, com a indicação da nacionalidade, via ícone da bandeira de cada país de proveniência dos futebolistas.

Havia muitos ingleses, alguns britânicos e europeus, e apenas um africano. Curioso que o filho de Matthew, torcedor do Arsenal, conhecia um dos jogadores, lateral-esquerdo do Bristol, que tem 17 anos e que saíra da mesma escolinha. Mais interessante que o jogo foi notar a torcida do Sheffield United, a mesma estudada pelo antropólogo Gary Armstrong em seu desconcertante livro *Football hooligans: knowing the score*. Segundo Matthew, é uma torcida popular e estava relativamente grande, cantando bastante ao longo da partida. Vi apenas uma pessoa na chegada com a camisa do Sheffield, andando tranquilamente.

A saída também pareceu escoar sem problemas. A entrada é ampla e fácil de adentrar. Os corredores são bem iluminados e limpos. No intervalo, como não tinha almoçado e estava com fome, fui procurar me alimentar. Após uma fila de tamanho médio, calma o suficiente em comparação ao Brasil, comi um pastel de carne com batata. No que se refere à participação da torcida, a que mais se destacou foi a do Bristol, que chega a lembrar, embora vagamente, o estilo *ultra*. Ficavam na linha do corner da tribuna, portavam bandeiras de tamanho pequeno e tinham um instrumento de percussão com que animavam e incentivavam o coro.

Na medida em que estava ali perto, pude acompanhar vários momentos, identifiquei quem puxava os gritos e como se espalhavam pelo estádio. Convém observar que a cada tiro de meta do goleiro adversário, gritavam uma ofensa para ele: algo como “merda” e “bunda”. A vibração final foi grande, com a vitória do time local. Na saída, fomos caminhar pela cidade, tomar *pint* e conhecer um “micro-pub”. Muito cordiais, Glória e Matthew contaram-me sobre a cidade portuária, sua história e um personagem colonizador chamado Brunnel, bastante conhecido e alvo de rechaços em tempos iconoclastas de estátuas e de desconstrução da mitologia colonial.

**18 de setembro de 2018
Cidade de West Bromwich
West Bromwich 4 – 2 Bristol FC**

Junto com a partida do Aston Villa, o jogo entre WAB e Bristol FC foi o que mais me impressionou em termos de calorosidade da torcida. Estádio relativamente pequeno, situado em cidade homônima a oeste dos Midlands, mas com uma atmosfera contagiante. Talvez tenha contribuído para isso o fato de o jogo ser à noite e no meio de semana, válido pela segundona de lá, a Championship. Outro fato que concorreu foi ser uma partida contra o Bristol, que vinha de vitória no campeonato. Talvez por isto a torcida compareceu em um número bem expressivo.

Por “sorte”, por assim dizer, fiquei quase na divisa das duas torcidas, que maravilhavam o setor. Pareceu-me curioso o procedimento da polícia, pois em geral se coloca o grupo visitante no setor contrário ao grupo organizado local. Fora do estádio já era possível ver o movimento dos torcedores do Bristol, enfileirados para a

compra de ingresso. Cheguei de *tramway* com certa facilidade, seguindo os torcedores do West que estavam trajados desde a estação central de Birmingham.

“Clima” do jogo também ameno. Como o Villa Park, trata-se de um estádio mais acanhado e, embora tenha uma boa estrutura, teria alguma cautela em dizer que é um estádio imune a problemas de superlotação. A entrada depende de acesso um a um, o que limita bastante a movimentação de grandes fluxos. Quando entrei, deu a impressão de que os lugares numerados não eram tão respeitados tampouco essa era uma questão importante. Havia *stewards*, mas que não pareciam tão interessados em instruir. Da mesma forma, os lugares sentados praticamente inexistiam naquela tribuna. O ambiente de expectativa na arquibancada era envolvente. Acima de mim, estava o grupo do W.A.B. responsável por animar os cânticos.

De todo modo, no início, tive a sensação de que a torcida do Bristol, presente em peso, cantava com mais poderio e gana. Bandeiras da Inglaterra desfraldadas sobre as cadeiras com a inscrição de Bristol FC podiam ser divisadas. Desta vez, pareceu-me que havia o maior número de policiais dentro do estádio que já pude observar na Inglaterra, postados na linha divisória das duas torcidas. Apesar do contingente, nada mais ostensivo ou raivoso de parte dos torcedores oponentes parece predispô-los ao confronto.

O jogo começa e dita o ritmo dos apoios. Ao meu lado, um grupo de jovens que pareciam se conhecer vai chegando e criando uma ambiência de camaradagem de quem tem tradição territorial demarcada. No primeiro tempo, o WAB, para surpresa da própria torcida local, o time da casa faz 3 gols, vencendo com certa facilidade. Isto desmotiva os torcedores do Bristol, cujo incentivo míngua à medida que os gols se sucedem. Os coros se intercalam e parecem obedecer à estrutura de emissão, recepção e interpelação. Mais que o dispositivo comunicacional, causa espécie o humor contido nos gritos coletivos, às vezes obscenos e sempre provocativos, o que gera risos dos presentes. Vai ao encontro da ideia bakhtiniana sugerida por Geoff Person em seu livro espetacular.

No final do primeiro tempo, em virtude do horário, com viagem bem cedo no dia seguinte, e receio de ausência de locomoção para o retorno ao bairro de Egdbaston, onde resido em Birmingham, acabo por achar que já tinha observado o suficiente e decido voltar para casa. Quando chego, vejo que o jogo terminou em 4 a 2 para

o WAB e me dá uma pontinha de vontade de ter ficado no estádio durante o segundo tempo. Ainda havia a partida do Liverpool contra o PSG pela *Champions League*, um jogão de 3 a 2 para os Reds. Prefiro, no entanto, ter testemunhado aqueles 45 minutos de jogo da segunda divisão inglesa...

19 de setembro de 2018
Neuchâtel – Suíça
Encontro com Thomas Busset

A chegada na Suíça foi tensa por conta do atraso no voo saído de Birmingham e do medo da perda da conexão em Paris. Mas nada como um dia após o outro: após dormir no hotel perto do aeroporto em Genebra, peguei o trem no dia seguinte para Neuchâtel. Em meio à expectativa do encontro no CIES – o Centro Internacional de Estudos do Esporte, financiado pela FIFA –, fiquei embevecido com a vista ferroviária ao longo da viagem de uma hora e meia entre as duas cidades. A paisagem é prenhe de casinhas, de montanhas e do campo cultivado, em meio ao dia ensolarado. Tudo concorreu positivamente, com a grata surpresa do encontro com o historiador suíço Busset, uma simpatia de pessoa, já mais velho e com traço humilde e cordato, interessado em trocar ideias com um “exótico” brasileiro.

O CIES fica bem perto da estação e é um antigo e charmoso hotel (Hotel du Peyrou), onde já se hospedara o filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau. O anfitrião apresentou-me um a um às pessoas do Centro, que já sabiam da visita de um certo pesquisador brasileiro. Rafael Poli, geógrafo do Observatório do Futebol e seus colaboradores; algumas moças – desde uma grega até uma húngara que joga capoeira – simpáticas e receptivas; o responsável pelas publicações da editora; e o diretor geral, que me cumprimentou, entabulou uma conversa relativamente formal e rápida. Havia um computador e uma sala para me acolher, além das prateleiras de uma ótima biblioteca para consular.

Com Busset, conversamos e almoçamos. Senti que tinha uma boa conversa e mostrou-se compreensivo e interessado em dialogar. Depois, voltamos ao CIES, continuei a consultar os livros. Não esperava, mas o pesquisador marcou de continuarmos a conversar à noite. Pegou-me no hotel de carro e me levou ao topo das montanhas suíças, mostrando-me uma paisagem deslumbrante e inesperada, com cabras

e vacas pastando ao som das badaladas dos sinos colados à gola. Busset mencionou celebridades que habitaram a região: o industrial Chevrolet, o arquiteto Le Corbusier e o poeta Blaise Cendrars.

O dia estava muito quente, quase de verão no Brasil, mas ao subir, a temperatura amenizou e cheguei a sentir frio. Depois voltamos e fomos jantar. Falei da ideia de um “Observatório do Torcedor”, mas deu a entender que já há uma rede neste sentido. A possibilidade de um seminário ficou em aberto, pois disse que iria fazer algum que realmente estivesse interessado, não “mais do mesmo”. No dia seguinte, sexta, encontrei João Frigério, que é brasileiro e representante dos ex-alunos do CIES-FIFA, radicado na Suíça, tendo feito o curso de mestrado da instituição em 2006.

**29 de setembro de 2018
Cidade de Birmingham
Birmingham FC 2 – 2 Ipswich**

Finalmente consegui assistir à partida do time local, o que esperava desde a chegada em B’ham. Desta feita, não achei o centro da cidade especialmente identificado com o dia do jogo. Mas havia algo diferente. Depois cheguei a entender que era o congresso do Partido Conservador inglês, com a presença da então primeira-ministra Thereza May. Desavisado, cheguei a atravessar o Centro de Convenções sem saber que era o local do encontro. Na Victoria Square, cruzo com protestos do Partido Socialista, a favor da Comunidade Europeia e dos imigrantes. Discursos são proferidos, mas também música. Depois de lanchar no Ikon Gallery, assisti um pouco à animada passeata, embalada por instrumentos musicais, o que mais se assemelhava a um desfile de bloco carnavalesco.

Enfim, a caminho do jogo, espero por longo tempo pelo ônibus avermelhado de número 60. É possível do centro da cidade avistar o St. Andrew’s Stadium, que fica meio que alinhado com a via férrea, mas este parece distante para ir a pé. Muita gente à espera e o trajeto com engarrafamento, ônibus cheio e calor são ingredientes de um cenário desagradável. Ao descer do ônibus, é fácil chegar no estádio, no rastro dos torcedores. A fila do ticket office está cheia, pois falta menos de meia hora para o início do jogo. Clima pacífico, com famílias a andar juntas para um passeio dominical.

Enquanto espero, espanta-me o certo silêncio que se faz. Praticamente não se ouvem os rumores de dentro do estádio, que não é especialmente grande, sem o tradicional burburinho reverberado para a parte externa do equipamento. Acabo por só conseguir entrar, após pagar 20 *pounds*, com 10 minutos de jogo já transcorridos. Sento-me em uma cadeira vacante, sem seguir o critério do assento numerado. Por sorte, fico em uma posição boa para me alocar: na altura do corner, onde está o grupo de torcedores que puxam os cânticos. Não são ‘organizados’ como aparentaram os do Bristol FC em West Bromwich, e um pouco menos numerosos que os mesmos seguidores do W.A.B.

Não há instrumentos musicais. Apenas um ou dois esmurraram uma placa metálica que dita o ritmo do grupo e que às vezes se propaga por todo o estádio. A torcida do Ipswich é que sobressai pelo número de componentes e pela mobilização, confirmando a observação de que os “*away matches*” favorecem a coesão e a animação. A quantidade também é digna de nota, porquanto aparenta ser o menor dos estádios que frequentei. Após tantas leituras na biblioteca sobre a fama histórica dos hooligans do Birmingham, indago a mim mesmo: onde estão os lendários Zulu Warriors?

De forma análoga à partida entre West Bromwich e Bristol, presencio muitas provocações musicais e gestuais entre os torcedores rivais. Fica a curiosidade: por que a polícia não aloca os visitantes longe da torcida da casa? Ou estes é que se postam ali estrategicamente? Entretanto a tribuna é descontínua e não há como se encontrarem, portanto, o número de policiais é bem menor do que vira em West Bromwich. O repertório é bem similar: músicas pop, Beatles e variações glosadas entre os torcedores, que adaptam as mesmas canções e se restringem às palmas e ao coro. O traço da informalidade das torcidas inglesas se confirma.

O Ipswich faz 2 a 0 no primeiro tempo. O nível técnico é sofrível. No segundo, o B’ham empata e a partida fica “quente”, emocionante, pela disputa nivelada, não pela qualidade. Muito interessante essa correlação entre a ‘temperatura’ do jogo e sua reverberação nas arquibancadas. No intervalo, música ambiente e atrações para entretenimento, bem à moda europeia. Três torcedores, rapazes, sentados na fileira superior à minha, falam seguidos palavrões. “Fuck” e “shit” são os mais frequentes. Nas trocas de acenos com os adversários, fazem um gesto com a mão a indicar “punheta” (*wanker*). É a grosseria e o baixo-calão que grassa das arquibancadas.

Isso enseja a remissão à ideia do estádio como “válvula de escape”, embora ultrapassada, mostra-se eloquente. O estereótipo dos ingleses diz que são contidos, mas no estádio se revelam mais espontâneos e extravagantes. Dito isso, reconheça-se que o comportamento no banheiro e nas filas de lanchonete é sempre respeitoso, se comparados a determinadas experiências no Brasil. Desta vez, apesar das tais “famílias”, vi alguns agrupamentos de jovens, com um estilo mais informal e mais próximo de um, vamos dizer, “lazer grupal juvenil”. Ao terminar o jogo, cansado, saio imediatamente. Confirmando o observado em outras partidas, a torcida visitante sai conjuntamente, misturada, e não percebi maior animosidade durante a saída.

30 de setembro de 2018 Cidade de Belfast (I)

De avião chego na capital da Irlanda do Norte, que tem 350 mil habitantes, sendo que o país conta com 1.6 milhões. Lembrei do livro de Eric Hobsbawm, “Nações e nacionalismo desde 1870”, resultado de conferências no Queen’s University, situada em Belfast. Aliás, muitas referências à Rainha Vitória em toda a capital, adornada com edificações imponentes. O aeroporto é modesto e o avião em que viemos, bem pequeno. Um rio divide a cidade, cuja narrativa gira em torno da construção do Titanic, o famoso navio naufragado em 1912, há um século.

Do lado do Museu Titanic, vê-se o horizonte, a amplitude do espaço aberto, das habitações não verticalizadas, especialmente bonito estava o dia. Em seguida, há o parque que dá acesso ao Parlamento. Este é absolutamente majestoso e embevedor. Uma esplanada verde muito chamativa, um alinhamento de jardins simétricos, bem como as ricas casas ao redor. Penso no teatrólogo irlandês em Samuel Beckett, originalmente de Dublin, mas que esteve no país rival e vizinho. Há todo um processo histórico da relação política norte-irlandesa com a Inglaterra, os momentos de vinculação e os outros de separação, e da clivagem entre protestantes e católicos.

Ao fazer um percurso de reconhecimento, verifico que existe toda uma parte da cidade, a oeste, que tem os muros pintados em alusão aos conflitos político-religiosos dos anos 1970. Muito bonitas as pinturas, chegam a lembrar o muralismo mexicano, e como tudo é apropriado pelo turismo. Observo também um presídio

para visitação pública. Identifico um pequeno estádio e uma arena para partidas de hóquei no gelo. Além do rúgbi, trata-se de esporte deveras importante.

O taxista, que se queixa dos imigrantes egípcios, sujos a seu juízo, diz que a Irlanda do Norte disputou três Copas do Mundo na história: 1958, 1982 e 1986. O estádio nacional, que pretendo visitar, à distância tem aparência de “arena moderna”. No centro da cidade, tem um prédio incendiado. Uma observação inusitada foi ver, ainda na parte oeste da cidade, onde há os murais e o muro da paz, sedes de associações de torcedores do clube escocês do Rangers, de Glasgow. Pareceu-me uma clara alusão ao caráter protestante do clube e ao fato de o Celtic, rival escocês, ser associado aos católicos e a Dublin.

01 de outubro de 2018

Cidade de Belfast (II)

Após uma volta pelas redondezas, faço caminhada de reconhecimento pela parte central da cidade. Leo em compêndios a questão identitária do ser irlandês, e dentro disso a unidade interna da Irlanda dividida em dois países, e a do ser britânico, alvo de dúvidas e de disputas. A questão religiosa também é muito destacada. Dou um giro por pontos importantes, a começar pela praça principal e pelo ponto principal da urbe. Pela leitura das placas de orientação, considero ter feito um “tour” político também. Passo por ruas comerciais e encontro um tal Museu do Whisky.

Há fábricas com mulheres trabalhadoras; existem *colleges* e universidades, com ruas para beber e estátuas. Cansado da caminhada, decido terminar em frente ao rio que divide a cidade. Dentro do City Hall, encontrei alusão a Seamus Heaney, prêmio Nobel em 1995 e que viveu quinze anos em Belfast, entre 1957 e 1972, primeiro como aluno do Queen's University, depois como professor, autor de “Eleven poems”. Os ônibus circulares locais são limpos e têm cores padronizadas em rosa e roxo.

02 de outubro de 2018

Cidade de Belfast (III)

Estádio do Windsor Park.

Organizei a minha terça-feira para ir ao Estádio Nacional, localizado no sul da cidade, no Windsor Park. Descobri que havia a possibilidade de visitá-lo pelo anúncio de um

folder local. Pela manhã, fiz o *tour* pelo City Hall de Belfast, com duração de 45 minutos, seguido do Ulster Museum, de História Natural, e o de Arte Contemporânea. O City Hall consiste em uma visita mais pontual e de cunho oficial, pois exibe o poder político, suas dependências, a história da construção do prédio, o Parlamento, as vestes dos políticos, entre outras curiosidades de gabinete.

Em seguida, peguei as instruções para chegar no estádio. Tomei o ônibus 92. A maioria dos equipamentos esportivos é difícil de chegar na Europa, pois costumam ser afastados do centro. Este caso também se confirmou, mas não foi dos mais difíceis, após alguma caminhada e certa indecisão se conseguiria afinal atingir meu destino. Todavia minha surpresa se revelou ao alcançar o estádio.

Na recepção, sou informado inicialmente da não ocorrência do *tour* naquele dia. Como funciona por reserva no site, não tinha havido compra, logo não estava programada visita. Em meu ledo engano, criei que bastava chegar lá para fazer a visita. Depois de algumas tentativas, resigno-me com a informação e dou meia-volta volver. Entrementes, instantes depois, um dos atendentes vai à minha procura e informa que atenderão meu pedido, em meia-hora. Comemoro, pois minha ida não fora em vão... depois de aguardar os trinta minutos acordados, subo o elevador e sou recebido por um simpático guia, um senhor que faz trabalho voluntário, sendo o guardião da memória do Museu futebolístico.

O atendente cobra um valor inferior (6 libras) ao devido (8.75 pounds). Conversamos um pouco, evidentemente que a nacionalidade brasileira gera reações imediatas e empáticas, que serão acionadas ao longo do “*tour*”. Um grupo, de 15 pessoas, que estava reunido no estádio, chega para a visita. São de várias nacionalidades, dentre ingleses e indianos. Há mulheres no grupo também. O senhor é acolhedor, mas percebo que o grupo acha certa graça em seu estilo folclórico. Percorremos os corredores exibitórios do museu, que não é chamado dessa forma, e depois visitamos o estádio e o campo.

Bill Murray, se não estou enganado, é o nome do anfitrião. Conta a história do futebol norte-irlandês, a criação da I.F.A., a quarta associação mais antiga do mundo, fala com humor da pequena relevância do futebol em termos de feitos internacionais, tendo disputado três Copas do Mundo em sua história: 1958, 1982 e 1986. Ri

da própria ‘desgraça’ ao lembrar que a Seleção ficou 16 jogos sem vencer e outros tantos sem marcar gols.

O museu é modesto, mas bem-feito e organizado, segundo os padrões narrativos e expográficos esperados. Um vídeo interessante é exibido. O estádio é novo e trabalhadores fazem reparos pontuais. A capacidade é de 18 mil torcedores e o guia fala com entusiasmo de futebolistas e de partidas a que assistiu ali, quando o número de espectadores era bem maior. Lembra de jogos e de situações memoráveis. O *tour* segue o *script* padrão do gênero, embora o luxo das dependências seja consideravelmente inferior ao standard dos grandes clubes ingleses.

**04 a 06 de outubro de 2018.
Cidade de Dublin, capital da Irlanda**

Viajo à capital irlandesa, com vistas a encontros acadêmicos com Mike Cronin e com Zhouxiang Lu. De Belfast a Dublin, opto pelo trajeto de trem, cruzando as estações de Portland – Newry – Dundalk – Drogdeha – Dublin Connolly. Visito o Tallgath Stadium, onde duelam Shamrock Rovers versus Cork. Outra arena a visitar é o Aviva Stadium, cuja atração é o rugby, com a disputa entre Munster X Leinster. Como não consigo ingressos, permaneço nos arredores, acompanhando o burburinho do acesso dos torcedores de ambas as agremiações.

**27 de outubro de 2018
Cidade de Brighton
Brighton FC 1 x 0 Wolverhampton**

Já no fim de minha estada, à guisa de despedida, viajo ao sul inglês para assistir a uma partida na cidade portuária de Brighton. Desloco-me até o Falmer Stadium. O nome da estação de trem é homônimo ao do bairro, Falmer. Disponho-me a pagar 96 libras, pois os ingressos estavam esgotados e, segundo regra da Premier League, eu tinha de ter cadastro prévio. Fico assim num setor Lounge. O estádio está cheio e identifico uma associação torcedora progressista, vinculada por sua vez a uma cidade identificada com bandeiras da diversidade LGBTQUIA+, por meio de uma faixa

com a inscrição: “Football vs Homophobia”. São ao todo 31 mil pagantes em um final de domingo ensolarado.

A torcida visitante do Wolves faz-se presente em número expressivo e mostra-se muito animada com seu coro coletivo. Encontrara torcedores forasteiros pela manhã, a caminho do estádio, na região central da cidade. O clima do jogo dentro e fora do estádio é ameno. A temperatura por sua vez é fria, enquanto o jogo é disputado, e termina 1 a 0 para os locais. Bandeiras multicoloridas dependuradas atrás das arquibancadas; músicas cantadas e cadenciadas com recorrência. O repertório alterna algumas canções europeias consagradas no universo torcedor, ao passo que outras mobilizadas são caracteristicamente inglesas, tendendo ao *pop*.

* * *

Recebido em: 19 ago. 2024.
Aprovado em: 03 jun. 2025.

A politização da Stock Car pela UFMG: ecologia, colonialidade e resistência em Belo Horizonte

The Politicization of Stock Car by UFMG:
ecology, coloniality, and resistance in Belo Horizonte

André Quintão da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorando em Comunicação Social, UFMG
andreqsilva@outlook.com

RESUMO: Este estudo analisa como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) politicou os impactos socioambientais da Stock Car em Belo Horizonte, utilizando o Instagram como espaço de disputa simbólica. O objetivo é compreender como a instituição articula a ecologia decolonial e teorias da politicização para desafiar as hierarquias colonial e ambiental. A metodologia qualitativa baseou-se em análise de conteúdo e enquadramento de 39 postagens publicadas entre fevereiro e agosto de 2024, catalogadas em planilha Excel. Os resultados revelam uma evolução discursiva da UFMG, do Tipo 1 ao Tipo 3. Enquanto o Tipo 1 reproduz parcialmente a fratura ambiental ao priorizar soluções técnicas, os Tipos 2 e 3 conectam os impactos à colonialidade do desenvolvimentismo, denunciando a exploração histórica dos espaços urbanos. A defesa da dignidade animal e a rejeição da compensação ambiental sinalizam uma perspectiva decolonial embrionária. Contudo, a ênfase em métricas econômicas e a ausência de vozes além da comunidade acadêmica limitam a pluralidade epistêmica. Conclui-se que a UFMG emerge como ator decolonial ao articular memória institucional, rigor científico e resistência coletiva, mas sua abordagem oscila entre crítica técnica e estrutural. Futuros estudos devem integrar narrativas comunitárias para fortalecer a interseção entre ecologia decolonial e justiça ambiental no Sul Global.

PALAVRAS-CHAVE: Politicização; Ecologia decolonial; Stock Car; UFMG; Justiça ambiental.

ABSTRACT: This study analyzes how the Federal University of Minas Gerais (UFMG) politicized the socio-environmental impacts of the Stock Car in Belo Horizonte, using Instagram as a symbolic battleground. The aim is to understand how the institution articulates decolonial ecology and politicization theories to challenge colonial and environmental hierarchies. The qualitative methodology was based on content analysis and framing of 39 posts published between February and August 2024, cataloged in an Excel spreadsheet. The results reveal a discursive evolution of UFMG: from Type 1. While Type 1 partially reproduces the environmental fracture by prioritizing technical solutions, Types 2 and 3 link the impacts to the coloniality of development, denouncing the historical exploitation of urban spaces. The defense of "animal dignity" and rejection of environmental compensation signal an emerging decolonial perspective. However, the emphasis on economic metrics and the absence of voices beyond the academic community limit epistemic plurality. It is concluded that UFMG emerges as a decolonial actor by articulating institutional memory, scientific rigor, and collective resistance, but its approach oscillates between technical and structural critique. Future studies should integrate community narratives to strengthen the intersection between decolonial ecology and environmental justice in the Global South.

KEYWORDS: Politicization; Decolonial ecology; Stock Car; UFMG; Environmental justice.

INTRODUÇÃO

Proibido escalar. Proibido sentir o ar de liberdade destes cimos, proibido viver a selvagem intimidade destas pedras que se vão desfazendo em forma de dinheiro. Esta serra tem dono. Não mais a natureza a governa. Desfaz-se, com o minério, uma antiga aliança, um rito da cidade. Desiste ou leva bala. Encurralados todos, a Serra do Curral, os moradores cá embaixo.¹

Em 2024, a realização da Stock Car em Belo Horizonte desencadeou uma série de controvérsias que extrapolam o âmbito esportivo e evidenciam os impactos sociais, ambientais e urbanos do evento. A instalação do circuito temporário no entorno do Estádio Mineirão enfrentou a resistência de moradores locais, ativistas ambientais e da comunidade acadêmica da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que apontaram impactos negativos associados ao evento.² Essas críticas ganharam ainda mais fôlego diante das extremidades climáticas enfrentadas por Belo Horizonte ao longo de 2024. Naquele ano a cidade enfrentou uma epidemia de dengue entre os meses de fevereiro e junho³ e, apesar de registrar o terceiro outubro mais chuvoso de sua história,⁴ a capital mineira também enfrentou o maior período de estiagem desde 1961.⁵

As principais críticas quanto a realização da Stock Car na região da Pampulha foram o excesso de ruído gerado pela competição, afetando o bem-estar da população local e as atividades científicas, como as pesquisas em laboratórios da UFMG.⁶ De acordo com balanço realizado pela UFMG após o evento, a instituição teve um gasto de R\$ 1 milhão em medidas de mitigação dos impactos, além da necessidade de remoção de animais do Hospital Veterinário e da morte de peixes mantidos em

¹ DRUMMOND. Triste horizonte, p.11-4.

² CAMILO. Moradores fecham ruas do Mineirão após PBH iniciar corte de árvores para corrida.

³ Belo Horizonte. Decreto nº18.632, 16 de fevereiro de 2024.

⁴ VASCONCELOS. I.

⁵ LEÃO. Belo Horizonte registra chuva após cinco meses de estiagem.

⁶ MPF. MPF pede novamente que justiça suspenda corrida da Stock Car em Belo Horizonte.

ambiente controlado. Além disso, as críticas destacaram a remoção de vegetação nativa, com o corte de 63 árvores para adequar as vias ao traçado da corrida,⁷ denunciando o impacto no microclima local, já fragilizado pelas reformas anteriores no entorno do Mineirão, realizadas para sediar a Copa do Mundo FIFA 2014.⁸

Apesar disso, os organizadores do evento argumentaram que os benefícios econômicos e a projeção internacional justificavam a realização da corrida. Ao utilizar os estudos conduzidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada de Minas Gerais (Ipead), os organizadores projetaram um impacto econômico entre R\$ 215 milhões e R\$ 285 milhões ao longo de cinco anos, sendo R\$ 177 milhões relativos à movimentação do público com alimentação e transporte, entre outros serviços.⁹ Ainda de acordo com a organização do evento, a cidade de Belo Horizonte se beneficiaria da projeção em 171 países por meio de coberturas midiáticas internacionais. Por fim, outro ponto destacado foi a criação de aproximadamente 2 mil empregos diretos e indiretos.¹⁰

Desse modo, o evento automobilístico atinge a esfera pública de debate, configurando-se como um espaço de disputa simbólica e material sobre o território urbano de Belo Horizonte. A construção de circuitos temporários, sem diálogo com a comunidade impactada, descaracteriza paisagens e reflete a prioridade dada aos interesses privados em detrimento do direito à cidade e à justiça ambiental. Tal fato evidencia as hierarquias socioespaciais de uma cidade que, sob o contexto da realização da Stock Car em Belo Horizonte, escreve mais um capítulo da lógica colonial e extrativista que perdura por toda a história do estado de Minas Gerais. Então, torna-se evidente a tensão entre as expectativas de uso do espaço urbano e as formas como ele é apropriado.

Diante dos desafios urbanos e climáticos, que, apesar de possuírem traços em comum, se manifestam de maneira diversa em cada contexto geográfico, diferentes

⁷ NINJA. Entenda as consequências sociais e ambientais da instalação da pista de Stock Car em Belo Horizonte.

⁸ CAMILO. Árvores ameaçadas foram plantadas em 2013 para compensar reforma no Mineirão.

⁹ IPEAD. GP de Belo Horizonte - Stock Car deve gerar impacto de até R\$ 285 milhões na economia de Belo Horizonte.

¹⁰ STOCK CAR. BH entra na reta final de preparação para a Stock Car.

áreas do conhecimento têm se dedicado a compreender a relação entre atividades esportivas e o meio ambiente, buscando alternativas para minimizar os impactos socioambientais causados por essas práticas. Embora ainda escassos no Brasil, os estudos que exploram a interseção entre o esporte e o meio ambiente têm recebido atenção crescente na literatura internacional. No entanto, essas investigações têm se concentrado nas áreas das ciências do esporte e na gestão esportiva, abordando os impactos ambientais, coletivos ou individuais, das organizações, dos organizadores e das instalações esportivas. Desde a década de 1990, esse campo de estudos tem se caracterizado por termos como “gestão esportiva sustentável”, “sustentabilidade ambiental esportiva” e, mais recentemente, “ecologia esportiva”.¹¹

Mallen et al.¹² destacaram em seus estudos um crescimento significativo no interesse acadêmico por esse tema, com um aumento de 311% nas pesquisas entre a primeira e a segunda década do século XXI. No estudo, Mallen et. al. identificaram 53 artigos que tratavam da relação entre esporte e questões ecológicas. De forma complementar, um estudo de revisão conduzido por Trendafilova e McCullough¹³ analisou 84 artigos publicados entre 2007 e 2017, classificando-os em três categorias: gestão esportiva; comportamento de espectadores e torcedores; e gestão de instalações esportivas.

Todavia, embora esses estudos de revisão representem uma vertente crítica do campo, questionando a sustentabilidade pregada pelos discursos empresariais e provocando e incentivando o campo a aprofundar as pesquisas voltadas para questões sociais, ainda se observa uma carência teórica disruptiva. Essa lacuna refere-se, sobretudo, à ausência de um debate mais amplo que incorpore as perspectivas do Sul Global e proponha mundos possíveis para enfrentar a crise climática.

Com isso em vista, este artigo tem como objetivo compreender como a UFMG politiza a realização da Stock Car no entorno do Mineirão. Para isso, estabelecemos

¹¹ MCCULLOUGH. Advancing sport ecology research on sport and the natural environment, p. 814-5.

¹² MALLEN; STEVENS; ADAMS; MCROBERTS. The Assessment of the Environmental Performance of an International Multi-Sport Event, p. 97-122.

¹³ TRENDAFILOVA; MCCULLOUGH. Environmental sustainability scholarship and the efforts of the sport sector: a rapid review of literature.

dois pilares teóricos principais: os estudos de processos de politização,¹⁴ e a discussão epistêmica da ecologia decolonial.¹⁵ Para alcançar esse objetivo, propomos realizar uma análise de conteúdo e de enquadramento das postagens da UFMG no Instagram, referentes a Stock Car, a fim de compreender o processo de politização e como ele estabelece diálogos com as fraturas colonial e ambiental.

Assim, foram examinadas 39 postagens publicadas no Instagram da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (@ufmg) entre 28 de fevereiro de 2024 e 19 de agosto de 2024. O corpus inclui conteúdo multimídia (imagens estáticas, carrosséis e vídeos) e legendas, selecionados segundo critérios de relevância temática (menção direta à Stock Car ou aos seus impactos) e temporalidade (pré-evento, período de realização e pós-evento). As postagens foram catalogadas em planilha Excel, com descrição detalhada de formato, colaborações institucionais e transcrições de áudio/vídeo via Adobe Premiere.

Como resultado, identificamos que a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enquanto instituição pública impactada pela realização da Stock Car, adotou uma abordagem que progrediu de denúncias técnicas pontuais (Politização de Tipo 1) à denúncia de estruturas colonial e ambiental (Politizações de Tipos 2 e 3), conforme evidenciado pela análise de 39 postagens no Instagram. Inicialmente, a postura da universidade parece motivada por interesses institucionais, como a proteção de pesquisas científicas e serviços essenciais afetados pelo evento. No entanto, a investigação revela que a UFMG ampliou seu papel ao articular uma politização híbrida, combinando dados quantitativos com críticas à colonialidade do desenvolvimentismo, denunciando a exploração histórica de espaços urbanos e a priorização de interesses privados sobre o bem comum.

Nesse processo, observamos uma tensão entre a defesa de soluções pragmáticas e a promoção de narrativas decoloniais, como a rejeição da compensação ambiental e a defesa da dignidade animal. A hipótese central deste estudo é confirmada: a UFMG politiza a interseção entre esporte e crise climática por meio de uma perspectiva decolonial. Porém a sua estratégia oscila entre a crítica técnica e a estrutural,

¹⁴ HAY. *Why we hate politics*. WOOD; FLINDERS. Rethinking depoliticisation: beyond the governmental.

¹⁵ FERDINAND. *Uma ecologia decolonial*.

reproduzindo hierarquias epistêmicas, privilegiando vozes acadêmicas em detrimento de narrativas comunitárias. Desse modo, é necessário que os estudos futuros observem se a universidade pratica algum nível de despolitização. Assim, o artigo contribui para debates sobre a emergência climática e os esportes no Sul Global, destacando a complexidade de instituições públicas atuarem como atores decoloniais em contextos de disputa simbólica e material pelo território urbano.

Este artigo está estruturado em quatro seções, além desta introdução. Inicialmente, a “Apresentação teórica” integra os conceitos de ecologia decolonial e politização, estabelecendo uma base analítica para capturar as fraturas colonial e ambiental. Na sequência, a seção “Percorso da coleta de dados” detalha e justifica as escolhas e as técnicas de análise de conteúdo e enquadramento utilizadas. A seção “Resultados e discussão” analisa os dados empíricos, categorizando as estratégias discursivas da universidade nos três tipos de politização e relacionando-as às dinâmicas de poder colonial e ambiental. Por fim, a “Consideração final” sintetiza as contribuições do estudo, destacando seu potencial para repensar a interseção entre esporte, comunicação e justiça socioambiental no Sul Global.

APRESENTAÇÃO TEÓRICA

A articulação entre os processos de politização e a ecologia decolonial busca construir um arcabouço metodológico capaz de observar, a partir do campo da comunicação social, como os impactos ambientais de eventos esportivos são narrados e contestados publicamente. Inicialmente, contextualizamos a ecologia decolonial, abordando as fraturas colonial e ambiental como marcas estruturais da modernidade,¹⁶ evidenciando a exploração dos espaços e a forma como o silenciamento das comunidades afetadas estão intrinsecamente ligadas a processos históricos de colonização do saber, do ser e do poder.¹⁷ Em seguida, apresentamos os conceitos dos três tipos

¹⁶ Aqui o termo “modernidade” refere-se ao conceito de colonialidade do poder, que analisa a modernidade ligada ao colonialismo e à produção de hierarquias raciais e epistêmicas, diferenciando-se das concepções presentes nos estudos culturais, mais associadas a processos de secularização, racionalização ou pós-modernidade.

¹⁷ QUIJANO. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.

de politização, que analisam como temas antes naturalizados são transformados em objetos de disputa coletiva.

Espera-se que essa integração teórica permita observar como a UFMG, enquanto instituição pública, mobiliza narrativas no Instagram para politizar os impactos da Stock Car, conectando-os às fraturas colonial e ambiental. A combinação dessas abordagens busca não apenas descrever as dinâmicas comunicacionais, mas também compreender como elas refletem e agem discursivamente para a desconstrução das hierarquias socioambientais que marcam o debate sobre eventos esportivos.

Ecologia decolonial

Com o olhar a partir do Caribe, e baseado nos conceitos de colonialidade do saber, do ser e do poder¹⁸ para questionar o habitar colonial da Terra, a ecologia decolonial é uma proposta de reflexão acerca dos impactos ambientais das heranças coloniais e das estruturas capitalistas e da modernidade no continente americano.¹⁹ Esse modelo, marcado pela exploração predatória de recursos e pela marginalização de saberes tradicionais, sustenta uma dupla fratura, sendo elas a ambiental, que hierarquiza seres humanos acima da natureza, e a colonial, que consolida a supremacia do homem branco, cristão e abastado sob o restante da população. Ambas são faces de um mesmo sistema que perpetua as desigualdades socioecológicas.

A fratura ambiental manifesta-se em uma dupla lógica de dominação. Verticalmente, coloca a humanidade em posição superior à natureza, e horizontalmente, homogeneizando as diferenças dentro do mundo natural. Quer dizer, enquanto algumas espécies se tornam símbolos de preservação (como tartarugas-marinhas e araras-azuis), animais de criação (como as vacas e as galinhas) são relegados à invisibilidade no debate relativo a direitos e preservação. Da mesma forma, áreas de mata virgem e fora de grandes centros urbanos (como o Parque Nacional da Serra do Cipó) recebem prioridade conservacionista, enquanto as áreas verdes urbanas são tratadas como substituíveis por políticas ambientais de compensação – como a APP do

¹⁸ QUIJANO. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.

¹⁹ FERDINAND. *Uma ecologia decolonial*.

bairro Califórnia, em Belo Horizonte, desmatada para a construção da Arena MRV; ou as áreas verdes do Mineirão, degradadas para eventos como a Copa do Mundo FIFA 2014 e a Stock Car.

Já a fratura colonial estrutura-se na tríade da colonialidade do poder, do ser e do saber, legitimando a superioridade eurocêntrica e negando a pluralidade de existências. Essa divisão invisibiliza identidades não hegemônicas, como mulheres, transsexuais, negros, povos nativos e pessoas com deficiência etc., reduzindo ecossistemas e povos a categorias genéricas (como homens, antropoceno etc.), apagando as suas complexidades e interseccionalidades.

Assim, a ecologia decolonial propõe um fazer-mundo que transcende a centralidade do conceito de antropoceno. Para isso, integra epistemologias do Sul Global e de comunidades tradicionais, reconhecendo, por exemplo, a cosmovisão indígena que entende humanos como parte de redes mais amplas da vida, como as práticas do Bem Viver,²⁰ ou do mundo ch'ixi.²¹ Essa perspectiva não apenas valoriza a coexistência de múltiplas formas de vida em um navio-mundo, como desafia a noção de “natureza” como recurso passivo, substituindo-a por uma ideologia que priorize o equilíbrio e a justiça ambiental.

A análise de narrativas institucionais, como as do Instagram da UFMG, tem potencial para revelar como as fraturas colonial e ambiental são reproduzidas ou contestadas. No caso da Stock Car, a escolha pelo corte de árvores e pela degradação de áreas verdes urbanas expõe uma lógica que privilegia o desenvolvimentismo capitalista em detrimento dos interesses da comunidade local. Assim, entendemos que a homogeneização do discurso urbano, capaz de impor as vontades particulares de um pequeno grupo hegemônico e silenciar as vozes críticas, promove um imaginário de progresso e exemplifica como as estruturas das fraturas colonial e ambiental se reforçam mutuamente.

Por fim, destaca-se que descolonizar a ecologia exige mais que incluir outras perspectivas. Demanda desmantelar as hierarquias que fragmentam humanos e não-humanos. Assim, o diálogo entre comunicação, esporte e ecologia decolonial torna-

²⁰ ACOSTA. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*.

²¹ CUSICANQUI. *Um mundo ch'ixi é possível: ensaios de um presente em crise*.

se um campo propício para observar tensões e construir alternativas que reconciliem diversidade ecológica, equidade social e reparação histórica.

Politização

A articulação entre a teoria da dupla fratura colonial e ambiental com os processos de politização oferece um arcabouço interdisciplinar para compreender como eventos esportivos, como a etapa da Stock Car em Belo Horizonte, tornam-se arenas de disputa entre narrativas hegemônicas e resistências decoloniais. Esse diálogo teórico permite explorar como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) mobiliza recursos discursivos para desafiar hierarquias socioecológicas e exigir transparência do setor público e privado na organização de megaeventos urbanos.

A politização é definida como um movimento que desloca temas do Reino do Fato – onde são naturalizados como inevitáveis –, para a Esfera Governamental, passando pela Esfera Privada – questionamentos individuais – e pela Esfera Pública – deliberação coletiva.²² Neste estudo, adotamos a categorização de Vimieiro e Maia²³ e de Orlandini,²⁴ adaptando-a ao contexto da Stock Car em Belo Horizonte e à perspectiva decolonial.

Assim, a politização do Tipo 1 caracteriza-se pela desnaturalização de impactos imediatos e localizados. No contexto do esporte, isso ocorre quando eventos inicialmente vistos como “neutros” ou “benéficos” passam a ser criticados em círculos privados, ainda que de forma fragmentada. Este tipo de politização também pode ser entendido como um processo discursivo, impulsionado pela capacidade dos indivíduos de questionar normas estabelecidas e abrir espaço para interpretações divergentes e conflituosas sobre o tema.²⁵ Nesse estágio, a responsabilização recai sobre atores diretos, e as propostas de solução são pragmáticas, limitando-se à mitigação local. As propostas de soluções limitam-se a ações locais – como alteração do local

²² WOOD; FLINDERS. Rethinking depoliticization.

²³ VIMIEIRO; MAIA. Campanhas cívicas e protestos de torcedores: em análise, a politização do futebol.

²⁴ ORLANDINI. *Vozes feministas on-line: o processo de politização e despolitização de três mobilizações por hashtag*.

²⁵ VIMIEIRO; MAIA. Campanhas cívicas e protestos de torcedores.

da corrida –, refletindo uma fase inicial de politização, em que os impactos são percebidos como problemas individuais ou institucionais, sem articulação a sistemas de opressão mais amplos.

Por sua vez, a politização do Tipo 2 amplia-se para a Esfera Pública, conectando os impactos à lógica colonial de ocupação urbana e à exploração ambiental histórica. A mobilização ocorre de forma coletiva, podendo ser, por exemplo, tanto através do uso de hashtags, quanto através da articulação com movimentos sociais. Nessa perspectiva, a responsabilização recai sobre estruturas de poder hegemônicas, enquanto as soluções propostas exigem mecanismos de diálogo coletivo e justiça ambiental, que confrontam a dinâmica de exclusão.

Por fim, a politização do Tipo 3, representa a inclusão do tema na esfera Governamental, exigindo transparência institucional e transformações sistêmicas, materializando-se em políticas públicas, legislação ou regulamentação. Nesse estágio, questões antes discutidas de forma coletiva são incorporadas à agenda institucional, transformando demandas sociais em ações estruturais.

Quando Vimieiro e Maia²⁶ olham para a campanha online de torcedores #ForaRicardoTeixeira, elas identificam a ocorrência dos três tipos de politização. A campanha ocorreu entre julho de 2011 e março de 2012, e tratava-se de uma manifestação contra o então presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira. Naquele momento, Ricardo Teixeira sofreu acusação de corrupção em relação a comercialização de direitos de transmissão de eventos da FIFA. Apesar da investigação ter se iniciado em 2008, foi no período de 2011 e 2012 que o caso voltou à tona, devido às eleições para a presidência da FIFA e por causa de uma reportagem da Revista Piauí, o que desencadeou protestos online e em estádios de futebol.

Ao analisar o caso, as autoras identificaram como politização do Tipo 1 o rompimento dos torcedores “com a ideia de que a gestão do futebol brasileiro era feita de uma determinada maneira há décadas e que aquela seria a única opção disponível e viável (uma desnaturalização daquele estado de coisas)”.²⁷ Quanto a politização do Tipo 2, está presente na organização dos torcedores em prol da visibilidade dos atos,

²⁶ VIMIEIRO; MAIA. Campanhas cívicas e protestos de torcedores.

²⁷ VIMIEIRO; MAIA. Campanhas cívicas e protestos de torcedores, p. 39.

como a organização de postagens em massa no Twitter usando uma mesma hashtag (twitaço) e organização das manifestações em estádios.

Por fim, as autoras destacam a materialização da politização do Tipo 3 com a Medida Provisória 620/2013, “A MP definiu que esportes que dependem de suporte público precisam adotar políticas que garantam transparência administrativa, rotação na direção das entidades e inclusão de atletas nos comitês técnicos e órgãos administrativos”.²⁸ Porém, também devemos destacar que a medida também deriva de esforços de atletas através da mobilização do movimento Bom Senso F.C. Assim, neste caso também é possível pensar que a medida possa ser fruto de uma politização dos atletas, que desnaturalizam algumas questões, se organizam e alcançam a materialização da MP.

Para operacionalizar a categorização dos tipos de politização, nos baseamos no estudo de Orlandini,²⁹ que redefine os operadores analíticos da teoria de enquadramento para apreender processos de politização, sendo eles: (i) recurso de fala e argumento; (ii) responsabilização; e (iii) proposta de solução.

Como recurso de fala, compreendemos os elementos discursivos utilizados para definir o problema e diagnosticar causas, como dados quantitativos, metáforas e referências históricas. Por responsabilização, referimos às atribuições de culpa a atores ou sistemas que geram impactos. Pode ser direta ou estrutural. E proposta de solução, envolve estratégias para resolver os conflitos, variando de medidas pragmáticas a transformações sistêmicas.

PERCURSO DA COLETA DE DADOS

A escolha do Instagram para a análise deve-se ao seu papel na comunicação institucional da UFMG. Em consulta realizada em 20 de março de 2025, o perfil oficial da universidade contava com 208 mil seguidores na plataforma, posicionando-a como a segunda rede social mais relevante da instituição, atrás apenas do LinkedIn (225 mil seguidores). No entanto, o LinkedIn foi excluído do corpus por não ter publicado

²⁸ VIMIEIRO; MAIA. Campanhas cívicas e protestos de torcedores, p. 39

²⁹ ORLANDINI. *Vozes feministas on-line*.

conteúdo relacionado à Stock Car em 2024, enquanto o Facebook e o TikTok, embora relevantes, apresentam redundância temática e midiática com o Instagram. No Facebook, as postagens replicam as imagens e legendas do Instagram, priorizando texto em formato mais extenso. Por sua vez, no TikTok, os vídeos são idênticos aos publicados no Instagram, com adaptações mínimas.

A exclusão do X ocorre por uma decisão política e ética. Após a aquisição da plataforma por Elon Musk, em 2022, entendemos que as mudanças em suas políticas de moderação – como a flexibilização de regras de comunidade – transformaram a rede em um ambiente de propagação de discurso de ódio, devendo assim ser evitada ou reduzida, quando a análise desses discursos não se faz essencial para a metodologia.

Dessa maneira, o corpus da pesquisa é composto por 5 imagens estáticas, 12 carrosséis e 22 vídeos – incluindo 2 postagens com áudios de entrevistas à Rádio UFMG Educativa. Os materiais foram catalogados em uma planilha de Excel, estruturada com as seguintes colunas: (i) data de publicação; (ii) perfis colaboradores; (iii) formato do conteúdo (vídeo, imagem estática ou carrossel); (iv) descrição do conteúdo visual e textual, incluindo transcrição integral de vídeos e textos de imagens; (v) legenda original da postagem; e (vi) o link direto para acesso ao conteúdo no Instagram. Após a coleta, para auxiliar na categorização, adicionamos mais três colunas, que são: (vii) recurso de fala; (viii) responsabilização; e (ix) proposta de solução.

A coleta de dados, a descrição do conteúdo visual e a transcrição de textos foram realizadas manualmente para garantir a precisão. No caso dos vídeos, foi utilizada a ferramenta de transcrição automática do Adobe Premiere, seguida de revisão manual para correção de pontuação, siglas e termos técnicos, assegurando fidelidade às falas originais. A planilha completa, contendo os dados descritivos das postagens e as categorizações analíticas está disponível para acesso público na plataforma Zenodo,³⁰ seguindo padrões de transparência e reproduzibilidade científica.

³⁰ SILVA. Conjunto de Dados: Análise de Postagens do Instagram da UFMG sobre a Stock Car em Belo Horizonte. Zenodo. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17108077>.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Esta seção está estruturada em três etapas analíticas, alinhadas aos tipos de politização e à perspectiva teórica da ecologia decolonial. Em um primeiro momento, são apresentados os resultados da análise de conteúdo e de enquadramento das 39 postagens do Instagram da UFMG, categorizadas segundo os três tipos de politização. Em seguida, discutimos como essas estratégias discursivas articulam críticas técnicas, estruturais e institucionais, expondo as fraturas colonial e ambiental. Por fim, sintetizamos a hibridização dessas abordagens, destacando avanços e limitações da atuação da universidade. A discussão integra dados empíricos, referências teóricas e contexto histórico para evidenciar a complexidade de politizar eventos esportivos no Sul Global.

Politização de Tipo 1

A análise da politização do Tipo 1 revela uma estratégia discursiva fundamentada em dados técnicos e críticas quantificáveis, articulada para contestar os efeitos imediatos do evento. A universidade destacou impactos ambientais concretos, como o corte de árvores para adequação das vias, o bloqueio de ruas e a emissão de ruídos acima dos limites permitidos nas proximidades de hospitais. Além disso, documentou prejuízos institucionais significativos, como a interdição do Hospital Veterinário, que impediu o atendimento de 3.000 animais; a suspensão de serviços da Faculdade de Odontologia, incluindo consultas para diagnósticos de câncer; e a restrição de acesso ao Centro Esportivo Universitário (CEU), afetando atividades acadêmicas e esportivas. Esses dados serviram como base para uma contranarrativa que confrontou as projeções econômicas divulgadas pela Stock Car e pela Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg), que alegavam benefícios financeiros e visibilidade internacional para a cidade. De forma complementar, a UFMG utilizou os estudos do Ipead para questionar a falta de transparência e possíveis falhas metodológicas dessas projeções, apontando discrepâncias entre os números divulgados e a realidade econômica.

Entretanto, na politização do Tipo 1, a ênfase em argumentos técnicos expõe uma limitação na abordagem da universidade quanto a ausência de diálogo com as vozes da comunidade afetada. Ao priorizar dados objetivos, a UFMG reforçou uma

hierarquia epistêmica que privilegia sua autoridade institucional em detrimento de relatos subjetivos de moradores e usuários dos serviços impactados. Como veremos mais adiante, essa lacuna não é resolvida na politização de Tipo 2, como se esperava, e revela uma contradição comum em estratégias de comunicação de instituições públicas, que muitas vezes negligenciam narrativas coletivas em favor de uma racionalidade técnica, perpetuando desigualdades na representação de interesses.

Quanto à responsabilização pelos danos, a universidade identificou os organizadores do evento e a Prefeitura de Belo Horizonte como os principais agentes dos abusos cometidos. Dessa maneira, criticou a escolha do entorno do campus Pampulha para o circuito, decisão tomada sem consulta prévia à instituição, e apontou falhas operacionais, como a falta de planejamento para realocar animais do Hospital Veterinário, obrigando a universidade a arcar com os custos emergenciais para evitar eutanásias; o bloqueio de acessos a unidades de saúde e ao CEU, prejudicando pessoas com mobilidade reduzida, autismo ou em tratamento crítico; e a atuação violenta de agentes de segurança do evento, que utilizaram spray de pimenta contra comerciantes locais. A Prefeitura também foi acusada de ignorar protocolos básicos de mitigação, enquanto a Fiemg recebeu críticas por inflar os dados de benefícios econômicos sem transparência metodológica.

Por fim, as propostas de solução de politização de Tipo 1, apresentadas pela UFMG, concentraram-se em medidas pragmáticas para reduzir danos imediatos, como a alteração do local do evento, o desbloqueio de vias públicas e a transferência temporária de animais. A universidade também defendeu a remoção das barreiras físicas, como grades e isolamentos acústicos, que isolam o campus da cidade. No entanto, essas soluções foram reconhecidas como paliativas, pois não abordam problemas estruturais, como a priorização de interesses privados sobre direitos universitários ou a lógica excludente do desenvolvimentismo urbano.

Politização do Tipo 2

Ao adotar a politização de Tipo 2 em suas postagens, a UFMG amplia a crítica aos impactos da Stock Car em Belo Horizonte, transcendendo questões pontuais para

expor as fraturas ambiental e colonial, destacando a degradação ambiental e a marginalização de vozes coletivas. Seu discurso articula uma narrativa decolonial que interliga passado e presente, denunciando como a priorização de interesses privados sobre o bem comum reproduz padrões históricos de opressão no território urbano. A universidade destaca, por exemplo, que a supressão de áreas verdes para a construção do circuito não apenas fragmenta os corredores verdes, essenciais para a biodiversidade urbana, mas também ignora documentos oficiais de 1972 e 1988, os quais já declararam a região do campus Pampulha como inviável para eventos automobilísticos. Do mesmo modo, ao se opor a lógica de compensação ambiental – posição expressada pela frase utilizada em uma postagem da universidade, que diz "não há compensação, esse tempo já acabou" –, a UFMG declara que a política de mitigação anunciada pela Stock Car já não é suficiente diante do cenário de emergência climática que estamos vivendo.

Essa crítica se estende à responsabilização de agentes públicos e privados. A Prefeitura de Belo Horizonte e os organizadores do evento são acusados de replicar uma lógica colonial ao subordinar a preservação ambiental e a autonomia universitária a interesses privados. Assim como a escolha do entorno da UFMG para o autódromo, realizada sem consulta à comunidade acadêmica ou a moradores, é vinculada a um histórico de exclusão institucional que silencia vozes locais em prol de projetos elitistas.

A universidade denuncia ainda o *greenwashing* praticado por esses atores, como a realização de visitas técnicas sem relevância acadêmica e o impulsionamento, via agência de marketing, de suposta sustentabilidade para legitimar o evento. Por fim, o uso de charge com árvores cortadas com o estádio Mineirão ao fundo sintetiza essa crítica ao ilustrar a violência sistêmica por trás de intervenções urbanas que privilegiam o lucro em detrimento da vida coletiva.

As propostas de solução apresentadas pela UFMG, nesse contexto, demandam transformações no modelo de gestão urbana. A universidade defende a necessidade de um diálogo multissetorial que inclua moradores, movimentos sociais e instituições públicas na tomada de decisões, rejeitando a marginalização dessas vozes. Assim como convoca a comunidade acadêmica para gravar vídeos e utilizar as hashtags #StockCarNaUFMGNão e #UFMGEuDefendo, transformando as redes sociais em espaços de resistência simbólica e em ferramentas de pressão por transparência nas

decisões dos poderes públicos. Essas ações reforçam a ideia de que a cidade é um bem comum, não um palco para interesses privados, e exigem a reformulação de marcos urbanos que priorizem a inclusão social e a preservação de áreas verdes.

Por fim, a UFMG pressiona, ainda, por políticas que protejam os corredores verdes e evitem a fragmentação dos habitats urbanos, destacando que eventos como a Stock Car não apenas destroem ecossistemas, mas reproduzem uma lógica de exploração que subordina a ecologia ao capital. A defesa da Estação Ecológica da UFMG como patrimônio de preservação urbana e a crítica ao isolamento físico do campus – simbolizado por tapumes metálicos que bloqueiam o acesso da comunidade – são articuladas como resistência à colonialidade do espaço público e defesa do direito à cidade. Ao associar essas demandas a referências históricas e a perspectivas decoloniais, a universidade posiciona-se como guardião de direitos coletivos, propondo um novo paradigma de cidade que integre justiça ambiental e respeito à função social das instituições públicas.

Contudo, embora as propostas da UFMG representem um avanço ao conectar ética ambiental, ação coletiva e crítica histórica, a universidade também enfrenta desafios. A ausência de vozes para além da comunidade acadêmica – como de moradores e de comerciantes locais – nas estratégias de mobilização revela uma lacuna na pluralidade epistêmica, limitando o potencial de resistência. Para que a luta transcendente o âmbito simbólico e alcance mudanças concretas, é necessário ampliar a inclusão de saberes locais e fortalecer alianças com movimentos sociais que confrontam não apenas a Stock Car, mas as estruturas de poder que perpetuam a colonialidade no território urbano.

Politização do Tipo 3

O recurso de fala da politização do Tipo 3, posiciona-se como uma denúncia aos sistemas de poder que subordinam a justiça ambiental, a autonomia universitária e a ética pública a interesses privados. Para isso, a universidade mobiliza discursos jurídicos e institucionais, como a menção à insuficiência técnica das medidas de mitigação sonora apontada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais

(CAU-MG), que classificou as propostas dos organizadores como ineficazes, e à atuação da Advocacia-Geral da União (AGU) e do Ministério Público Federal (MPF), que pressionaram pela revisão do projeto e pela comprovação de ações compensatórias. Esses argumentos são reforçados por precedentes históricos, como documentos de 1972 e 1988 que já consideravam inviável a realização de eventos no entorno do campus Pampulha. A UFMG destaca ainda que o corte de árvores nativas e a falta de consideração do aumento de 4,2°C na temperatura da cidade não apenas violam normas ambientais, mas ignoram décadas de alertas técnicos, agravando a fragilidade ecológica da região.

Assim, a universidade alerta para a falta de transparência em contratos assinados entre a Prefeitura e a Stock Car, como o acordo de dezembro de 2023, cujos termos não foram divulgados. Também classifica como ineficaz, e fruto da falta de diálogo, a proposta de barreiras acústicas permanentes que isolam a UFMG da comunidade. A universidade associa essas práticas a um padrão histórico de marginalização de instituições públicas, exemplificado pela interdição do Hospital Veterinário e da Faculdade de Odontologia, priorizando interesses privados sobre serviços essenciais. A crítica amplia-se para a subordinação da ciência a agendas comerciais, como no caso da agência Viral, que promoveu peças publicitárias destacando a sustentabilidade do evento, omitindo impactos como o estresse em animais de laboratório e a interrupção de pesquisas biomédicas. Ainda no âmbito da ciência, a UFMG também rejeita soluções vistas como superficiais, como o replantio de árvores em áreas distantes, incapazes de restabelecer a conectividade ecológica dos corredores verdes, destruídos pelo evento.

Além disso, a universidade também expõe violências simbólicas e institucionais, como o descredenciamento do jornalista do site de notícias Grande Prêmio, em retaliação a críticas publicadas, assim como o uso de spray de pimenta por agentes de segurança contra comerciantes locais. Em diversos momentos esses episódios são vinculados a uma lógica colonial de desenvolvimentismo que prioriza o lucro sobre o direito à cidade, como acessibilidade para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou mobilidade reduzida.

Por fim, nas propostas de solução, a UFMG exige *accountability* técnica e jurídica, demandando que as decisões sejam baseadas em evidências científicas e não em

retóricas empresariais. A revisão de contratos entre a Prefeitura e a Stock Car foi uma pauta prioritária da universidade, que foca na transparência das cláusulas que permitem intervenções no entorno do campus sem consulta à universidade. A Moção do Conselho Universitário de 2024 sintetiza essa exigência, reivindicando participação formal da UFMG em processos decisórios e o cumprimento de precedentes legais, como os documentos históricos que vetavam autódromos na região. A universidade também pressiona por *compliance* ético e científico, como a suspensão judicial imediata dos preparativos – exigida pela AGU e pelo MPF – para evitar danos irreversíveis a pesquisas e serviços de saúde, e a realização de audiências públicas que incluem movimentos sociais e órgãos como a Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG).

A resistência institucional manifesta-se na rejeição a iniciativas como a “visita técnica” da Stock Car, vista como instrumentalização discente, e na defesa de princípios de saúde única, que equiparam o Hospital Veterinário a unidades de saúde humana. A UFMG exige ainda a revisão de contratos que autorizam intervenções de longo prazo (como cinco anos de evento no entorno do campus) sem considerar danos como a fragmentação dos corredores verdes ou o aumento da temperatura local. Ao afirmar que “a UFMG vive pela cidade”, a reitora Sandra Goulart reafirma o papel da universidade como guardiã de valores éticos e científicos, integrando a resistência à Stock Car a uma luta mais ampla por justiça ambiental e descolonização do espaço público, e defendendo que a autonomia universitária e a participação comunitária orientem políticas urbanas que coloquem o bem coletivo acima do lucro privado.

Concluímos assim que a análise das postagens da UFMG sobre a Stock Car revela uma dinâmica híbrida de politização, na qual críticas técnicas, estruturais e institucionais coexistem e se entrelaçam, espelhando a complexidade de resistir a projetos urbanos hegemônicos. A universidade combina, por exemplo, dados quantitativos – como o corte de árvores nativas – com denúncias da colonialidade do desenvolvimentismo, vinculando o evento a ciclos históricos de exploração em Minas Gerais, estado já marcado por crimes cometidos por mineradoras como em Mariana e Brumadinho. Essa imbricação evidencia que a politização não segue uma linearidade, mas opera em múltiplas dimensões, adaptando-se a contextos de disputas que exigem tanto evidências mensuráveis quanto narrativas críticas sobre o passado colonial.

A politização de Tipo 1, focada em impactos imediatos como o excesso de ruído próximo do Hospital Veterinário ou o bloqueio do CEU, desnaturaliza danos ao expor a fratura ambiental que fragmenta o território urbano. No entanto, ao propor soluções pragmáticas – como mudar o local do evento –, a UFMG reproduz parcialmente a hierarquia epistêmica criticada na ecologia decolonial, privilegiando métricas acadêmicas em detrimento de vozes comunitárias. Essa tensão entre eficácia comunicativa (dados verificáveis) e pluralidade epistêmica (saberes locais) ilustra o dilema de instituições que buscam criticar estruturas coloniais sem romper totalmente com instrumentos eurocêntricos.

Na transição para o Tipo 2, a universidade amplia o escopo ao conectar a Stock Car à colonialidade do desenvolvimentismo, denunciando a lógica mineradora de compensação ambiental que historicamente subordina a sustentabilidade a interesses econômicos. Recursos simbólicos – como charges de árvores cortadas e hashtags (#StockCarNaUFMGNão) – transformam o Instagram em arena de resistência coletiva, desafiando a narrativa do "progresso" urbano. Ainda assim, a ausência de perspectivas e relatos de moradores impactados pelo evento, revela um limite em que a politização decolonial, mesmo crítica, permanece mediada por uma racionalidade institucional que silencia epistemologias como o Bem Viver ou o mundo ch'ixi, centrais para uma ecologia radicalmente plural.

Por fim, o Tipo 3 explicita uma politização avançada, exigindo transparência jurídica e revisão de contratos opacos entre a Prefeitura e a Stock Car. Ao pressionar por *accountability* e citar órgãos como a Advocacia-Geral da União (AGU), a UFMG confronta a lógica colonial de gestão urbana, que prioriza megaeventos sobre serviços públicos.

Através deste estudo, percebemos que a hibridização entre os tipos de politização manifesta-se em postagens que mesclam denúncias técnicas (Tipo 1) e críticas históricas (Tipo 2). Por exemplo, a crítica à "falta de diálogo" com a academia combina dados sobre prejuízos à pesquisa científica com referências a documentos de 1972/1988 que já vetavam autódromos no entorno da UFMG. Essa sobreposição reforça a não linearidade do processo de politização, na qual a universidade alterna entre proteger seus interesses institucionais e questionar a colonialidade urbana – uma dualidade que reflete tanto sua potência crítica quanto sua inserção ambígua em estruturas de poder.

Assim, a ecologia decolonial emerge como horizonte dessa politização. Ao rejeitar a "compensação ambiental" superficial e exigir "dignidade animal", a UFMG sinaliza uma visão que valoriza a interconectividade dos ecossistemas e a justiça climática. Contudo, a materialização dessa perspectiva exigiria uma ruptura mais ampla com lógicas capitalistas e uma escuta ativa de comunidades locais, cujos saberes e demandas permanecem ausentes no corpus analisado.

Em síntese, a politização da Stock Car pela UFMG ilustra o papel contraditório de instituições públicas como atores decoloniais, em que tem potencial para desafiar hierarquias socioambientais ao mobilizar expertise técnica e memória histórica, apesar de ainda se manterem reféns de dinâmicas que reproduzem fraturas epistêmicas. Para transcender o âmbito simbólico do Instagram e alcançar transformações reais, é necessário ampliar o diálogo para além dos muros acadêmicos, integrando narrativas de moradores, movimentos sociais e epistemologias tradicionais – elementos que constituem uma ecologia que não se satisfaça com "soluções técnicas", mas exija reparação histórica e equidade urbana como pilares do direito à cidade no Sul Global.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Este estudo demonstrou como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) articulou uma estratégia política híbrida para confrontar os impactos da Stock Car em Belo Horizonte, combinando denúncias técnicas, críticas estruturais e exigências institucionais. A análise das 39 postagens no Instagram revelou que a universidade transitou entre expor danos imediatos – como o corte de árvores nativas e a interdição do Hospital Veterinário – e vincular o evento a padrões históricos de exploração, como os crimes de Brumadinho e Mariana. A frase "não há compensação, esse tempo já acabou", utilizada pela universidade em uma das postagens analisadas, encapsulou a rejeição a reparações superficiais, exigindo transformações que confrontam a lógica colonial subjacente aos megaeventos.

A UFMG emergiu como ator político contraditório onde, ao mesmo tempo que pressionou a Prefeitura de Belo Horizonte e a Stock Car por transparência e *accountability*, respaldando-se em órgãos como a Advocacia-Geral da União (AGU) e o Ministério Público Federal (MPF), reproduziu hierarquias epistêmicas ao privilegiar

dados técnicos em detrimento de vozes comunitárias. Essa tensão ilustra o desafio de instituições públicas em desmontar estruturas coloniais enquanto operam dentro delas. A hibridização das estratégias mostrou-se eficaz para desnaturalizar danos, mas limitada pela ausência de perspectivas de outras comunidades afetadas, como relatos de moradores impactados pelo bloqueio de vias ou comerciantes afetados.

Os desdobramentos posteriores à análise confirmaram empiricamente a eficácia da estratégia de politização adotada pela UFMG. Em julho de 2025, menos de um ano após a primeira edição, a Vicar cancelou a etapa de Belo Horizonte prevista para agosto do mesmo ano, transferindo-a para o Circuito dos Cristais, em Curvelo, também no estado de Minas Gerais. Este desfecho materializa a politização de Tipo 3 identificada no estudo, demonstrando como a articulação entre *expertise* técnica universitária, mobilização coletiva e pressão jurídica alcançou os seus objetivos em fazer a organização do evento recuar da realização da prova no entorno do Mineirão. A atuação do Ministério Público Federal (MPF), que desde abril de 2025 exigia a suspensão do evento até a comprovação de medidas eficazes de mitigação sonora, reforçou tecnicamente as críticas apresentadas pela universidade. A quebra unilateral do contrato de cinco anos, após apenas uma edição, expõe a fragilidade do modelo desenvolvimentista que privilegia projeções de lucro – frequentemente inflados ou irreais –, ignorando os impactos socioambientais. Assim, confirma-se a crítica à colonialidade do espaço urbano e demonstra-se que a resistência institucional articulada pode confrontar a lógica de megaeventos que subordinam o bem comum a interesses privados.

Teoricamente, o artigo avançou no debate relativo à conectividade entre o campo de “Comunicação e Política” com o subcampo “Comunicação e Esporte” ao propor e testar uma metodologia que busca desconstruir a neutralidade ambiental atribuída a megaeventos, expondo seu entrelaçamento com violências socioambientais. Na prática, destaca-se a urgência de revisar políticas urbanas que priorizam eventos comerciais sobre serviços essenciais e o bem-estar dos cidadãos.

Para o futuro, as pesquisas devem explorar como a recepção pública das críticas da UFMG varia entre diferentes grupos, integrando epistemologias como o Bem Viver e o mundo ch'ixi para equilibrar dados técnicos e saberes tradicionais. Estudos comparativos entre conflitos urbanos no Sul Global também podem ser úteis para

identificar padrões de colonialidade em projetos desenvolvimentistas, ampliando o diálogo sobre justiça ambiental.

Em síntese, o conflito em torno da Stock Car não é um episódio isolado, mas um reflexo da colonialidade que molda cidades como Belo Horizonte. A luta por justiça ambiental exige mais que dados científicos, demandando a descolonização do espaço urbano, a centralidade de saberes plurais e a desconstrução de sistemas que hoje silenciam comunidades. Repensar a cidade a partir de valores éticos, ecológicos e democráticos implica não apenas criticar, mas reimaginar radicalmente as relações entre poder, território e vida coletiva, sendo assim um desafio para as instituições públicas, para os movimentos sociais e para a academia no Sul Global.

* * *

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Trad.: Tadeu Breda. Cotia/SP: Autonomia Literária, 2016.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Triste horizonte. In: **Discurso de primavera e algumas sombras**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 11-4.
- CUSICANQUI, Silvia. Rivera. **Um mundo ch'ixi é possível**: ensaios de um presente em crise. Trad. Sue Iamamoto. São Paulo: Editora Elefante, 2024.
- FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**. Trad.: Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- HAY, Colin. **Why we hate politics**. Cambridge, UK: Polity Press, 2007.
- MAIA, Rousiley; CHOUCAIR, Tariq; SANGLARD, Fernanda. **Análise de enquadramentos**. In: MAIA, Rousiley. Métodos de pesquisa em comunicação política. Salvador, BA: Edufba, 2023, p. 109-27.
- MAIA, Rousiley; HAUBER, Gabriella; PAULA, Júlia Ester de. **Análise de Conteúdo**. In: MAIA, Rousiley. Métodos de pesquisa em comunicação política. Salvador, BA: Edufba, 2023, p. 39-80.
- MALLEN, Cheryl; STEVENS, Julie; ADAMS, Lorne; MCROBERTS, Scott. **The Assessment of the Environmental Performance of an International Multi-Sport Event**. European Sport Management Quarterly, v. 10, n. 1, p. 97-122, 2010.
- MCCULLOUGH, Brian. Advancing sport ecology research on sport and the natural environment. **Sport Management Review**, v. 26, n. 5, p. 813-33, 2023.

ORLANDINI, Mayara Garcia. **Vozes feministas on-line**: o processo de politização e despolitização de três mobilizações por hashtag. Tese (Doutorado), Belo Horizonte, UFMG, 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Em: LANDER, E. (Ed.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. São Paulo: CLACSO, 2005, p. 117-39.

TRENDAFILOVA, S.; MCCULLOUGH, Brian. Environmental sustainability scholarship and the efforts of the sport sector: a rapid review of literature. **Cogent Social Sciences**, v. 4, n. 1, 2018.

VIMIEIRO, A. C.; MAIA, R. C. M. Campanhas cívicas e protestos de torcedores: em análise, a politização do futebol. **Esferas**, v. 1, n. 10, 7 abr. 2018.

WOOD, M.; FLINDERS, M. Rethinking depoliticisation: beyond the governmental. **Policy & Politics**, v. 42, n. 2, p. 151-70, 2014.

Sites e Matérias

BELO HORIZONTE. Decreto nº 18.632, de 16 de fevereiro de 2024, 16 fev. 2024.

CAMILO, José Vítor. Moradores fecham ruas do Mineirão após PBH iniciar corte de árvores para corrida. **O Tempo**, 28 fev. 2024.

CAMILO, José Vítor. Árvores ameaçadas foram plantadas em 2013 para compensar reforma do Mineirão. **O Tempo**, 1º mar. 2024.

IPEAD. GP de Belo Horizonte – Stock Car deve gerar impacto de até R\$ 285 milhões na economia de Belo Horizonte. **IPEAD**, 26 set. 2023.

LEÃO, Luan. Belo Horizonte registra chuva após cinco meses de estiagem. **CNN Brasil**, 21 set. 2024.

MPF. MPF pede novamente que Justiça suspenda corrida da Stock Car em Belo Horizonte. **MPF**, 13 ago. 2024.

NINJA. Entenda as consequências sociais e ambientais da instalação da pista de Stock Car em Belo Horizonte. **Mídia Ninja**, 18 ago. 2024.

STOCK CAR. BH entra na reta final de preparação para a Stock Car. **Stock Car**, 5 ago. 2025.

UFMG. UFMG estima gastos de R\$ 1 milhão para mitigar impactos da Stock Car. **UFMG**, 19 ago. 2024.

VASCONCELOS, Ana Carolina. Enchentes em BH são consequências de decisões tomadas pelo município, dizem pesquisadores. **Brasil de Fato**, 1º nov. 2024.

* * *

Recebido em: 08 abr. 2025.
Aprovado em: 12 set. 2025.

Briga na casa da Jandira

Gustavo Cerqueira Guimarães *

Quando o amigo bateu à porta do quarto,
acordei assustado, já na hora do Galo.

Jandira mandou recado: era dia de jogo
em sua casa, despedida do inverno rigoroso.
O time na tela, sem o Cuca, surge no túnel.
À mesa, o pão e o vinho, mas um clima inútil.

Cedo, a roda azeda, prestes a se romper,
forças de repulsão que não nos dão prazer.
Redelvim e Jandira são esquerda, sem véu,
Glicério e Silviano são fascistas pra dedéu.

Quando a amiga ligou o YouTube no intervalo,
dançamos ao som dos clipoemas do Galo.

É uma verdadeira descida dos meus altiplanos
vir conversar com vocês, disse Silviano,
melhor aumentar o volume da televisão
vamos golear estes bolivianos, não?

Uns me tacham isentão, útil ao capital,
Outros reprovam meu afã plebeu, afinal.
Eu e Florêncio, mudos, à margem do debate,
mas na hora H, confie, haverá o desempate.

Quando nos tocamos, o jogo já tinha acabado,
nos desligamos de tudo, inclusive do Galo.

* * *



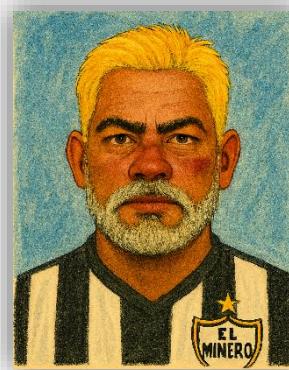
Briga na casa da Jandira: El Minero x Bolívar | Clipoema 12.
Clique na imagem ou no link (YouTube): <https://bit.ly/4gnThfa>.

Gustavo Cerqueira Guimarães é autor da série de narrativas *El Minero*, publicada no portal *Ludopédio* (São Paulo) durante as campanhas do Atlético Mineiro na Copa Libertadores (2016, 2017 e 2019) e retomada em verso em 2024 e 2025 – nesta última, pela Copa Sul-Americana.

A partir de *O amanuense Belmíro*, do montes-clarense Cyro dos Anjos, romance de 1937 ambientado em Belo Horizonte, o personagem homônimo adquire progressiva autonomia: seus dilemas pessoais e suas observações do cotidiano passam a se sobrepor à narrativa das partidas, sem, contudo, delas se desvincular.

Nessa travessia, Miro elabora uma poética de circunstância que explora diferentes linguagens – da crônica e da poesia à música, à inteligência artificial, à fotografia e ao vídeo.

Em “Briga na casa da Jandira”, que aborda o 12º jogo do Atlético pela Copa Sul-Americana deste ano, válido pelas quartas de final, em Belo Horizonte, contra o Bolívar, o futebol funciona como pano de fundo para o desenrolar de tensões afetivas e políticas. O vídeo mostra uma inusitada performance futebolística mirim em câmera lenta, que reforça o deslocamento poético da narrativa. O espaço doméstico de Jandira, inicialmente preparado para a celebração coletiva do jogo, transforma-se em arena de polariza-



ção ideológica, reavivando personagens belmirianos em suas posições originais: Glicério e Silviano, reacionários, frente a Redelvim e Jandira, à esquerda.

Nesse contexto conflituoso, surgem lampejos de trégua no intervalo da partida, quando os personagens escutam música no YouTube: “dançamos ao som dos clipoemas do Galo”. A voz que se encena, ora neutra, ora crítica, desloca o foco da esfera política para a intimidade, sugerindo que a experiência comum – embora frágil – ainda resiste: “nos desligamos de tudo, inclusive do Galo”.

* * *

* Gustavo Cerqueira Guimarães é professor, pesquisador, editor e poeta, criador de Miro Borba, poeta do Galo, sobrinho-neto de Belmíro Borba – melancólico protagonista d’*O amanuense Belmíro* (1937), de Cyro dos Anjos. Miro herdou de seu tio-avô não apenas os diários inéditos, mas também a casa no Prado, em Belo Horizonte, além da verve imaginativa e do espírito contemplativo.

Sua figura, com a prótese que substitui o braço perdido na aterrissagem na Pampulha após o retorno de um jogo do Galo, integra a moldura estética do personagem. Na arquibancada, Miro observa gestos, ruídos e tensões de torcedores, convertendo o jogo em espaço de linguagem, onde épico e crônica, vivido e invenção se tocam.

Em 2018, Miro tornou-se personagem da vídeo-performance *Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção* (CineFoot, 2018).

FuLiA/UFMG - revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes da
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

